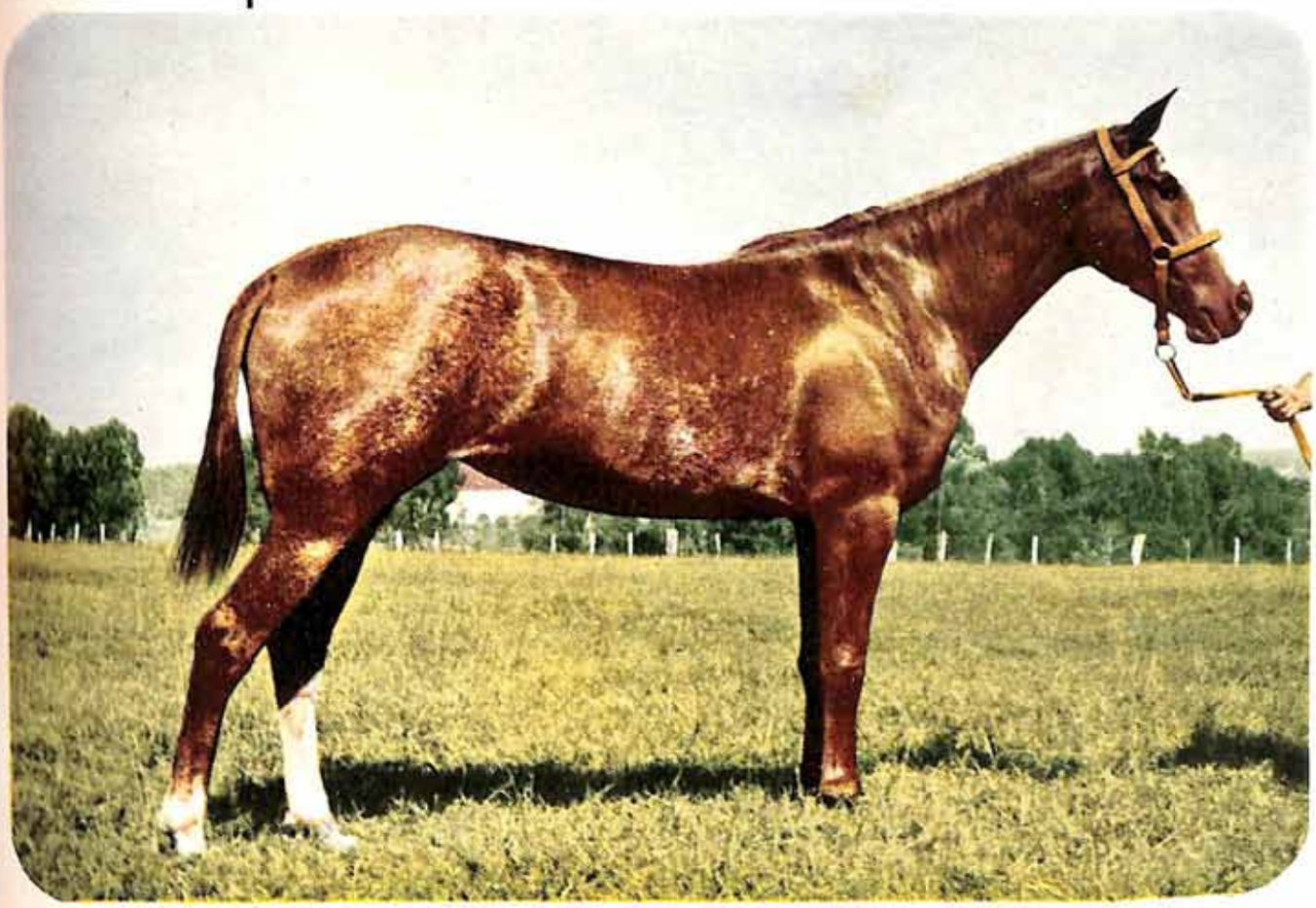
REVISTA DOS CRIADORES



NESTE NUMERO

- MERCADOS PECUÁRIOS
- IV EXPOSIÇÃO - FEIRA DE GADO ZEBU
- XXVII EXPOSIÇÃO - FEIRA AGROPECUARIA DE UBERABA
- V EXPOSIÇÃO DE PECUÁRIA DE LONDRINA
- PECUÁRIA DE CORTE
- SECÇÃO JURÍDICA - ECONOMIA - SUINOCULTURA - AVICULTURA
- MERCADOS DE LATICINIOS, CARNES, AVES, OVOS E RAÇÕES

PECUÁRIA E AGRICULTURA

ANO XXXII — 1961 JULHO N.º 379

PRODUTOS
QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS
TRADICIONAIS NA EUROPA

AGORA A SERVIÇO DOS
REBANHOS DO BRASIL

Laboratórios LEPETIT

produtos veterinários de segurança
para prevenir e curar

AMBRAZOO b12

para aves, suínos e bezerros, antibiótico. Suplemento alimentar, ganho de pêso rápido.

AMBRAMICINA em pó solúvel

poderoso antibiótico contra cursos, artrites, sinusites, tifo, coriza, cólera, diarréias brancas e coccidioses. Para porcos e aves.

SULFENICINA

para bezerros, suínos, ovinos, cães, coelhos etc.. contra doenças intestinais (cursos). Efeito seguro.

SINTOMICETINA

unguento contra mastites, de fácil aplicação, imediato efeito.

Peça
pela marca

Lepetit

LABORATÓRIOS LEPETIT S. A.

DIVISÃO VETERINÁRIA

Rua Afonso Celso, 1015 - Telefone 7-1105 (rêde interna)
C. Postal 1128 - End. Telegráfico "LEPETIT" - S. Paulo

RIO DE JANEIRO - BELO HORIZONTE - CURITIBA - LONDRINA - SALVADOR - RECIFE - PÔRTO ALEGRE

O BEZERRO DE OURO

ARLETE MARCIANO, da raça Holandesa, Preta e Branca, com um mês de idade, foi adquirido do Dr. Manoel Alves de Castro pela vultosa importância de Cr$ 500.000,00

ARLETE MARCIANO — 3P. HBB/D-3-849 da raça Holandêsa prêta e branca. Nasceu em 6-2-61. Filho de ARLETE Jan e de Arlete Marciana. A avó paterna de Marciano, ARLETE GALÍCIA VI, da raça Holandêsa prêta e branca, produziu, aos 8a 11m, em 3x e em 365d, 11.203.675 kg de leite — 393,944 kg de gordura com 3,51%, com a média diária de 30,695 kg de leite e 1,079 kg de gordura, está inscrita em Livro de Mérito e em Livro de Escol. Ademais, Marciana tem uma avó materna, ARLETE DENGOSA — HBB/D2/637 — de raça Holandêsa prêta e branca PO, que aos 7a e 3m de idade, em 3x e em 357 d, produziu 6.316.401 kg de leite, 253,291 kg de gordura com 4,01%, com a média diária de 17,693 kg de leite e 0,709 kg de gordura, estando inscrita em Livro de Mérito.

FAZENDA SANTA TEREZINHA

Proprietário: José Procópio Siqueira Junqueira
Km 270 da via Fernão Dias — CAREAÇU — M.G.
Para correspondência: SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ — M.G.

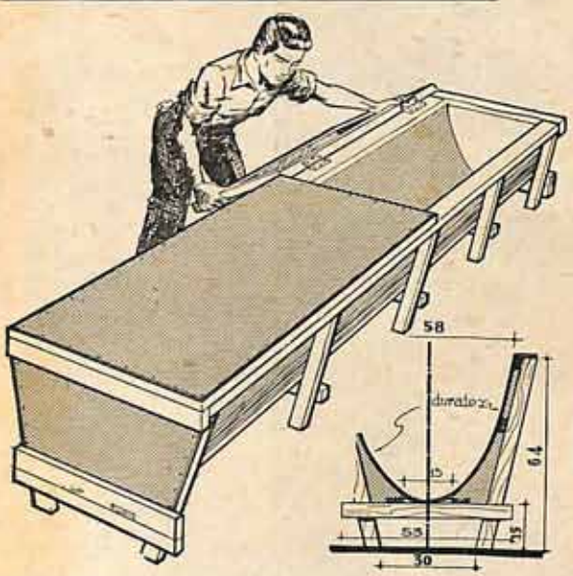
ARLETE JAN — HBB-A7/2745 — da raça Holandêsa prêta e branca. Nasceu em 17-3-54. Pertence ao plantel do sr. Manoel Alves de Castro. É o pai de ARLETE MARCIANO.

ARLETE MARCIANA — HBB/D3/849 — da raça Holandesa prêta e branca PO. É a mãe do bezerro ARLETE MARCIANO. Ela produziu aos 4a 10m em 3x e em 365 d, 11.721,610 kg de leite — 406,245 kg de gordura com 3,46%, com a média diária de 32,114 kg de leite e 1,113 kg de gordura. Está inscrita em Livro de Mérito.

Venda permanente de reprodutores

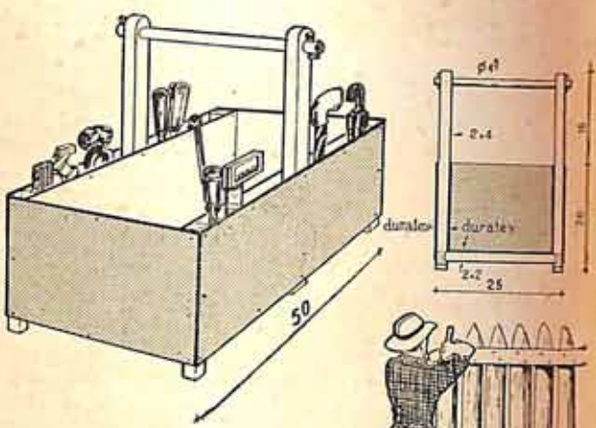
CONSTRUÇÕES RURAIS PRÁTICAS com DURATEX

Para maiores informações técnicas, dirija-se à
DURATEX S.A. — INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rua Libero Badaró, 582 – 9º andar – Tel. 37-7581 – Caixa Postal 7611 – São Paulo



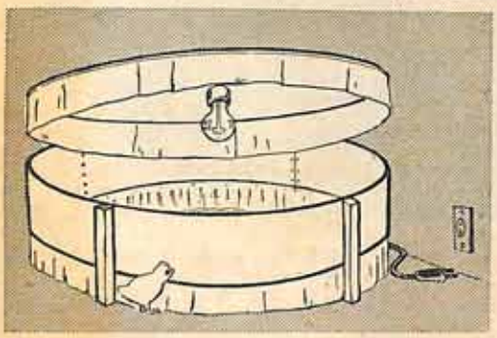
CAIXA DE FERRAMENTAS

Somente com sarrafinhos de 2 x 4 cm e chapas de duratex temperado, você pode construir uma caixa de ferramentas leve e prática. Notem-se as paredes duplas vazadas para a colocação das ferramentas em pé, ficando assim ao alcance fácil da mão.



GÔNDOLA DE CEREAIS

Os bojo curvo, que lembra um barco, pode-se construir uma prática gôndola de cereais com chapas de duratex. Graças à sua facilidade de curvagem, o bojo da gôndola é feito com uma chapa inteira de duratex.

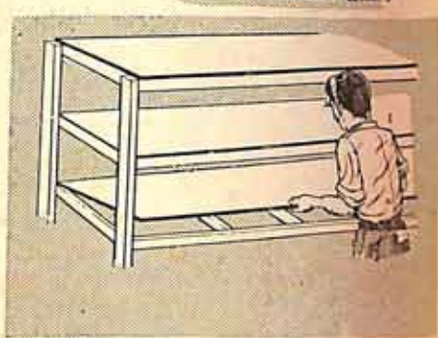


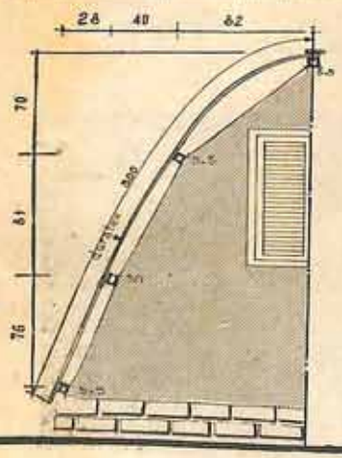
PRATELEIRAS LEVES

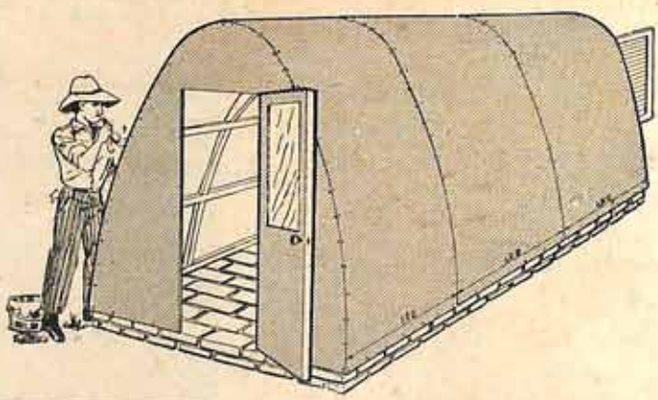
Podem ser feitas prateleiras para pequenas cargas com sarrafos de 5 cm e chapas de duratex, deitadas sôbre a cama horizontal de sarrafos. As chapas de duratex recomendadas para êste fim são as simples de espessuras 3/16" (4,8 mm) e 1/4" (6,4 mm) e as chapas de dupla-face de 3/8" e 1/2".

CRIADEIRA DE PINTOS

Graças a facilidade com que se curva o duratex, podem-se fazer criadeiras cilíndricas, como mostra a figura. Os pés são 4 sarrafinhos de 2 x 2 e a cobertura é obtida com uma chapa circular de duratex.







BARRACOS LIGEIROS

Um tipo de barraco ligeiro, para postura de ovos, leite e produtos manufaturados, pode ser feito com chapas de duratex, curvadas em abóbada, fazendo a duratex, a uma vez, de parede e de cobertura. O madeiramento é extremamente simples, constando de 7 caibros dispostos ao comprido do barraco, de 5 x 5 cm, travados com sarrafos de 2,5 x 5 cm. Os sarrafos de travamento da cumieira devem ser cortados especialmente, acompanhando o andamento da curva. O duratex, quando expostos às intempéries, precisa ser protegido com boa pintura. Uma maneira eficiente de proteger o duratex, aumentando a vida do seu barraco, é cobri-lo com manta plástica, igual às usadas em cortinas de banheiro.

OPERA-SE COM O DURATEX DO MESMO MODO QUE SE TRABALHA COM A MADEIRA. DURATEX É FACILMENTE . . .

SERRADO . . .

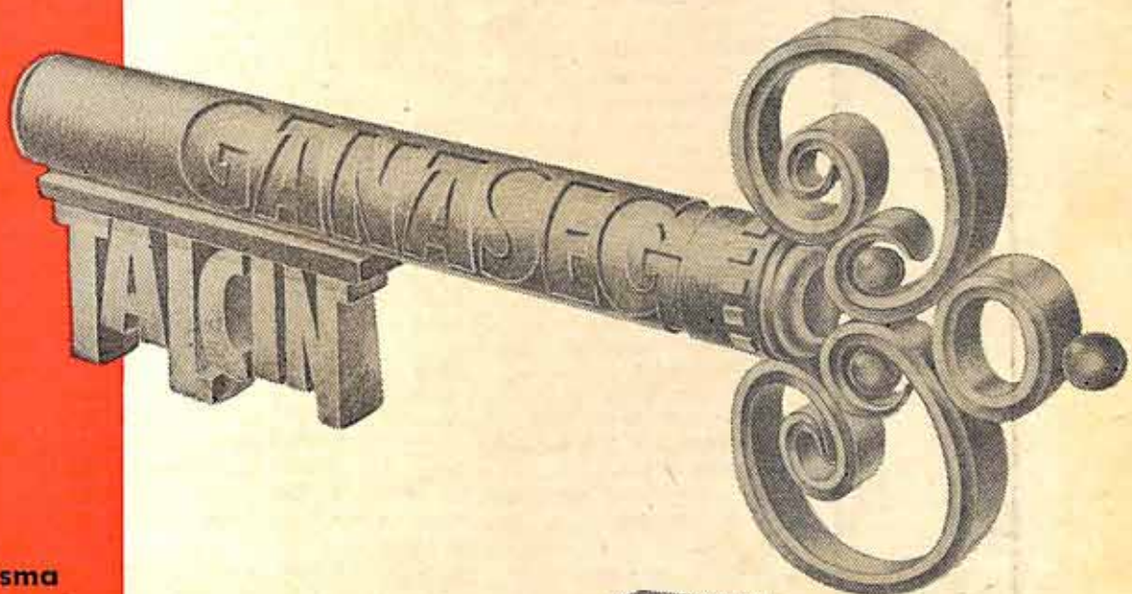
PREGADO . . .

FURADO . . .

PINTADO . . .

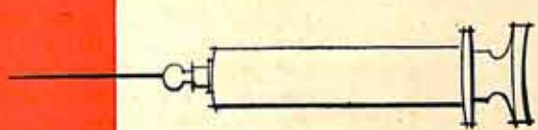
CURVADO . . .

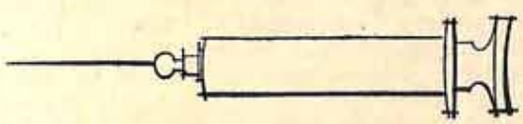
Chave certa para o combate à TRISTEZA



Tristeza por piroplasma

Tristeza por anaplasma





À **E.R. SQUIBB & SONS, S.A.**
DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA
Av. João Dias, 2758 (Sto. Amaro) - C. P., 7225 - S. Paulo

Favor enviar-me, sem compromisso, detalhes completos sôbre Ganaseg e Talcin.

Data _____

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

Adquira Ganaseg e Talcin no seu fornecedor preferido. Para maiores informações, consulte seu veterinário, ou envie-nos o cupom ao lado.

Squibb-Mathieson
DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA DA
E·R·SQUIBB & SONS, S·A·
MATHIESON

Av. João Dias, 2758 – Tel.: 61-2141 – End. Tel. "ERSQUIBB" – C. Postal 7225 – São Paulo

Compre com poucos cruzeiros...

...NOSSA EXPERIENCIA DE MUITOS ANOS.

Planos PRÁTICOS, CÔMODOS e ECONÔMICOS cuidadosamente estudados para você adotar em suas CONSTRUÇÕES RURAIS.

PLANTAS	Cr$
Abrigo mixto	50,00
Abrigo para touros	70,00
Aparelhos contenção de estábulos (5 modelos)	90,00
Aprisco para 70 carneiros	50,00
Banheiro carrapaticida..	90,00
Banheiros para suínos..	90,00
Banheiro parasiticida para suínos	70,00
Bebedouro e comedouro automático	80,00
Bebedouro e esponjadouro	70,00
Brete e balança	50,00
Câmara de fermentação de estêrco	130,00
Cavalaria mista	90,00
Cercado movediço (maternidade)	60,00
Cocheira	170,00
Ceva com 10 Baias.. ..	100,00
Comedouros automáticos para leitões	60,00
Cocho coberto para dar sal ao gado	50,00
Curral	120,00
Curral circular	250,00
Currais com apartador e tronco para ordenha..	90,00
Estábulo de madeira p/ 12 vacas	70,00
Estábulo modêlo	70,00
Estábulo p/ 60 vacas....	90,00
Estábulo p/ 18 vacas ...	70,00
Estábulo econômico	70,00
Estábulo p/ bezerros	90,00
Estábulo modêlo c/ compartimentos p/ bezerros	70,00
Estábulo Cruzeiro	60,00
Estábulo de granja	70,00
Estábulo Vila Brandina.	70,00
Estrumeira pequena	70,00
Fábrica de Manteiga	70,00
Fábrica de manteiga capacidade 100 lts. diários	130,00
Fábrica de manteiga capacidade 300 lts. diários	90,00
Fábrica de manteiga capacidade 500 lts. diários	90,00
Galpão esterqueira	90,00
Instalações económicas p/ suínos	90,00

PLANTAS	Cr$
Instalações p/ banho carrapaticida	60,00
Instalações p/ ordenha ..	70,00
Maternidade p/ porcas - construída de madeira - tipo B	120,00
Maternidade p/ suínos ..	90,00
Maternidade p/ porcas - construção de madeira c/ piso de concreto - tipo A	180,00
Maternidade individual (portátil) que pode servir também para leitões desmamados, em regime de campo	70,00
Paiol	120,00
Pocilga pequena	140,00
Pocilga p/ produção mensal de 5 porcos com 100 quilos	70,00
Posto de resfriamento de latões por circulação, capacidade 200 lts. diários	90,00
Posto de resfriamento capacidade 200 lts. diários	130,00
Posto de resfriamento capacidade 500 lts. diários	130,00
Posto de resfriamento e engarafamento capacidade 200 litros diários..	140,00
Posto de resfriamento e engerrafamento capacidade 500 lts. diários...	130,00
Rolo de faca	50,00
Silo elevado (aéreo)	80,00
Silo Económico	70,00
Silo de encosta (100 toneladas)	120,00
Silo de encosta (50 toneladas)	50,00
Silo subterrâneo	70,00
Silo de 130 toneladas....	90,00
Silo trincheira	70,00
Tronco p/ cobertura	50,00
Tronco p/ apartação	50,00
Tronco p/ contenção de bovinos	90,00
Tronco p/ ordenha	50,00
Pulverização e Pedilúvio.	50,00

Atendemos pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL

PEDIDOS:

Associação dos Criadores

Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo

Srs. Médicos-Veterinários e Criadores:

ANABORTINA BOVINA B-19

— um produto de qualidade RHODIA —
previne contra a **Brucelose** (abôrto contagioso das vacas)
— a única vacina que permanece ativa, **sem refrigeração,**
pelo menos durante 3 meses.
— liofilisada (sêca).
— máxima concentração de germes.

QUALIDADE TAMBÉM É ECONOMIA!

Peçam folhetos e informações à

Companhia Química Rhodia Brasileira

DEPARTAMENTO AGROPECUÁRIO

Rua Líbero Badaró, 119 - 4.º andar

Tel. 37-3141 - Rede Interna

Caixa Postal 1329

SÃO PAULO - SP

Rhodia

A marca de confiança

A PÁGINA DA SIVAM

MELHORAMENTO DO GADO DE CORTE

Em relação à produção de carne bovina, o aumento da população do País e as possibilidades da exportação devem estimular os criadores a ampliar cada vez mais seu rebanho de gado de corte. Entretanto, se o consumo de carne cresce sensìvelmente dentro e fora do País, as exigências dos consumidores, principalmente nos mercados externos, indicam que, paralelamente ao aumento quantitativo, deve ser realizado um trabalho de melhora qualitativa dos planteis.

Sendo o nosso gado de corte, na sua quase totalidade, de sangue zebu, temos que a melhora zootécnica das raças zebuinas é um problema de magna importância, tanto para a economia da nação como para a dos próprios criadores. Compreendendo o alcance de tão importante problema, muitos criadores de zebu, com a colaboração de serviços técnicos oficiais, vêm empregando acertadas práticas zootécnicas, de modo a imprimir aos seus rebanhos características zootécnicas mais consentâneas com a produção de carne. Nessas condições, ao lado das características raciais, começa a generalizar-se o critério da seleção económica, tendo em vista, principalmente, a precocidade dos animais.

Foi realmente justa a escolha para seleção do caráter "precocidade", porque a conformação orgânica que se poderia julgar suficiente para produção de carne, é caráter inadequado para tal fim, pois está provado que entre tipo e função não há correlação, de modo a satisfazer plenamente as exigências de um programa de seleção de gado de corte. Cuidadosas observações e meticulosos trabalhos experimentais concluiram que as possibilidades que os reprodutores têm de transmitir uma boa conformação orgânica são muito reduzidas, ao passo que fàcilmente são capazes de transmitir aos descendentes a característica de crescimento rápido.

Partindo dêste fato, o Departamento da Produção Animal do Estado de São Paulo instituiu a prática do "Feeding Test", ou "prova de ganho de pêso", já largamente adotado em países de pecuária adiantada, a fim de proporcionar aos criadores dedicados à seleção, o melhoramento zootécnico do seu rebanho de gado de corte. Valendo-se dêste novo processo, os criadores de zebu vêm melhorando gradativamente seus planteis, contribuindo assim para a maior ampliação do nosso patrimônio económico.

Dada a importância do assunto, devemos observar que os animais, conforme o ambiente em que vivem ou a alimentação que recebem, podem não apresentar certas características, como, por exemplo, as de conformação ou de produtividade, mesmo que possuam na sua fórmula genética tais características. É fato conhecido que 50% do melhoramento de qualquer espécie animal dependem da fórmula genética e 40% da alimentação. Assim sendo, o processo da seleção pelo "Feeding-test" deve ser forçosamente acompanhado da melhora das pastagens e de outros fatôres ligados à nutrição, além do manejo racional do rebanho. Qualquer esfôrço do criador no sentido de proporcionar ao seu rebanho, pastos mais nutritivos, seja pela adubação, seja pelo emprêgo de forrageiras mais apropriadas ao meio, será sempre compensador. A mesma afirmação pode ser aplicada ao problema dos minerais. Não há técnico ou criador estudioso dos nossos problemas zootécnicos que ponha em dúvida o inestimável valor da suplementação mineral para os nossos rebanhos.

Nessas condições, qualquer trabalho visando o melhoramento da produção de carne de nossos rebanhos não poderá prescindir de levar em consideração o problema dos minerais.

As carências minerais não só prejudicam o crescimento normal dos animais novos, como podem causar graves perturbações na esfera da reprodução, como esterilidade, abôrto, produtos fracos, inviáveis ou natimortos. De modo geral, tôdas as funções orgânicas e zootécnicas, como produção de leite, banha, lã, ovos, carne, etc., podem ser gravemente afetadas pelas carências minerais.

Terminando, repetimos que o melhoramento de qualquer espécie animal e, no presente caso, o dos rebanhos de gado de corte, não é possível chegar a resultados plenamente satisfatórios sem o concurso dêsses dois fatôres: genética e nutrição racional.

SECÇÃO TÉCNICA SIVAM

SAIS MINERAIS IODADOS SIVAM
INTEGRATIVOS POLIVITAMINICOS

para: *BOVINOS*
EQUINOS
SUINOS
OVINOS
AVES

SIVAM

SIVAM

COMPANHIA DE PRODUTOS PARA FOMENTO AGRO-PECUÁRIO

SÃO PAULO - R. 7 de Abril, 105 - Cx. Postal 9054 - Tels.: 35-0921 e 35-7237
PORTO ALEGRE - Caixa Postal 2521 — B. HORIZONTE - Caixa Postal. 2461

para

NEW YORK

BOEING
707
ROLLS ROYCE

SUPER CONSTELLATION
de luxo

Com o BOEING 707-Rolls Royce – direto, sem escalas – ou com o serviço econômico do SUPER CONSTELLATION DE LUXO, a VARIG tem sempre o mais moderno equipamento de vôo, os melhores horários e o mais extraordinário serviço da linha das Américas!

vôe

PELA VARIG

– o melhor serviço das Américas!

VARIG

Voando pela pioneira dos transportes aéreos no Brasil
V. estará à bordo de sua casa!

DIRETOR-RESPONSAVEL

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

Dr. José de Assis Ribeiro

Dr. Henrique Raimo

Dr. Rolando Lemos

Dr. Alberto Alves Santiago

Dr. Leovigildo P. Jordão

Dr. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Walter Battiston

•

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo

Francisco de Almeida Penna

D. Dina Avela

•

REDAÇÃO:

RUA JAGUARIBE, 634
S. PAULO (BRASIL)
Tel. 51-9234
(Séde própria)
CAIXA POSTAL 9194

Endereço telegráfico: Criadores

•

ASSINATURA:

1 ano	Cr$ 600,00
1 ano sob registro postal	Cr$ 660,00
Semestre	Cr$ 350,00
Número avulso	Cr$ 60,00
Número atrasado	Cr$ 70,00

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

ANO XXXII - S. PAULO, JULHO DE 1961 - N.º 379

SUMARIO

MERCADOS PECUÁRIOS
Não reage o mercado de boi gordo; sobe o leite, varia o porco.... 11
O aumento dos preços do leite é méra decorrência da inflação. J. A. R. — No mercado de carnes esperam-se melhores cotações. P. M. 12
IV Exposição - Feira de Zebu e Outras Raças de Corte e de Cavalos de Esporte, Trabalho e fins militares — Guido Capello 14
O trabalho das comissões de julgamento..... 16
Os campeões 18
A carne vai-se tornando o primeiro produto da agricultura paulista — Dr Rubens Franco de Mello..... 21
Expande-se a criação de búfalos em São Paulo..... 23
O certame alcançou o objetivo visado..... 24
A raça Gir liderou as vendas..... 24
XXVII Exposição - Feira Agropecuária de Uberaba..... 30
Os campeões de Uberaba..... 32
Não sofrerá restrições o registro dos animais importados da India 33
V Exposição de Pecuária de Londrina..... 38
Animais premiados em Londrina 41
O Estado do Paraná confiante em seu novo govêrno - Americo Ugolini 43
A dinamização da agricultura e pecuária no norte do Paraná através da mecanização — Fala o presidente da Assoc. Rural de Londrina 47
PECUÁRIA DE CORTE
Qual o futuro da pecuária de corte em S. Paulo? — Mario Mazzei Guimarães 51
Financiamento à pecuária — Moacyr Teixeira 54
O pequeno matadouro na realidade brasileira - Prof. Pascoal Mucciolo 58
Pastos e produção de carne — Geraldo Leme da Rocha..... 59
A sonegação do imposto de vendas e consignações no comércio da carne — Alberto Martins e Silva 60
Soluções práticas e econômicas para engorda de bovinoos na sêca em pastos de leguminosas — Reimar v. Schaaffhausen..... 62
O pecuarista, um bandeirante — Fenelon Santos 64
A ENTREVISTA DO MÊS
Cura-se hoje a frieira do gado por processo rápido, eficiente e barato 69
REFORMA AGRÁRIA
Regulamentação da reforma agrária..... 73
Tomou posse o Conselho da Revisão Agrária..... 77
O Mangalarga — I — Valdez Correia 78
A Pecuária no Ceará
Futuro centro produtor de carne e de leite — Pimentel Gomes.... 84
A SELEÇÃO DO ZEBU EM S. PAULO
A raça Gir — Alberto Alves Santiago..... 88
A reunião da Fao sôbre problemas do leite e laticínios..... 91
Notas laticinistas 92
Instruções para combate aos saltões de queijos..... 93
Industrialização da carne 94
Tratamento da endometrite dos bovinos com estro-bióticos - L. P. Jordão 96
SECÇÃO JURIDICA
Os novos operários rurais — Dr. Rolando Lemos..... 100
ECONOMIA
Câmbio ainda — Dr. Brenno Ferraz do Amaral..... 101
SUINOCULTURA
Peste suína - Flagelo da criação — I — Dr. Walter Battiston 103
Como iniciar a criação de coelhos — Marcio Infante Vieira..... 105
AVICULTURA
A luz artificial e o pêso dos frangos de corte — Henrique F. Raimo 106
Frangas em confinamento ou no campo. Qual o melhor sistema de criação? — Henrique F. Raimo..... 107
Você sabe? 108
Ciscando notícias 108
Ultimas da ciência 109
Os medicamentos de sulfa 110
MERCADOS
Cotação de laticínios, aves e ovos. Carne, couro e banha..... 111
Relatório n.º 197 do Serviço de Controle Leiteiro da Associação Paulista de Criadores de Bovinos 112

NOSSA CAPA...

...apresenta MALVA, sobranceiro espécime do Háras Refugio, de Londrina, propriedade do sr. Norman Prochet, reprodutora de rara beleza e impressionante conformação. — MALVA, foi consagrada a Grande Campeã da Raça Mangalarga no último certame de Londrina.

Mercados Pecuários

Não reage o mercado de boi gordo; sobe o leite; varia o porco

Surpreendentemente, até meados de junho, o mercado de novilhos gordos ainda não havia reagido, como seria lícito esperar. Ligeira melhora em maio, quando se noticiou o plano de exportação e se liberou pequena estocagem, apenas se conservou no mês seguinte, especie de vestibulo da entre-safra, quando, em regra, sobem as cotações do boi.

A EXPORTAÇÃO E O MERCADO

A exportação permitida no Brasil Central, no total de 10 mil toneladas, em cotas individuais maximas de 1.000 toneladas, até 31 de dezembro proximo, atinge apenas carnes de dianteiro (e naturalmente, por extensão, pontas de agulha e aparas em geral do boi). Como os dianteiros e as pontas de agulha não se vinham colocando satisfatoriamente no consumo interno, pois o mercado de charque se achava abarratado de remanecentes e a relativa fartura estacional de trazeiros leva o açougueiro e o consumidor de carne fresca a refugar mais a carne de segunda do dianteiro — acreditava-se que a exportação não iria estimular novas matanças. Representando, em tese, 40 a 60 mil bois, na pratica apenas drenaria os descartes do mercado interno. Esse fator teria contribuido para que a notícia de licenças de exportação não operasse reações de alta no mercado.

Acontece ainda que a exportação de produto congelado não se mostrava promissora. De um lado, as cotações internacionais aqui faladas, de 400 a 410 dolares FOB por tonelada desossada, (ou pouco mais de 300 dolares por tonelada com osso), não estavam interessando aos frigorificos. De outro, pesam embargos à ida de carne frigorificada brasileira para os mercados belgas e holandeses, que exigem atestado de sanidade, de isenção de aftosa. Assim, a área de carne congelada brasileira ficaria limitada à Italia, o que reduz as possibilades de negocio. Tais circunstancias, redundando na menor precisão de dianteiros, estaria contribuindo para que a notícia da exportação reduzisse ainda mais as necessidades especificas de matança, refletindo-se portanto, e desfavoravelmente, nas cotações do boi gordo.

Dessa forma, a pressão das exportações sobre os preços do gado estaria na dependência do que o preparo de conservas exigisse de "gado novo" para atender às encomendas, que já provocaram os pedidos de licença à CACEX em principios de junho. E, como se sabe, muitos dos exportadores em potencial de carne congelada, não se acham preparados para o fabrico de conserva, o que reduz a eficiencia daquela apressão.

ESTOCAGEM: SEM EFEITOS DE ALTA

Por sua vez, a estocagem para a entre-safra, embora decretada tardiamente, tem carater facultativo e, incidindo sobre volume relativamente pequeno de boi (5 mil toneladas) pode contentar-se com o resto da sobra natural da safra das aguas, sem operar efeitos de alta. A Anglo, em Barretos, São Paulo e Mendes, será a maior estocadora, com mais da terça parte do total combinado entre o Sindicato do Frio deste Estado e autoridades federais.

OS PREÇOS DO BOI GORDO

As cotações do boi gordo giravam, na primeira quinzena de junho, entre Cr$ 1.250,00 e Cr$ 1.300,00, gado posto em São Paulo, imposto pago pelo vendedor. Negocios feitos a olho por marchantes, acusavam nivel melhor. Havia a abundancia de carne no Tendal paulista, e o preço de Cr$ 105,00 para o trazeiro estava sofrendo descontos em algumas transações. Acreditava-se, todavia, que, com o andar da safra, e a retirada dos pequenos abatedores do mercado, a situação se modificasse, e aí então haveria alta no Tendal, ditada pelo mercado interno, e isso se repetiria nas cotações dos bovinos.

OS PREÇOS DO BOI MAGRO

O fator de resistência nos preços do boi gordo continua a constituir a alta do magro. Invernistas havia que preferiam retardar boiadas no pasto a que vende-las pelas cotações vigentes e ter de comprar gado magro relativamente mais caro sem margem de cobertura para a engorda ulterior. Esse impasse poderia provocar brusca e talvez excessiva alta em julho-agosto. Os novilhos magros no Triangulo Mineiro e em Goiás giravam em torno de 17 a 18 mil cruzeiros, havendo negocios até ao nivel de 19. Em Mato Grosso, a cotação de 17 mil também já era falada, embora o gado dessa procedência, em média, girasse ainda em torno de 14 a 16 mil cruzeiros, conforme era, qualidade e apartação.

O NOVILHO NO RIO GRANDE E A PARIDADE INTERNACIONAL

No Rio Grande do Sul, as cotações para o novilho gordo oscilavam em torno de Cr$ 40,00 o quilo bruto de gado em pé. Isso resulta num

preço para o boi de 450 quilos, de Cr$ 18.000,00 — nível inferior ao vigente no Brasil Central, onde um boi do mesmo peso, rendendo cerca de 17 arrobas de carne, vale sempre mais de Cr$ 20.000,00. Como o Rio Grande está mais vinculado ao mercado de exportação, quer por ser maior ali este ano o volume absoluto e relativo de carne a exportar-se, quer por suas estreitas ramificações, ostensivas e clandestinas, com as pecuarias exportadoras do Rio da Prata, êle parece refletir, melhor que o Brasil Central (montado em função do mercado interno), a atual paridade internacional dos preços dos bovinos de corte.

LEITE EM ALTA

Os preços do leite continuavam firmes, em face da entrada do inverno, e deveriam estar girando em média, entre Cr$ 14,00 e Cr$ 16,00 por litro, nas áreas produtoras principais para os fornecedores de tipo C e industria. O leite B estava dando ao produtor cerca de Cr$ 20,00 por litro. Deveria esperar-se alta mais pronunciada durante o estio, pois, segundo dados preliminares do DPA, ainda não divulgados oficialmente, durante os primeiros quatro meses do ano, o aumento da produção leiteira do Estado e regiões tributarias foi insignificante. Quer dizer que a alta de preços verificada a partir de 1960 não foi suficiente para estimular o aumento da produção. Se durante as aguas, o impulso foi pequeno, que não esperar durante a estiagem, quando é maior a pressão do consumo e se observam quedas estacionais da oferta, a não ser uma entre-safra modesta e portanto nova tendencia de alta de preço?

SUINOS: RELATIVA FIRMEZA EM SÃO PAULO, BAIXA NO SUL

O mercado de gado suíno, apesar da vigência da safra principal, continuava relativamente firme em S. Paulo e áreas mineiras, oscilando em tôrno de Cr$ 1.500,00 e Cr$ 1.700,00, por arroba, para porcadas sortidas, o que indica desnível em relação à maio. No interior, dados da Divisão de Economia Rural supunham cotação entre Cr$ 1.460,00 (zona de Avaré) e Cr$ 1.700,00 (zona de Campinas), com variações intermediárias nas demais zonas.

No entanto, do sul parece provir uma onda baixista, que poderá pressionar o mercado paulista, dada a importância dos rebanhos do Rio Grande, de Santa Catarina e do sul do Paraná nos suprimentos diretos ou indiretos dos frigoríficos de São Paulo. Teria havido recentemente baixa de Cr$ 10,00 por quilo em regiões porcinas gauchas, cujas cotações andariam girando em torno de Cr$ 75,00 por quilo vivo.

O aumento dos preços do leite é mera decorrência da inflação

Sensivel aumento nos preços dos lacticínios em geral, seguindo mais ou menos o ritmo normal da inflação é o que se está observando em nosso mercado laticinista, nesta época de fim de safra.

Apesar do aparentemente bom preço pago pelo leite ao produtor, a produção não está reagindo aos preços, na medida em que era de esperar. Em algumas zonas, a redução da produção de leite é um fato, já tendo atingido niveis de 10 a 20% inferiores aos verificados em idênticos período dos anos anteriores. A intensificação da queda é maior nas zonas de industrialização. Felizmente, êste não é ainda um fenómeno generalizado, havendo numerosas zonas (mórmente as de abastecimento de leite em natureza) onde a produção se mantem estavel. Entretanto, os sintomas, posto que não alarmantes, não são animadores. Espera-se para êste ano grande crise na produção leiteira, crise esta definida por intensa escassez de leite e derivados. Pelo menos êste é o vaticínio de grande número de observadores de nossas atividades leiteiras.

Está-se concluindo que simples aumento de preço de leite já não é mais fator decisivo para aumento de produção. É que os aumentos que têm havido não decorrem de melhor pagamento ao leite, mas, sim, da inflação: o fazendeiro recebe mais dinheiro pelo leite, mas êste dinheiro não dá para a cobertura das despesas com a produção, as quais cada vez mais avultam, desproporcionalmente aos reduzidos aumentos do preço do leite. É interessante notar que estas despesas so tanto maiores quanto maior a técnica que se aplica na produção leiteira, chegando a ponto de ser inteiramente anti-económica a manutenção de gado de alta especialização. Conclui-se que o leite não tem tido preço aumentado na mesma proporção dos aumentos de custo das utilidades indispensaveis à sua produção. No momento, os usineiros da Capital Paulista são os únicos a pagar preço que represente algum atrativo (Cr$. 14,50 mais gordura excedente de 3,2%, chegando alguns produtores a receber Cr$ 16,00 ou Cr$ 17,00 por litro de leite). Enquanto isso, os industriais laticinistas do Sul de Minas estão mantendo um nivel de preço quase insustentavel ao grosso de produtores. Está havendo nítido contraste entre o que sempre houve há anos nesta zona e a realidade dos últimos meses. Sempre os industriais sulmineiros pagaram mais pelo leite do que os usineiros, pois a industrialização proporcionava maior margem de lucro. Agora, parece que a coisa se inverte: os industriais estão pagando menos que os usineiros; o máximo estão sendo Cr$ 13,00 posto fazenda e Cr$ 14,00 posto plataforma. Nas zonas de maior produção, os fazendeiros estão-se movimentando para conseguir paridade de preços e, caso não consigam, é possível que, na próxima sêca, que se aproxima inexoravel e pouco animadora, venhamos a ver muitas zonas tradicionalmente industrializadoras figurar na zona de abastecimento de leite em natureza. Bastará que as grandes firmas industrializadoras se mantenham irredutiveis no baixo preço ao produtor.

Queijo Parmesão

É de admirar a diminuta ou nenhuma reação dêste produto no mercado laticinista. O grosso do Parmesão, mesmo o de quase um ano de cura, não alcança mais do que Cr$ 220,230 o quilo, em média. Em se calculando a litragem de leite por quilo de Parmesão (13 a 14); o capital empatado e paralisado (a 2% ao mês); a mão de obra em trabalhos de tratamento nos depósitos, armazens ou salas de maturação, verifica-se a diminuta margem de lucro proporcionada por este produto.

Manteiga e margarina

O mercado de manteiga não se está apresentando animador. Os estoques aumentam nas câmaras de estocagem, em vez de começarem a diminuir, como era regra nesta época. E os preços também não estão subindo na proporção da inflação. Admite-se a concorrência desenvolvida pela margarina de mesa, como uma das mais fortes causas desta situação. A crise da manteiga, assim, está sendo definida como consequência da concorrência da margarina. As vendas de margarina de mesa tendem a diminuir as de manteiga. Esta é uma verdade sediça. Em parte, os grandes culpados são os próprios industriais manteigueiros. Os fabricantes de manteiga ruim nada têm

CALÇAS ESPORTIVAS

Para passear no campo, pescar, cavalgar, escolha sua calça no imenso sortimeno de calças da Casa José Silva. Todos os tipos, desde rancheiras até confecções de luxo. Tudo moderno, funcional em tecidos de boa qualidade. Os prêços são ótimos e o pagamento facilitado. Rua São Bento, 51 e filiais — São Paulo.

feito para melhorar o produto: só insistem em vendê-lo caro. Os fabricantes de manteiga boa nada fazem para combater a intensa propaganda da margarina contra a manteiga. Neste particular, a atul tendênci da margarina é apresentar-se ao consumo como alimento indispensavel às crianças. Estudos de mercado por especialista em promoções de vendas levaram à conclusão de serem as crianças maiores consumidores de margarina ou manteiga que os adultos. Nesta base, a propaganda das melhores marcas de mrgarina está sendo orientada no sentido de intensificar o consumo nos meios infantis. A nosso ver, isso, do ponto de vista sanitário ou dietético, está erradíssimo: o organismo infantil é muito menos resistente que o adulto às impropriedades da composição química da margarina, constituida que é de ácidos gráxeos hidrogenados e vários conservadores. Mas, quem se anima a fazer uma contra-propaganda, ou ainda menos, quem se anima a anunciar a mnteiga na mesma intensidade em que a margarina o é pelos seus fabricantes?

Propaganda de leite em pó

O consumo de leite em pó no País tem sido cada vez maior. Não há estoques nas zonas de produção e as vendas já estão em início de racionamento. É que, além do mais, um dos produtos de laticínios mais anunciados é o leite em pó. A firma nacional que mais anunciou em 1960 foi justamente a maior produtora de leite em pó no País. Pode-se assim concluir que o leite em pó é o produto sôbre o qual mais se faturaram anúncios. Uma revista especializada em promoções de venda informa que a firma que mais anunciou leite em pó gastou cerca de 240 milhões de cruzeiros só em propaganda, em 1960.

J. A. R.

No mercado de carnes esperam-se melhores cotações

Não houve alterações de vulto no mercado de carnes podendo-se considerar estável a situação de preços. Isso acontece a despeito de tôdas as medidas tomadas pelo govêrno no sentido de concretizar a entrada de carnes brasileiras no mercado internacional.

O mercado de boi magro se mantem firme à razão de Cr$ 17.000,00 por cabeça, comandando as cotações das boiadas gordas situadas ao redor de Cr$ 1.200,00 por arroba, com pêso de aproximadamente 17 arrobas de rendimento. As boiadas magras procedentes de Goiás continuam a alcançar melhor cotação, porque sempre são mais eradas e de mais pêso. Enquanto os grandes compradores se têm mantido arredios, os marchantes pagam preços melhores, geralmente Cr$ 50,00 mais por arroba, e fato idêntico se passa com os pequenos estabelecimentos do Interior. O panorama geral, entretanto, é de matança limitada, a despeito dos fatores ligados à exportação.

ÀS VESPERAS DA EXPORTAÇÃO

A exportação permitida de dez mil toneladas, nas condições atuais do mercado de carnes, não pode afetar o abastecimento interno. Esta conclusão foi naturalmente tirada da reunião ha poucos dias efetuada pelos representantes dos grandes estabelecimentos, marchantes, autoridades estaduais e municipais, além de associações devotadas ao bem estar social. Isto porque, apesar de estarmos no limiar da entresafra, a matança tem-se processado em ritmo lento desde o início da safra. Como consequência, muitas boiadas ainda povoam as invernadas e não poucos invernistas propositadamente correram o risco de esperar por melhores preços, aguardando condições mais propícias de negócios.

Por outro lado, a execução do plano de estocagem acha-se ainda na dependência de instruções especiais do Banco do Brasil, relativas às formas de financiamento que devem ser adotadas. Ao que tudo indica, o financiamento será realizado à razão de Cr$ 120,00 por quilo, prêço que representa medida justa para as operações de reserva. Entretanto, até o momento, ignora-se pormenores de juros e prazo das operações a efetuar e, não há dúvida, que destas características muito dependerá o sucesso e o volume do negócio.

Desde que a exportação planejada é de produtos industrializados, isto é, na fórma de enlatados, espera-se que a maior parte da carne a ser estocada seja constituída de trazeiros para assegurar peças melhores e mais reputadas para o comércio local. De fato, o abastecimento interno, embora isto seja paradoxal, sempre se tem desenvolvido à custa das melhores porções, que justamente são oferecidas pelos trazeiros.

Entretanto, a estocagem de dianteiros também deve ser aconselhada com vistas principalmente à industrialização dos mercados do norte e nordeste.

ANIMA-SE O MERCADO

Mesmo considerando que a exportação sòmente absorva carnes de qualidade inferior, isto é, justamente aquelas que não encontram colocação no mercado local, existe certa animação entre os invernistas no sentido de melhores cotações a partir de julho. Esta esperança seria fundada na matança destinada à estocagem que, coincidentemente, se fará já em fins de safra.

Não obstante, não acreditamos na possibilidade de grandes saltos em virtude do modo como se desenrolou até aqui a matança para o abastecimento interno. Tôdas

(Conclui na pág. 53)

IV Exposição-Feira de Zeb
de corte e de cavalos de e
e fins

O exmo. sr. governador do Estado, prof. Carlos Alberto de Carvalho Pinto, falando no ato da inauguração.

Os srs. Eurides Esteves dos Reis, Barisson Vilares e Walter Miranda, que compuseram a comissão julgadora da raça Nelore.

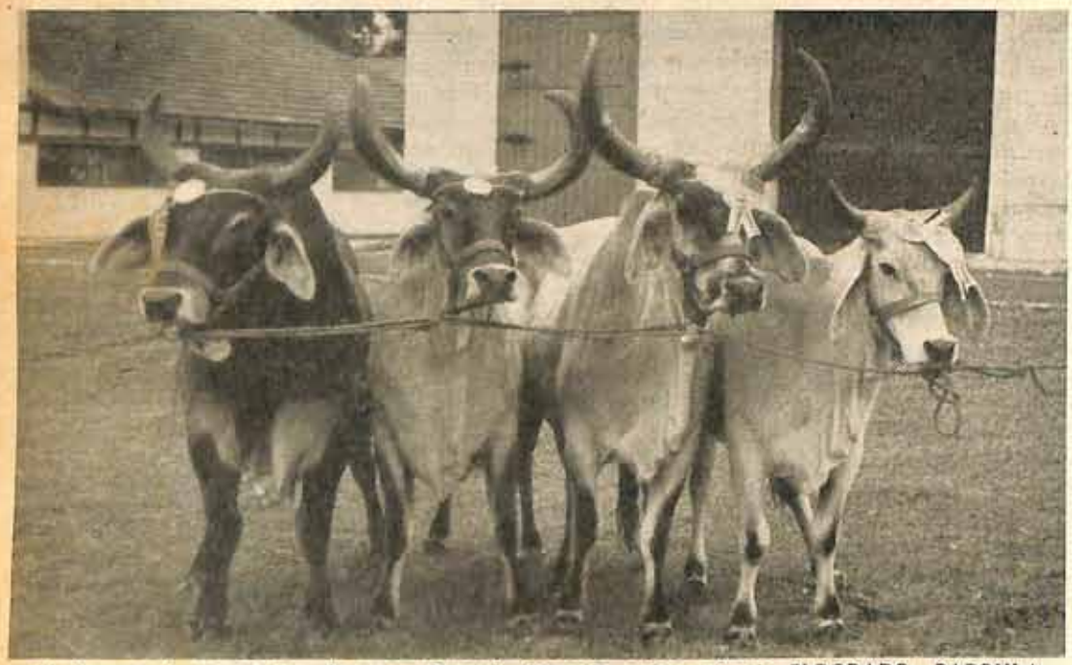
Afinal, depois de intensa propaganda, na qual se salientou a Associação de Criadores de Nelore do Brasil, realizou-se no Parque da Agua Branca, em São Paulo, a IV Exposição-Feira de Zebu e outras raças de corte e de cavalos de esporte, trabalho e fins militares.

Promove tais certames anuais a secretaria da Agricultura, por intermedio do Departamento da Produção Animal, com a cooperação de entidades de criadores desses animais. Mas, infelizmente, apesar de todo o preconicio, o interesse despertado pelo certame esteve aquem de que seria dado esperar, não correspondendo sequer a sem pomposo titulo. "Um boi, uma vaca e um cavalo; um cavalo, uma vaca e um boi, isso já se tornou espetaculo rotineiro" — foi a voz geral de quantos se dirigiram ao Parque Fernando Costa.

Houve descontentamento quanto ao critério de julgamento e não produziu nenhum efeito melhorador a prática de entregar, logo após o julgamento, os troféus aos proprietários dos animais que obtinham a primeira colocação em cada categoria. Alem do mais, essa modalidade retardou demasiada e desnecessàriamente os trabalhos das comissões de julgamento. A nosso ver, o mais indicado seria voltar ao sistema anteriormente em vigor, isto é, a entrega de premios após o termo dos trabalhos dos juízes, visto que a nova pratica vem dificultar até os trabalhos da secretaria, que tem retardado o preparo das papeletas de premios a serem afixadas nos quadros de identificação dos animais nos pavilhões, impedindo (por que não admitir?) a realização de bons negócios, com prejuízos para a própria finalidade do certame, que é a promoção de vendas.

A INAUGURAÇAO DOS TRABALHOS

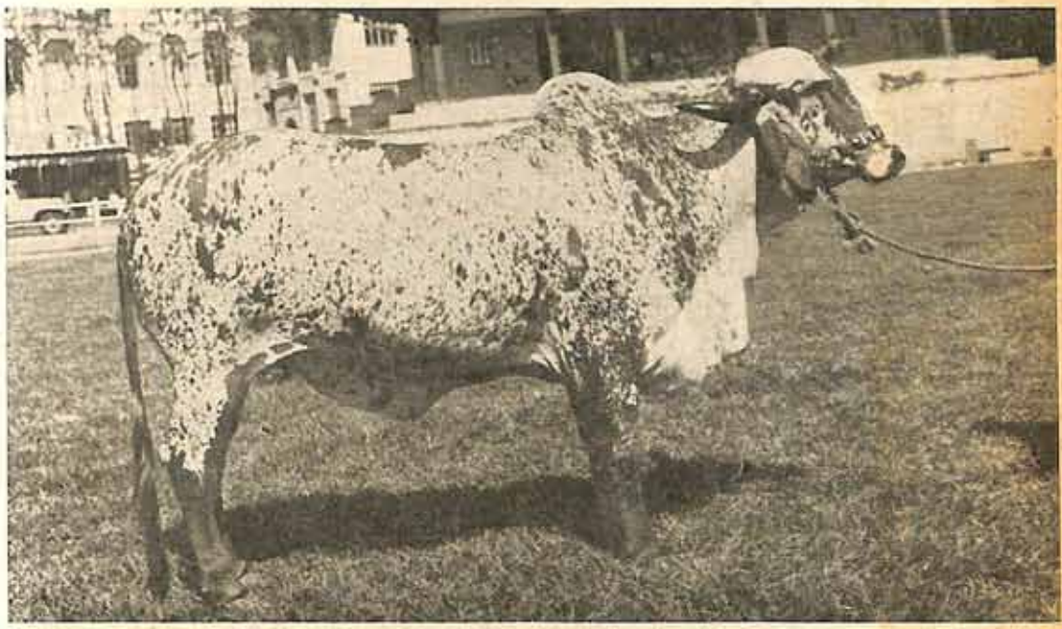
A cerimonia de inauguração, realizada na tarde do dia 21 de abril, contou com a presença do governador Carvalho Pinto; do secretário da Agricultura, dr. José Bonifacio Coutinho Nogueira; do representante do diretor do DNPA, dr.



Melhor conjunto senior da raça Guzerá, formado pelos animais ELDORADO, PAPOULA, SAQUAREMA, AUSTRALIA. Expositor: Allyrio Jordão de Abreu, Fazenda Canaã, Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro.

Os srs. Wilson Jorge Franco, Brasiliano Cândido Alves e Verissimo da Costa Junior, que formaram a comissão julgadora da raça Gir.

e outras raças
orte, trabalho
nilitares



GUIDO G. CAPELLO

Aluísio T. Costa, diretor da Divisão de Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura; do presidente da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, dr. João Laraya; de presidentes de entidades colaboradoras e de outras autoridades civis e militares.

Falou em nome das associações promotoras do certame o dr. Rubens Franco de Melo, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, que se reportou à simultaneidade dos três fatos que se comemoravam naquele dia: "Tiradentes, Brasília e a pujança do desenvolvimento da pecuaria do Brasil e em especial do Estado de São Paulo", para acentuar, em seguida, a importancia da carne da economia nacional. Depois de congratular-se com os pecuaristas pela vitória alcançada, assinalou a necessidade de a indústria, o comércio e outros setores economicos prestigiarem a agricultura e a pecuaria. "É na agricultura e na pecuaria que está o mercado consumidor dos produtos industrializados; é da agricultura e da pecuaria que vêm os meios de alimentação dos que trabalham na indústria. Não se esqueçam portanto, os industriais e homens do comercio de que sòmente de mãos dadas com a agricultura e a pecuária, apoiando as suas reivindicações, que em última análise são as dêles, é que poderão sobreviver neste turbilhão que estamos atravessando".

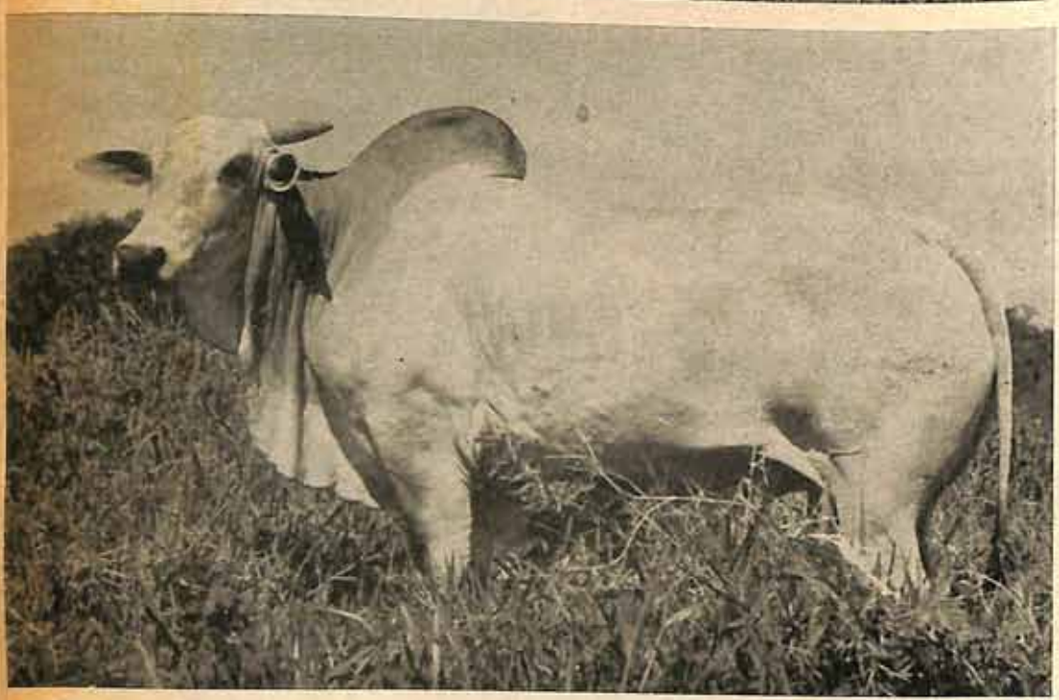
O dr. José Bonifacio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura, disse da solicitude com que o governador Carvalho Pinto torna efetivo o amparo à agricultura e à pecuária e da importação de zebus da India, para o aprimoramento da nossa pecuária.

Por último, o Governador Carvalho Pinto congratulou-se com os criadores e associações de classe, referindo medidas adotadas pelo seu governo no sentido de dinamizar o desenvolvimento do importante setor de atividade constituido pela agricultura e pecuaria.

Em cima: Campeão Senior — CRAVEIRO, nascido em 6-10-57, filho de Bronze e Hungria. Expositor: José Martins Canuto, Fazenda Boa Esperança, Barretos, Estado de São Paulo.

No centro: Campeão senior — PLATINA, nascida em 4-5-57, filha de Abacan e Platéia. Expositor: João de Oliveira Guimarães, Fazenda Santa Teresa, Barretos, Estado de S. Paulo.

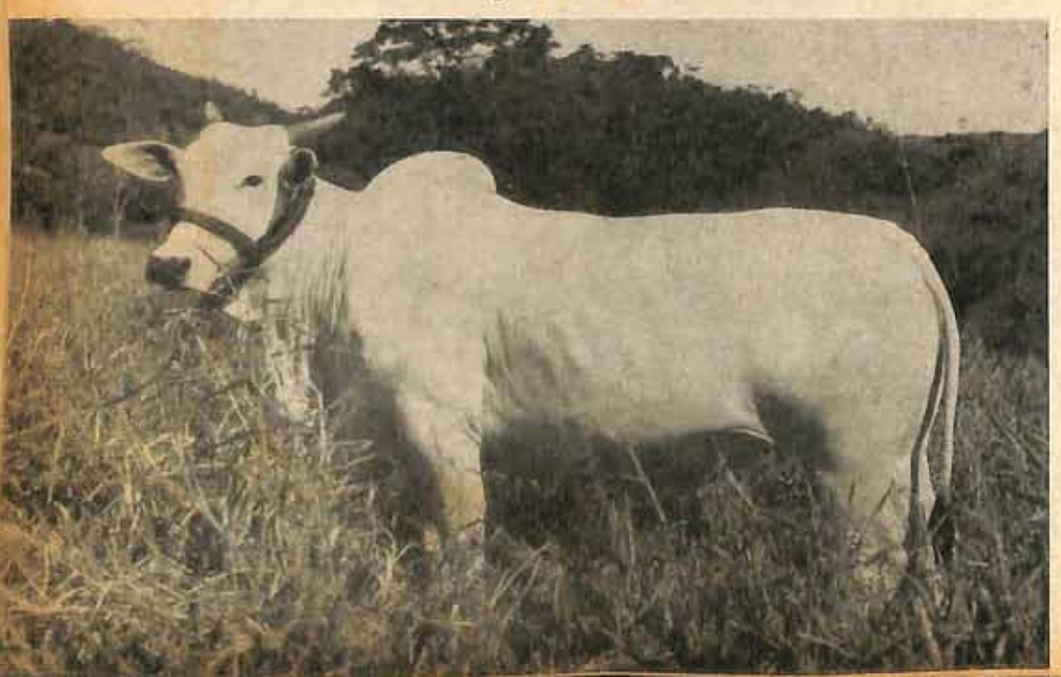
Embaixo: Campeão junior — AKIKO, nascida em 20-9-59, filha de Uirapuru e Princezita. Expositor: Mamedi Mussi, Estância Indiana, Barretos, Estado de São Paulo.



Em cima: Campeão Junior — HAGIBE, nascido em 28-10-58, filho de Babaçu e Chiquita. Expositor: Sixto de Campos Jarussi, Fazenda Santa Adelaide, Barretos, Estado do São Paulo.

No centro: Grande Campeão e 1.º prêmio — MOCAMBO DE SANTA AMINTA, nascido em 20-7-57, filho de Fakir e Feiticeira. Expositor: Theodoro Eduardo Duvivier, Fazenda Monte Alegre, Três Rios.

Embaixo: Grande Campeã e 1.º prêmio — NOVENA DE SANTA AMINTA, nascida em 22-9-58. Filha de Fakir e Ninon. Expositor: Theodoro Eduardo Duvivier, Fazenda Monte Alegre, Três Rios.



O TRABALHO DAS JULGA

RAÇA GIR

Pareceu-nos muito acertada a adjudicação dos títulos de campeão junior e reservado de campeão junior da raça, respectivamente, a Hagibe e Híbrido, ambos de propriedade do sr. Sixto de Campos Jarussi, de Barretos, pois se tratava de especimes dotados de bons predicados. Já a campeã junior — Akiko — propriedade do sr. Mamedi Mussi, de Barretos, não contou com aprovação unânime, quanto Ufinha, reservada de campeã junor, agradou totalmente. Os títulos de campeão senior e reservado de campeão senior, conferidos aos animais Craveiro e Hacer de Distinto, respectivamente, a nosso ver, ficariam melhor se as posições fossem invertidas. Platina, de propriedade do sr. João de Oliveira Guimarães, de Barretos, foi, com inteira justiça, a campeã senior da raça, pois se tratava realmente de um magnifico animal. A reservada de campeã senior, Cofap, do sr. Tarley Rossi Vilela, de São José do Rio Prêto, também impressionou ôtimamente, pelas suas grandes qualidades, podendo-se esperar que, em futuro próximo, venha a desfrutar situação privilegiada em nossos certames. No tocante aos conjuntos, pode-se dizer que a classificação agradou, registrando-se algumas divergências em relação aos de raça (junior e senior) e de progênie de pai.

Em resumo, quer parecer-nos que a representação Gir não brilhou como em certames anteriores deste ano, cedendo lugar à raça Nelore, que será comentada adiante, embora as representações dos criadores Tarley Rossi Vilela e Paulo Pulice devam ser observadas com olhos mais esquadrinhadores.

RAÇA NELORE

A representação do gado branco-cinza, como é denominado o Nelore pelo zootecnista Alberto Alves Santiago, teve êste ano posição de grande evidência, embora se lamentasse a ausência de representantes das criações de Durval Garcia de Menezes, Torres Homem Rodrigues da Cunha, Osvaldo Arantes, Plínio Ferraz e outros. Além do esfôrço dos criadores no preparo e seleção de seus animais, merece louvor e total aprovação a ação do presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, sr. Rubens Franco de Mello.

O julgamento dos espécimes dessa raça, ao que nos parece, deve ter dado enorme trabalho à comissão, pois todos os animais eram realmente dignos de figurar. Os principais prêmios foram, para nós, muito bem destinados: os animais ga-

OMISSÕES DE IENTO

nhadores dos campeonatos eram portadores de qualidades que lhes garantiam o direito de conquistar os lauréis máximos. Brilharam nesse particular as criações dos srs. Rubens de Andrade Carvalho, de Barretos; Mário Slerca, do Estado do Rio; Teodoro Eduardo Duvivier, do Estado do Rio; os quais conquistaram, pela ordem os títulos: campeão junior (Garrido) e reservado de campeão senior (Egípcio); reservado de campeão junior (Oriente de Santa Aminta), reservada de campeã senior (Madri de Santa Aminta) e campeã junior (Olaria de Santa Aminta); campeão senior (Mocambo de Santa Aminta), campeã senior (Novena de Santa Aminta) e reservada campeão junior (Assembléia Edu).

Os principais prêmios de conjunto tiveram a seguinte destinação: Melhor conjunto junior da raça — Jaca, Jersey, Jumbo e Janelão — pertencente ao sr. Silvio de Castro Cunha, de Uberaba; Melhor conjunto senior da raça — Ladina, Jaula, Hélice e Hodierna — do sr. Donald Antunes Strang, de Araçatuba; Melhor conjunto de progênie de pai — Mocambo, Madri, Novena e Olaria — do sr. Teodoro Eduardo Duvivier, de Três Rios — RJ.

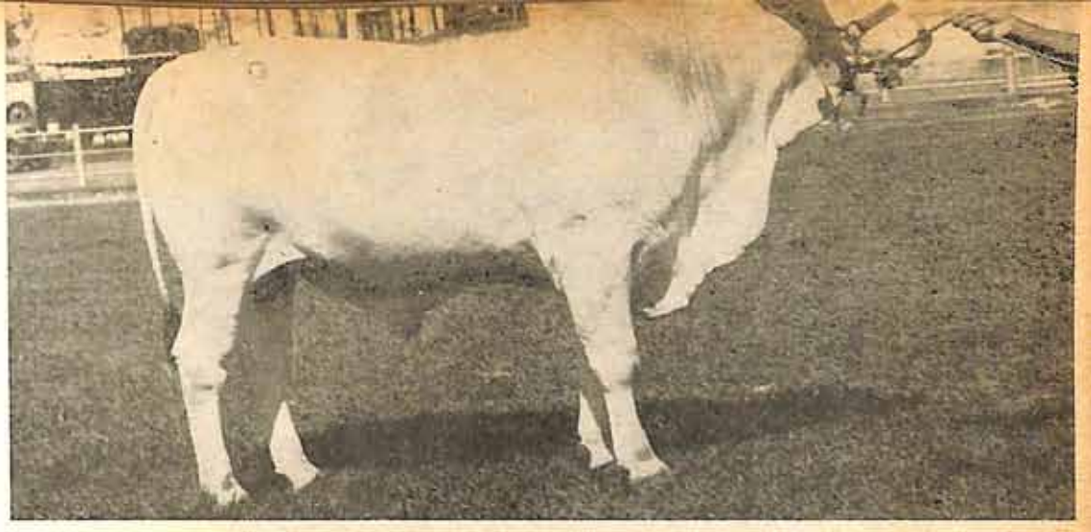
RAÇA GUZERÁ

Embora composta por pequeno número de animais, a representação desta raça alcançou grande destaque, pois os espécimes expostos foram julgados de alto valor. Nos próximos anos, o Guzerá poderá surpreneder, à vista do grande número de criadores que voltam sua atenção para essa raça de zebuínos.

A classificação, obedecendo a prudente critério, deixou excelente impressão, recomendando plenamente os trabalhos da comissão de juízes que realizou essa tarefa.

Entre os plantéis que figuraram na mostra, um dêles está sob rigoroso contrôle de produção leiteira, pelo Ministério da Agricultura, enquanto outro, com animais da mesma origem, além do contrôle executado por aquêle Ministério, passará a ser controlado também pela Associação Paulista de Criadores de Bovinos, a pedido de seu proprietário.

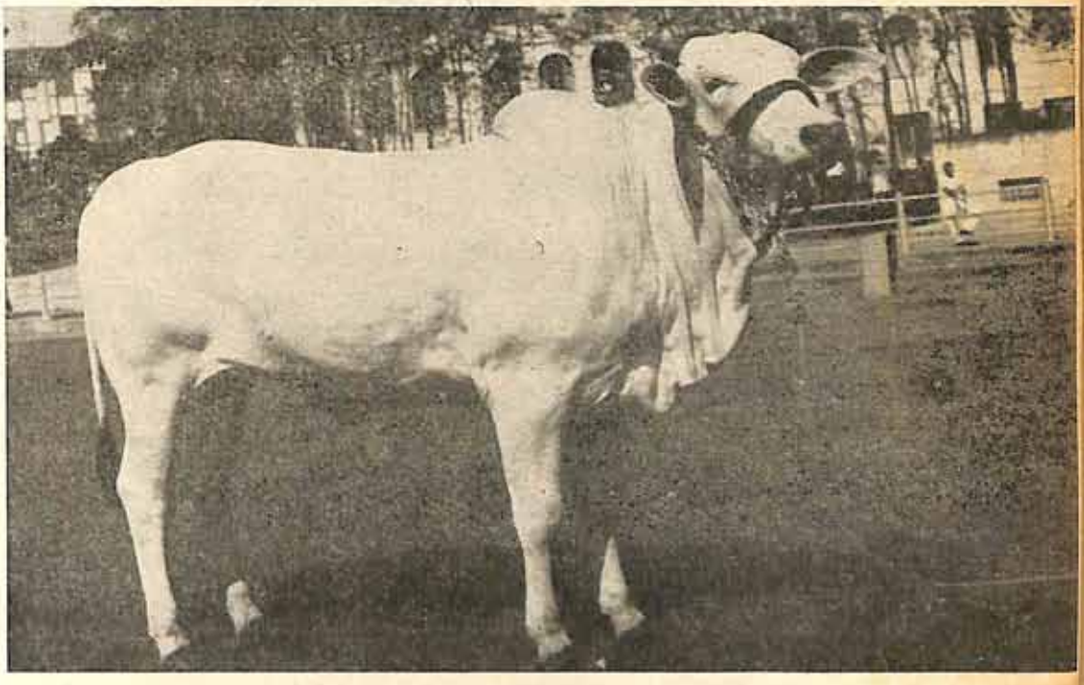
Os campeonatos foram assim distribuidos: campeão junior, Sintético, e campeã junior, Tagarela, ambos de propriedade da Companhia Engenho Central de Quissaman, Quissaman-RJ.; campeão senior, Eldorado, reservada campeã senior, Saquarema, e reservada campeã junior, Austrália, de propriedade do sr. Alyrio Jordão de Abreu, de Cantagalo-RJ; campeã senior, Valiosa, do sr. Eduardo Antunes Strang, de Lavínia-SP. O título

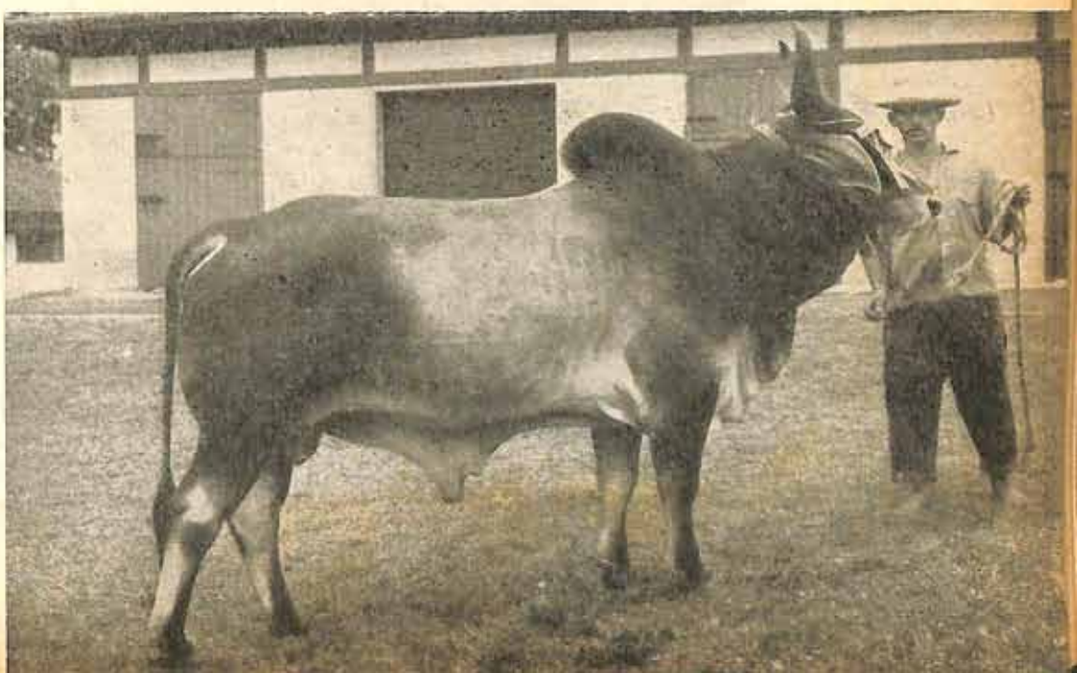


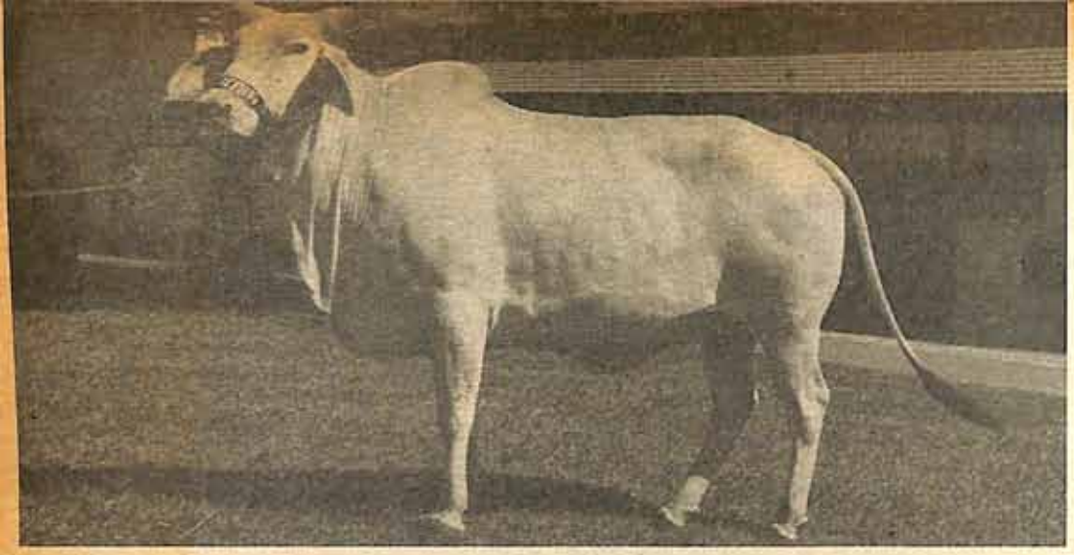
Em cima: Campeão junior — GARRIDO, nascido em 5-5-59, filho de Tupi e Dama, Expositor: Rubens de Andrade Carvalho, Fazenda Bruma, Barretos, Estado de São Paulo.

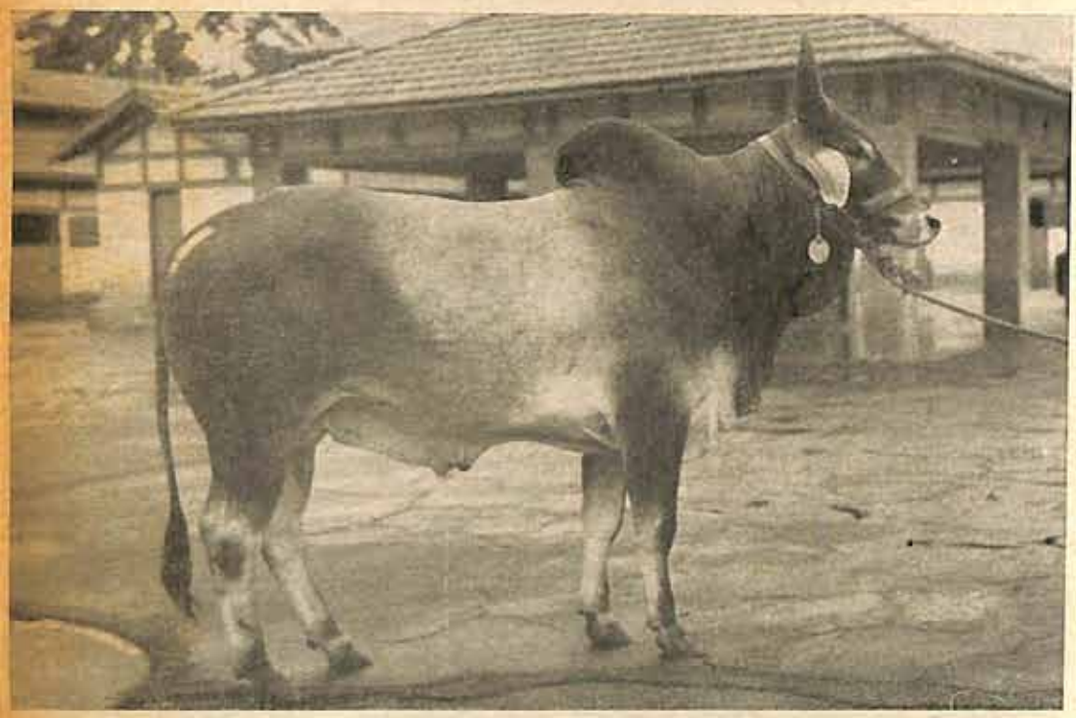
No centro: Campeão junior — OLARIA DE SANTA AMINTA, nascida em 3-7-59, filha de Fakir e Gaita. Expositor: Mario Slerca, Fazenda Aldeia Velha, Silva Jardim, Estado do Rio de Janeiro.

Embaixo: Campeão senior — ELDORADO, nascido em 3-6-58, filho de Farol J. A. e Bailarina. Expositor: Allyrio Jordão de Abreu, Fazenda Canaã, Cantagalo, Est. do Rio de Janeiro.









Em cima: Campeã senior — VALIOSA. Expositor: Donald W. Strang, Fazenda Corrego Azul, Estado de São Paulo.

No centro: Campeão junior — SINTÉTICO, nascido em 29-10-58, filho de Irídio e Goiaba. Expositor: Cia. Engenho Central de Quissaman, Quissaman, Estado do Rio de Janeiro.

Embaixo: Campeã junior — TAGARELA, nascida em 1-6-59, filha de Elegante e Pantomima. Expositor: Cia. Engenho Central de Quissaman, Estado do Rio de Janeiro.

de melhor conjunto senior da raça coube ao lote formado por Eldorado, Papoula, Saquarema e Austrália, pertencente ao sr. Alyrio Jordão de Abreu, de Cantagalo-RJ, e o melhor conjunto de progênie de pai foi o grupo de animais integrado por Danilo, Valiosa, Janota e Dondoca, do sr. Eduardo Antunes Strang, de Lavínia-SP.

RAÇA SANTA GERTRUDIS

A raça Santa Gertrudis, de recente introdução em nosso meio criatório e que, mercê de suas qualidades, conquista, dia a dia, novos adeptos, esteve bem representada na última exposição da Água Branca. Os animais dessa raça, entre os quais sobressairam os representantes dos plantéis do King Ranch do Brasil e do sr. Guilherme de Campos Sales, foram alvo de grande admiração. Os campeonatos foram assim adjudicados: campeão senior, N.º 85, reservado campeão senior, N.º 238, reservada campeã junior, N.º 356, pertencentes ao King Ranch do Brasil Agro-Pastoril, de Pirapózinho-SP; campeão junior, Valete, do sr. Antônio Ribas Sampaio, de S. Paulo-SP; reservado campeão junior, Cervo, do sr. Washington Junqueira, de Olímpia-SP; campeã junior, Moldura, D. Rita Corrêa de Campos Sales, de Americana-SP. O melhor con-

IV EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO ZEBU

Os Can

RAÇA GIR

Campeão Junior — HAGIBE — Exp. Sixto de Campos Jarussi — Barretos.

Reservado Campeão Junior — HIBRIDO — Exp. idem.

Campeã Junior — AKIKO — Exp. Mamedi Mussi — Barretos.

Reservada Campeã Junior — UFINHA — Exp. idem.

Campeão Senior — CRAVEIRO — Exp. José Martins Canuto — Barretos.

Reservado Campeão Senior — HACER DE DISTINTO — Exp. Sixto de Campos Jarussi — Barretos.

Campeão Senior — PLATINA — Exp. João de Oliveira Guimarães — Barretos.

Reservada Campeã Senior — COFAP — Exp. Tarley Rossi Vilela — São José do Rio Preto.

Conjunto da Raça Junior — AKIKO — UFINHA — RIBALTA — INDEPENDÊNCIA — Exp. Mamedi Mussi — Barretos.

Conjunto da Raça Senior — HUNGRIA — TAYLOR — TRANSJORDANIA — Exp. Mamedi Mussi — Barretos.

Conjunto de Progênie de pai — INDEPENDÊNCIA — RIBALTA — UFINHA — AKIKO — Exp. Mamedi Mussi — Barretos.

Conjunto de Progênie de mãe — PLATINA — ARTISTA — Exp. João de Oliveira Guimarães — Barretos.

junto da raça foi o apresentado por D. Rita Corrêa de Campos Sales, com o lote formado por Picolé, Caçula, Moldura e Marina. O King Ranch do Brasil, com os animais de números 238, 269, 327 e 356, ficou de posse do título de melhor conjunto de progênie de pai.

BUFALOS

Decididamente, a criação de búfalos em nosso Estado toma grandes proporções. Isso não constitui supresa, uma vez que é incontestável a boa cotação económica que êsses animais vêm obtendo, além da aceitação de sua carne e do seu leite, largamente empregado no fabrico de queijos indispensáveis a certas iguarias tão disseminadas entre nós. Numerosas foram as representações expostas na Água Branca êste ano, ultrapassando a soma de 80 cabeças, predominando a raça Jafarabadi. Alcançaram destaque especial os animais dos rebanhos dos srs. José Jacinto da Silva, de Franca o qual segundo nos afirmaram, não tem mãos a medir na melhora de sua criação; Virgílio Pinto da Cruz, de Uberaba-MG; Aldo Beretta, de São Miguel Arcanjo-SP; Paulo Monteiro da Silva, de Pariquera-Açú-SP; e dos Sucessores de Olivo Gomes, de Jacareí-SP.

eões

RAÇA NELORE

Campeão Junior — GARRIDO — Exp. Rubens de Andrade Carvalho — Barretos.

Reservado Campeão Junior — ORIENTE DE SANTA AMINTA — Exp. Mario Slerca — Estado do Rio.

Campeã Junior — OLARIA DE SANTA AMINTA — Exp. Mario Slerca — Estado do Rio.

Reservada Campeão Junior — ASSEMBLEIA EDÚ — Exp. Theodoro Eduardo Duvivier — Estado do Rio.

Campeão Senior — MOCAMBO DE STA. AMINTA — Exp. Theodoro E. Duvivier — Est. do Rio.

Reservado Campeão Senior — EGIPCIO — Exp. Rubens de Andrade Carvalho — Barretos.

Campeão Senior — NOVENA DE STA. AMINTA — Exp. Theodoro E. Duvivier — Est. do Rio.

Reservada Campeã Senior - MADRI DE STA. AMINTA — Exp. Mario Slerca — Est. do Rio.

Conjunto da Raça Junior — JACA — JERSEY — JUMBO — JANELÃO — Exp. Silvio de Castro Cunha — Uberaba — Minas.

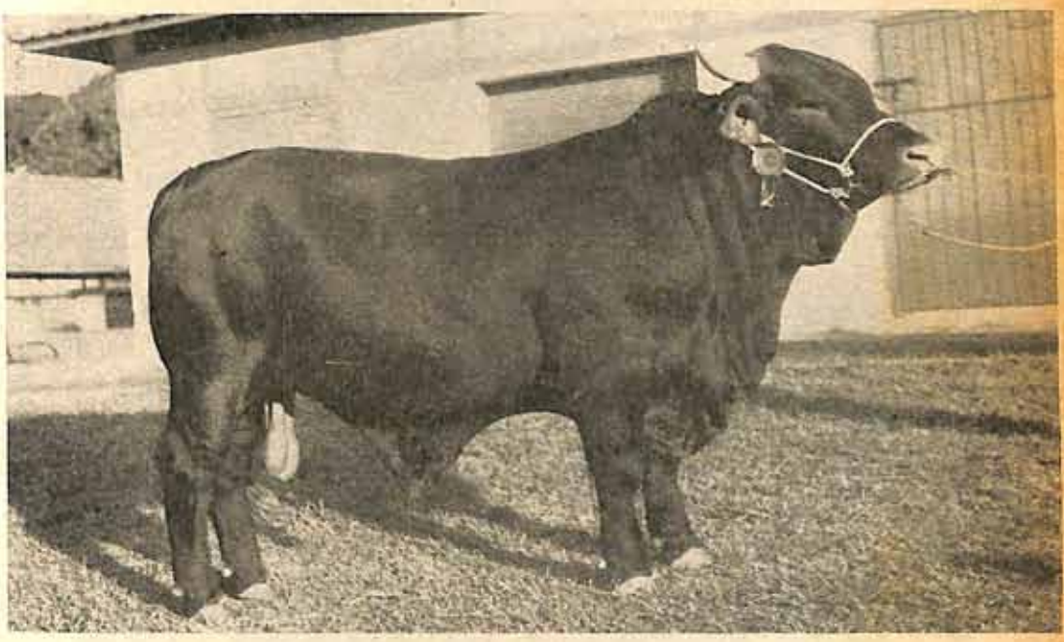
Conjunto da Raça Senior — LADINA — JAULA — HÉLICE — HODIERNE — Exp. Donald Antunes Strang — Araçatuba.

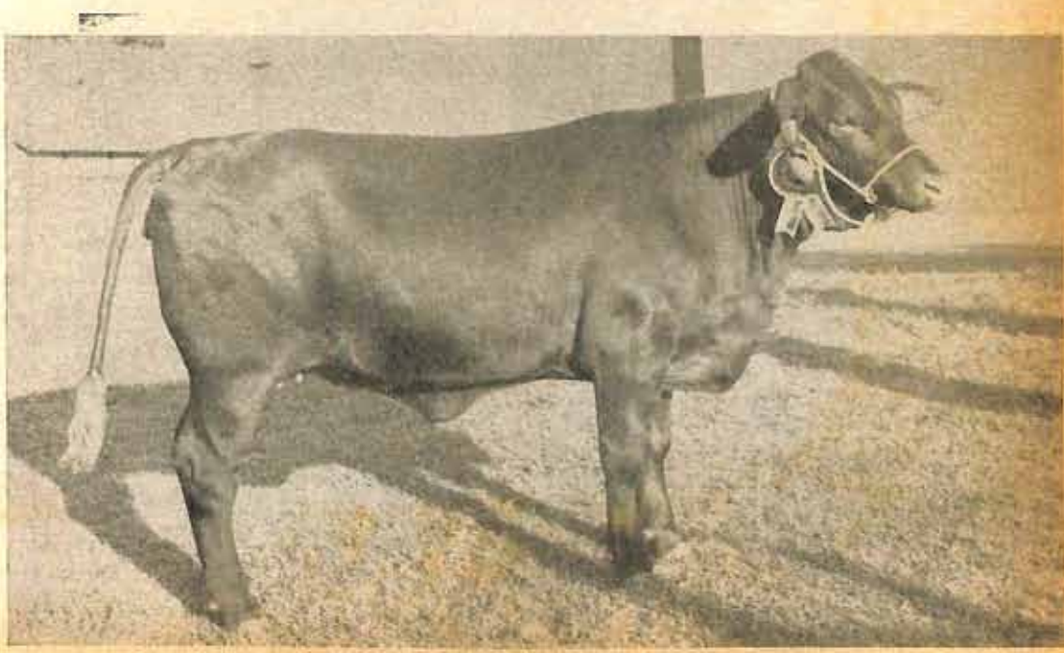
Conjunto de Progênie de pai — MOCAMBO — MADRI — NOVENA — OLARIA — Exp. Theodoro E. Duvivier — Est. do Rio.

Em cima: Campeão senior — N.º 85 — nascido em 1957. Expositor: King Ranch do Brasil Agro-Pastoril, Fazenda Mosquito, Pirapòzinho, Estado de São Paulo.

No centro: Campeão junior — VALETE, 45 — nascido em 13-9-59, filho de Texas e Fortina. Expositor: Antonio Ribas Sampaio.

Embaixo: Campeão — MOLDURA, 44 — nascida em 12-8-59, filha de Texas e Pimenta. Expositor: Dona Zita de Campos Salles, Fazenda Angélica, Americana, Est. de São Paulo.





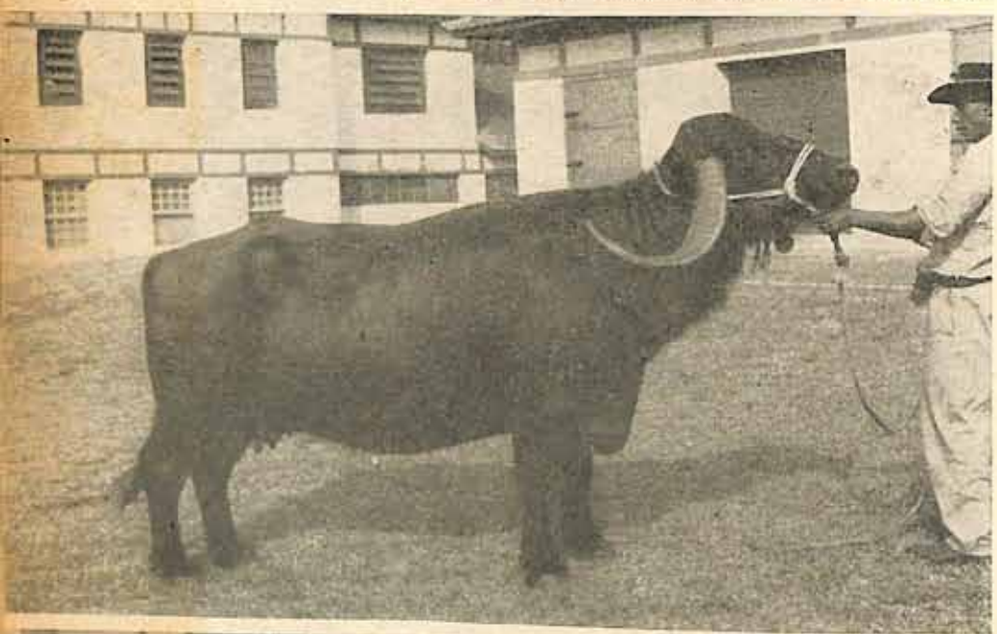
Em cima: Melhor macho adulto — CONGO — Filho de Gamelão e Estrangeira. Expositor: Virgilio Pinto da Cruz, Fazenda Boscobel, Uberaba, Minas Gerais.

No meio: Melhor fêmea adulta — GAIOLA — Nascida em 1953 — Pai: Napoleão.

Expositor: José Jacintho da Silva, Fazenda Barbara, Franca, Estado de São Paulo.

Embaixo: Melhor macho jovem — GAIOLA II — Nascido em 1960 — Pai: Napoleão.

Expositor: José Jacintho da Silva, Fazenda Santa Bárbara, Franca, Estado de S. Paulo.



RAÇA SANTA GERTRUDIS

Campeão da Raça Senior — N.º 85 — Exp. King Ranch do Brasil Agro-Pastoril — Piraposinho.

Campeão Junior — VALETE — Exp. Antonio Ribas Sampaio — São Paulo.

Campeã Junior — MOLDURA — Exp. Zita Correa de Campos Salles — Americana.

Melhor Conjunto da Raça — PICOLÉ — CAÇULA — MOLDURA — MARINA — Exp. Zita Correa de Campos Salles — Americana.

Melhor Conjunto de Progênie de Pai — N.º 238 — N.º 269 — N.º 327 — N.º 356 — Exp. King Ranch do Brasil Agro Pastoril — Pirapozinho.

RAÇA ZEBU MOCHA

Melhor Conjunto da Raça — SONHO — CHICARA — GRAMINHA — BRAMA — Exp. Dr. Alberto Ortenblad — Tabapoã.

BÚFALOS — RAÇA JAFARABADI

Melhor Macho Jovem — GAIOLA II — José Jacinto da Silva — Franca.
Melhor Fêmea Jovem — CABANA I — José Jacintho da Silva — Franca.
Melhor Macho Adulto — CONGO II — Virgilio Pinto da Cruz — Uberaba.
Melhor Fêmea Adulta — GAIOLA — José Jacintho da Silva — Franca.

Melhor Conjunto de Raça Jovem — GAIOLA — CAÇAMBA II — GOIANA

IV EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO ZEBU

A Carne vai-se t

produto, da Ag

Discurso do dr. Rubens F. de M de Nelore do Brasil, proferid

Hoje comemoramos três fatos historicos em uma unica festa. Festa de congraçamento da pecuaria, que, pelos seus legitimos representantes, todos os anos aqui se realiza nesta mesma data.

O primeiro fato que comemoramos é a lição de independencia daquele patriota Alferes Joaquim José da Silva Xavier, homem pobre mas nobre de carater, e de modesta origem, o Tiradentes, que, empunhando a bandeira da nossa independencia, tinha como divisa a frase: "Liberdade ainda que tardia". E sob este lema iniciou o movimento da independencia de nossa Patria. A lição durissima e monstruosa que recebeu devia mostrar aos brasileiros do Vice-Reinado o perigo da rebeldia. O resultado foi contraproducente, pois a sorte de Tiradentes serviu, isso sim, para que a terra patria, regada de sangue do martir, mais depressa ansiasse e lutasse pela liberdade.

Outro fato historico que comemoramos hoje, consequencia do sangue derramado pelo martir da independencia, como que se ainda passados os seculos, o sangue de Tiradentes continuasse a correr pelo solo brasileiro, espraiando-se pela terra, é a penetração do sertão brasileiro, com a implantação da nova capital no coração do nosso Brasil: Brasilia.

Simbolo de progresso do nosso Brasil, que no futuro demonstrará quão acertada foi essa providencia, mudando a capital

— CABANA I — José Jacintho da Silva, de Franca.

Melhor Conjunto de Raça Adulto — GOLIAS — GOIANA — PANDEIRA — GAIOLA — José Jacintho da Silva, de Franca.

RAÇA MURRAH

Melhor Macho Jovem — KING — Exp. Aldo Beretta — São Miguel Arcanjo.

Melhor Fêmea Jovem — PRIMAVERA — Exp. Paulo Joaquim Monteiro da Silva — Pariquera-Açu.

Melhor Macho Adulto — MATÃO — Exp. Francisco Malzoni — Matão.

Melhor Fêmea Adulta — CUMBUCA — Exp. Paulo J. M. da Silva — Pariquera-Açu.

Melhor Conjunto Jovem — KING — MAIA — MARA — MIRKA — Exp. Aldo Beretta — São Miguel Arcanjo.

Melhor Conjunto Adulto — MATÃO — BONITA — BALEIA — ODALISCA — Exp. Francisco Malzoni — Matão.

EQUINOS DE TODAS AS RAÇAS REGISTRADOS

CAMPEÃO — LIGEIRO — Exp. Pedro Ferrerias — Atibaia.

ASININOS — RAÇAS NACIONAL REGISTRADOS

CAMPEÃO e 1º Prêmio — TARZAN — Exp. José Marques da Costa — Carandaí — Minas Gerais.

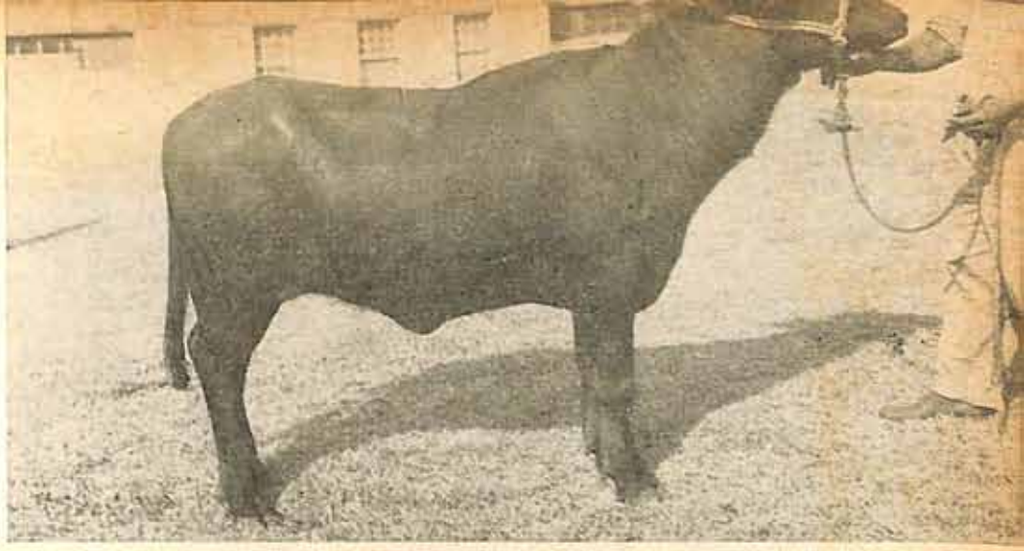
...ndo o primeiro ...ultura paulista

...idente da Assoc. dos Criadores da inauguração do certame.

para o coração geografico da Patria, permitindo assim que o governo possa manter um contato estreito com os problemas de nossa terra, sentindo os anseios de um povo que em sua maioria habita o interior da Patria. A todos os que mourejaram, ou ainda mourejam na forja da brasilidade, desde o mais modesto brasileiro até o mais ilustre representante do povo, a homenagem dos pecuaristas do Brasil.

Finalmente, o ultimo fato historico que comemoramos nesta data é a pujança do desenvolvimento da pecuaria nacional e em especial do Estado de São Paulo, onde o paulista, acompanhando o ritmo de progresso da terra de Piratininga, em obediencia ao toque de clarim para lutar contra o subdesenvolvimento de seu povo, e nesta marcha vertiginosa de industrialização, vem corresponder aos anseios de suas necessidades, também no setor de pecuaria, com o que atingimos em 1960 com a carne se tornando o primeiro produto da agricultura paulista, suplantando em cruzeiros a propria produção cafeeira.

Parabens, companheiros. Parabens, porque desta forma estamos trabalhando par a par com o surto industrial de nossa terra. Um povo, quanto mais desenvolvido, mais necessita de proteinas de origem animal. Mais leite, mais ovos, mais carne. E bem disse o diretor do nosso Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agri-



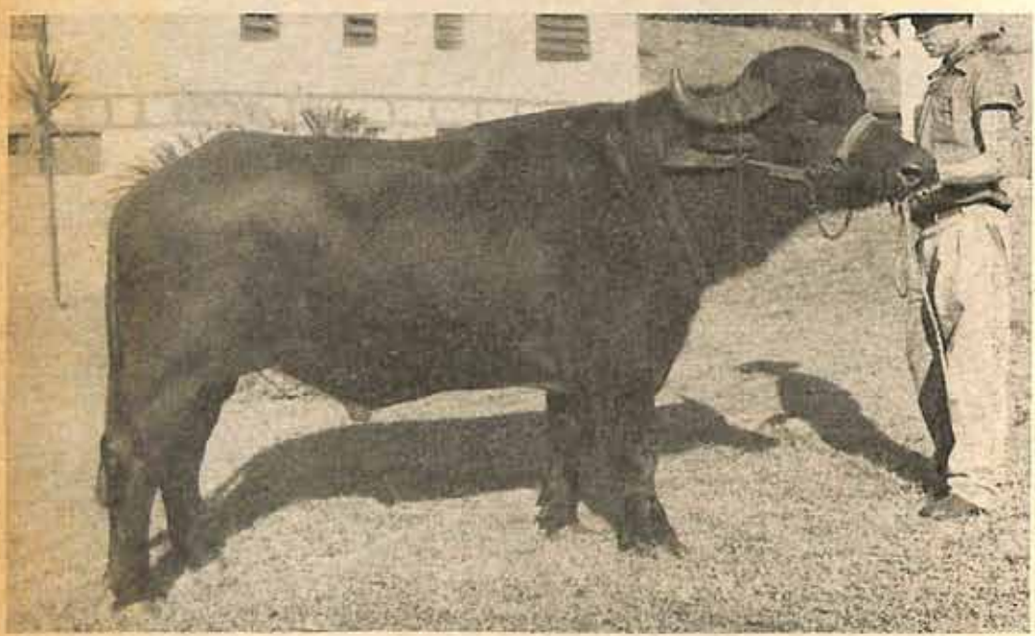
Em cima: Melhor fêmea jovem — CABANA I — Nascida em 1960 — Pai: Napoleão. Expositor: José Jacintho da Silva, Fazenda Santa Bárbara, Franca, Estado de São Paulo.

No meio: Melhor macho adulto — MATÃO — Nascido em 1951 — Mãe: Baleia. Expositor: Francisco Malzoni, Fazenda Aquidaban, Matão, Estado de São Paulo.

Embaixo: Melhor fêmea adulta — CUMBUCA — Nascida em 1955 — Expositor: Paulo Joaquim Monteiro da Silva, Fazenda Santa Irene do Sul, Pariquera-Açu, Est. de São Paulo.

Em cima: Melhor macho jovem — KING — nascido em 20-2-59 — filho de Rajá e Regina. Expositor: Aldo Bereta, Fazenda Santo Antonio, São Miguel Arcanjo, Estado de São Paulo.

Embaixo: Melhor fêmea jovem — PRIMAVERA — nascida em abril de 1958. Filha de Paraíso e Bolivia. Expositor: Paulo Joaquim Monteiro da Silva, Fazenda Santa Irene do Sul, Pariquera-Açu, Estado de São Paulo.



cultura, o dr. João Barrison Vilares, o mercado é que dirige a produção agricola: o agricultor não planta arroz, milho, feijão, batata ou mandioca porque queira plantar esses produtos: ele planta aquilo que o mercado consumidor exige e de que tem necessidade.

E o que o mercado consumidor exige? Produtos de origem animal: leite, carne, ovos, etc.

A carne é o unico produto que hoje no mundo é procurado por todos os países. Permitisse o governo a venda deste produto para o Exterior e veriamos a fome que o mundo é procurado por todos os países, que todos nós sentimos a necessidade de cautela nas medidas de carater financeiro, na distribuição da carne.

Assim, pois, é a carne o primeiro produto da agricultura paulista, com uma perspectiva grandiosa de expansão para o futuro. Esperamos que os nossos governantes, atentos a este ponto e encarando o desenvolvimento industrial do País, amparem a pecuaria paulista, especialmente o Zebu, essa maravilhosa maquina de produzir carne, a unica compativel com o clima semitropical do Brasil, que está em condições de enfrentar as dificuldades do meio, as endemias, as epizootias, o clima, o solo e as dificuldades de locomoção.

Neste momento, em que falamos de Zebu, quero lembrar às classes produtoras de São Paulo, á industria e ao comercio, e a outros setores da economia paulista, que, para a sua propria subsistencia, necessario se torna que elas amparem e prestigiem a agricultura e a pecuaria, porque ambas constituem o alicerce para uma industria forte. E' na agricultura que está o mercado consumidor dos produtos industrializados, e é da agricultura e pecuaria que vêm os meios de alimentação dos que trabalham na industria. Não se esqueçam, portanto, os industriais e os homens do comercio, de que sómente de mãos dadas com a agricultura e a pecuaria, apoiando as suas reivindicações, que em ultima analise tambem são as deles, é que poderão sobreviver neste turbilhão que estamos atravessando, com as dificuldades de toda a sorte.

Aqui convém lembrar alguns dados estatisticos, que poderão demonstrar bem a situação em que nos encontramos. Do total da produção no Brasil, em todos os setores, verificamos que, em valor monetario, a agricultura concorre apenas com 3% da produção e as outras fontes representam 87%. Pois bem, estes 3% que a agricultura produz, estes miseros 3% correspondem, na exportação do Brasil, a 70% das divisas que o país arrecada. 70%, meus senhores.

Vejam, por aí, o peso que a agricultura tem em seus ombros, para sustentar o País. Por essa razão, os pecuaristas esperam que o governo, sempre atento aos interesses da Nação, analise e oriente a produção pecuaria. Que facilite e incremente o desenvolvimento industrial de nossa terra, e para que as classes produtoras da industria e do comercio se unam a nós para sua propria subsistencia e para que seus operarios tenham elementos de vida, compativeis com o meio em que vivem.

Minhas ultimas palavras quero que sejam para os companheiros, que aqui vieram colaborar conosco e com o governo do Estado, trazendo o produto de seu trabalho e de sua seleção, para mostrar ao povo de São Paulo o que somos capazes de produzir, em favor de maior quantidade e de melhor qualidade de carne.

Para mostrar que o zebu, essa maquina maravilhosa de produzir carne, pela sua rusticidade, precocidade e longevidade, está a cada dia ampliando o numero do nosso rebanho bovino.

Aos criadores de bufalos, que aqui vieram com esta magnifica representação, quero externar o agradecimento pela cooperação e tambem pela demonstração de que, mesmo nos lugares onde o boi não está em condições de se desenvolver, existe outra maquina capaz de produzir proteinas: o bufalo.

Aos criadores das demais raças tambem a nossa palavra de agradecimento; ao povo de São Paulo, que aqui veio nos visitar, para aprender e conviver conosco, o nosso reconhecimento; tambem nossos agradecimentos à imprensa, que sempre soube compreender os altos objetivos e os problemas da pecuaria; ás autoridades governamentais que nos prestigiaram e nos auxiliaram para o exito desta mostra de gado, o nosso muito obrigado, e nosso agradecimento aos funcionarios do Departamento da Produção, que hoje, como sempre, demonstraram sua capacidade de trabalho e sua dedicação às boas iniciativas.

Visite a

I EXPOSIÇÃO ESTADUAL ESPECIALIZADA DE GADO HOLANDÊS

em

CAXAMBÚ

10 DE SETEMBRO DE 1961

EXPANDE-SE A CRIAÇÃO DE BÚFALOS EM SÃO PAULO

NO RECENTE CERTAME DA ÁGUA BRANCA FORAM EXPOSTOS 114 EXEMPLARES

Pela primeira vez, a Associação de Criadores de Búfalos do Brasil participou da organização de um certame na Água Branca. Mas, foi a quarta vez que seus associados expuseram naquele parque. Vale ressaltar esses pormenores, para que se evidencie a importancia que vai assumindo em nosso Estado a criação de bubalinos e a projeção que a respectiva associação alcança entre os produtores. Tais fatos nos levaram a procurar ouvir os diretores dessa entidade social e, dentre eles, o presidente em exercicio, sr. Paulo J. Monteiro da Silva.

Criador em Pariquera-Açu, onde mantem numeroso e valioso plantel de búfalos, o sr. Paulo J. Monteiro da Silva alia ao entusiasmo dos moços o conhecimento da criação a que se dedica, o que o tornou um dos mais autorizados representantes dessa categoria de pecuaristas. Sua palavra, alem de representar uma opinião pessoal, por certo que constitui a expressão da opinião média da classe.

O ÊXITO DO CERTAME

Como não podia deixar de ser, nossa primeira pergunta, para começo de conversa, se referiu à realização da exposição. A resposta do distinto criador foi positiva:

— No tocante aos objetivos e interesses da Associação de Criadores de Búfalos do Brasil, o recente certame alcançou pleno êxito. Foi esta, aliás, a primeira exposição em que esta entidade social participou ativamente, como uma das organizadoras.

O numero de inscrições superou largamente nossa previsão: a Associação pretendia apresentar 60 exemplares, afim de lotar completamente um dos pavilhões do Parque da Água Branca, mas para surpresa geral, apresentaram-se 94 animais adultos e mais duas dezenas de bezerros, perfazendo o total de 114 bubalinos.

Pela primeira vez, os visitantes tiveram oportunidade de ver um grande pavilhão totalmente ocupado, o que naturalmente teve larga repercussão, com reflexo nos meios de divulgação, jornais da Capital e de outros Estados e noticiario da televisão.

Nossos associados cuidaram de apresentar um conjunto de alta classe, não apenas numerosos, mas perfeitamente preparados. E vale notar que, embora a participação de búfalos em nossas exposições seja relativamente recente, de ano para ano se verifica melhora do nivel zootecnico, demonstrando o progresso e desenvolvimento da criação desse util animal doméstico. Foi esta a quarta exposição realizada na Água Branca, de que participaram bubalinos, evidenciando-se o aumento do numero de criadores no Estado.

FALHAS E PROBLEMAS

— O julgamento de búfalos apresenta certos problemas e dificuldades, enquanto não se dispõem de padrões oficiais para as raças existentes no País. Todavia, a classificação, feita por um técnico reconhecidamente competente e respeitado por todos os criadores, satisfez plenamente: não houve queixas ou reclamações, mas aprovação geral de criadores, expositores e técnicos.

Ao contrario do que se observa com as demais especies, a maioria dos expositores não tinham intenções de vendas, presentemente, pois cuidam apenas do aumento de seu plantel.

A PROPAGANDA E O PUBLICO

— Maior propaganda prévia do certame, e maior divulgação aos resultados alcançados — constituiriam um prêmio aos criadores e organizadores do certame. Julgamos que a publicidade previa e durante o certame foi deficiente: no mundo moderno, a publicidade para qualquer realização é indispensavel.

O recinto deve ser franqueado ao publico, que precisa tomar conhecimento do laborioso esforço do criador brasileiro, que lhe garante a subsistencia. No caso particular do búfalo, ficou o povo sabendo que se trata de animal pacato, extremamente manso e com funções economicas perfeitamente definidas.

A "REVISTA DOS CRIADORES"

As palavras finais do presidente da Associação de Criadores de Búfalos do Brasil constituem um incentivo à "Revista dos Criadores":

— A Associação de Criadores de Búfalos do Brasil se congratula com a "Revista dos Criadores" pela excelente divugação de nossos certames e pela abertura de debates sobre sua organização e objetivos, o que é cooperar para a elevação do nivel tecnico das atividades agro-pecuarias.

O CERTAME...

(Conclusão da pág. 24)

faltou publicidade. Aliás, devemos estender a nossa publicidade não apenas ao País mas tambem ao Exterior. Os nossos certames pecuarios precisam ser realizados de modo que tenham atrativos que os transformem em verdadeiro motivo de turismo. Criadores sul-americanos poderiam ter vindo aqui, senão para se abastecer de imediato com os nossos exemplares à venda, mas, pelo menos, para conhecer o que temos feito e, oportunamente, adquirir o sangue novo de que se ressentem seus rebanhos de corte.

— E o ingresso no recinto da exposição deve ser cobrado?

— Sim, para que seja possivel aos promotores do certame custear um programa deveras atraente.

FAZENDA DA CHÁCARA

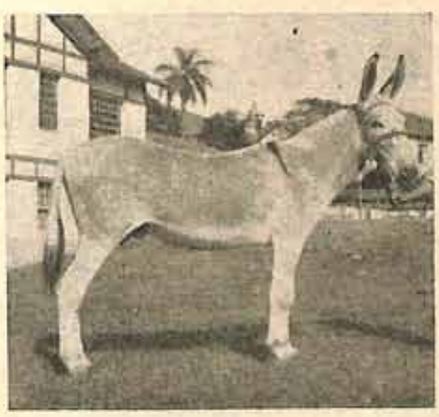
Prop. de José Marques da Costa

Município de Carandaí - E.F.C.B.

Estado de Minas Gerais

—o—

TARZAN, filho de Diamante e Floresta, com 6 anos, registrado sob n.º 94, na Associação de Jumentos da Raça Pêga. Primeiro Prêmio e CAMPEÃO da raça, na IV Exposição-Feira de Zebu e de Cavalos, realizada em abril dêste ano, na Água Branca.



Desde remota era, nas mais acidentadas regiões do nosso imenso País, a tração animal sempre prestou inestimáveis serviços às atividades rurais. Ainda hoje, embora estejamos na idade mecanizada, o Brasil não prescinde dessa prática, não só pela extravagância do solo, inacessivel aos modernos engenhos, mas ainda pelo seu baixo custo, comparado à maquinaria custosa.

Por isso é que o previdente e tradicional povo mineiro, não permitiu se extinguissem os rebanhos dos prestimosos asininos de que a região de Carandaí é matriz. Lá se encontram ainda hoje e quiçá por muito tempo, êsses nobres animais que representam o passado, o presente e quem sabe, o futuro do Brasil. — G. C.

IV EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO ZEBU

O CERTAME ALCANÇOU O OBJETIVO VISADO

Dificiente a publicidade, que deveria ter alcançado o País todo e o Exterior

Como de costume, durante a Exposição de Zebu, procuramos ouvir as pessoas mais capacitadas para se manifestar a respeito. Ora, tendo os criadores de Gir apresentado 42% dos bovinos exibidos, natural seria que registrassemos a opinião de seu natural representante, no caso, o presidente da Associação de Gado Gir. Fomos encontrar à testa dessa entidade, exercendo a respetiva presidencia, o dr. Helio Motta, adiantado criador no municipio de Baurú e grande afeiçoado do Gir, cuja difusão tem nêle um apaixonado promotor. Aliás, trata-se de um cidadão afeito a empreendimentos sociais, desde os verdes anos em posição de liderança: em verdade, seu nome ficou ligado a grandes campanhas politicas estudantis de combate à ditadura que por longos anos oprimiu o povo brasileiro. Deslocando sua atividade para o terreno da produção pecuaria, os antecedentes não o desmentiram.

Num instante de calmaria nos dias movimentados da IV Exposição Feira de Zebu e Outras Raças de Corte, pudemos conversar a respeito do que ali se verificava. Respondendo à nossa primeira pergunta, disse-nos o dr. Helio Motta:

— Considero que o certame alcançou o objetivo para o qual foi organizado. Entretanto me parece que teria sido conveniente que o Govêrno do Estado tivesse apresentado também seus animais, afim de que fossem cotejados estes com o dos particulares. Ademais, teriamos todos a oportunidade de observar os resultados alcançados pelo poder publico no setor pecuario. A este proposito digamos logo que o nivel tecnico do gado exibido agradou. Verificamos com satisfação que sensiveis melhoras ocorreram em relação aos certames anteriores, dando boa idéia do progresso que se assinala na criação de animais de açougue.

Falamos da apresentação de bufalos, pela primeira vez, em certames na Agua Branca. O nosso entrevistado colheu a deixa, para nos dizer:

— A impressão causada por esses animais foi muito boa, tendo, por certo, grangeado adeptos a sua criação. Todavia, me parece que bufalos não deveriam figurar em exposições especializadas de bovinos. Para êles, esperamos que em breve haja tambem certames especiais, o que, aliás, o desenvolvimento da respectiva criação está a exigir.

CLASSIFICAÇÃO, PREMIOS E SISTEMA DE VENDAS

O premio é sempre um estimulo ao criador. Que fazer para premiar aqueles que, sem ter obtido os campeonatos, demonstram ser criadores capazes? O dr. Helio Motta responde-nos, incisivo:

— Ora, conceder premios a todos os animais classificados.

E dos prêmios passamos à classificação. O julgamento teria satisfeito aos criadores. O nosso entrevistado responde:

— Houve pequenas falhas, sem maiores consequencias. Mas, de um modo geral, foi considerado satisfatorio o julgamento. O interessante seria que os julgadores justificassem suas decisões e o criterio adotado, como já tem sido feito em outros certames. É uma garantia para eles e uma lição para os criadores e interessados. E assim teriamos completado uma das funções das exposições, qual a de instruir.

Outra função da exposição-feira é ensejar oportunidade para negocios de gado. Houve grandes negocios, mas poderia ter havido outros. E porque não se registraram/

— A resposta somente pode ser uma: é preciso melhorar as bases e as condições de financiamento — respondeu-nos o adiantado criador.

A PREPARAÇÃO DO CERTAME

A organização de uma exposição abrange uma serie de problemas, que precisam ser resolvidos a tempo e hora, de maneira que a respectiva solução concorra para o êxito do cometimento. É necessario desenvolver ampla campanha de publicidade, no que se incluem os convites aos criadores; é necessario estabecicer critérios de seleção dos animais e, posteriormente, organizar o respectivo catalogo, afim de que possa vir a ser deveras util aos interessados, e, afinal, diligenciar para que o programa apresente atrativos para o publico que não se interesse apenas pelos animais expostos. Uma exposição não se destina sómente aos criadores e aos já interessados, mas deve pretender interessar na criação outras pessoas e, concomitantemente, tornar-se um ponto de encontro com fins educativos. Estas nossas considerações visavam esta pergunta: quem pode executar essa tarefa? O dr. Helio Motta responde:

— Uma comissão indicada pelas associações de criadores e constituida pelo menos cento e vinte dias antes do inicio da exposição, deveria tomar a si todos esses encargos e promover a respectiva execução pela maneira mais eficiente e, pois, economica. Desta vez, a repercussão do nosso certame no País não foi a desejada. Por que? Porque

(Conclui na pág. 23)

A raça Gir liderou as vendas

Encerrada a IX Exposição-Feira de Zebu e outras Raças de Corte, devemos voltar nossa atenção para os seus resultados. Sem dúvida, o certame teve aspectos favoráveis. Não obstante o número de animais inscritos nãotenha sido muito superior ao do ano passado, podemos afirmar que a sua qualidade foi boa. Todas as raças presentes, principalmente os Zebuinos, demonstraram o grande trabalho seletivo que os nossos criadores estão desenvolvendo. Entretanto, devemos destacar a Raça Gir que, como sempre, batendo todos os recordes, foi a maior representação do certame: dentre 360 bovinos inscritos, compareceu com 151 animais, o que representa 42% do total.

Do ponto de vista econômico, podemos assinalar que a orientação atualmente seguida pelos Giristas tende a colocar em seu devido lugar uma raça que, no País, já conseguiu notável desenvolvimento. O pêso, a precocidade, a qualidade da carne, a mansidão desses animais e a oportunidade de negócio têm-no demonstrado.

A Exposição que se encerrou apresentou um movimento de negócios que ultrapassou a espectativa. Senão, vejamos:

Raça	Animais vendidos	Valor em Cr$
GIR	58	5.105.000,00
NELORE	15	1.370.000,00
GUZERÁ	4	260.000,00
BUFALOS	5	330.000,00
EQUINOS	5	114.000,00
ASININOS	7	180.000,00
TOTAIS	94	7.359.000,00

Nessa relação não está incluido o movimento do leilão, que acusou a importância de Cr$ 350.000,00 para seis animais, também da raça Gir. Assim, o total geral atingiu a importância de Cr$ 7.709.000,00 para 100 animais, 64 dos quais eram da raça Gir.

Devemos também observar que o maior preço foi o de um macho da raça Gir, com dois anos de idade, adquirido pela importância de Cr$ 300.000,00.

A FAZENDA S. PAULO de Paulo Pulice & Irmãos

apresenta

Um conjunto de espécimes do seu famoso rebanho, que pela generosidade do seu sangue, tem como missão infundir maior possibilidade de transmissão, não só das caracteristicas da raça, mas precocidade, rusticidade e pêso.

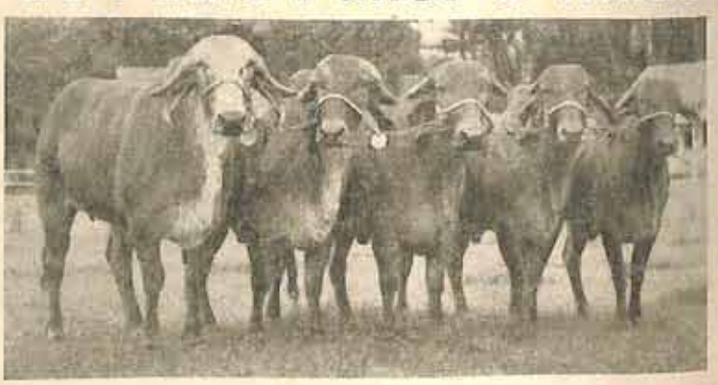
—o—

ENDERÊÇO:

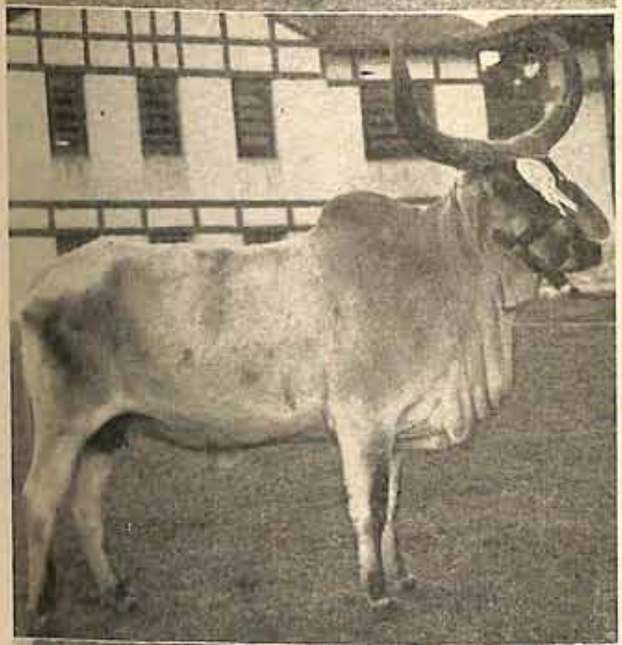
Rua Siqueira Campos, 3626

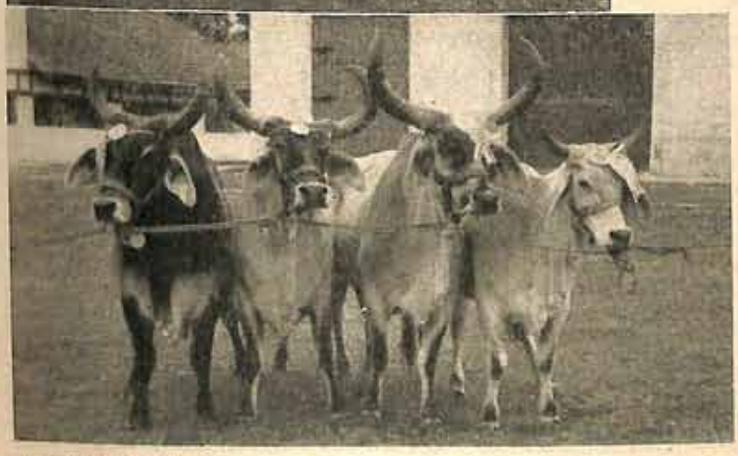
Fone 1453

S. JOSÉ DO RIO PRÊTO - Est. de São Paulo



Um rebanho indiano sob regime de contrôle leiteiro!





a
FAZENDA CANAÃ

apresenta
integrantes do seu rebanho,
premiados na IV Exposição de Zebu,
realizada em S. Paulo

GUZERÁ *JA*

Manso,
Leiteiro e
Manteigueiro
(Teor de gordura até 11%)

O único plantel particular que se submete ao rigoroso controle de produção leiteira do Ministério da Agricultura

---

ALLYRIO JORDÃO DE ABREU

FAZENDA CANAÃ

Estação Bôa Sorte — Telefone PS 1
Município de Cantagalo - Est. do Rio

Em cima: ELDORADO JA, filho de Faról JA, Grande Campeão da Raça, com 2 anos e 10 meses e pesando 645 quilos.

No meio: SAQUAREMA JA, Reservada Campeã da Raça, produziu 2.913 quilos de leite em 284 dias de lactação.

Em baixo: MELHOR CONJUNTO DA RAÇA, formando por: "Australia JA", reservada campeã junior; "Saquarema JA", reservada campeã senior; "Papoula JA", que produziu 2.673 quilos de leite em 258 dias e pesando 527 quilos e "Eldorado JA", Campeão da Raça.

THEODORO EDUARDO DUVIVIER

Escritório: AVENIDA GRAÇA ARANHA, 57 - 5.º Andar — TEL.: 57-1164 E 42-0463
RIO DE JANEIRO - EST. DA GUANABARA - BRASIL.

Classificação de alguns NELORE "Santa Aminta", na

"IV EXPOSIÇÃO DE ZEBU E OUTRAS RAÇAS DE CORTE",

INAUGURADA EM S. PAULO, EM 21 DE ABRIL DE 1961

9 PRÊMIOS

MOCAMBO DE STA. AMINTA — 1.º Prêmio e "Grande Campeão"
NOVENA DE STA. AMINTA — 1.º Prêmio e "Grande Campeã"
NÚBIA DE STA. AMINTA — 2.º Prêmio na categoria da anterior
ASSEMBLÉIA EDÚ — 1.º Prêmio e "Res. de Campeã Jor."

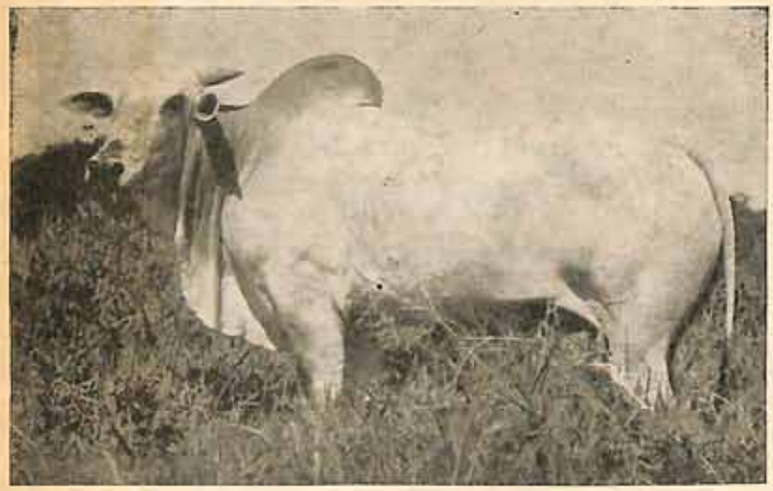
COM

AO MELHOR CRIADOR DE NELORE: "Taça Govêrno do Estado do Rio".
AO MELHOR CONJUNTO DE PROGÊNIE DE PAI: "Taça Govêrno do Estado de São Paulo".

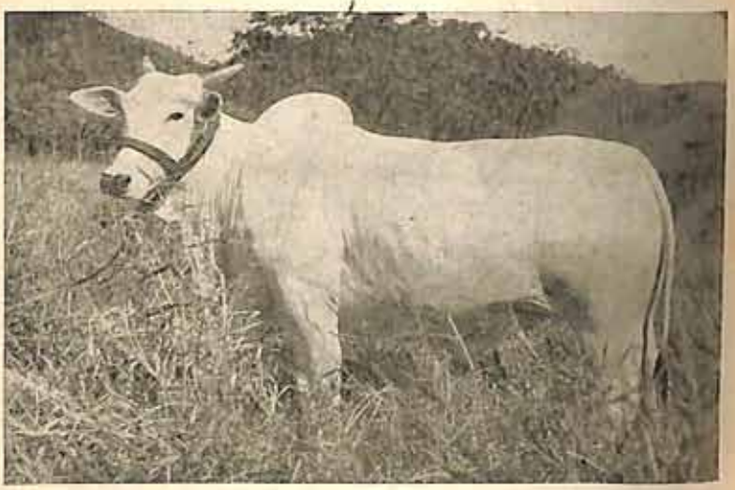
4 ANIMAIS

(Completado com 2 produtos expostos pelo Dr. Mário Slerca).

Conquistamos êste magnífico prêmio, pela 4.ª vêz, por filhas do incomparável raçador FAKIR DE S.TA AMINTA, de nossa criação e propriedade

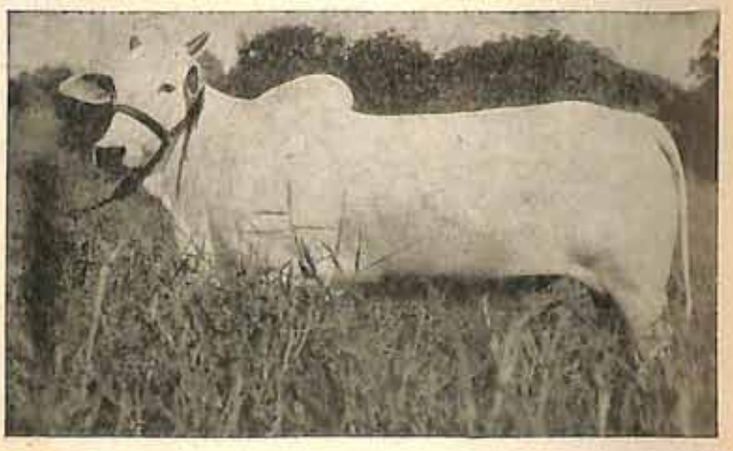


MOCAMBO DE SANTA AMINTA, "Grande Campeão da Raça", 1.º prêmio e o mais pesado da 14.ª categoria, com 753 quilos. E' filho de pai e mãe CAMPEÕES NACIONAIS DA RAÇA.



NOVENA DE SANTA AMINTA, com apenas 31 mêses, foi a "Grande Campeã da Raça", 1.º prêmio na 17.ª categoria, onde foi a mais pesada, com 445 quilos.

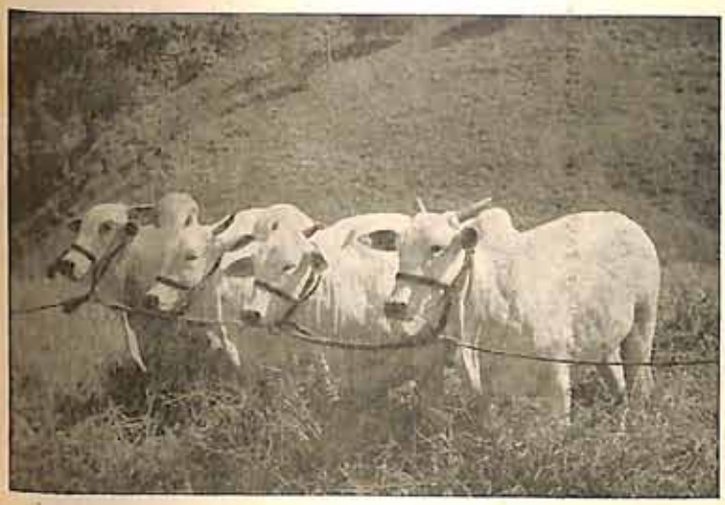
ASSEMBLÉIA DE EDÚ, "Reservada de Campeã Junior", 1.º prêmio na 10.ª categoria, sendo, entre as concorrentes, a mais nova e a mais pesada, com 530 quilos e 28 meses de idade!

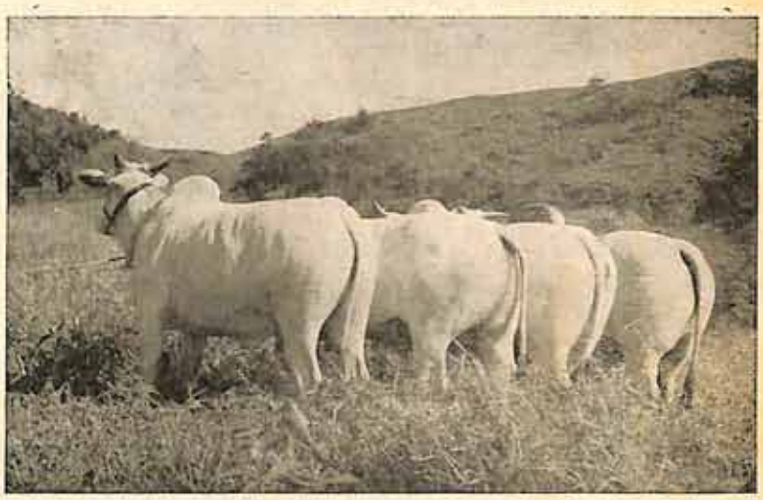


NÚBIA DE SANTA AMINTA, 2.º prêmio, só perdendo, na 17.ª categoria, no pêso (437 quilos) e na classificação do julgamento para a "Grande Campeã", NOVENA DE SANTA AMINTA.

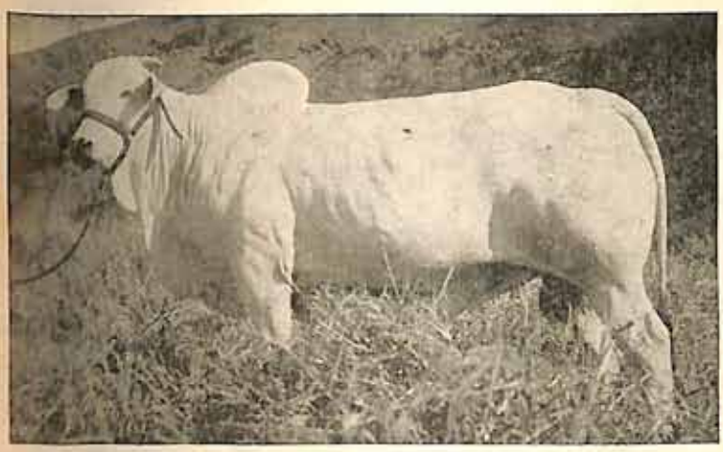
THEODORO EDUARDO DUVIVIER

Escritório: AVENIDA GRAÇA ARANHA, 57 - 5.º Andar — TEL.: 57-1164 E 42-0463
RIO DE JANEIRO - EST. DA GUANABARA - BRASIL.





O MELHOR CONJUNTO DE PROGÊNIE DE PAI, é o que se vê na fotografia acima, de frente e de dôrso. São filhos do incomparável "Fakir de Santa Aminta", o CAMPEÃO que dá filhos CAMPEÕES! De frente, da esquerda para a direita: MOCAMBO DE STA. AMINTA (Grande Campeão), MADRI DE SANTA AMINTA (Reservada de Grande Campeã), OLARIA DE SANTA AMINTA (Campeã Junior) e NOVENA DE STA. AMINTA (Grande Campeã). — (As nossas criôlas Olaria e Madri, pertencem ao Dr. Mário Slerca).



ORIENTE DE SANTA AMINTA, 2.º prêmio e "Reservado de Campeão Junior", com 22 meses, foi o mais pesado da sua numerosa categoria (4.º). Pesou 575 quilos. E' nosso crioulo e foi expôsto pelo seu proprietário, Dr. Mário Slerca.

OLARIA DE SANTA AMINTA, 1.º prêmio e "Campeã Junior", também nossa crioula e propriedade do Dr. Mário Slerca. Pesou 409 quilos. Na sua categoria (9.º), só foi suplantada, em pêso, por outra criôla nossa, ONDINA DE SANTA AMINTA (2.º prêmio) que pesou, aos 22 meses, 420 quilos!

"SANTA AMINTA": sempre o mais premiado! sempre o mais pesado!

Na "IV EXPOSIÇÃO DE ZEBÚ E OUTRAS RAÇAS DE CORTE", os Nelore portadores do sufixo SANTA AMINTA, expostos por nós ou por compradores nossos,

foram sempre os mais pesados nas

7 categorias em que concorreram

Além dos prêmios já referidos anteriormente, ganhamos, ainda, as duas lindíssimas taças oferecidas pela

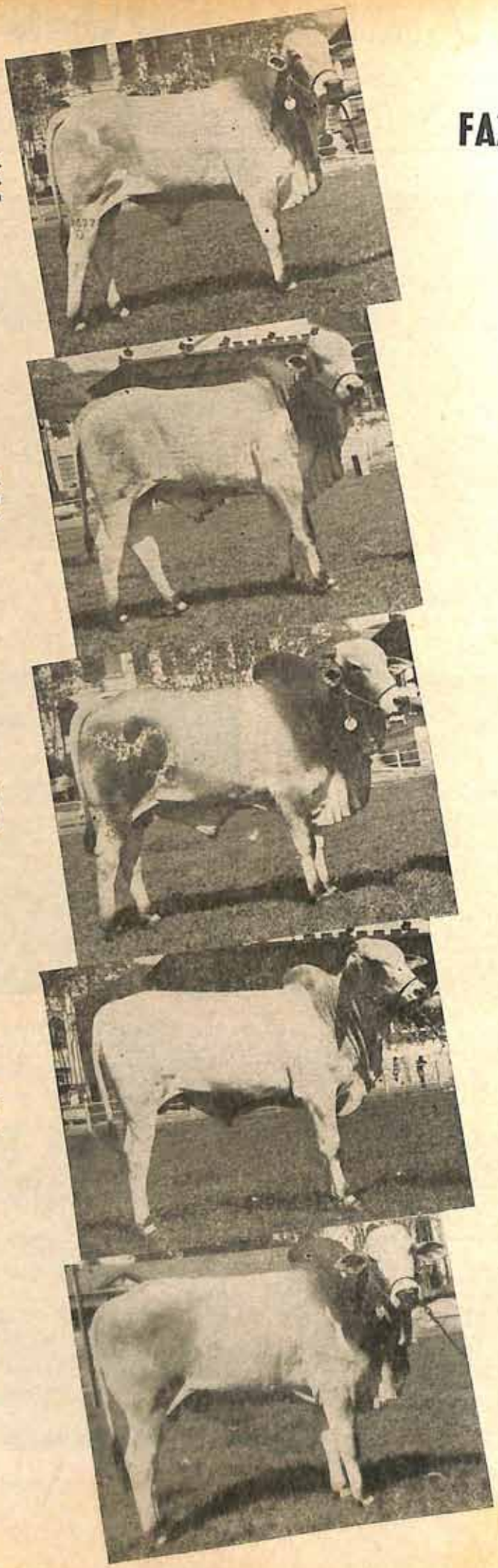
ASOCIACION ARGENTINA DE CRIADORES DE CEBU

Ao "Grande campeão" e à "Grande campeã"

NOTA — Os pêsos aqui anotados são os verificados no recinto da Exposição, no Parque da Água Branca, em S. Paulo e nos foram dados na Secretaria da Exposição, sendo oficiais, portanto.

FAZENDA SANTA MARIA

Propr.: Pires Castanho
Estação de Aguapeí — N. B.
Est. de São Paulo
Caixa Postal 20 — Fone 13 —
Km 616 da rodovia Araçatuba
a Andradina



REITOR 4261 — nasc. 14-10-58. Pai: Índio 899. Mãe: Henda 7611. Obteve o 2.º prêmio na categoria de machos de 30 a 36 meses.

SENADO 4651 — nasc. 7-8-59. Pai: Negligente 988. Mãe: Ouzada A-6553. Outro animal nosso premiado.

RIJO 4242 — nasc. 3-10-58. Pai: Índio 899. Mãe: Hanenária 7422. Alcançou o 3.º prêmio entre os machos de 30 a 36 meses.

LAMPEÃO 33 — nasc. 2-12-59. Pai: Gibi 2511. Mãe: Justa 9659. Conquistou o 2.º prêmio na categoria de 15 a 18 m.

RETAÇO 4281 — nasc. 1-11-58. Pai: Índio 899. Mãe: Gazela 7561. Outro animal do nosso plantel que também foi premiado.

Nelore quer dizer:

Maior fertilidade
Maior vitalidade
Maior tonelagem de carne por hectare de pasto.

— x —

Cinco animais, cinco prêmios na IV Exposição-Feira realizada em São Paulo, de 17 a 21 de abril de 1961. Em Uberaba, a meca do Zebu, quatro foram as colocações conseguidas na exposição de maio dêste ano.

Gado Nelore Marca

Gado de Corte Marca

Além de se dedicarem à criação de gado selecionado, os irmãos Pires Castanho dedicam-se também à criação de novilhos tipo corte com grande número de vacas 3/4 e 7/8 Nelore e têm sempre à venda novilhas e garrotes.

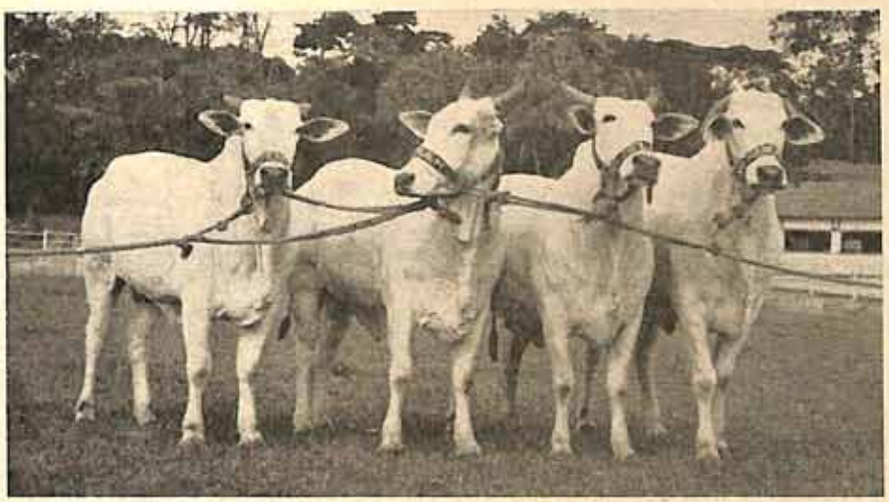
FAZENDA CÓRREGO AZUL

DONALD W. STRANG

ARAÇATUBA - N.O.B. — Estado de São Paulo

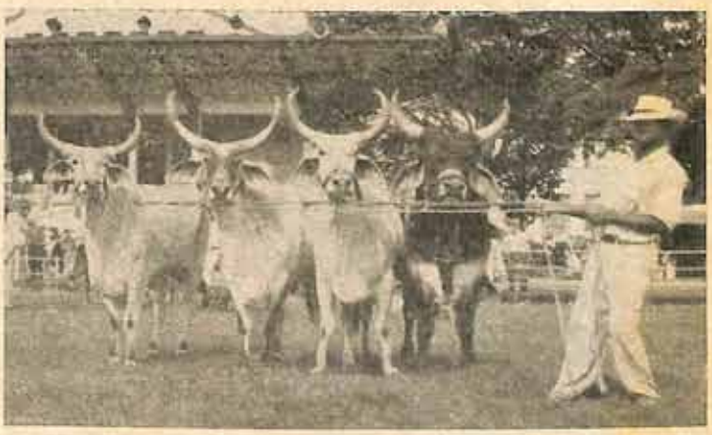
SELEÇÃO DE BOVINOS GUZERÁ E NELORE, COM A FINALIDADE DE OBTER ANIMAIS RÚSTICOS, PRECOCES E GRANDES PRODUTORES DE CARNE

Apresentamos nesta página alguns dos animais do nosso plantel premiados na IV Exposição-Feira de Gado Zebu



CONJUNTO CAMPEÃO SENIOR DA RAÇA NELORE — formado por LADINA, 1.º prêmio na categoria de fêmeas de 36 a 43 m; JAULA, também premiada; HÉLICE, 1.º prêmio na categoria de fêmeas de 50 a 72 m; e HODIERNA, 3.º prêmio na categoria de fêmeas de 43 a 50 meses.

VALIOSA — Campeã Senior da raça Guzerá.



MELHOR CONJUNTO DE PROGÊNIE DE PAI — da raça Guzerá — é o grupo de animais que acima se vê, formado por DANDOCA, JANOTA, VALIOSA e DANILO.

XXVII Exposição - Feir

(III EXPOSIÇÃO NA

Sua Excia. o ministro da Agricultura, o sr. Romero Cabral que representava o presidente da República, falando no certame de Uberaba.

O dr. Luiz Rodrigues Fontes, e srs. Angelo André Fernandes, Mordonio Prata dos Santos e Fernando de Campos Borges Oliveira da Costa — a diretoria do Serviço de Registro Genealógico da S.R.T.M.

Os srs. Oswaldo Alvarenga, Brasiliano Cândido Alves e Roberto B. Azevedo, integrantes da comissão julgadora da raça Gir.

Como estava anunciado, foi inaugurada no dia 3 de maio, às 15,30, no Parque Fernando Costa, no alto de São Benedito, a XXVII Exposição Feira Agro Pecuaria de Uberaba (III Exposição Nacional de Zebu).

O ministro da Agricultura, sr. Romero Cabral, como representante do sr. Presidente da Republica, convidado pelo presidente da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro, hasteou o Pavilhão Brasileiro, sob os acordes do Hino Nacional, em meio de prolongadas palmas de publico presente, dirigindo-se a seguir para a tribuna de honra, onde já se assinalava a presença de figuras representativas dos circulos políticos e administrativos do País. Notavam-se ali, além do ministro, o deputado Afranio Rodrigues da Cunha, representante do presidente da Camara Federal, deputado Ranieri Mazilli, o senador Benedito Valadares, os deputados Afranio de Oliveira, J. Humberto R. da Cunha e Gofredo Prata; todos os secretarios do Estado de Minas, secretarios dos Estados do Paraná e Goiás; prefeito Jorge Furtado; vereadores e diretores de associações rurais. O ministro Romero Cabral estava ladeado pelos governadores de Minas e Goiás.

Em primeiro lugar, falou o presidente da S.R.T.M., sr. Adalberto Rodrigues da Cunha, que agradeceu a presença de todos e a colaboração das autoridades, expositores e associações de classe.

O sr. Magalhães Pinto, governador do Estado de Minas Gerais, discorreu sôbre vários aspectos da economia mineira, particularmente no plano agro-pecuário. O ministro Romero Cabral, encerrando a série de discursos, evidenciou a cooperaçãoa dos fazendeiros e criadores, empenhados na conjugação de esforços para a recuperação economica do País.

O dr. José Ferraz Guge, de Itambé, Bahia, em companhia da família e alguns amigos, posando para a reportagem, quando visitava a III Exposição Nacional de Zebu.

Exemplares de tôdas as raças passaram diante da tribuna, como homenagem às autoridades.

CRIADORES DA VENEZUELA VISITARAM UBERABA

Três casais de criadores venezuelanos, vindo da capital bandeirante, estiveram no Parque Fernando Costa, onde, depois de apreciar os exemplares expostos, durante algumas horas, filmaram vários aspectos do certame e muitos animais, para à tarde regressar a São Paulo. Criadores uberabenses acompanharam os visitantes, fornecendo-lhes tôdas as informações que solicitavam.

CARAVANA DE CRIADORES DO MEXICO

Vindo do Mexico, um grupo constituido de 23 pessoas esteve visitando durante alguns dias o certame uberabense, fotografando grande número de especimes. Na fazenda da Ilha, propriedade do sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha, foi-lhes oferecido um churrasco. À noite, recebidos na séde da S.R.T.M., foram saudados pelo presidente da entidade, sr. Adalberto Rodrigues da Cunha, que produziu formosa alocução, respondida pelo dr. Mario Lonstan, integrante da caravana. Antes de terminar, apresentou o veterinário que acompanha a comitiva, o qual, respondendo a perguntas, afirmou preferir o Zebu ao Brama, acreditando que o nosso gado poderá melhorar os rebanhos do Mexico. Disse ainda que a maior parte do seu país tem clima que só o Zebu pode aguentar e vaticinou que o problema alimentar de quase todos os países só se resolverá com o gado indiano.

UBERABA DESPERTA PARA O LEITE

O dr. Herculano Frazão, criador, residente em Uberaba, é sem dúvida o pioneiro da pecuária leiteira da Capital do Zebu, ou melhor, na vasta região do Triangulo Mineiro. Conseguiu convencer numerosos criadores da necessidade de um

Agropecuária de Uberaba

ONAL DE GADO ZEBU)

cruzamento para a produção de leite, e o fez com tanta felicidade que a produção de reprodutores do seu selecionado rebanho da raça Schwyz, padreado por touro de notavel pedigri, é disputada diante do esplendido resultado que apresenta. Filhos de Keeper, campeão da raça Schwyz, no certame de Uberaba, dominam rebanhos nos municipios de Prata, Araxá, Patos de Minas e Ituiutaba, sem mencionar municipios paulistas. É, portanto, o dr. Herculano Frazão, um verdadeiro bandeirante da pecuária leiteira no Triângulo Mineiro.

COOPERAÇÃO VALIOSA

Dois magnificos funcionários do Departamento Nacional da Produção Animal dinamisam com o seu trabalho, o transcorrer das exposições no Estado de Minas Gerais: trata-se dos srs. Elias Tavares e Ivai Santos, dois modelos de funcionários. Sua atuação, nos certames a que aquele departamento federal presta colaboração, é digna dos maiores encomios. Nada lhes escapa: o serviço de som, controle de todo o movimento do recinto, o preparo dos desfiles, convocando animais para a pista, emitindo ordens, etc. Até mesmo o trabalho de leilão lhes é conferido, desincumbindo-se desse mistér como verdadeiros leiloeiros, mas sem o clássico martelo.

José do Carmo e Antonio Brandão da Rocha, que julgaram os espécimes da raça Schwyz.

Os srs. Carlos da Rocha Cavalcanti, Eurides Esteves dos Reis e Raimundo Nonato Martins da Costa, constituíram a comissão julgadora da raça Nelore.

Membros da diretoria da Associação Rural de Alfenas, em visita ao certame.

O MOVIMENTO DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALOGICO DAS RAÇAS BOVINAS DE ORIGEM INDIANA, DA FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

Total de animais registrados até 31-12-60	79.500 cabeças

DISTRIBUIÇÃO DE ACÔRDO COM AS RAÇAS

RAÇA GIR	33.434
RAÇA INDUBRASIL	22.385
RAÇA NELORE	18.420
RAÇA GUZERÁ	5.381

Ano de maior registro — 1960 — com	8.417 cabeças
Ano de menor registro — 1946 — com	646
Média geral de registro por ano	3.613
Média do último decênio — 1950-60	4.835
Média do último quinquênio — 1955-60	6 095
Total de animais controlados	85 230

O contrôle começou em 1942.

DISTRIBUIÇÃO DE ACÔRDO COM A RAÇA

RAÇA GIR	41.755
RAÇA NELORE	30.033
RAÇA INDUSBRASIL	10.640
RAÇA GUZERÁ	2.796

Estados que possuem os maiores rebanhos registrados: MINAS GERAIS, SÃO PAULO, BAHIA, ESTADO DO RIO, MATO GROSSO e GOIÁS.

OS CAMPEÕES DE UBERABA

INDUBRASIL

Campeão — NEGRI — 56 meses — José Zacharias Junqueira — Uberlândia — M. G. — 730 quilos.
Reservado Campeão — SECRETO — 24 meses — Torres H. R. Cunha e Olinda Arantes Cunha — Uberaba — M. G. — 590 quilos.
Campeão Júnior — CAJU — 22 meses — Francisco Rosa e Silva — Chacara Santa Edwirges — Uberaba — M. G. — 465 quilos.
Campeão — BATUTA — José Zacharias Junqueira — Uberlândia.
Reservada Campeã — RUBAM — 46 meses — Lincoln Lacerda Barbosa e Irmãos — Faz. Serra Azul — Guará — S. P. — 620 quilos.
Campeã Júnior — CATÓLICA — 16 meses — José Zacharias Junqueira — Uberlândia — M. G. — 290 quilos.

NELORE

Campeã Júnior — FORTUNA — 2 meses — Walter de Castro Cunha — Faz. Santa Maria — Uberaba — M. G.
Campeão Júnior — GARRIDO — 24 meses — Rubens Andrade Carvalho — Faz. Brumado Barretos — S. P.
Campeã — RECRUTA — 29 meses — Torres Homem R. da Cunha e Olinda A. Cunha — Faz. Ilha — Uberaba — M. G.
Reservada Campeã — DESAPONTADA — 54 meses — Rubens A. Carvalho — Faz. Brumado — Barretos — S. P.
Campeão EGIPCIO — 12 meses — Rubens A. Carvalho — Faz. Brumado — Barrtos — S. P.
Reservado Campeão — RINCÃO — 32 meses — Dr. José Humberto R. Cunha — Faz. Catitú — Verissimo — M. G.

GIR

Campeão — NORTE J5 — 34 meses — Dr. Rui Barbosa de Souza — Faz. Capão Alto — Uberaba — M. G. — 510 quilos.
Reservado Campeão — EXITO — 80 meses — Dr. Adherbal Castilho Coelho — Faz. S. Sebastião — Uberaba — M. G. — 755 quilos.
Campeão Junior — DUBLIN — 17 meses — Dr. João Rezende — Faz. N. S. D'Abadia — Uberaba — M. G. — 370 quilos.
Campeã — RARA — 35 meses — Torres Homem R. da Cunha e Olinda Arantes Cunha — Faz. N. S. de Lourdes — Uberaba — 485 quilos.
Reservada Campeã — NOVA YORK — 30 meses — Dr. Rui Barbosa de Souza — Faz. Capão Alto — Uberaba — M. G. — 395 quilos.

RAÇA SCHWIZ

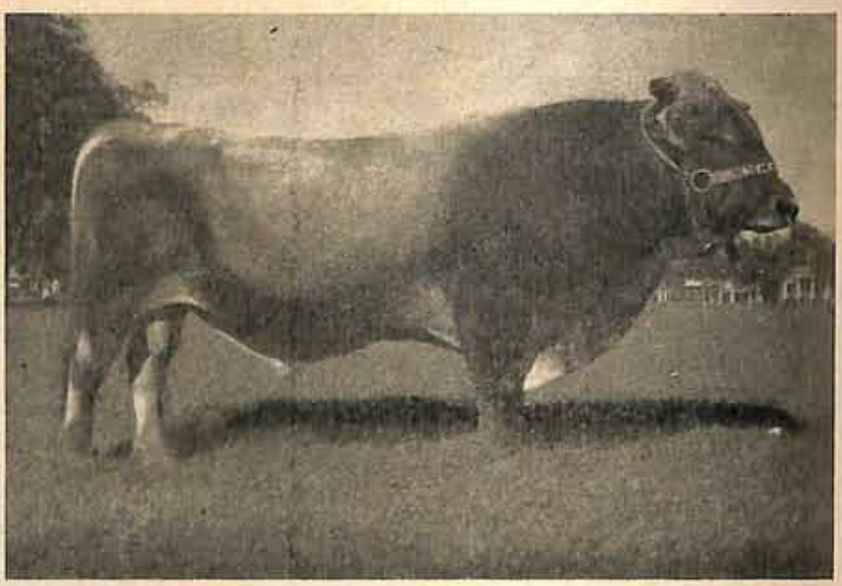
Campeão — TERRY'S M. KEEPER — 10 meses — Dr. Herculano Frazão — Faz. Santa Rita — Uberaba — M. G.
Campeã — MILANEZR — 9 meses — Dr. Herculano Frazão — Faz. Santa Rita — Uberaba — M. G.
Campeão Júnior — CARINHOSO DE STA. RITA — Dr. Herculano Frazão — Uberaba.

Uberaba desperta para o leite

Julgado pela primeira vez, na Capital do Zebu, um rebanho leiteiro

Granja Santa Rita

Propr. DR. HERCULANO FRAZÃO
Caixa Postal, 147 - Fone 1046
UBERABA - Minas



TERRY'S MAINSTAY KEEPER, puro de origem importado - USA - Res. Campeão na Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo, em 1957. Grande Campeão da Raça, em Uberlândia, em 1959 e em Uberaba, na III Exposição Nacional de Zebu.

PRODUÇÃO LEITEIRA DOS ASCENDENTES DE T. M. KEEPER

MEADOW VIEN TERRY'S TERMITE (Mãe de Terry's)
- aos 2a 4.490 kg — Marina of Lee's Hill (avó paterna)
- aos 3a 7.167 kg
- aos 4a 7.620 kg
- aos 5a 7.460 kg
  - aos 5a 10.655 kg — Jane of Vernon (bisavó paterna)
  - aos 7a 11.322 kg
  - aos 9a 13.141 kg
    - aos 4a 7.669 kg
    - aos 14a 11.777 kg

GREEN MOUNTAIN CATIANA aos 7 anos, produziu 9.122 kg e DOROTHY JEANETTE aos 8 anos 9.629 kg.

Venda permanente de reprodutores

XXVII EXPOSIÇÃO DE UBERABA

Não sofrerá restrições o registro dos animais importados na India

Depois de interessante conversação sôbre assuntos vários, mantida com a reportagem, os três ilustres entrevistados posam para a "Revista dos Criadores".

Interessantes entrevistas conseguiu nossa reportagem, durante o transcurso da III Exposição Nacional de Zebus. Assim, quando faziam uma visita ao Serviço de Registro Genealogico da S.R.T.M., os srs. Miguel Cioni Pardi e Aloisio Fragoso Costa, diretor do D.N.P.A. e diretor do D.F.P.A., respectivamente, tivemos ocasião de ouvi-los sobre assunto de palpitante atualidade.

Logo que avistamos o sr. Fragozo Costa, indagamos das condições daquele Serviço. Prontamente aquiesceu, respondendo:

— Verifiquei atentamente o trabalho que o Registro Genealogico da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro vem realizando em beneficio da pecuaria nacional no tocante ao melhoramento do zebu brasileiro. Aliás, os excelentes exemplares apresentados nesta exposição comprovam realmente o progresso que se vem processando através do registro das diversas raças de zebu. À frente do Registro Genealogico, procurando dinamizar o trabalho e registrar o maior numero possivel de individuos que obedeçam os padrões raciais, o incansável professor Luis Rodrigues Fontes presta meritoria contribuição à Sosiedade Rural do Triangulo Mineiro.

A seguir, dirigindo-nos ao sr. Miguel Pardi, perguntamos se acreditava fosse modificado o critério de registro, diante das novas importações em perspectiva. Respondeu-nos:

— O caso da importação de reprodutores zebuinos, em vista de controversias existentes, será reexaminado através de amplo simposio a ser organizado pelo Ministério da Agricultura.

Ao nos responder uma segunda pergunta, sobre como seria feito o registro dos animais ultimamente importados da India, o sr. Miguel Pardi asseverou:

— Os animais importados pelo governo do Paraná não sofrerão restrições quanto ao registro, logo que atendidas as formalidades em andamento, visando a homologação."

E chegou a vez do professor Luiz Rodrigues Fontes, o ilustre veterinario que dirige o Registro Genealogico das Raças Indianas. Perguntamos-lhe como encara a ultima importação de Zebu do ponto de vista genetico — e obtivemos a seguinte resposta:

— Não conhecendo os animais introduzidos nem seu pedigri, muito menos sua descendencia, que seria o melhor elemento para a avaliação do respetivo valor genético, não posso, com a responsabilidade técnica que pesa sobre meus ombros, arriscar-me a emitir parecer. De qualquer modo, acataremos a decisão final do orgão competente, que é o Departamento Nacional de Produção Animal, do Ministério da Agricultura.

— Como se procederá o registro desses animais?

— Toda importação, devidamente homologada pelo Ministério da Agricultura, merece o acatamento do Serviço de Registro e, portanto, o exame dos animais apresentados para fins de registro, dependendo do veredito das comissões o seu aproveitamento.

— Acredita vantajoso o intercambio do novo sangue nos nossos crioulos selecionados?

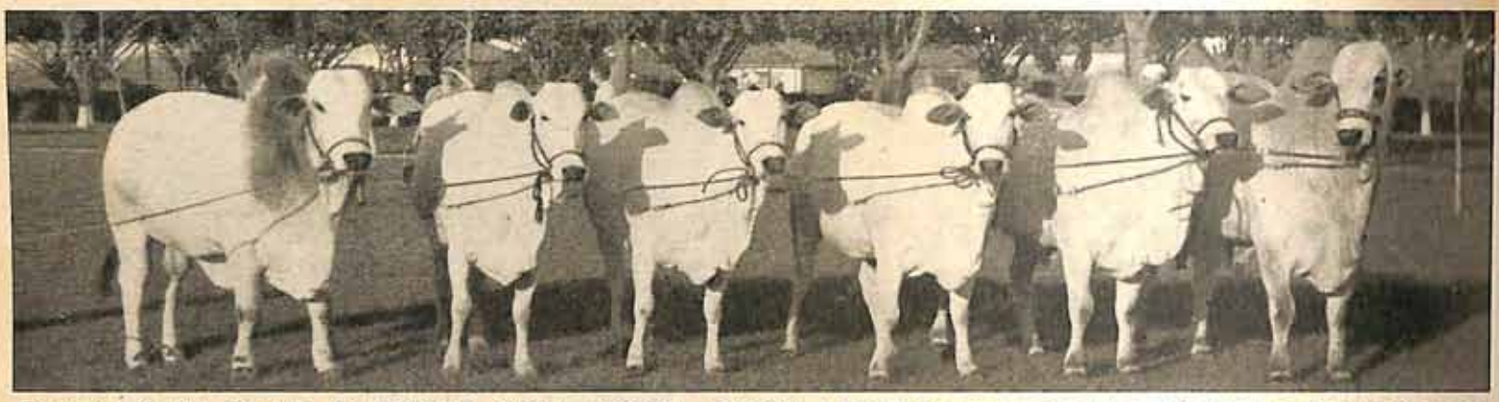
— Sendo um assunto sujeito a experimentação, que demanda tempo para se chegar a algum resultado, seria temerario antecipar uma opinião. É perfeitamente sabido, porém, que heterose ou vigor hibrido é um fato perfeitamente explicavel genéticamentte, isto é, os resultados de acasalamentos de raças ou linhagens diferentes são geralmente mais vigorosos, mais rusticos e apresentam melhor produção que os animais que lhes deram origem. Daí o entusiasmo pelo chamado "choque de sangue", que, no entanto, não traz resultado permanente, pois a posterior segregação dos caracteres pode levar as gerações futuras a resultados decepcionantes."

ASSISTA À

VIII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE ALFENAS

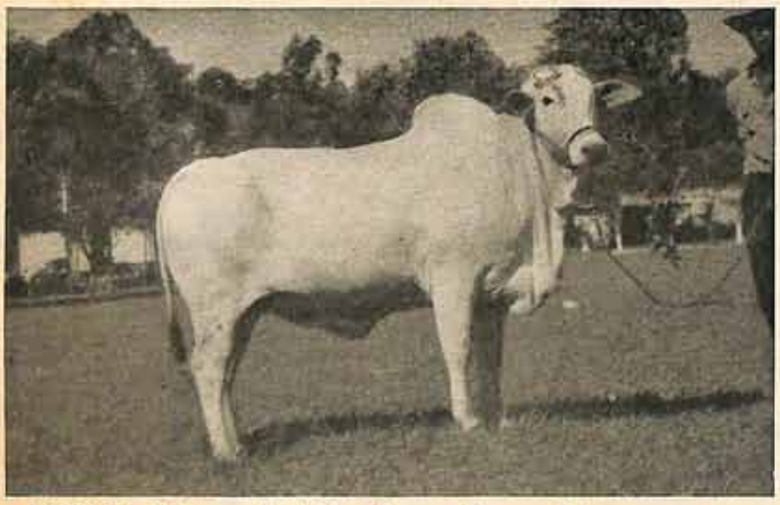
DE 14 A 19 DE OUTUBRO

ALFENAS — *Estado de Minas Gerais*



Conjunto Nelore, formado de RODOPIO, RAÇA, RECRUTA, RIVIERA e RINCÃO, consagrado com o 1.º Prêmio e Conjunto Campeão da Raça e Conjunto Campeão Frigorífico.

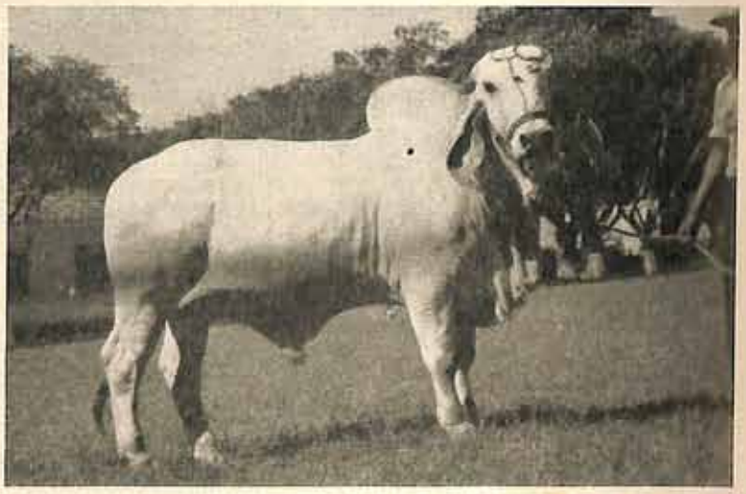
FAZENDAS REUNIDAS *VR* DE



RECRUTA VR, vem de Indio e Lamer, da raça Nelore, cinza, com 30 meses, 1.º Prêmio e CAMPEÃO DA RAÇA

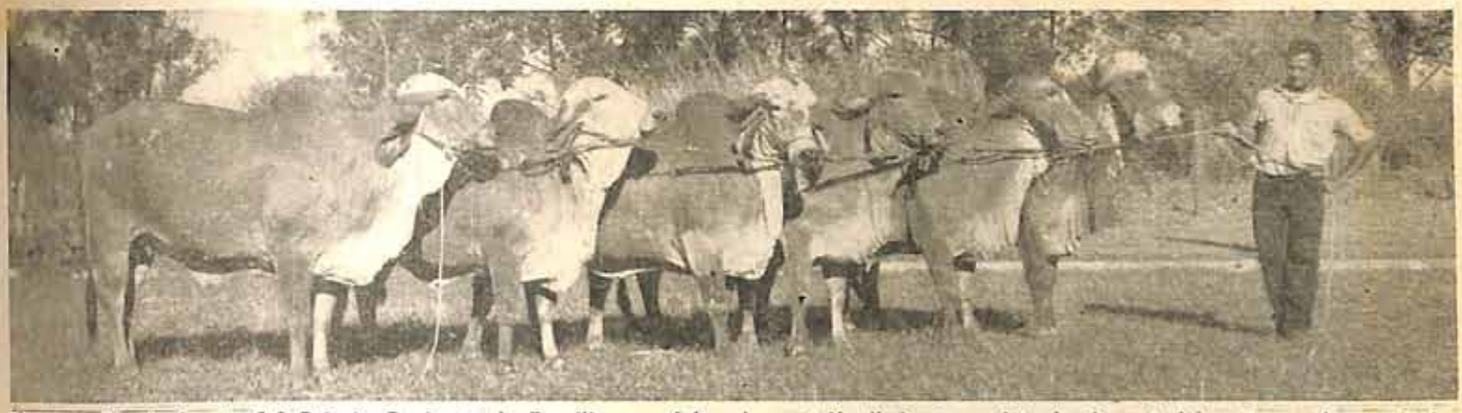
Rua Lauro Borges, n.º 25
Telefone 1518
Município de **UBERABA**
Estado de Minas Gerais

SECRETO VR, de Girolês e Invenção, da raça Indubrasil, pelagem branca, com 30 meses, RESERVADO CAMPEÃO DA RAÇA.



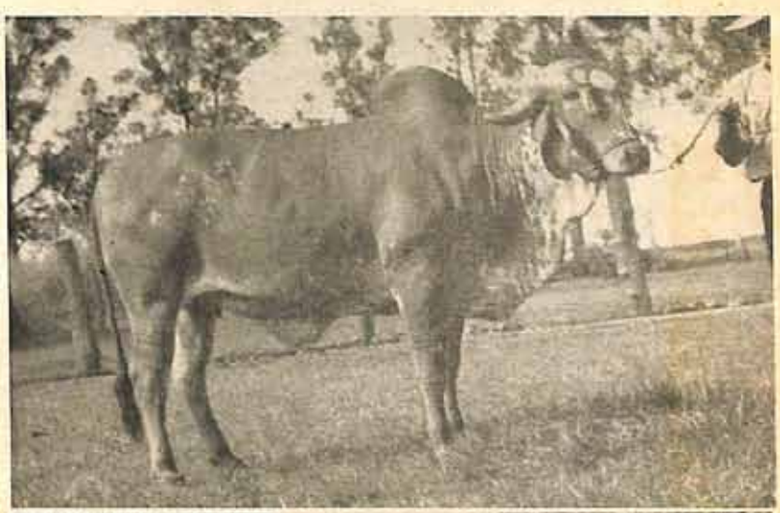
A organização com 23 animais levantou 20 altos prêmios:

GIR — 8 prêmios
INDUBRASIL — 2 prêmios
NELORE — 8 prêmios
EQÜINOS — 2 prêmios



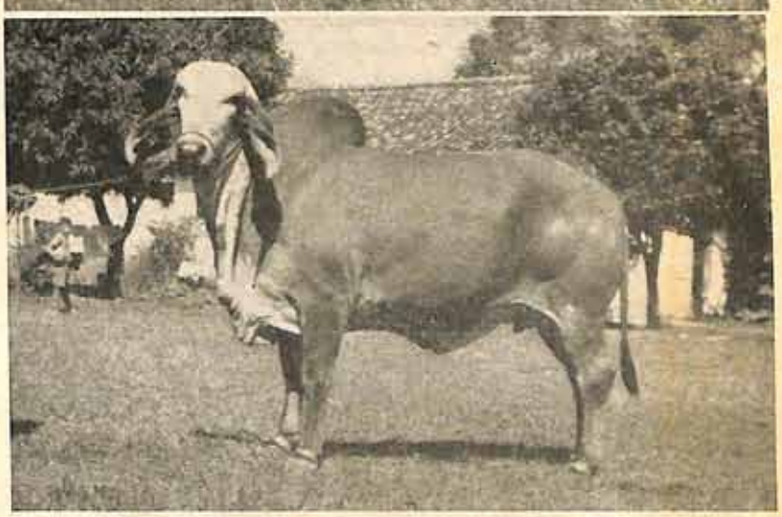
Conjunto Gir, de frente, 1.º Prêmio Conjunto de Família, por falta de contrôle (boi não registrado, importado), não recebeu prêmio.

orres Homem Rodrigues da
unha e Olinda Arantes Cunha



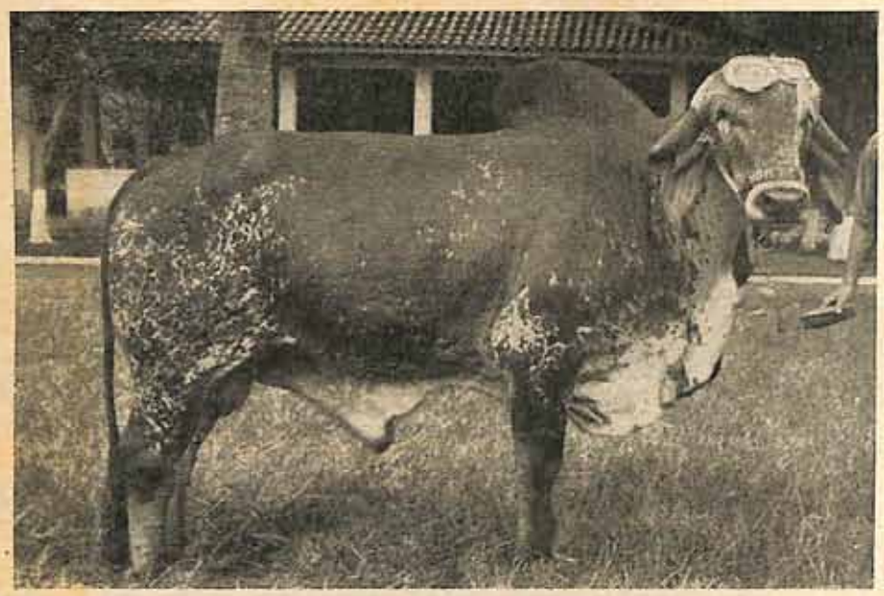
RARA VR, filha de Rajá (importado) e Lembrança, com 36 meses, pelagem vermelha chita, CAMPEÃ DA RAÇA e MELHOR FÊMEA tipo carne.

VR



RENÚNCIA VR, filha de Rajá (importado) e Cambraia, 30 meses, raça Gir, pelagem vermelha chita — 2.º prêmio.

↓ Ainda um conjunto Gir, visto por traz, tipo frigorífico.



FAZENDA CAPÃO ALTO

Prop. Dr. RUI BARBOSA DE SOUZA

Rua Senador Pena, 64 - Telef. 1699

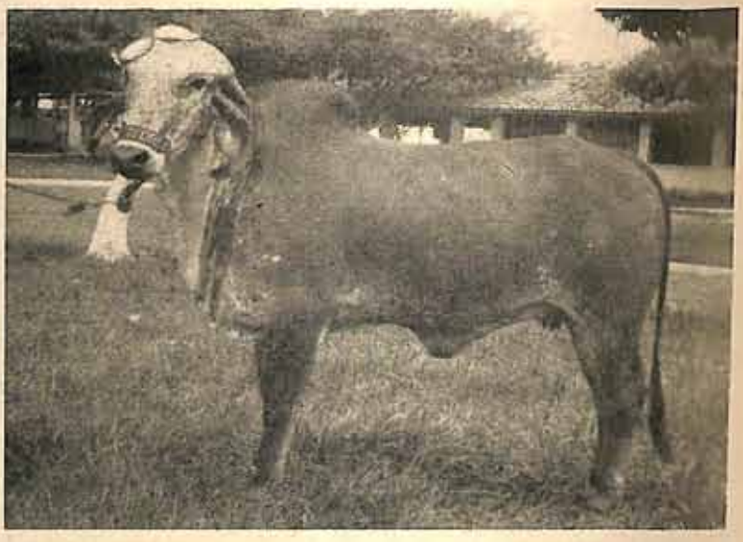
UBERABA — Est. de Minas

—o—

←

Ao lado: NORTE J5 — Bi-campeão aos 34 meses. Grande Campeão da Raça em Uberlândia e Grande Campeão da Raça, na III Exposição Nacional de Zebus, em Uberaba, em 1961.

APRESENTAMOS NESTA PÁGINA ALGUNS DOS ANIMAIS DO NOSSO PLANTEL PREMIADOS EM DIVERSAS EXPOSIÇÕES



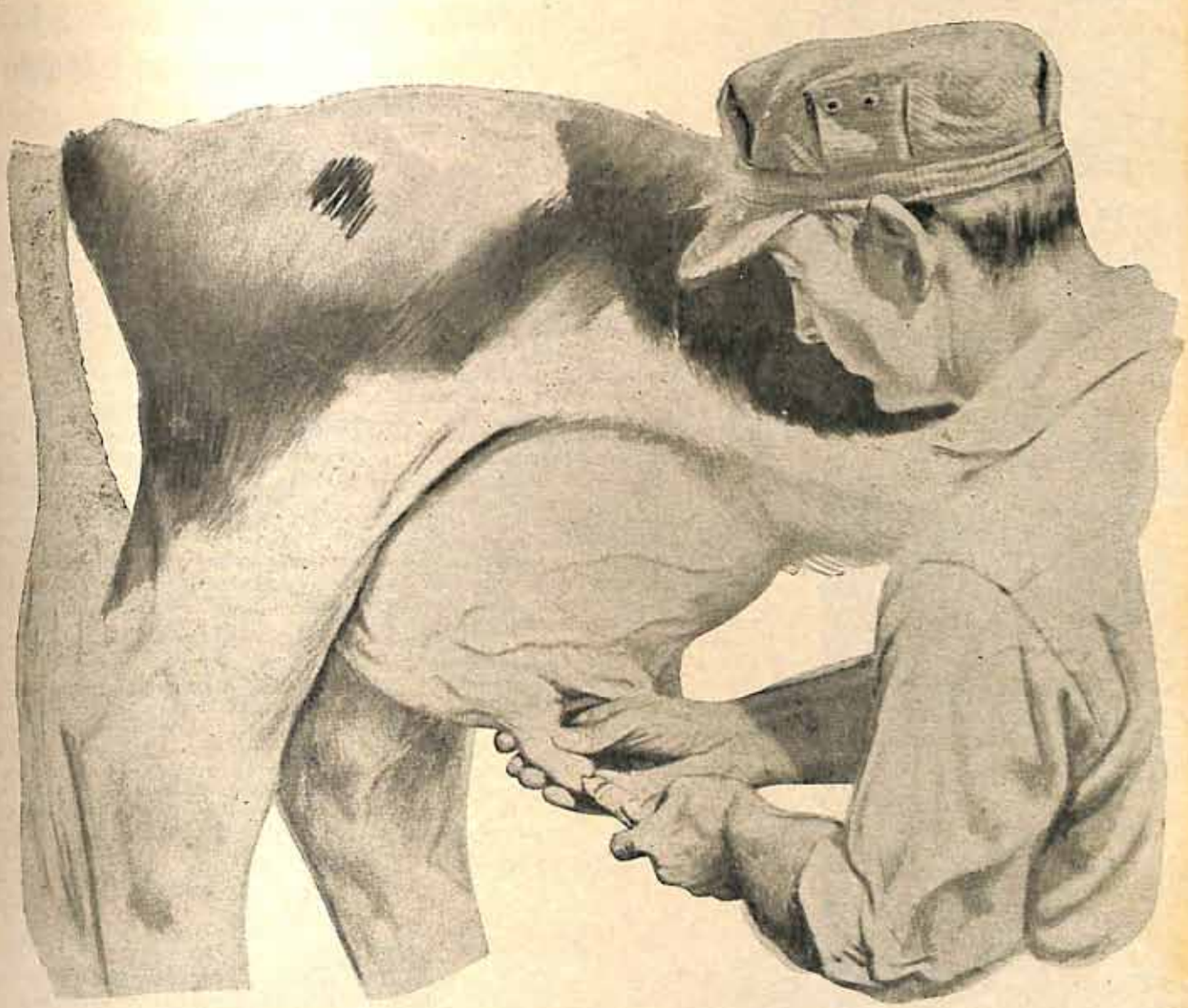
→

NOVA YORK J5 — Com 29 meses, Primeiro Prêmio da categoria nos certames de Uberlândia e Uberaba. Reservada Campeã da Raça Gir na III Exposição Nacional de Uberaba, realizada em maio de 1961.

←

Conjunto formado por: NORTE J5, NEVADA J5, NOVELA J5, NÔA, J5, e NOVA YORK J5. Laureado com o Primeiro Prêmio, "Melhor Conjunto de Raça" e "Melhor Conjunto de Família", nos certames de Uberlândia e III Exposição Nacional de Zebu, em Uberaba.

ACABE COM A MASTITE!



AUREOMICINA

UNGÜENTO INTRAMAMÁRIO

CYANAMID

22.22. BLEMCO

V EXPOSIÇÃO DE P

Expositores, visitantes de quase todos os Estados cometimento — O gado importado pelo sr. Celso G ram agradavelmente — Equinos, asininos e suinos

arte da enorme assistência que lotou as dependências o Joquei Clube, assistindo ao desfile de animais premiados.

sr. Américo Ugolini, operoso presidente da Asso-ação Rural de Londrina, quando lia o seu proveitoso discurso, inaugurando o certame londrinense.

dos mais ricos e movimentados "estands" da exposição.

O solo generoso de Londrina, em que outróra a impenetrável floresta constituia índice da sua feracidade, foi pelos musculos de brasileiros de todos os quadrantes (trabalho fatigante e ininterrupto!) transformado neste oceano imenso de cafezais, que atesta varonilmente de quanto é capaz a vontade humana. E o rico municipio dia a dia acelera o ritmo de seu progresso na agricultura, na pecuária, em todos os sentidos, sendo hoje um dos centros mais progressistas do País. Verificamo-lo no quinto certame da pecuária há pouco realizado com tanta felicidade que chegou a empolgar expositores e visitantes, registrando indiscutivel sucesso. Foi calculado em 40.000 pessoas o número dos que acorreram ao recinto do Joquei Clube.

A ausência das autoridades ao ato inaugural, confiamos não tenha sido prova de desinterêsse. Em verdade seria deplorável não prestigiassem um trabalho que representa o desenvolvimento da riqueza pública. Como bem afirmou o sr. Américo Ugolini, em seu magnifico discurso, seria "intolerável tôda essa luta, todo êsse esforço das lides agrícolas, se não nos alimentasse a verdadeira e eterna esperança, que se renova no tempo presente, quando se fazem sentir, no Estado e na República, indicios seguros de uma nova era de recuperação moral, de honestidade e de trabalho organizados, fatores que proporcionam o renascimento da fé e da coragem de todos aqueles que, em dias não mui distantes, se lançaram à luta do desbravamento do sertão paranaense, atraidos pela uberdade, exuberância e virgindade desta terra de que somos eternos namorados".

PERSONALIDADES PRESENTES

Alem do prefeito municipal de Londrina, sr. Milton Menezes, que procedeu à abertura do certame, registrou-se a presença dos srs. José Bittencourt, presidente da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos; Julio Madureira Bitencourt, chefe da Inspetoria Regional do Fomento Animal, em Ponta Grossa;

Em pose especial para a "Revista dos Criadores", o sr. Ford Morrison Milan, adido de Agricultura da Embaixada norte-americana, em companhia dos srs. Otacilio Bueno dos Santos, Otto de Mello, Fernando Bueno, Brasiliano Cândido Alves e Norman Prochet.

CUÁRIA DE LONDRINA

...eração, juizes e povo, empolgados pelo sucesso do ...d e a representação das raças européias surpreende... ...andes meritos — A ausência de autoridades.

G. G. CAPELLO

José Olavo Ribeiro Menezes, representante da Associação Rural de Franca, Estado de São Paulo; Otto de Melo, diretor-técnico da Associação Paulista dos Criadores de Bovinos e juiz para o gado Holandês e raças leiteiras; Brasiliano Candido Alves, zootecnista do Departamento de Produção Animal da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e juiz para o gado indiano e raças de corte; Paulino Ribeiro, pecuarista em Franca e Jacarezinho, e juiz para os equinos; e Eduardo Marchi, zootecnista do Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

O GADO IMPORTADO PELO SR. CELSO GARCIA CID

Um dos maiores atrativos da exposição foram os exemplares importados da India pelo criador Celso Garcia Cid. A proposito, valemo-nos da palavra autorizada do zootecnista Alberto Alves Santiago, baseada nas observações que fez durante a quarentena a que esteve sujeito êsse famoso rebanho:

— Os exemplares importados são perfeitos representantes de cada uma das raças — Gir, Nelore e Guzerá — de acôrdo com os padrões brasileiros e as descrições dos principais autores ingleses e indianos. Verifica-se, através dos certificados de origem, pedigris e recibos de compra, que o importador teve o cuidado de buscar seus reprodutores nas melhores fontes, para cada uma das raças. Embora o número de animais seja reduzido, podem ser considerados da mais alta qualidade. É, sem dúvida, a melhor partida de gado que nos veio da India.

No conjunto há touros Gir, Nelore e Guzerá de excelente caracterização e ótima conformação. Desconhecemos reprodutores nacionais superiores aos touros Redino, Gir, Arjun, Nelore, Pareu e Guzerá. Dentre as vacas, especialmente as de raça Gir, há individuos excepcionais, considerados os padrões atuais.

O sr. Oswaldo Nixdorf, sua filha e genro, após receber as taças que consagraram o selecionado rebanho Holandês P. e B. de sua propriedade, a Granja Nixdorf de Londrina.

A senhora Harry Prochet, seu filho Norman acompanhado de sua jovem senhora e um dos seus herdeiros, assistem ao julgamento dos equinos, onde viram surgir "CARTEL", como o Grande Campeão da raça Mangalarga.

Na atual conjuntura, com muitos rebanhos já *revelando os inconvenientes de sua consaguinidade muito estreita e mal conduzida*, acreditamos que a introdução de gado da India, desde que de qualidade superior, como é o caso da presente importação, possa ser útil ao País.

AOS QUE COLABORARAM NA IMPORTAÇÃO

Durante a entrega dos premios, foram homenageadas personalidades que colaboraram na solução dos problemas surgidos com a importação do plantel zebuino indiano do criador Celso Garcia Cid: os srs. Darwin de Resende Alvin, diretor geral do Departamento Nacional da Produção Animal, Marcos Augusto Enrietti, ex-diretor do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnologicas; Adolfo Martins Penha, diretor do Departamento de Defesa Sanitária Animal da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo; José Geraldo Bicalho, inspetor-chefe da Defesa Sanitária Animal de S. Paulo e executor do acordo firmado entre o Ministério da Agricultura do vizinho Estado, e Ildefonso Santos, que acompanhou o sr. Celso Garcia na viagem à India.

OS ANIMAIS EXPOSTOS

Ao lado dos zebuinos importados, viam-se tambem — e foram justamente apreciados — excelentes exemplares de zebuinos originarios de velhos troncos do País, assim como magnificos representantes das raças de origem européa, os quais despertaram grande interesse, constituindo uma demonstração das reais possibilidades do Norte do Paraná.

Havia tambem bufalos, suinos e equinos, constituindo apreciavel conjunto. Como grandes ganhadores das representações de suinos, figuraram os srs. Fernando dos Santos, Hugo Cabral, José Infante Vieira e Sebastião Carneiro Lobo, com exemplares de "Tatuí Junqueira", "Piratinga", "Landrace", "Berckshire" e "Duroc-Jersey".

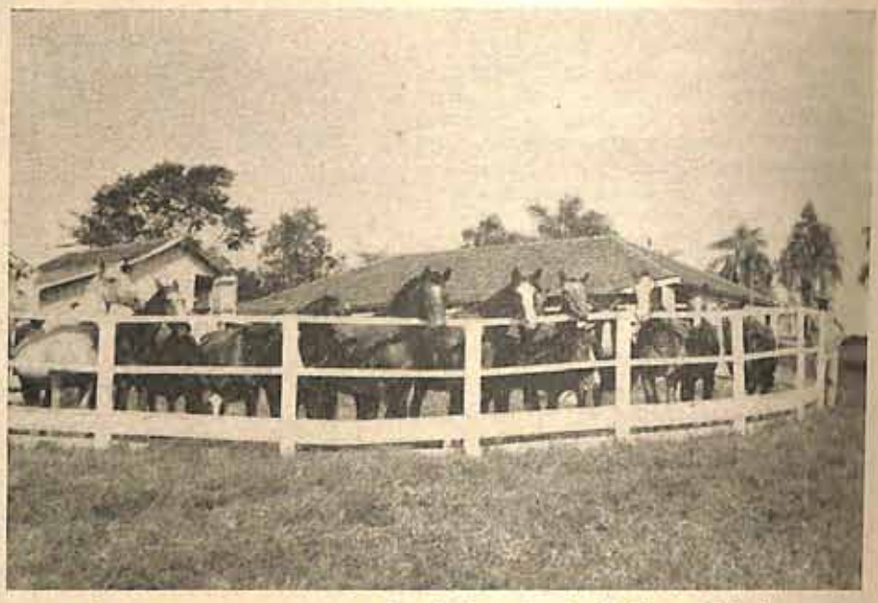
OS EQUINOS EXPOSTOS

Finalmente, acompanhando os juizes Eduardo Marchi e Paulino Ribeiro Andrade, numa visita que fizemos ao Haras Refugio, ouvimos do primeiro, corroborado por seu companheiro de comissão, a seguinte opinião sôbre os equinos apresentados a julgamento:

— Possui o sr. Norman Prochet, em seu háras, todos os requisitos para uma boa criação de equinos. Topografia e qualidade das terras são boas. A localização é excelente, próxima à cidade de Londrina. As instalações do háras são esplendidas, com excelentes cocheiras para os garanhões e piquetes bem formados. Os animais são alimentados racionalmente, não vivendo em regime exclusive de pasto.

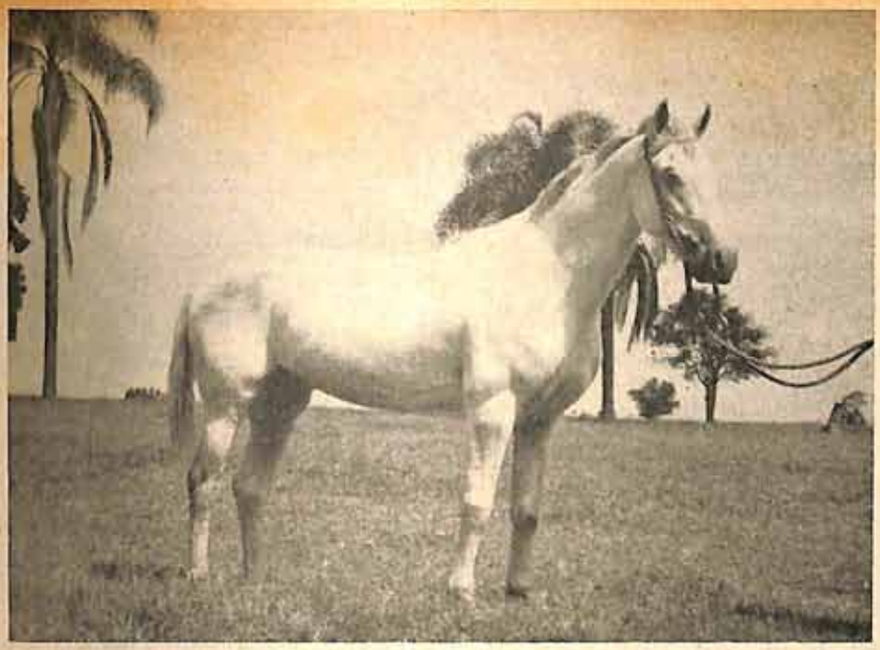
O plantel do Háras Refugio pode ser considerado um dos bons planteis da raça Mangalarga existentes no País. Possue éguas oriundas dos maiores criadores dessa raça e portadoras de excelentes correntes de sangue. Estão servindo o plantel, no momento, Namorado Flori e Cartel, dois bons garanhões, campeão do ano passado e campeão do último cer-

NAMORADO-FLORI, Campeão da raça Mangalarga na IV Exposição de Londrina, exposto no recente certame para o regozijo dos amantes de criação.

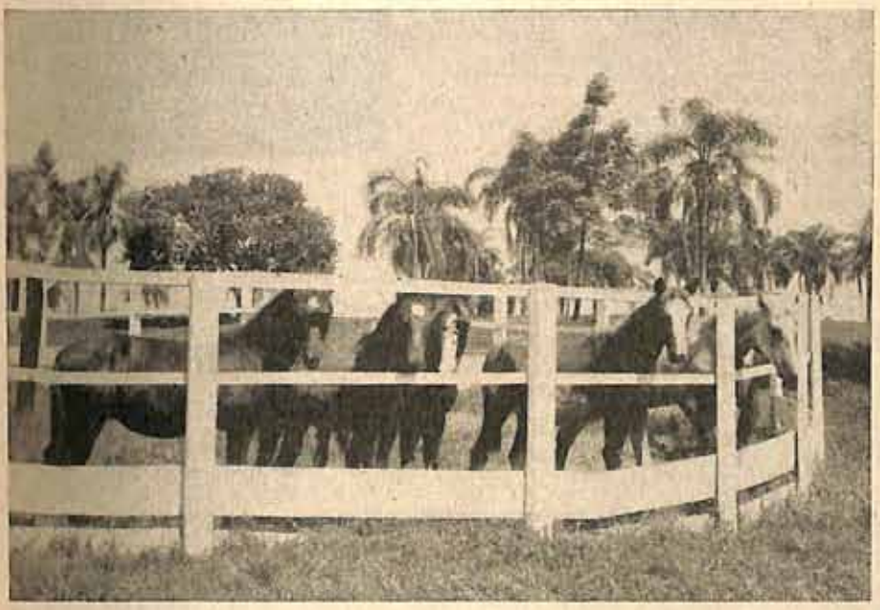


Éguas solteiras, integrantes do soberbo rebanho do Haras Refugio.

ALCAIDE, com apenas 4 meses de idade, é o potro mais comentado na criação de Mangalarga. A fotografia apanhada no Haras Refugio, é mais expressiva que qualquer palavra.



CARTEL, o Mangalarga que se faz Campeão onde chega, pelo magestoso e soberbo porte. Foi consagrado Grande Campeão da Raça na V Exposição de Londrina.



Potrinhos, crioulos da herdade do sr. Prochet, em Londrina, futuros representantes das melhores linhagens.

Éguas-mãe, matrizes do plantel de propriedade do sr. Norman Prochet, organização modelo, que conta com reprodutores campeões nos mais importantes certames da pecuária.

tame, respectivamente. Tivemos oportunidade de ver os primeiros produtos nascidos no háras, todos filhos de Namorado Flori. É um lote de poldros bem desenvolvidos para a idade e de bôa conformação. Aponta-se entre êles o de nome "Alcaide", que poderá vir a ser destacado representante da raça.

O sr. Norman Prochet é um entusiasta da raça Mangalarga e poderá, sem dúvida, tornar-se um dos maiores criadores do País. É o que lhe auguramos".

A visita foi agradável e proveitosa, porque, ao deixarmos aquela propriedade, saimos com a satisfação de saber que que ainda contamos com esforçados patricios a cuidar carinhosamente do que é nosso, bem nosso, desejando por isso veja êle consagrado o seu belo trabalho.

ANIMAIS PREMIADOS EM LONDRINA

HOLANDÊS PRETO e BRANCO PO (Puro de Origem) — "Fio de Ouro", Grande Abade", Grande Campeão, campeão senior e melhor macho Holandês; "Fio de Ouro Barão", campeão junior; "Fio de Ouro Abadia", campeã junor; e "Fio de Ouro Alva", reservada campeã junior; e "Fio de Ouro Alva", reservada campeã junior.

CONJUNTO PROGE7NIE DE MAE — — "Fio de Ouro Abade", "Fio de Ouro Abadia", "Fio de Ouro Amazonas" e "Fio de Ouro Barão".

CONJUNTO DE RAÇA — "Fio de Ouro Abade", "Abadia", "Amazonas" e "Barão".

CONJUNTO PROGENITO DE MAE — "Fio de Ouro Abade" e "Fio de Ouro Barão".

HOLANDÊS PRETO E BRANCO PO. — "Castrolandia Raul Maike-2", campeã PO e reservada grande campeã; "Castrolandia Raul Afke Castro", reservada campeã (Usina Jacarezinho);

"Londrina - Carangola-Juscelino", reservado campeão e reservado grande campeão;

"Castrolandia Fox-Mozes", reservado campeão junior.

GADO HOLANDÊS PRETO E BRANCO e BRANCO PC. (Puro de Cruza) — "Deliciosa", grande campeã, de propriedade da Granja Nixdorf; "Floresta Bandeirante", campeão PC, de propriedade do sr. Lucilio de Held;

"Hol. Greida Sijke", campeão PC e campeã senior; "M. Relampago", campeão júnior, de propriedade da Fazenda Maragogipe; M. Ativo", reservado campeão junior de propriedade da Maragogipe; "Fio de Ouro Amazonas", campeã PC junior, de propriedade do sr. Otacilio A. Santos e outros; "M. Cartilha", reservada campeã Junior, de propriedade da Maragogipe; "Borborema", reservada campeã junior PC, de propriedade de Alciate S. Sales.

HOLANDÊS VERMELHO E BRANCO PO. — "Haik Castr. Irenas Joop", campeão, de propriedade do sr. José Infnate Vieira: "M. Jamelão", campeão junior, e "Rio Verdinho Dragão", reservado campeão, ambos de propriedade do sr. Vicente Cioffi.

RAÇA JERSEY — "Foguete do Palheiro" campeão PO, de propriedade do sr. Mariano P. de Carvalho; "Alba 144", campeão de propriedade do sr. Paulo Carneiro Ribeiro; "Campinas 149", reservada campeã de propriedade do sr. Mariano P. de Carvalho; "Money de São Francisco", campeão PC de propriedade do sr. Rolando Campos Silva.

CARACU — "Tamoio", campeão, de propriedade do sr. Arnaldo Bulle Neto, "Sereno", RC campeão; "Aliança", campeã: "Brilhantina", campeã mocho nacional; 'Boneca", primeiro premio, reservado campeão, mocho nacional.

GIR — "Orgulhosa", reservada campeã, e "Mimosa" campeã da raça GIR, ambas de propriedade do sr. Celso Garcia Cid.

INDU-BRASIL — "Veludo", melhor animal da raça "Indu-Brasil", de propriedade do sr. Hugo Cabral; e "Londrina", melhor fêmea Indu-Brasil, de propriedade do sr. Abdelkarim Janens.

MELHOR CONJUNTO BUFALO — Pertence ao sr. Aquiles Pimpão. "Santa Gertrudes", é o nome do conjunto.

SUINOS — "Golias", campeão da raça "Tatui Junqueira", de propriedade do sr. Fernando Santos; "Capote", reservado campeão; "Luz", campeã da Taça Piauí e melhor suino exposto; é tipo banha; "Agata", Tatuí Junqueira, campeã junior; e "Adorno", campeã junor, Tatuí Junqueira, todos de propriedade do sr. Hugo Cabral.

RAÇA PIRATINGA — "Conquistador" primeiro prêmio; "Prus Piratinga", primeiro lugar; e "Purus Piauí", primeiro lugar, todos de propreidade do sr. Hugo Cabral.

"LANDRACE" — "Sardea de Sadia", 1.º lugar, de propriedade do sr. Horacio Sabino Coimbra; "Branca", 1.º lugar, de propriedade do sr José Infante iVeira Junior; e "101", 1.º lugar, de propriedade do sr. José Infante iVeira.

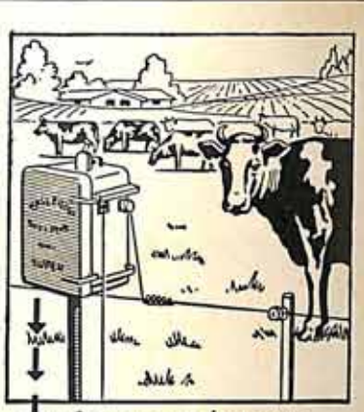
"BERCKSHIRE" — O terno que ganhou o primeiro posto pertence ao sr. Sebastião Carneiro Lobo.

"DUROC-JERSEY" — "Yanke II" — primeiro lugar de propriedade do sr. Hugo Cabral.

EQUINOS — "Cartel", campeão; "Malva", campeã; "Monarca", reservado campeão; "Macumba", reservada campeã. "Penélope" (asinino) campeã. Conjuntos de raça (Cartel, Malva e Macumba. Progenio de pai: Neargo, Malva e Metralha. Progenio de mãe: Neargo e Metralha. Conjunto de Raça Pega: Mata Hari e Acia. Melhor equino exposto: "Cartel".

GADO CHAROLES — "Rapagão", o melhor da raça, de propriedade do sr. Manuel Martins Lustosa.

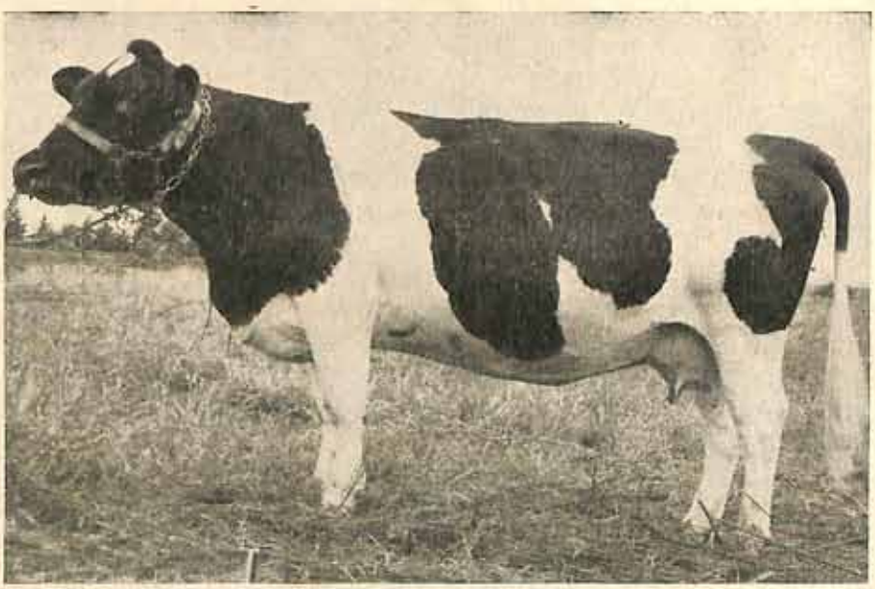
NELORE — "Magia", campeã, de propriedade do sr. Celso Garcia Cid; "Malaca", reservada campeã, de propriedade do sr. Celso Garcia Cid; "Coração", reservado campeão, de propriedade do sr. Alvaro Godoi; melhor conjunto da raça; "Coração", "Marreco", "Lindóia" e "Paraguai", de propriedade de Alvaro Godoi & Irmão.



CÊRCAS ELÉTRICAS
BALLERUP
(DINAMARCA)
80% DE ECONOMIA
EFICIÊNCIA COMPROVADA
SOCIEDADE ALFA LTDA.
REP. EXCLUSIVO PARA O BRASIL
RUA BÉLGICA, 152 - TEL.: 80-6766
SÃO PAULO

A Grande Campeã da Raça Holandêsa P. e B.

DELICIOSA
filha de
Santa Brig's
Matador
Posch
H.B.A. 8799
e
Adelma
Salo Piebe
m.m.
11-8-949



1.º Prêmio
e
Grande
Campeã
da
Raça
Holandesa
Preta
e
Branca

GRANJA NIXDORF
Propr. OSVALD NIXDORF
Caixa Postal, 143 — ROLÂNDIA — Estado do Paraná
Venda permanente de reprodutores

O Estado do Paraná confiante em seu novo governo

AMERICO UGOLINI
Presidente da Associação Rural de Londrina

Estamos aqui reunidos, ao ensejo de mais uma exposição pecuária, promovida pela Associação Rural de Londrina. É o quinto certame da série, realizado ainda uma vez em recinto gentilmente cedido pelo Joquei Clube. A exiguidade de recursos obrigou-nos a improvisar as instalações para a mostra e não pudemos oferecer aos expositores, aos visitantes e às autoridades o conforto e a beleza dos ambientes definitivos de outras regiões. Graças, entretanto, à extrema dedicação de amigos e companheiros, aqui está mais esta iniciativa no ambito agro-pecuário da região, a patentear que outro espírito salutar anima os homens do Norte do Paraná, na busca constante do equacionamento dos fatores da produção, com vistas a um melhor equilibrio das relações economicas aqui desenvolvidas.

A ESPERA DE MELHORES DIAS

A pecuária, ligada as lides agrícolas, contribui para amenizar os trabalhos rudes do campo, oferecendo momentos de contemplação e prazer, a contrabalançar as horas de dissabores e dificuldades, que povoam a maior parte do tempo do homem da roça. É certo que ainda não se chegou, no Paraná, a iniciar um plano, como já se faz no Estado de São Paulo, com a administração Carvalho Pinto, para a racionalização da atividade agro-pecuária, a fim de obter "melhoria dos índices de produtividade, aperfeiçoamento da comercialização e politica agrária", como bem acentuou s. exa. recentemente.

Mas seria intolerável tôda essa luta, todo esse esforço das lides agrícolas, se não nos alimentasse verdadeira e eterna esperança, que se renova no tempo presente, em que se fazem sentir, no Estado e na República, indícios de uma nova éra de recuperação moral, de honestidade e trabalho organizados, fatores que proporcionem o renascimento da fé e da coragem de todos aqueles que, em dias não mui distantes se lançaram à luta do desbravamento do sertão paranaense, atraídos pela uberdade, exuberancia e virgindade desta terra maravilhosa, de que somos eternos namorados.

Estamos certos de que soluções de base são procuradas e que, alicerçadas em nossos recursos materiais, poderão propiciar uma transformação radical em nosso arcabouço económico, inclusive na produção e comercialização do café, que, embora representando problema de ambito nacional, tem sido, quase exclusivamente, o sustentáculo das receitas do Estado.

O SOLO, O CLIMA E O HOMEM

Não faltam condições para essa transformação de nossa política agrária, dados os elementos de solo, clima e material humano que possuimos. E também não faltará ao Governo coragem para adotar medidas disciplinadoras e acauteladoras, que impulsionem, verdadeiramente, a economia paranaense, para destinos mais amplos e positivos.

Descuidou-se da produção de alimentos e hoje não dispomos do necessário

MUITO BOM, O GADO EUROPEU EM LONDRINA

De ano para ano, a região norte do Paraná, apresenta sensíveis melhoramentos nos rebanhos da raça Holandesa preta e branca.

Aqui está Borborema – A3S, filha de Elisabeth's Aviador Imperial, HBB/E, 1–339–ABCBRH e 105 Uruguai – Reg. 5.979, nascida a 16-6-957, que figurando na Exposição de Londrina, logrou obter um honroso Primeiro Prêmio e o título de Reservada Campeã. Faz parte do rebanho do sr. Alciate Silveira de Salles, proprietário da Fazenda Santa Filomena, no município de Arapongas, Estado do Paraná.

Correspondência: – Rua Goiás, 1531 – C. Postal n.º 760

Fone 249 — LONDRINA — Est. do Paraná

para nossa total subsistencia, correndo ainda o risco de atravessar periodos calamitosos, dependentes, como estamos, do trigo estrangeiro e de outros produtos agrícolas.

As populações que desbravaram o Setentrião paranaense dedicaram-se, quase exclusivamente, ao plantio do café. Para a cultura de um bilião e duzentos e cinquentas milhões de cafeeiros existentes no Paraná, foram desbravados cêrca de 850 mil alqueires paulistas, de 24.260 metros quadrados de matas virgens. Essas lavouras, embora produzam algumas vezes mais, por unidade, do que as plantações de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, já apresentam milhões de cafeeiros de produção anti-económica. Mas, se fôr adotada uma política de erradicação dessas lavouras deficitárias, selecionando-se as de áreas ecológicamente favoráveis, nas quais se aplicariam tratos culturais adequados de técnicas racionais, teriamos, como consequencia, um saldo de terras aráveis, facilmente mecanizáveis, que, acrescidas às já cultivadas e incluidas no setor da produção de alimentos, nos conduziriam à solução dos dramáticos problemas sociais, ocasionados pela dificuldade de alimentação de nossas populações, hoje em processo de transferência para os grandes centros industriais do País.

PRODUÇAO DADIVOSA

Pouca importância teria a ocorrência de excedentes agricolas, como os temos hoje de café. Só orgulho nos poderia causar o termos emergido, então, daquela economia extrativa de 30 anos passados, de exploração dos hervais e das florestas de pinheiros nativos, para alcançar posto de relêvo, de participação e de responsabilidade na vida da Nação, de forma real e própria, conscientes de nossa força e, portanto, ouvidos e respeitados nos conciliábulos de cupula da República.

Cremos que não há terra alguma como esta, onde, além do café, se possam cultivar todos os cereais, desde o arroz, o milho, o feijão, o trigo, o centeio a soja, as plantas produtoras de fibras e oleaginosas, como o algodão, o rami, a papoula de São Francisco; a menta e a cana; os citricos e as frutas de clima temperado. Não haverá, acreditamos, país algum em que, como no Paraná, na zona tropical e subtropical, se localize área tão grande, uniforme na qualidade, sem grandes acidentes geográficos, atravessada de grandes rios, de clima ameno e quedas pluviométricas bem dosadas, onde desconhecemos os cerrados, as savanas e as caatingas, ou as terras imprestáveis.

Aqui, em milhares de quilómetros quadrados de superficie, a terra se oferece dadivosa, revestida de riquezas naturais, para que o homem possa lançar-lhe no seio as sementes da fartura. Aqui se adaptam, ainda, as gramineas e leguminosas das mais nobres estirpes, para for-

PALETÓS ESPORTIVOS

Paletós esportivos esplêndidos para usar na fazenda, no campo e mesmo na cidade, durante férias, passeios ou excursões. Cômodos, modernos, muito duráveis e vistosos. Prêços baratíssimos e facilidade de pagamento. Vá vê-los na Casa José Silva Rua São Bento, 51 e filiais - São Paulo.

FAZENDA SÃO JOÃO

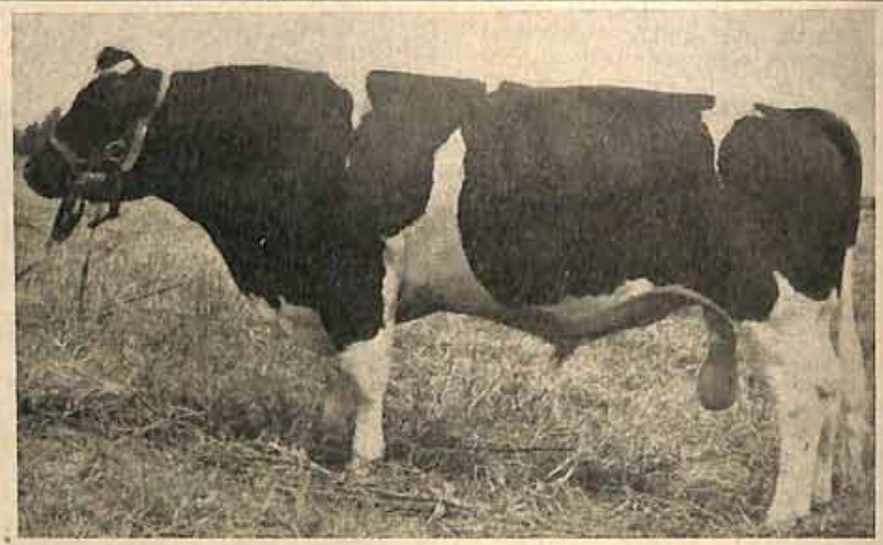
Propriedade de:

Fernando Augusto Romão e outros

Bela Vista do Paraíso

Telefone 4

ESTADO DO PARANÁ



Em cima: **LONDRINA-CARANGOLA JUSCELINO,** com 3 anos de idade, filho de Annette Kevrvost e Betje 4. — Reservado Grande Campeão.

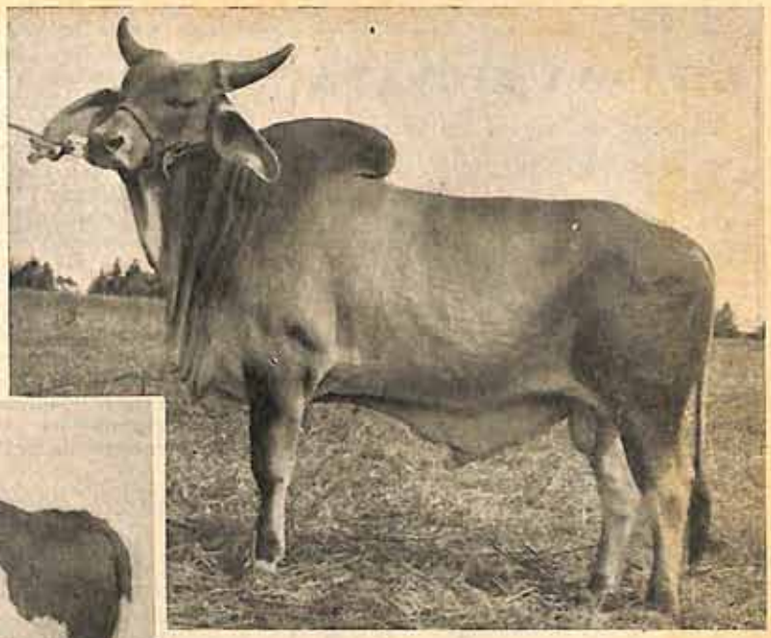
Ao lado: **ALÇADA** — Reservada Campeã da raça Holandesa P. B., nascida a 19-8-57, registrada sob n.º 33.138, na Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

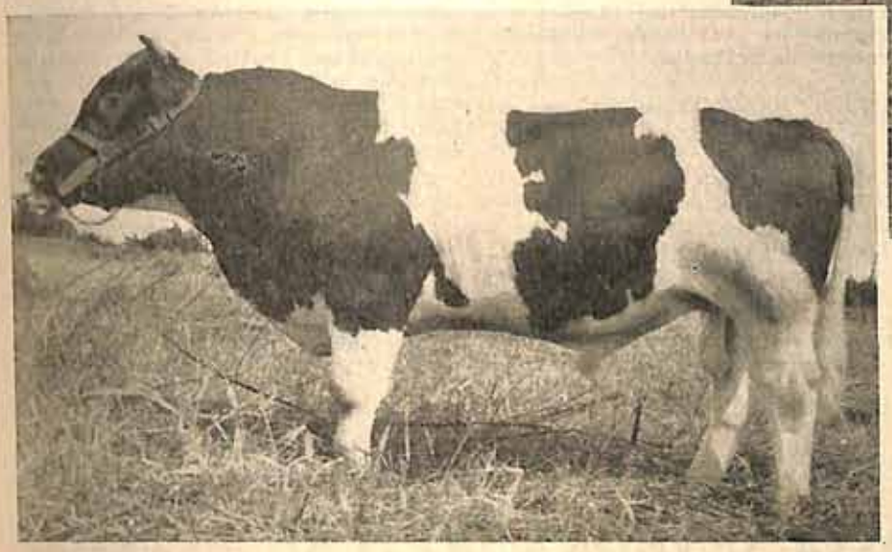
FAZENDA SÃO JOSÉ

Prop. de JOSÉ INFANTE VIEIRA JUNIOR

CAIXA POSTAL 44 — FONE 5

JACARÈZINHO — ESTADO DO PARANÁ





Em cima: — **VAGALUME,** filho de Tarzan e Rumba, nascido em 21-1-59. Segundo Prêmio na Exposição de Londrina.

Ao lado: — O magnífico **IKE,** nascido a 5-2-58, filho de Epílogo Jaap de Canguiri e Castro Irena V6, CAMPEÃO SENIOR da raça Holandesa V. e B.

---

mação de pastagens artificiais, e onde podem ser criados milhões de bovinos.

DO DESBRAVAMENTO À CULTURA DA TERRA

No desbravamento pioneiro destas terras virgens, escassamente o Poder Público se fez presente.

Cada homem, com a familia, isolou-se na clareira que abriu na mata do lote de terras, para si ou para o patrão, como proprietário, posseiro, empreiteiro ou porcenteiro. Cultivou-o como pôde ou como lhe pareceu melhor; viveu isolado, desprovido de assistência de qualquer especie, sem ter para quem apelar, nos momentos em que lhe escasseavam os recursos ou em que a doença batia às portas. Mas, apesar disso, o valor e a coragem, a ambição, a fé em dias melhores daqueles que vieram para ficar, supriram as deficiências e o desamparo; e há orgulho pelo feito. Ninguem se desencantou pelas dificuldades e empecilhos que atulhavam o caminho e, hoje, vencido o primeiro ciclo do desbravamento, povoado o sertão até as divisas de Mato Grosso, Paraguai e Argentina, a nossa gente enfrenta a segunda etapa, a da diversificação das culturas, procurando alcançar aquela finalidade económica, que só é possível na racionalização da organização do trabalho.

CERTAME REVELADOR

Nesta mostra, que não tem a veleidade de encerrar alto padrão, como sóe acontecer nas regiões de pecuária adiantada, vereis, no entanto, que há vontade de progredir e de acertar. Ao lado de gado leiteiro ou de corte, de origem européa, serão apreciados planteis de gado de giba, que constituirão, dentro em breve, base de pecuária selecionada, de raças especializadas, adaptáveis tão bem em nosso meio.

No galpão destinado aos suinos, teremos uma visão do que se tem feito nesse setor. A criação extensiva de suinos principia a ser abandonada, relegada ao passado de nomadismo nos sertões distantes, de pouca densidade demografica. Criam-se, hoje, racionalmente, raças puras ou cruzadas, para rendimento comercial; até nos meios mais atrasados, as rações são enriquecidas de alimentação protéica, em mistura com sais minerais e antibióticos. Os cruzamentos, a seleção e a vacinação preventiva contra doenças contagiosas começam a ser habito corriqueiro do criador. Na criação de equinos, asininos e bufalos, observa-se o mesmo entusiasmo, carinho e esforço.

Representam nossas ultimas palavras um apelo a S. Exa. o sr. tenente-coronel Nei Aminthas de Barros Braga, dignissimo governador do Estado, extensivo às autoridades federais e municipais aqui presentes.

Esta exposição animal de Londrina congregou expositores de quase todos os quadrantes do Estado. Atesta ela o interesse despertado entre os homens do

---

PAGE S.A.
Praça da Sé, 371 — 1.º andar
Tel.: 35-0869
São Paulo

GRANJA SILVANA

Lavouras de arroz e de forrageiras

BOVINOS RED POLL
OVINOS HAMPSHIRE, ROMNEY MARSH E CRIOULOS
EQUINOS CRIOULOS

HARAS ER RASUL

EQUINOS ARABES
Municipio de Pedro Osorio
Estação OLIMPO,
V.F.R.G.S.

Proprietário:
G. Echenique Filho e Filho

Palacio Comercio
Pelotas, Rs.

OMEGA

campo. Expõe ao vivo o fruto de grande esforço, que demandou anos de dedicação e não sabemos quantos sacrifícios. Não é ela uma exibição de grandezas ou vaidades; é o suor de muita gente, cristalizado em poder económico e em riqueza. Riqueza que será o fermento de um futuro grandioso, de abundancia e de realizações, se houver dentro dos postulados da economia planificada, incentivos substanciais, para aproveitar os rendimentos e frutos dêsse trabalho, no fomento à intensificação da pecuária, e, subsequentemente, na industrialização de produtos que ela oferece, aqui na região. Além, naturalmente, do fomento à produção e industrialização de outros produtos oriundos da agricultura em geral, aqui também centralizados.

O PARANÁ CONFIANTE EM SEU GOVERNO

Numa terra como esta, os bens da produção terão de chegar para todos ou todos teremos fracassado. Seria uma dolorosa injustiça continuar observando sêres humanos famintos ou desabrigados, em plena terra da abundancia. A massa de homens e mulheres que construiu esta obra ciclópica neste pedaço de terra do Paraná, até aqui andou só; não teve guia, proteção, incentivo, nem comando. É todo um povo que trabalhou, produziu e pagou impostos. Não recebeu, em contrapartida, a não ser migalhas, que representavam as sobras do desperdicio. Os agricultores e pecuaristas não se furtam, como nunca se furtaram, a colaborar para o progresso do Estado e do País, contribuindo poderosamente, nos limites das forças de cada um, para o processo de desenvolvimento da Nação. Êles estão dispostos, como sempre o estiveram, a fornecer os elementos produtores de recursos indispensáveis à industrialização, mas desejam, como contraprestação, poder fruir, também, dos benefícios desse desenvolvimento, tornando a colaborar com êle, ao constituir-se no indispensável mercado interno para os produtos industriais, e, de retorno, voltar a fornecer, através de maior produtividade, novos elementos de incentivo ao desenvolvimento industrial.

O mundo moderno não comporta mais economias estanques, menos ainda dentro de um mesmo país ou estado-membro. Há pois, que acelerar o processo do desenvolvimento, e, sem dúvida, a base de impulso para o movimento inicial é e será sempre a agricultura. Se esta não tiver condições de resistencia para suportar a partida, cai todo o mais.

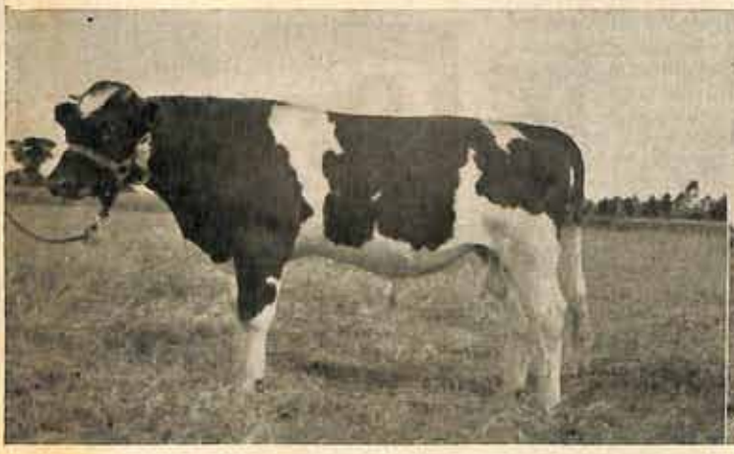
FAZENDA NOSSA SENHORA DO IVAÍ

Prop. de VICENTE CHIOFFI

PORTO FIGUEIRA — CAMPO DE MOURÃO

LONDRINA — EST. DO PARANÁ

Correspondência: AV. RIO DE JANEIRO, 685
Fone. 21 - C. Postal 178



MARAMBAIA-JAMELÃO HEINIANO, nascido a 17-6-59, filho de Heine (Campeão de Pinhal) e Gertje 24, Primeiro Prêmio e Campeão Junior da Raça.

No conjunto, vemos **MARAMBAIA-JAMELÃO HEINIANO,** nascido em 17-6-59, filho de Heine (Campeão de Pinhal), e Gertje 24, Primeiro Prêmio e Campeão Junior da raça; **RIO VERDINHO DRAGÃO AUKE,** nasceu em 10-4-59, filho de Auke e Leme's Fenix, Segundo Prêmio e Reservado Campeão; **MARAMBAIA-JANGO HEINIANO,** nasceu em 9-6-59, filho de Heine (Campeão de Pinhal) e Tine II, Terceiro Prêmio.

A dinamização da agricultura e pecuária no norte do Paraná através da mecanização

Em nossa permanencia em Londrina, foi-nos dado entabolar interessante palestra com o sr. Harry Prochet, adiantado lavrador naquela zona, onde reside há muitos anos. A conversa girou em torno da necessidade da implantação de métodos novos na lavoura, de maneira que se possa obviar a falta de braços que dia a dia se torna mais sensivel, com a constante migração de trabalhador para os grandes centros urbanos e industriais. Fazendeiro que tem os olhos postos na terra, mas que tambem sabe ergue-los e vislumbrar o futuro, o sr. Harry Prochet repondeu com segurança a nossas perguntas, dando-nos valiosa contribuição, que aqui procuramos condensar.

A nossa primeira pergunta, sôbre se a mecanização constituirá adequada solução para o problema da falta de braços na agricultura, teve a seguinte esclarecedora resposta:

— O Brasil está vivendo uma fase de evolução que outros países já atravessaram, notadamente os Estados Unidos. A história de ambos é muito semelhante: tanto um como o outro, ao declarar sua independência, eram países essencialmente agrícolas; grandes propriedades e terras exuberantes não exigiam muito esforço dos homens para viverem confortavelmente. Seguiu-se a éra da industrialização: capitais aregimentados e organizações mais perfeitas permitiam remunerar melhor o trabalho do que aos homens da lavoura. Sobreveio o êxodo do campo.

Mas nenhum país é economicamente forte, se não tiver, aliada à industria, uma sólida e próspera agricultura. Obviamente, os sistemas empíricos e arcaicos do campo, baseados na enxada, não podem concorrer com a industria: a produtividade deste sistema não comporta confronto com a de uma industria racional. Assim, torna-se impossivel fixar o homem ao campo, pois o desnível das possibilidades de ganho é muito grande.

A única forma de reestabelecer o equilíbrio entre o que podem ganhar o operário e o homem do campo é aplicar métodos e técnicas modernas na agricultura e na pecuária, mecanizando-as integralmente.

FACILIDADES TEORICAS PARA AQUISIÇÃO DE TRATORES

— Mas, há facilidades para aquisição de maquinas?

— Teóricamente, sim. Mas de fato, não. Um dos maiores impecilhos tem sido que, enquanto se implanta a industria, com tôda a sorte de favores, inclusive o de poder vender os produtos manufaturados por um preço compensador, a agricultura está sujeita a tôda a sorte de desgastes: os produtos de exportação sofrem o terrível ônus do confisco cambial; os de consumo interno, a ação das Cofaps e a falta de amparo de um financiamento adequado. Como consequência, sendo o produto do campo vendido a nível de preço mais baixo do que os manufaturados, torna-se oneroso ao lavrador comprar máquinas e pagá-las, mesmo quando financiadas.

— E a assistência, a substituição de peças e o preparo de tratoristas contam com facilidades no Estado do Paraná?

— A assistência, a substituição de peças e o preparo de tratoristas, de um modo geral, são precários; porém, com a na-

(Conclui na página seguinte)

CAMISAS

ESPORTIVAS

Magníficas e muito agradáveis de usar as camisas esportivas da Casa José Silva. Modernas, de mangas curtas e longas, desenhos e padrões muito bonitos, são fabricadas por Epsom em fazendas de primeira qualidade. Preços vantajosos e facilidade de pagamento. Rua São Bento, 51 e filiais São Paulo.

Fala o presidente da Associação Rural de Londrina

O sr. Américo Ugolini, presidente da Associação Rural de Londrina, foi incansavel no promover os meios necessarios para o êxito do certame. Ouvimo-lo a respeito e aqui consignamos as suas palavras:

— Estamos satisfeitos com o resultado da exposição. Acreditamos que terá ela atingido os objetivos visados, o que, aliás, ficou demonstrado pelo interêsse do povo e, principalmente, dos pecuaristas tradicionais e dos novatos ou aspirantes a essa modalidade de produção. A exibição de animais nédios e sadios prova que o Paraná poderá transformar-se num Estado de adiantada pecuária, pois seu clima e sua boa terra constituem bases em que podem firmar-se culturas de pastagens ricas, capazes de alimentar rebanhos económicos, para produção de carne ou leite. Houve falhas na organização do certame, não só pela improvisação do recinto, mas também pela grande inscrição de animais, que excedeu à expecativa e previsão, em que fôra calcada a organização. Nem só por isso, mas, e principalmente, pela exiguidade de recursos financeiros, que se limitaram às escassas possibilidades da Associação Rural e ao auxilio de alguns poucos abnegados, solidarios com o nosso esforço.

A Associação Rural de Londrina pretende organizar com antecedencia o certame de 1962, contando desde já com recursos mais amplos, fornecidos pelo govêrno federal e que constam de verba consignada no orçamento, e pelo govêrno do Estado. Temos promessa do sr. governador Tenente-Coronel Ney Braga, que nos foi transmitida pelo seu dinamico secretário da Produção, o sr. dr. Paulo Pimentel, de que poderemos contar com verba suficiente para a construção do recinto próprio e definitivo, de acordo com os estudos e plantas já delineados em terreno de propriedade da Associação. Os nossos companheiros de trabalho também estarão mais habilitados pela experiencia adquirida, assim como contamos com o apoio dos pecuaristas, cada vez mais entusiastas e com a população, que também dará sua colaboração encorajadora.

Para maior êxito do certame de 1962, teremos ainda a eficiente colaboração das revistas especializadas, às quais consignamos o nosso reconhecimento pelo que já têm feito, e que consideramos um auxilio inestimável com a publicidade dada às exposições que já realizamos.

AGUARDEM

OS

"SCHWYZ"

DE

AZEREDO

NA

XXVIII EXP. NACIONAL DE 1961 — Pôrto Alegre - R.G.S. — 20 a 31 de agôsto

15 TOUROS E NOVILHAS P.P.

1.º Produção de KONDOR Imp.

1.º Produção de B. M. SECURITY semen USA. Imp.

1.º Produção de PALZO Imp.

CARLOS A. A. AZEREDO
CABANHA SÃO MANOEL
PEDRAS ALTAS — R.G.S.

- Um ponto alto na criação de Schwyz no Brasil

Esta Cabanha é detentora em Schwyz há 9 anos do maior número de Campeonatos e prêmios de categorias em Exposições Nacionais, assim com nas Estaduais no Rio Grande do Sul Sul

A DINAMIZAÇÃO...

(Conclusão da página anterior)

cionalização do trator e, portanto, sua difusão contínua, esta condição tende a melhorar.

AS AUTORIDADES E A CRISE ECONÔMICO-SOCIAL

— Mas os nossos agricultores não serão refratarios à mecanização?

— O homem do campo, de um modo geral, reconhece a necessidade imperiosa de mecanizar os cultivos. Se não evoluiu ainda, é porque não tem encontrado o apoio e as condições propícias. Creio mesmo que, se não fôssem criadas condições favoráveis para a agricultura, não só as zonas rurais, mas, o País inteiro sofrerá as consequências, podendo mesmo gerar-se uma crise económico-social de grande repercussão.

Felizmente, o presidente Jânio Quadros, em tôdas as suas declarações, reconhece este estado de coisas, e promete corrigir a anomalia, dispensando atenção especial à agro-pecuária do País. Por sua vez, o governador Ney Braga também se preocupa particularmente com os problemas da agricultura, esteio sôbre o qual repousa tôda a economia do Estado do Paraná. Não poderia ter sido o governador do Paraná mais feliz na escolha do seu secretário da Agricultura, o Dr. Paulo Pimentel, moço cheio de vida, lavrador dos mais evoluidos.

Tenho fé em que, com o apoio prometido e que já se vislumbra, o sr. Jânio Quadros entregará ao seu sucessor uma lavoura evoluida e forte, que muito contribuirá para o bem estar e a tranquilidade social do País — concluiu o sr. Harry Prochet.

O Que é Londrina

De algum tempo a esta parte, o Paraná, muito principalmente o Norte — e, no Norte, Londrina — vem oferecendo admiraveis exemplos, como o do nobre propósito de aperfeiçoar sistemas em busca de maior produção da carne, do leite e seus derivados, riquezas em que o País deposita enormes esperanças para o reequilibrio da sua balança económico-financeira.

Em Londrina, numerosas são as tentativas, quase tôdas, felizmente, pela persistência e firmeza, coroadas de êxito. Entre elas, as dos seus pecuaristas, empenhados em verdadeira tarefa patriótica: criam o boi de córte, o gado fino e selecionado, a vaca para o leite e seus derivados, ao tempo em que não descuram do café e dos cereais. Nessa atividade, as experiências se sucedem dia a dia: no afã de encontrar a mais pronta solução para o problema do abastecimento, raças e mais raças são cruzadas em busca das melhores vantagens. Todo é febril, tudo é atividade, pois ninguém se furta ao trabalho.

Fase de transição é esta porque passa o grande Estado, nessa vertiginosa Londrina, tendo como penhor o indiscutivel valor de seus filhos, esses invenciveis homens do campo que ainda há pouco deitavam abaixo a floresta virgem, para que a terra, pura e generosa, recebesse a semente do fruto valioso. Tudo ali é encarado por um prisma róseo: o visitante ou quem quer que se disponha a colaborar encontra escancaradas as portas da cidade e o abraço caloroso de cada londrinense para a tarefa construtiva, formando um bloco que reflete a grandeza desses admiraveis artífices...

PELA A.P.C.B.

NOVOS SÓCIOS

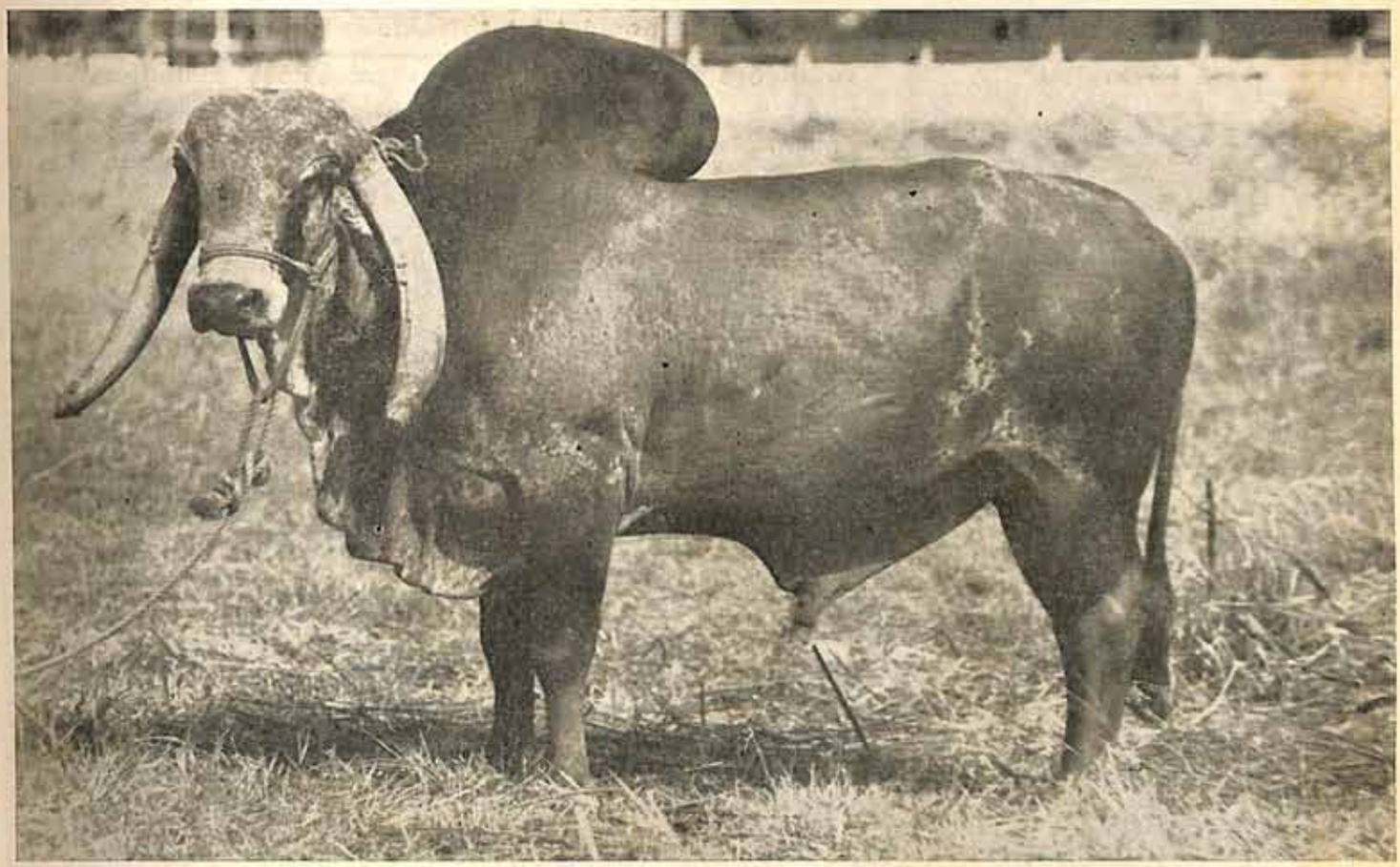
No mês de março último foram admitidos os seguintes novos sócios da A.P.C.B. os srs. prof. Miguel Sansigolo, Antenor Rodrigues de Carvalho, dr. Mario Masagão, Joaquim de Oliveira, Renê Vaz de Almeida, Augusto Mascarenhas Junqueira, Geraldo Figueiredo de Carvalho Gama, Walter Vita, Alberto Martins Moita, dr. Donato Pássaro, dr. Ernani Paiva (remido), Renato Henrique Carlos Grazzini e Luiz Tomaz da Silva (remido), dr. Luis de Almeida Cruz, Orlando Dias Vieira, Condomínio Fazenda Redenção, Carlos Piza Figueira de Mello, Fausto Thame, Alcides Matiuzo, Claudio Moacyr Ville, Hindenburg Dias Landgraf, Otavio Lotufo, Alberto Amin, Aélio Andrade e Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso.

FAZENDA CACHOEIRA

Prop.: Celso Garcia Cid

LONDRINA — PARANÁ

Como se sabe, porque tem sido amplamente divulgado, o sr. Celso Garcia Cid trouxe recentemente da Índia um rebanho de gado zebu, constituído de alguns Guzerá e Nelore, mas, formado na maioria de animais da raça Gir. Êsse rebanho, que tem sido objeto de curiosidade, atraindo visitantes à sua fazenda Cachoeira, no Paraná, compareceu, em parte, à última Exposição de Londrina, não para concorrer, mas para ser mostrado aos interessados. O clichê abaixo é de um dos reprodutores Gir trazidos na citada importação.



REDINO — nasceu em 9-6-51
"BNAVNAGAR"

REDINO	PRIYATAM	MAIYARIO	
		SAKINA	
	REDI	LAKHENIYO	
		REDI	

O GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA HOLANDESA P. B. DE LONDRINA

O zootecnista Otto de Mello ao julgar na exposição de Londrina, referindo-se ao Grande Campeão FIO DE OURO ABADE, disse as seguintes palavras:

"Êste animal representa o fruto de feliz acasalamento, no qual foram utilizadas duas correntes de sangue distinto: o frísio e o americano. É o tipo desejado pelo criador nacional: rusticidade aliada à produção, em condições de enfrentar nossas condições ecológicas".

FAZENDA CEITA CORÊ

Bela Vista do Paraíso — **LONDRINA** — Est. do Paraná

e

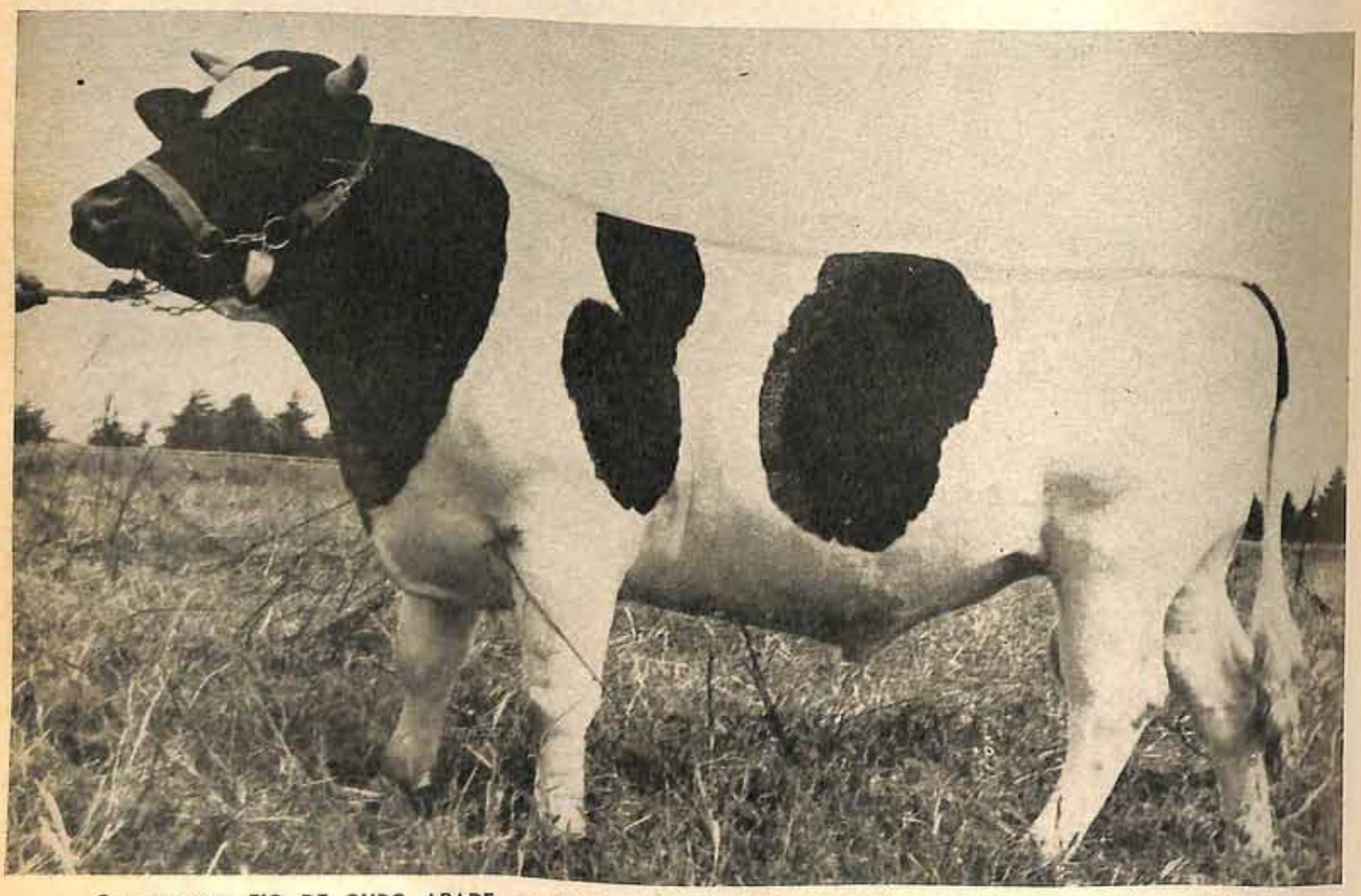
GRANJA FIO DE OURO

GARÇA — S. Paulo

Propriedade de

OCTACILIO ARAUJO DOS SANTOS e Outros

Caixa Postal 81 — Fone 417



O magestoso FIO DE OURO ABADE — Grande Campeão Senior, no certame londrinense, realizado em abril.

Qual o futuro da pecuária de corte em São Paulo?

MARIO MAZZEI GUIMARÃES

A técnica possível da exploração do solo nos primeiros séculos do Brasil não favorecia o desenvolvimento da pecuária bovina em São Paulo. Os rebanhos ficaram modorrando no litoral húmido, expremidos contra o paredão da serra, ou povoaram as áreas de campo e cerrado, pobres do ponto de vista alimentar e relativamente pouco amplas. O gado reduzia a amplidão das caatingas do nordeste, dos carrascos do sertão oriental da Bahia, dos gerais da margem esquerda do São Francisco, dos campos limpos e sujos de Minas e Goiás, abordava savanas de Mato Grosso e tomava conta dos pampas sulinos, enquanto a monocultura da cana fincava-se no massapé do litoral baiano e nordestino. Entretanto, a mata paulista, que cobria as terras mais ferazes do planalto, era um estôrvo à pecuária e um desafio à lavoura, sòmente respondida em larga escala a partir da segunda metade do século XIX. E quando os recursos acumulados na agricultura permitiram a devastação massiça da floresta, a pecuária paulista começou a tomar corpo, tendo por base a invernada artificial, de suporte mais denso de rezes do que o prado natural. De permeio entre as velhas e ultra-extensivas áreas criatorias do centro e do oeste do país e os centros de consumo e os portos de exportação do litoral, o Estado passou a figurar como ponto de descanso do gado erado que demandava os mercados, e de pouso passou a refrigerio, a reconstituinte e daí a pecuária de corte ter tido o seu primeiro grande impulso paulista de desenvolvimento com base na pastagem de engorda, a princípio preparando o gado para a carne fresca e o charque do mercado interno e, a partir da primeira grande guerra mundial, visando a exportação.

De qualquer forma, a pecuária bovina de São Paulo, em escala económica e transbordante, consttiui fenómeno dêste século e surgiu na esteira da cana, do algodão e sobretudo do café, que lhe proporcionou as terras desprezadas nas plantações e capitais para a compra e venda de rezes, ao mesmo tempo que fornecia condições para as primeiras emprêsas no setor dos plantéis, a princípio desviados para raças européias e o caracu e depois, no encalço do Triângulo Mineiro, dedicados ao zebú. Hoje, São Paulo é o maior estado pastoril de corte do Brasil. medido não em número de cabeças, mas em produção de carnes, extraídas de animais importados e aqui acabados nos têrmos da corrente tradicional de comércio com Estados até há pouco tipicamente criadores (Minas, Goiás e Mato Grosso) e de animais que aqui também se criam e recriam, numa ampliação da atividade unilateral da engorda e das antigas criações semi-extensivas, mixtas de leite e de talho, ou visando mera subsistência nas fazendas c sítios.

São Paulo abate 33% do gado bovino morto no País e 37% da carne produzida (1958) — e essa própria vantagem da produção sôbre o rebanho utilizado demonstra o nível da sua pecuária, mais avançado que a média nacional.

Que futuro, imediato e remoto, nos está reservado, no momento em que a indústria empolga o Estado e a agricultura varia e se intensifica, prometendo mudar a paisagem económica e social do nosso meio rural?

60% do GADO ABATIDO: CRIOULO PAULISTA

Não seria exagero afirmar que, ao rebentar a segunda guerra mundial, o Estado de São Paulo alimentava os seus frigoríficos, charqueadas e matadouros com cêrca de dois têrços de gado originário de Estados vizinhos. Pelo menos, o novilho tipo frigorífico era quase todo mineiro, goiano ou matogrossense. Já em 1950, estatísticas de comércio interno de gado, então elaboradas, permitiam concluir que metade dos abates se constituía de rebanhos de criação paulista. Êsse dado atestava o avanço do criatório para o corte em São Paulo, com base no mestiço de zebú; os rebanhos leiteiros, de influência holandesa, que também aumentavam, não concorriam para o fenómeno, exceto no setor de vitelos e vacas, pois não permitiam a formação de bons bois de corte.

Em 1956, São Paulo importou pouco mais de 900 mil reses bovinas de Minas, Goiás e Mato Grosso, segundo dados oficiosos; em 1957, ano em que se daria aproximadamente o abate dessas boiadas, registrou matança de 2.274.000 cabeças (Ministério da Agricultura). Logo, o contingente de gado crioulo paulista deve estimar-se em cêrca de 60%: avanço considerável da cota estadual sôbre 1950. Dir-se-á que há boiadas que entraram no Estado sem controle estatístico; nêsse caso, a média de êrro deve estender-se aos anos anteriores, e de qualquer forma houve progresso. Acontece ainda que São Paulo exporta apreciável quantidade de bovinos para abate no Estado do Rio, no Distrito Federal e do Paraná.

RETRAÇÃO DOS ESTADOS FORNECEDORES DE BOI MAGRO

A pecuária de corte nos três Estados abastecedores de boi magro das invernadas paulistas tem-se ampliado e promete acentuar-se; mas aumentam os abates locais (de 956.000 reses em 1954 para 1.361.000 em 1958) em face do aumento rápido das populações e do seu poder aquisitivo e da tendência de estender-se a rede de matadouros industriais e frigoríficos nos centros pastoris do Brasil Central. A Frimisa, de Belo Horizonte, os matadouros industriais de Anápolis, Goiânia, Campo Grande e Ituiutaba são índices dessa tendência de exportar produto acabado, ao invés de gado em pé. E êste não vem tanto mais em condições de exigir engorda antes do abate; com a melhora do sistema de transporte, o desbravamento de terras de cultura no Vale do Paranaíba, do Brilhante, do Ivinheima, etc., e a consequente formação local de invernadas artificiais, gado pronto para matança tem aumentado o contingente das remessas de outros Estados para o nosso, sob o estímulo de uma procura crescente de animais para o mercado. Dessa forma, e quando Brasília, a nova capital, se transforma apenas ela em centro fixador de um consumo de cem mil reses, não se pode jogar com um aumento apreciável do contingente de gado originário de outros Estados, a fim de alimentar as salas de matança de São Paulo. Os engordadores e industriais de Goiás, tentando defender seu mercado, já falam até em evasão de boiadas, quando os frigoríficos ou invernistas paulistas ali pressionam demasiado nas compras. Acontece ainda que o próprio ritmo de expansão da pecuária de corte nas novas fazendas do oeste sertanejo de certa forma reduz a oferta para o talho, dentro de curto prazo, particularmente no setor de vacas, mais intensamente utilizadas para a procriação.

Não se pode falar, pois, de mais de um milhão de cabeças, nos próximos anos, como cota de outros Estados na formação do contingente anual de abate de São Paulo. O resto, ou seja a maior parte, teremos que tirar daqui. E marchamos com pressa para a matança de três milhões de bovinos...

São Paulo é assim, e tende a ser sempre, e cada vez mais, um grande centro de criação.

MAIS BOI, À CUSTA DE MAIS PASTO

Essa pressão do criatório, ao lado do avanço da engorda, tem sido fator de aumento considerável da área de invernadas em nosso Estado. Pouco fazemos de pecuária comercial nos «campos gerais» de Itapetininga e outras áreas de pobre pradaria natural. Somos uma pecuária de capim plantado. Assim, de 1940 a 1950, ou seja no intervalo de dois censos, a área de pastagem subiu de 6.328.395 hectares para 8.647.935: acréscimo de 2.319.340 hectares, ou de 37%. Enquanto isso, a área de lavouras (permanentes e temporárias) caía de 4.319.798 para 4.258.421 hectares.

A expansão do pasto deve ter-se intensificado de 1950 a 1960, pois as últimas reservas de mata das zonas novas, na Alta Noroeste, na Alta Paulista, na Alta Sorocabana e na Alta Araraquarense, vêm sendo utilizadas para o plantio de colonião, com ligeiro intermédio de roças de algodão e cereais. Os próprios cafezais das zonas de terra branca vêm sendo total ou parcialmente eliminados, devido à pequena produtividade e baixos preços e altos custos, e em lugar dêles se forma dominantemente a invernada. Devemos possuir a esta altura (o censo de 1960 dirá a última palavra) uma área de 11 a 12 milhões de hectares de pastagens. E dentro da média tradicional de suporte, essa base pastoril deve comportar teòricamente 12 a 13 milhões de cabeças de gado vacum.

SRS. FAZENDEIROS TEMOS O QUE NECESSITA NA FAZENDA...

ARAME PARA CERCAR...

...criação, proprio e incomparavel para vedar o gado, sem perigo de se inutilizar. Não arrebenta, aço extra-resistente "Catleland Wire". Regula 2 cruzeiros o metro

Com balancim do proprio arame, economizando: morões, tempo, dinheiro e perdura como cerca definitiva. Unicos distribuidores dessa marca. Só atendemos consumidores.
SAL PECUARISTA - Sacos de 30 e 60 quilos, preparado co mCobalto, Cobre, Ferro etc. (Complemento mineral - Chavantes, regist. n. 1.219). Custando apenas mais dez por cento que o sal comum.
SAIS MINERAIS "Chavantes" reg. n. 1.118, 23 M. Agricultura, Sulf. Cobalto, Cobre, Ferro, Manganês etc. (Fórmula preconizada pelo Dr. René Corrêa - Inst. Biologico de São Paulo).
GRAMPOS - Para cerca - Carrapato - (n/ exclusividade). Pás de ponta e Ferros de pua para cercas.
FIVELAS - Veda-tudo, p/balancim e armar tela no local.
INSETICIDAS - Arseniato de Chumbo e Rhodiatox para combater pragas de algodão, mascaras, polvilhadeiras.
CREOLINA - Pearson, Bichol, Aphtol, Mataberne, Benzofenol Azul, Vacinas, Seringas Vet., penicilinas etc.
ALICATES - Marcar orelha de bezerros e torqueses.
FORMICIDA - Blenco - Apar. portatil (compravada eficiencia), mata-formigas, Imunizantes, Carbolineum etc.
ARADOS - Semeadeiras, Carpideiras, Desnatadeiras Engenhos, Moinnos para quireras etc.
MACHADOS - Colins, Foices, Enxadas, Enxadões, Serrotes, Ancinhos etc.
SEMENTES - Alfafa, Colonião, Gordura (roxo e cabelo de negro), Jaraguá, farinha de osso.
ENCERADOS - "Chavantes" - Todos os tamanhos e para todos os fins, sacos de colheita
TELHAS - Onduladas para coberturas de aluminio refratarias ao calor, Caixas de água, Canos etc.
MATERIAL ELETRICO - Enceradeiras, Liquidificadores, Panelas de Pressão, Talheres (faqueiros), Lanternas, Pilhas, Lampadas, Fios eletricos etc.

SOCIEDADE COMERCIAL S. PAULO - MATO GROSSO
S. Paulo - S. Bento, 484 - 2.o - Fones: 33-4053 e 33-1548.
SOC. COM. PECUARISTA D'OESTE
Araçatuba - Osvaldo Cruz, 185 - Fone: 2.330
Presidente Prudente - A. Brasil, 657 - Fone 5
SOC. COM. MATO GROSSO
Campo Grande - 14 de Julho, 668 - Fone: 2.133
Aquidauana — Rua Manuel Antonio Paes de Barros, 198

O progresso pecuário do Estado, no setor de corte, parece ter-se alimentado, assim, sobretudo da expansão das pastagens. É um avanço horizontal. Em 1950, abatíamos cêrca de 1.800.000 cabeças; em 1960 (devido ao desfalque de 1959) talvez não cheguemos a 2.500.000. Nesse decenio, o aumento do rebanho aproveitado para o talho foi semelhante ao calculado para a área das pastagens: cêrca de 40%. Mais boi, porém com mais pasto, e na mesma escala.

FATORES DE INTENSIFICAÇÃO DA PECUÁRIA DE CORTE

Expande-se assim, à custa do alargamento das pastagens, a pecuária paulista de corte. Como a «fronteira» do Estado foi alcançada, no sentido de que não há praticamente terras novas a desbravar, e como nos vertigonosos mercados, cada vez se exige mais gado próprio de São Paulo para o talho, emerge o problema da intensificação da nossa exploração pastoril visando carne.

Há fatôres que estão pressionando no sentido de mudança dos processos de criação e alimentação dos rebanhos. O alto preço da terra no Estado é um dêles. Nos últimos 20 anos, o preço do pasto subiu mais que o do boi, (provàvelmente 70 vézes contra 50), o que atesta que fatores especulativos decorrentes da inflação, a pressão demográfica e a concorrência de outras atividades agropecuárias influíram para encarecer o sustento tradicional do gado. Outro fator que pressiona no sentido de mudanças técnicas é a elevação do preço do bezerro, decorrente da alta geral dos bovinos, o que estimula maior cuidado do pecuarista no trato de cada valiosa unidade do seu rebanho. A pressão do mercado, cada vez mais exigente de carne, a ponto de vez por outra surgirem crises sérias no abastecimento, é outra circunstância que incentiva o aproveitamento racional dos fatores da produção pastoril em nosso Estado. Os progressos técnicos da agricultura e a melhora da rêde de fomento, pesquisa e experimentação zootécnica bromatológica e veterinária contribuem por sua vez para melhorar a mentalidade dos empresários e dotá-los de maiores conhecimentos para obter mais gado da mesma área e mais carne do mesmo gado.

A Lei de Revisão Agrária, recentemente promulgada, é outro fator que poderá contribuir para intensificar a pecuária de corte em São Paulo. Muito embora seus objetivos fiscais e sociais tenham sido muito moderados, ainda assim permitirá taxações territoriais fortes sôbre as grandes propriedades, onde se torne difícil a intensificação, e principalmente sôbre as grandes propriedades mal aproveitadas dentro dos próprios padrões tradicionais. Uma propriedade pastoril de 2.000 hectares, por exemplo, estará sujeita a uma taxa média de 4% sôbre o valor venal da terra nua, quando até aqui pagava apenas cerca de 1%. E o máximo que poderá obter é uma redução da taxa para 2%, desde que 80% da área estejam cultivados (com pastagens inclusive) e protegidas contra a erosão e a fazenda disponha de residencias para os trabalhadores que se considerem «adequadas». O ônus fiscal poderá levar ao retalhamento dos grandes estabelecimentos pastoris, com o consequente aproveitamento mais intensivo das propriedades menores (sujeitas a impostos mais brandos). O resultado, porém, seria muito rápido se se tivesse mantido o critério fiscal e reformista do projeto original da «revisão», que onerava mais fortemente a grande propriedade, sobretudo quando mal explorada.

RESULTADOS GERAIS AINDA POBRES

Entretanto, até aqui os resultados ainda não são mensuráveis a olhos vistos para a pecuária de corte dominante. Foi-se o tempo em que se acreditava fôsse anti-económica a criação de bovinos em São Paulo, sob o fundamento de que as terras de cultura, sendo «fortes», faziam as vacas engordar em demasia e lhes diminuiam a fecundidade, e de que o preço da terra era muito elevado. Esses fatores, se persistem, são compensados por outros, como o maior índice de sobrevivência dos bezerros, maiores facilidades para a fecundação do que nos grandes rebanhos soltos de Mato Grosso ou Goiás, possibilidades de maior assistência do pecuarista e de adoção de práticas mais evoluídas. Vencido, porém, o tabú desde a década de 40, não se notou, do ponto de vista qualitativo, um progresso extraordinário do criatório paulista de gado comum para o corte, parecendo haver relativamente mais progressos em matéria de gado fino, tanto zebú como europeu. Existem, na verdade, grandes manchas de criação evoluída, como na Alta Noroeste,

onde, num amplo grupo de fazendas, recente pesquisa oficial assinalou média de nascimentos superior a 80% do rebanho de fêmeas e índice de sobrevivência da ordem de 90% sôbre os bezerros nascidos. Mas êsses dados parecem estar muito acima da média estadual dominante. Fato semelhante ocorre com os processos de engorda dos novilhos, que ainda se baseiam no pasto, havendo pouco apêlo à alimentação suplementar, reservada, e em escala moderada, para os bezerros ou o gado fino e leiteiro. A própria pastagem ainda está longe de ter atingido, na mesma propriedade, um satisfatório ponto de subdivisão, para melhor aproveitamento da graminea. E o plantio intercalar de leguminosa nos pastos, para enriquecê-los, é prática recente e ainda de amostra. E como sumula, e apesar da crescente introdução do melhorador sangue zebú, a idade dos nossos novilhos de corte continua a girar em tôrno dos 4 anos e o seu peso médio se calcula há 10 anos na base de 200 quilos, apesar de haver fazendas, como as citadas acima, que já fornecem bois prontos de 2 a 3 anos com 16 arrobas e mais. Aliás, a precocidade é uma das vantagens que pode apresentar o criatório paulista, porque dispensa as longas e penosas marchas a que estão sujeitos os rebanhos de exportação dos Estados vizinhos e permite alimentação mais continuada e intensa.

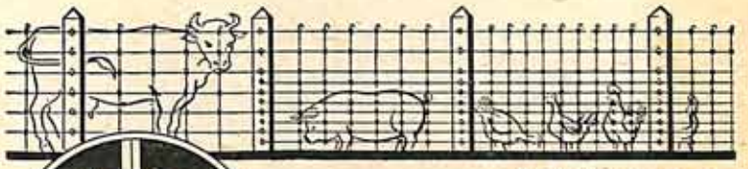
PERSPECTIVAS IMEDIATAS E REMOTAS

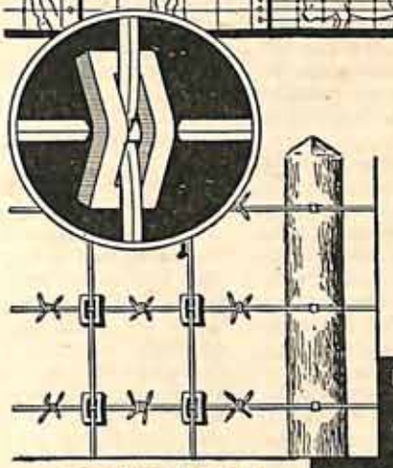
Se os resultados da pecuária paulista de corte não revelam grandes progressos técnicos, é porque também há fatores operando a favor da pecuária semi-extensiva, ainda a dominante na criação, na recriação e na engorda. A relativa facilidade de estender simplesmente as pastagens é um dêles. O lucro relativamente fácil, que ainda se obtém de um alqueire de invernada suportando apenas três animais na engorda, ou até menos, seria outro. A «corrida para o gado», como processo de fuga à inflação, o que torna desproporcional a relação entre o capital invertido e a margem líquida, um terceiro fator. A oportunidade de dirigir uma fazenda de gado à distância, sem perturbação de outras atividades mais ou menos rendosas e sem as complicações da lavoura de café ou de algodão — quarto. A falta de especialização no criatório de gado comum — quinto. A falta de mentalidade agrícola do invernista, que não procura associar a agricultura à engorda, e a ausência de política que torne mais acessível a utilização dos concentrados e dos alimentos suplementares em geral — outros, afinal, entre tantos fatores de desestímulo à melhoria. Dessa forma, não se devem esperar grandes mudanças nos processos de criação, recriação e engorda de bovinos em São Paulo, apesar de esforços isolados e melhoristas.

Na medida, porém, em que novos e contrários fatores forem atuando, em que a pressão demográfica exigir mais espaço, em que a indústria e a urbanização oferecerem e cobrarem mercados, em que a agricultura em geral se intensifique, em que outras culturas, além do pasto, e a própria pecuária leiteira forem concorrendo com o boi de açougue, como «bom negócio» em bases intensivas, e ainda na medida em que se adotem métodos mais acessíveis de alimentação animal e em que as exigências fiscais forem provocando a partilha dos grandes domínios e a procura de processos mais intensivos para o aproveitamento da terra — a nossa pecuária de corte se intensificará e o crescimento da produção não dependerá da formação indefinida de pastagens. Os fatores que permitem uma expansão imperialista do pasto, como base de comoda exploração semi-extensiva, irão sendo superados e passaremos a ter, ou grandes fazendas modelares, bem servidas de capital ou técnica, ou propriedades médias e pequenas, mais assistidas pelo empresário, indo a meia estabulação até os arraiais da engorda e uma agricultura subsidiária, de alimentação animal, saindo dos flancos da pecuária de talho. A cana em natureza, ou o melaço da usina, os cereais secundários e os tuberculos, as leguminosas, associar-se-ão ao capim na infra-estrutura do boi de carne, os concentrados passarão a pesar menos porcentualmente na obtenção de um novilho pronto para abate e aquela metade da raça que entra pela bôca passará a ter alta qualificação. A outra metade — a progenie — já está mais adiantada, a matéria prima do zebú esperando apenas ser melhor interpretada e utilizada, com o desprezo cabal das tradições ornamentalistas importadas da India e a atenção mais prêsa aos resultados finais dos concursos de bois gordos e das provas de ganho de peso, que vêm demonstrando pacientemente a possibilidade de ainda virmos a ter um boi de quatro quartos.

O MAIS PRÁTICO E EFICIENTE SISTEMA DE CÊRCAS para sua fazenda

PLANETA





FIVELAS PLANETA

Para cêrcas de arame farpado de um só fio ou de arame liso. Basta cortar pedaços de arame no tamanho da altura da cêrca e fixá-los verticalmente. V. pode dividir a cêrca à sua vontade, conforme o tipo de criação.

Fivelas PLANETA oferecem total proteção, evitando inclusive ferimentos e arranhaduras no couro dos animais.

FABRICAMOS GRAMPOS PARA EMBALAGENS
SUBSTITUEM COM VANTAGENS A ANTIGA FITA DE AÇO
MAIS ECONÔMICOS + MAIOR SEGURANÇA
APLICAÇÃO FACILÍMA!

PATENTE REQ. N.º 2348
Grampogarra

CONSULTE-NOS SEM COMPROMISSO

Atendemos pedidos de qualquer localidade do país.

METALÚRGICA PLANETA LTDA.

RUA DR. AUGUSTO DE MIRANDA, 1088 — TEL. 62-2931 — SÃO PAULO

REVENDEDOR AUTORIZADO:
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

NO MERCADO DE CARNE...

(Conclusão da página 13)

as indicações conduzem a pensar que, se aumentos houver, os saltos serão de pouca monta e mesmo negligenciaveis.

A queda de preços no mercado varejista foi recebida com agrado geral do consumidor e constitui mais uma prova irrefutável de que os horizontes futuros estarão demarcados por limitadas esperanças para os altistas.

DECLÍNIO DE PREÇOS DOS SUÍNOS

O mercado de suínos continua firme e inalterado, porém marcante declínio de preços já se está verificando no varejo. O movimento de matança tem sido de ritmo fraco e quase todo êle concentrado em poucos estabelecimentos mais devotados à industrialização de produtos e especialidades em que a carne de suíno é o principal ingrediente. — P. M.

FINANCIAMENTO À PECUÁRIA

MOACYR TEIXEIRA
Economista

O desenvolvimento e expansão da pecuária nacional nos últimos anos vem colocar êsse importante setor de nossa produção, como fonte de enormes possibilidades económicas, não sòmente tendo em vista melhorar os padrões alimentares do povo através de maiores índices de consumo, como também a obtenção de apreciavel fonte de divisas na exportação para satisfazer nossa crescente capacidade de importar.

Nosso País possue uma consideravel extensão territorial, onde os campos nativos oferecem largas condições naturais, para expansão da pecuária. Bastaria um planejamento dessa atividade dentro do desenvolvimento económico nacional para constatarmos o potencial de riquezas que o País poderia desfrutar, visando aumentar o rendimento nacional e satisfazer da melhor maneira a procura sempre crescente dos produtos de origem animal. É necessário que se acentue que os criadores brasileiros, principalmente do Brasil Central, possuem uma tradição de trabalho e inovações nesse ramo, fator êsse que facilita óbviamente a expansão desejada de qualquer setor económico. Ao lado do ««Know how»» dos criadores, encontramos a disponibilidade de imensas áreas para expandir económicamente o criatório.

Um problema que necessita ser equacionado rapidamente refere-se ao financiamento das atividades pecuárias, principalmente do criatório, e nêsse sentido uma das primeiras providências do atual Presidente da República foi recomendar ao Ministério da Agricultura a constituição de um grupo de trabalho, com a finalidade de apresentar sugestões relacionadas com a melhoria do crédito pecuário.

IMPORTANCIA DA PECUARIA

A importância da pecuária dentro da agricultura e da economia nacional pode ser avaliada através da análise do sistema de contas nacionais, afim de se aquilitar a contribuição dos produtos de origem animal na formação do produto liquido do setor agrícola e na formação da renda nacional. Conhecendo-se a participação de cada setor económico, torna-se plausível medir sua contribuição e importância para o estabelecimento de uma politica de incentivo à produção.

A renda nacional cresceu de 252,9 bilhões de cruzeiros em 1951 para 1.029,7 bilhões em 1958 indicando um crescimento anual de 13% a preços correntes. O setor industrial participava com 23,7% na formação da renda em 1951, registrando algumas oscilações nos anos subsequentes para atingir 24,8% em 1958. Da mesma forma tivemos o comércio com 12,0%, alcançando no último ano 13,6%.

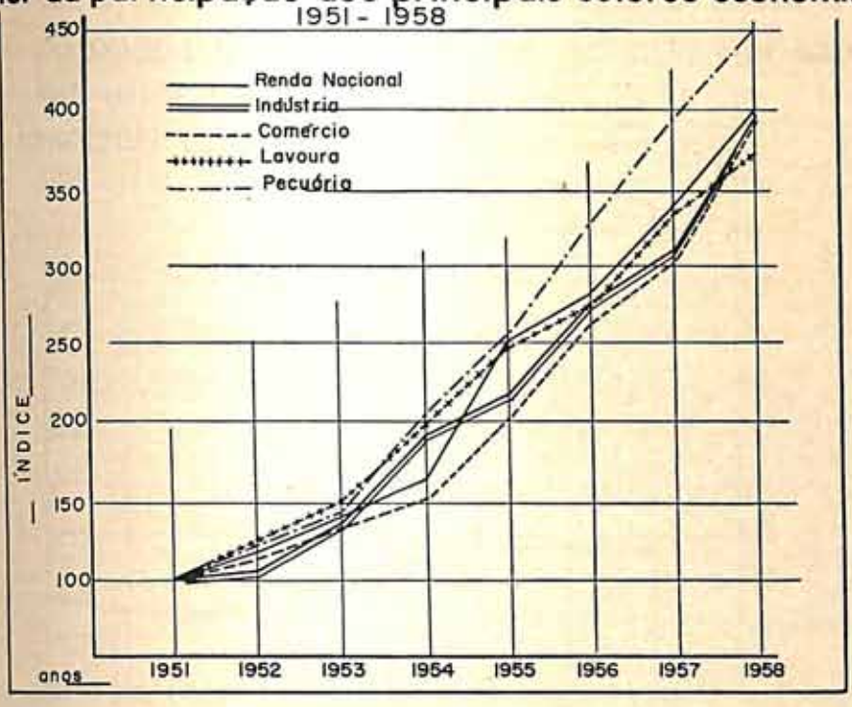
O grupo compreendido por «Outros», na qual se incluem transportes e comunicações, intermediários financeiros, serviços, alugueis e govêrno, reduziu sua participação de 36,3% para 35,2% no período 1951-1958. A agricultura compreende ainda o primeiro setor na formação da renda nacional, tendo participado com 28,0% em 1951 e cêrca de 26,8% em 1958. O produto liquido da agricultura compreende três setores: lavoura, produção animal e produção extrativa vegetal. Analisando a contribuição dêsses setores separadamente, notamos que a lavoura diminuiu sua participação tanto em relação à renda nacional como no produto liquido aírcola, tendo decrescido de 19,0% para 17,5% e de 68,1% para 66,4% respectivamente, no período 1951-1958. Entretanto, a participação da produção animal tem demonstrado ser mais uniforme e crescente, embora ainda bastante inferior à renda da lavoura. Assim, a produção animal teve sua participação aumentada na renda nacional, passando de 6,5% em 1951 para 7,2% em 1958. O mesmo aconteceu com referência ao produto liquido agrícola, pois a produção em relação a êste último evoluiu de 23,3% para 27,3% no período 1951-1958. A produção extrativa vegetal em 1958 representou 1,6% e 6,2% respectivamente, em relação à renda nacional e ao produto liquido agrícola.

PARTICIPAÇÃO DOS RAMOS DE ATIVIDADES NA FORMAÇÃO DA RENDA NACIONAL
1951-1959 — Cr$ 1.000.000

ANOS	Renda Nacional (1)	Indústria (2)	% 2/1	Comércio (3)	% 3/1	Outros (4)	% 4/1	Produto Liquido da Agricultura (5)	% 5/1	Lavoura (6)	% 6/1	% 6/5	Produção Animal (7)	% 7/1	% 7/5	Produção Extrativa Veg. (8)	% 8/1	% 8/5
1951	252,9	64,2	23,7	36,0	12,0	81,8	36,3	70,9	28,0	48,3	19,0	68,1	16,5	6,5	23,3	6,1	2,4	8,6
1952	292,6	68,9	22,5	40,6	11,9	98,2	36,7	84,9	28,9	58,7	20,1	69,1	19,8	6,8	23,3	6,4	2,2	7,5
1953	356,7	88,4	23,1	48,1	11,6	105,5	36,1	104,7	29,2	73,7	20,7	70,4	23,8	6,7	22,7	7,2	2,0	6,9
1954	451,3	119,3	24,7	56,7	11,0	139,5	34,4	135,8	29,9	92,7	20,5	68,3	34,7	7,7	25,6	8,4	1,9	6,2
1955	573,3	142,4	23,3	73,1	10,9	185,8	36,0	172,0	29,8	120,0	20,9	69,8	42,2	7,4	24,5	9,8	1,7	5,7
1956	725,2	175,1	22,9	95,9	10,6	254,8	39,9	199,4	26,6	131,4	18,1	65,9	55,3	7,6	27,7	12,6	1,7	6,3
1957	865,3	203,9	23,6	109,1	12,6	309,1	35,7	243,2	28,1	163,1	18,8	67,1	64,7	7,5	26,6	15,3	1,8	1,3
1958	1.029,7	255,3	24,8	140,4	13,6	362,6	35,2	271,4	26,4	180,2	17,5	66,4	74,2	7,2	27,2	16,9	1,6	6,2
1959	1.460,9	—	—	—,	—	—	—	391,1										

FONTE: Revista Brasileira de Economia — Março de 1960.

Índices relativos de evolução da Renda Nacional e do valor da participação dos principais setores economicos



QUADRO I

Por essa análise rápida se constata o avanço da produção animal e derivados, não sòmente em têrmos de crescimento, como também pela possibilidade que oferece à agricultura de manter sua posição em torno de certo nível na repartição funcional da renda nacional. (Vide Quadro I).

Apesar da lavoura ocupar o primeiro lugar nos ganhos do produto líquido, a situação tornar-se-ia menos alentadora se excluíssemos o pêso exercido pelo café.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que a produção animal tende a ocupar importância cada vez maior na formação do produto líquido da agricultura. De fato, para que tal objetivo seja alcançado mais ràpidamente, teremos de encontrar concretamente soluções adequadas aos seus problemas. Entre êstes, o processo de financiamento a essa atividade deve ser considerado, não apenas pela sua importância e consequências, mas também pelas necessidades e características próprias do desenvolvimento da criação, a qual depende estreitamente de recursos financeiros ao seu crescimento.

CRÉDITO À PECUÁRIA

Em matéria de crédito agrícola e pecuário no Brasil, muito ainda se precisa desenvolver e criar. É um fato sobejamente conhecido que a política de inversões na agropecuária não pode ser financiada pelos próprios agricultores, em face da reduzida poupança da classe agrícola. Uma das formas de contornar essa questão, para não sacrificar a agricultura no quadro dos setores económicos nacionais, seria o encaminhamento por parte das autoridades monetárias de recursos para manutenção, remodelação e ampliação dos empreendimentos.

Ressente-se a agricultura, principalmente a pecuária, da escassez de crédito, e dentro de um processo inflacionário aberto como o que estamos vivendo, as bases de financiamento tornaram-se obsoletas, de certa forma concorrendo para impedir uma desejada expansão no ritimo de crescimento dos produtos de origem animal, afim de fazer face a uma procura cada vez mais dinâmica e flexível.

As bases de financiamento à pecuária adotadas em setembro de 1959 pelo Banco do Brasil não satisfazem à normal expansão da produção animal. Esta circunstância está propiciando o aparecimento de problemas que a médio prazo exercerão profundas distorções na pecuária. Embora as estatísticas não registrem, as observações práticas dos pecuaristas nos permitem afirmar que, nos últimos dois anos, iniciou-se um processo de despovoamento dos campos criatórios do Brasil Central, em consequência do abate de fêmeas. Releva notar que a manifestação dêsse fenómeno, num prazo relativamente médio, implicará em consequências severas na estrutura dêsse ramo de atividade, a menos que medidas acauteladoras sejam tomadas. O financiamento criatório coloca-se como fator fundamental para inverter a situação atual e estimular um processo de maior estabilidade na criação.

Para compreender a evolução da distribuição do crédito à pecuária no País por tôda a rêde bancária, o exame dos quadros anexos relativos aos «Empréstimos em Contas Correntes e Títulos Descontados» nos permitem fixar algumas conclusões de relativa importância.

Verificamos anteriormente a participação dos principais setores da atividade privada na formação da renda nacional e vimos também que o setor que incrementou sua participação satisfatòriamente foi o da produção animal. Isto veio demonstrar o grande esfôrço de economia animal, que, apesar das inúmeras dificuldades existentes, conseguiu contrabalançar em parte as quedas havidas nos demais setores agrícolas, evitando que, no cômputo geral para a agricultura, o decréscimo fosse mais acentuado.

Poder-se-ia concluir preliminarmente que o acréscimo de participação da produção animal seria explicado principalmente pelos esfôrços dos próprios produtores, os quais, reinvestindo seus lucros eventuais e poupanças privadas, puderam como que auto-financiar-se. Isto pode ser verificado fàcilmente. O volume dos emprestimos à pecuária, apesar da manifestação do processo inflacionário, decresceu de 4,6% em 1951 para 3,0% em 1958, enquanto os demais setores da agricultura (lavoura e produção extrativa vegetal) passaram a receber de 6,0% em 1951 para 10,0% em 1958; a indústria passou a receber de 22,0% em 1951 para 30,1% em 1958; o comércio de 33,4% desceu para 26,1% e «outras aplicações» de 34% em 1951 reduziu-se para 30,9% em 1958 do montante de crédito distribuido por todos os bancos do País.

O exame separado da distribuição de crédito entre o Banco do Brasil S/A e os demais bancos da rêde bancária privada não modifica o que acabamos de demonstrar. O principal estabelecimento de crédito do País veio sucessivamente diminuindo seus empréstimos à pecuária em relação ao total de crédito distribuido a todos os setores económicos nacionais. Assim, em 1951, o Banco do Brasil emprestava à pecuária 4,9% do total do crédito distribuido, tendo baixado em 1958 para 4%, enquanto os demais setores tiveram acréscimos progressivos.

Com referência à rêde bancária privada verificou-se o mesmo fenómeno, pois os empréstimos, no período 1951-1958, baixaram de 2,4% para 1,9% em relação ao total de crédito distribuido.

Relacionando a participação de cada setor económico na formação da renda nacional com os empréstimos recebidos por tôda a rêde bancária do País no período de 1951-1958, veremos que porcentualmente a produção animal foi a menos financiada, (vide Quadro II) tendo recebido menos de vinte por cento de empréstimos em relação à sua participação na renda nacional (incluindo-se nesta a avicultura e suinocultura). A lavoura recebeu pouco mais de 20%, a indústria quase 50% e o comércio mais de 80%. Embora a concessão de crédito à agricultura e aos demais setores económicos seja diferente quanto aos aspectos de prazos, juros, segurança, etc., mesmo assim, a situação de inferioridade persistiria, sobretudo na atividade pecuária.

Em face das perspectivas de aumento do consumo de carne, devido aos continuos aumentos da população e da renda «per capita» nos centros de desenvolvimento industrial mais intenso e perspectivas de futura exportação, fatos êsses que pressionarão a oferta, obrigando a expansão da produção, e dadas as características próprias do processo criatório, cla-

ro está que a poupança privada não poderá atender ao ritmo de crescimento da pecuária de córte que no futuro ter-se-á de atingir. Torna-se indispensável, portanto, que o montante de finaciamento se eleve de forma a atender àquele crescimento, bem como a expansão dêste importante setor da economia agricola.

A estrutura dos preços do gado em seus vários estágios sofreu alterações sensiveis e, no entanto, as bases de financiamento estipuladas pelo Banco do Brasil não acompanharam essa nova situação do mercado, reduzindo o crédito global em comparação com os valores reais do mercado.

Confrontadas com a realidade, as bases fixadas deixaram de estimular a produção e seria muito fácil concluir que, para se obter certa estabilidade no criatório e maiores safras de gado, uma das fórmas seria a revisão da politica de crédito nêsse setor.

É recomendável, portanto, a adoção de medidas urgentes por parte das autoridades finaceiras, através de re-exame das condições de financiamento em vigor, condições essas que deverão atender fundamental e primordialmente às seguintes exigencias:

a) elevação das bases de financiamento para níveis mais realísticos, condizentes com os custos elevados e o desenvolvimento que se deseja atender;

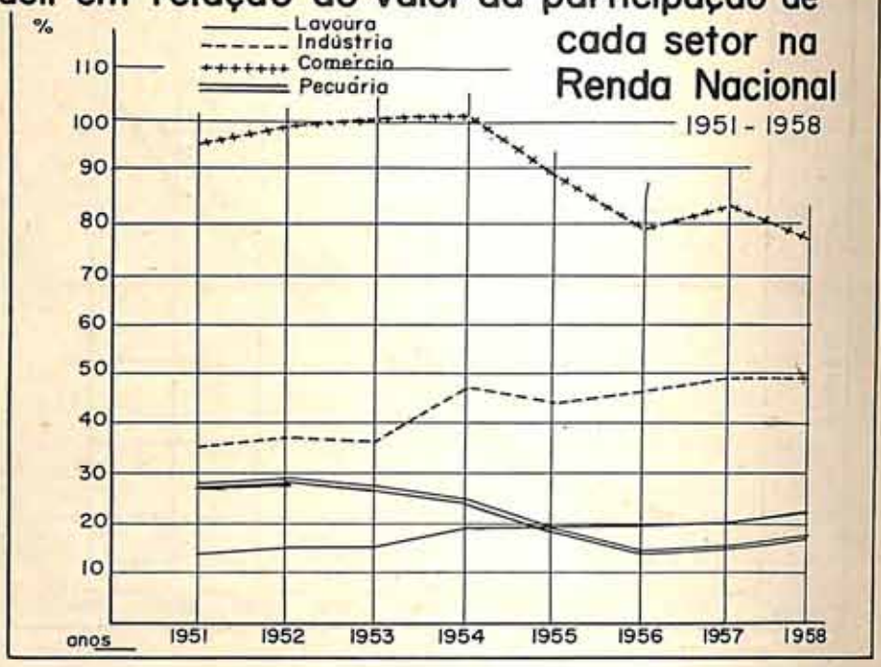
b) elevação dos tétos de financiamento, a fim de permitir que maior número de cabeças de gado sejam atendidas pelo mutuário solicitante.

c) dilatação do prazo de empréstimo vigente, de forma a permitir que o período do giro do capital financeiro apresente um retôrno capaz de amortizar o empréstimo sem criar desequilíbrio financeiro aos mutuários.

Além das medidas capitais acima apontadas, são necessárias outras, complementares, porém não menos fundamentais.

Com referência à forma e processamento das concessões de crédito à pecuária pelo Banco do Bhasil, em várias ocasiões têm sido abordados alguns inconvenientes, os quais persistem até hoje. Em primeiro lugar, coloca-se o problema das

Percentagem dos empréstimos concedidos às atividades econômicas pela rêde bancária do Brasil em relação ao valor da participação de cada setor na Renda Nacional



QUADRO II

BASES DE FINANCIAMENTO EM VIGOR NO BANCO DO BRASIL S/A E OS PREÇOS OTUAIS DO GADO — EM Cr$ 1.000/CABEÇA

Especificações	Bases estabelecidas em setembro de 1959	Preço atual de mercado	Bases atualizadas pelo preço de mercado	% das bases fixadas sôbre o preço de mercado
BOI DE ENGORDA de 3 anos acima	3.0	16.5 (1)	9.9	— 230
GARROTE de 2 a 3 anos	2.0	14.5 (2)	8.7	— 335
GARROTE de 1 a 2 anos	1.5	11.5 (3)	6.9	— 360
BEZERROS de 6 a 12 meses	1.0	9.0 (3)	5.4	— 440
BEZERROS até 6 meses	0.6	6.0 (4)	3.6	— 500
VACAS E NOVILHAS de + de 3 anos	3.0	15.0 (2)	9.0	— 200
VACAS E NOVILHAS de 2 até 3 anos	2.0	11.0	6.6	— 230
VACAS E NOVILHAS de 1 até 2 anos	1.5	8.0	4.8	— 220

1) Em 20-3-61, a média de preços era de Cr$ 16.000,00 a Cr$ 16.500,00 para as boiadas dos Estados de S. Paulo, Minas Gerais e Goiás. Os preços das boiadas de Mato Grosso situavam-se entre Cr$ 13.500,00 e Cr$ 14.000,00. (Todos esses preços são na origem com guia e impôsto pago).
2) Gado bom.
3) Preço médio.
4) Cotação nominal. Não há negocios.

formalidades burocraticas exigidas para concessão de financiamento. O interessado, ao procurar o Banco para solicitar crédito, tem que preparar os documentos exigidos, muitos dos quais acreditamos ser dispensáveis ou pelos menos alguns dêles poderiam ser obtidos pelo próprio Banco. Neste caso, a prática recomenda que se encare a realidade nos meios pecuários.

Outro problema que está exigindo solução da direção do Banco do Brasil é o da automonmia das agências. As propostas acima de um milhão e meio de cruzeiros são enviadas à agência central, em muitos casos demorando para serem examinadas mais de 60 dias. Tal fato provoca prejuizos e desajustes na aquisição de bois para pasto.

Muitas das despesas que o produtor realiza no processamento da operação de crédito poderiam ser suprimidas, evitando-se o excesso de papelório, dificuldades de registro e o encarecimento dos contratos, através dos chamados «aditivos».

A dispensa de grande parte da série de certidões negativas, provas de quitação recebidas das repartições do Estado, poderia obviar as dificuldades existentes. Não menos difícil também ao pecuarista é o atendimento da exigência de cartas e procurações de quem vende o gado ao proponente. Na maioria das vezes, torna-se difícil conseguir tais documentos, pois o vendedor reside nos longinquos sertões de Mato Grosso e Goiás.

Em 1949, pela lei 1.002, foi criado o sêlo pecuário, afim de atender ao serviço de juros das apólices emitidas pelo Ministro da Fazenda para pagamento a cargo da União, no valor de Cr$ 1,00 sôbre cada mil cruzeiros ou fração, incidindo proporcionalmente sôbre os títulos cambiais, contratos e escrituras de empréstimos e locações de imóveis rurais, todos referentes à exploração pecuária. Posteriormente, pela lei 2.282, de 1954, o valor do sêlo foi elevado para Cr$ 1,50. Este sêlo seria devido até findar o prazo do restante das apólices, o qual foi estabelecido em 1959 e 1960. Portanto, a supressão dessa despesa nos contratos deve ser considerada, tendo em vista as disposições da Lei.

Acreditamos que a melhor forma de encontrar uma solução para os problemas da concessão de crédito à pecuária é facilitar o processamento das operações, imprimindo maior dinamismo e flebilidade à prestação de serviços da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial. Nesta circunstância, muitas exigências constantes do atual regulamento terão que ser modificadas para se adaptar à realidade.

EMPRESTIMOS EM CONTAS CORRENTES E TITULOS DESCONTADOS
BANCO DO BRASIL S/A E OUTROS BANCOS (Nacionais, Estrangeiros e Casas Bancárias)
Saldos em 31-12 — Valor Cr$ 1.000.000

Anos	Total	Lavoura	%	Pecuária	%	Indústria	%	Comércio	%	Outras aplicações	%
1951	103.083	6.155	6.0	4.746	4.6	22.636	22.0	34.525	33.4	35.021	34.0
1952	123.314	8.223	6.7	5.785	4.7	25.675	20.8	40.405	32.8	43.226	35.0
1953	156.404	10.283	6.6	6.367	4.1	31.557	20.2	48.487	31.0	59.710	38.1
1954	200.362	16.843	8.4	8.569	4.3	55.482	27.7	58.021	29.0	61.447	30.6
1955	220.651	21.469	9.7	7.538	3.4	63.336	28.7	64.733	29.3	63.575	28.9
1956	282.895	24.857	8.8	8.472	3.0	80.724	28.5	74.921	26.5	93.921	33.2
1957	368.615	33.284	9.0	10.628	2.9	99.561	27.0	91.121	24.7	134.021	36.4
1958	415.688	41.167	9.9	12.606	3.0	124.742	30.1	108.586	26.1	128.587	30.9
1959	500.354	55.738	11.1	15.261	3.1	160.687	32.1	138.052	27.6	130.616	26.1

FONTE: S.E.E.F.M.F.

EMPRESTIMOS EM CONTAS CORRENTES E TÍTULOS DESCONTADOS
BANCO DO BRASIL S/A. — SALDO EM 31-12
VALOR Cr$ 1.000.000

Anos	Total	Lavoura	%	Pecuária	%	Indústria	%	Comércio	%	Outras aplicações	%
1951	41.694	2.599	6.2	3.303	4.9	3.308	8.0	6.364	15.3	26.120	62.6
1952	55.189	3.923	7.1	4.157	7.5	4.905	8.9	8.954	16.2	33.250	60.2
1953	74.846	5.168	6.9	4.552	6.1	6.433	8.6	11.525	15.4	47.168	63.0
1954	103.648	10.736	10.4	6.406	6.2	24.745	23.8	14.944	14.4	46.817	45.2
1955	113.426	13.673	12.1	5.210	4.5	28.382	25.0	17.169	15.2	48.992	43.2
1956	152.277	15.168	10.0	5.613	3.6	35.636	23.4	18.193	11.9	77.667	51.1
1957	204.945	19.775	9.6	7.197	3.5	44.141	21.5	19.933	9.8	113.899	55.6
1958	217.928	26.892	12.3	8.748	4.0	54.959	25.3	23.787	10.9	103.542	47.5
1959	231.553	34.492	14.9	10.686	4.6	64.707	27.9	23.578	10.2	98.090	42.4

FONTE: S.E.E.F.M.F.

EMPRÉSTIMOS EM CONTAS CORRENTES E TÍTULOS DESCONTADOS
OUTROS BANCOS (Nacionais, Estrangeiros e Casas Bancárias)
Saldos em 31-12 — Valor Cr$ 1.000.000

Anos	Total	Lavoura	%	Pecuária	%	Indústria	%	Comércio	%	Outras aplicações	%
1951	61.389	3.556	5.8	1.443	2.4	19.328	31.5	18.161	45.8	8.901	14.5
1952	68.125	4.300	6.3	1.628	2.4	20.770	30.5	31.451	46.2	9.976	14.6
1953	81.558	5.115	6.3	1.815	2.2	25.124	30.8	36.962	45.3	12.542	15.4
1954	96.174	6.107	6.4	2.163	2.3	30.737	31.7	43.077	44.5	14.630	15.1
1955	107.225	7.796	7.3	2.328	2.2	34.954	32.6	47.564	44.4	14.583	13.6
1956	130.618	9.689	7.4	2.859	2.2	45.088	34.6	56.728	43.3	16.254	12.5
1957	163.670	13.509	8.2	3.431	2.1	55.420	33.9	71.188	43.5	20.122	12.3
1958	197.760	14.275	7.2	3.858	1.9	69.783	35.3	84.799	42.9	25.045	12.7
1959	268.801	21.246	7.9	4.575	1.7	95.980	35.7	114.474	42.6	32.526	12.1

FONTE: S.E.E.F.M.F.

O pequeno matadouro na realidade brasileira

PASCHOAL MUCCIOLO
Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da U.SP.

A tese da construção de pequenos matadouros espalhados por todos os quadrantes do território nacional empolgou, tempos atrás, muitos setores da opinião pública, no desejo razoável de ver solucionado, satisfatòriamente, o problema do abastecimento. Essa idéia, muito arraigada, principalmente nesta área geo-econômica chamada Brasil Central, certamente foi um dos fatôres que contribuiram para o surgimento do plano de matadouros regionais que as autoridades federais encamparam, estimulando a construção de tais estabelecimentos através auxílios financeiros especiais. Depois de quase decorrida uma década da vigência de tal legislação, impõe-se um balanço para verificação de seus efeitos práticos, mórmente se considerarmos a luta que se estabeleceu entre municípios e regiões, no afã da reivindicação dos favores legais.

Embora não dispondo de dados estatísticos seguros, mas apenas orientados pela estimativa dos fatores de observação comum, verificamos que, de uma forma ou de outra, proliferaram os estabelecimentos de matança em território do Brasil Central nos últimos anos. Alguns levantamentos oficiais recentes orçaram em mais de mil o número de abatedouros no Estado de São Paulo.

Há muitos anos, o Ministério da Agricultura, através da Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal, empreendeu campanha sistemática de modernização das charqueadas e, indiscutivelmente, conseguiu o seu objetivo, porque todos os esforços se desenvolveram numa época de verdadeira euforia para a industrialização da carne. Aliás, o aparecimento de inúmeros outros estabelecimentos também ocorreu nesse tempo de grandes negócios, nos mercados interno e externo, culminando êstes últimos com a exportação de carne salgada. A febre de matança foi tal que as autoridades sanitárias federais se defrontaram com a contingência de impor rigorosa seleção dos estabelecimentos desejosos de vender carne curada no mercado externo. Esta preocupação decorria de que poucos estabelecimentos apresentavam condições técnicas suficientes para poder enviar produto compatível com as especificações do país importador. As maiores exigências eram de natureza higiênica, o que pode dar a justa medida para avaliar as condições de funcionamento das fábricas que operam em nosso território.

Não pode haver dúvida, como acima apontamos, de que alguns abatedouros apresentam falhas graves quanto ao aspecto higiênico dos produtos elaborados. Vejamos agora as falhas decorrentes de seu funcionamento deficiente, agravado pelo constante aumento de custo da matéria prima — o boi.

À medida que as cotações do animal de corte se foram libertando das peias fictícias do tabelamento, levando os negócios a uma paridade com os artigos congêneres, surgiram as dificuldades mais sérias para a indústria implantada de afogadilho. De fato, o valor reajustado do novilho implicitamente obriga a uma industrialização mais aprimorada. O fenômeno não é original, nem peculiar à indústria de carnes, porque se observa com a manufatura de qualquer artigo ou utilidade: sempre que cresce o preço da matéria prima ou a concorrência em torno do produto se torna mais acirrada, urge melhorar os métodos de produção, aperfeiçoando-os, reduzindo seu custo e, concomitantemente, cuidando de elevar o padrão de qualidade dos produtos elaborados. Se esta atitude é correta para qualquer indústria de modo geral, muito mais o é para a da carne.

Os pequenos matadouros, que pulularam em razão das condições anômalas em que por muito tempo se desenvolveram os negócios de carne, não podem mais sobreviver econòmicamente com os atuais preços do novilho de corte. Faltam-lhes recursos técnicos capazes de extrair ao máximo o que a matéria prima pode oferecer para equilibrar o alto preço da carne. Pode-se afirmar, sem receio de êrro que, em condições normais de negócio, os lucros originados da matança dos animais só podem ser medidos pelo nível de aproveitamento dos sub-produtos. Esta assertiva será tanto mais exata se levarmos em conta que, para muito breve, a compra dos animais de corte será feita na balança, como tudo está a indicar, depois das tentativas repetidas nêsse sentido.

Vale a pena notar que o aproveitamento dos sub-produtos da matança só é técni-

camente possível a partir de determinado limite. Em outras palavras, e para exemplificar, ninguém pensaria em manter uma instalação completa para aproveitamento racional de plasma sanguíneo ou de sebo comestível de bovino, contando com abatedouro cuja capacidade de matança diária fôsse de duas ou três dezenas de animais. Por outro lado, como pretender industrializar glândulas de secreção interna, se êsse considerado pequeno matadouro não possue instalações de frio industrial?

De nenhum ponto de vista podemos aceitar a idéia do florescimento de pequenos matadouros nas condições físicas e económicas do mercado brasileiro. Aliás, tais estabelecimentos jamais poderiam ser enquadrados nas normas aprovadas pelo decreto n.º 30.691, de 29 de março de 1952, que consubstanciam o atual regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal. Para êsse diploma federal, matadouro é o "estabelecimento dotado de instalações adequadas para a matança de quaisquer espécies de açougue, visando o fornecimento de carne em natureza ao comércio interno, com ou sem dependências para industrialização; disporá obrigatòriamente de instalações e aparelhagem para o aproveitamento completo e perfeito de tôdas as matérias primas e preparo de sub-produtos não comestíveis". Como se vê, mesmo que os pequenos matadouros disseminados pelo território nacional satisfizessem as exigências regulamentaares, hipótese que nem remotamente se verifica, estariam. na atual conjuntura económica nacional, em situação francamente desastrosa, porque não conseguiriam nem sequer colher os juros do investimento realizado com as instalações que hoje, de modo algum, poderiam funcionar em sua plena capacidade. A matança tem sido reduzida em quase todos os estabelecimentos, ensejando pequeno volume de material a ser beneficiado, fato que torna absolutamente anti-económicas as operações. Se a esta situação juntarmos a deficiência de beneficiamento, que conduz à obtenção de produtos de má classificação comercial, teremos os argumentos que nos permitem concluir pela impossibilidade de sobrevivência dos pequenos matadouros que têm a seu cargo abastecer pequenos municípios. Êsse abastecimento será sempre deficitário e económicamente negativo, apresentando falhas higiênicas que poderão por em risco a saúde pública.

A indústria da carne deve ter características de concentração para possibilitar aproveitamentos em níveis económicos, facilitar instalações adequadas de alto rendimento, propiciar inspeção sanitária que represente garantia para as populações. À realidade brasileira não se ajusta a política de estimular a implantação de pequenos estabelecimentos de matança que, mal aparelhados, dilapidam o patrimônio pastoril e atentam contra os interêsses da saúde pública. Mesmo considerando a circunstância adversa da extensão territorial, que à primeira vista torna mais dispendiosa a concentração das operações de matança e de abastecimento, ainda assim o balanço será favorável, com altos dividendos, à iniciativa privada e à nação, se a industrialização do animal de corte puder efetuar-se em estabelecimentos dotados de tôdas as instalações modernas, capazes de permitir completo e racional aproveitamento da matéria prima.

PASTOS E PRODUÇÃO DE CARNE

GERALDO LEME DA ROCHA
Engenheiro Agronomo

Com o contínuo desenvolvimento da agro-pecuaria, surgem problemas que precisam ser novamente formulados para que a produtividade possa ser apreciada dentro do quadro geral da economia paulista. É o que ocorre, por exemplo, no setor da produção de carne em pastagens exclusivas de gramineas nos trópicos.

A utilização dos pastos para engorda de bovinos, em nosso meio, tem sido feita totalmente a expensas da fertilidade natural do solo. É o que vem ocorrendo na Noroeste do Estado de São Paulo, onde, após a derrubada do mato, planta-se por dois ou três anos o algodão ou milho, para em seguida, se estabelecer o capim Colonião. Este é geralmente plantado por mudas em covas distanciadas entre si de 2,0x2,0 m a 6,0x6,0 m; as plantas irão florescer e produzir as sementes que, caidas ao solo, garantirão o revestimento do terreno no ano seguinte.

Assim é que, nos melhores padrões de terra da Noroeste, conseguem-se colocar nas pastagens recemformadas 4 a 6 cabeças por alqueire; esse número decresce com o decorrer do tempo, chegando a níveis bem baixos, de 2 a 3 cabeças, reduzindo a produção de carne por área unitaria.

Esse fenómeno tem origem em um complexo de fatores, dentre os quais se destaca a sobrecarga das pastagens. Com a ação contínua da boca e do casco do animal, as forrageiras se debilitam e acabam por desaparecer, permitindo que plantas invasoras ocupem seu lugar. É o que se denomina praguejamento das invernadas, podendo ser citado o exemplo da infestação de "leiteiro", que, em determinadas regiões, constitue problema alarmante.

Desde que se adote a sub-divisão dos pastos em areas menores, para permitir sua utilização em rodizio, pode-se regular com relativa facilidade o tempo de descanço por que deverá passar o capim, até que se encontre novamente em condições de ser utilizado. O emprego dos fechos eletrificados barateia sensivelmente o custo unitario das cercas, pois basta um fio de arame apenas para a contenção dos animais.

Uma vez adotada a prática do apascentamento em rodizio, pode-se passar a uma segunda fase, de melhor utilização dos pastos, por meio da adubação das forrageiras. O emprego de fertilizantes nas invernadas define uma etapa superior no setor da pecuaria: é a mudança de uma mentalidade extrativa para a racional, que consiste em aplicar capitais para obter retornos.

Os primeiros resultados da aplicação de fertilizantes em pastos são os mais animadores. Através da adubação do capim Colonião, na região da Noroeste, tem sido possível aumentar de mais de cinquenta por cento, por ano, os lucros da exploração do gado de córte. Esses trabalhos de investigação foram feitos pelos pesquizadores do I.B.E.C. Research Institute, com séde em Matão. Técnicos do Departamento da Produção Animal, em ensaios de fertilização de varias gramineas, têm conseguido facilmente aumentar de *100 por cento* a produção de gramineas.

Sabe-se já, com segurança, que o principal elemento a ser empregado é o nitrogenio, que fornece boas produções, em associação com o fosforo.

O Estado de São Paulo conta assim com as bases técnicas para a aplicação racional de capitais nas invernadas, transformando a produção de carne, de extrativa que é, em verdadeira empresa pastoril, em que se emprega dinheiro para adubar os pastos que irão fornecer lucros compensadores.

Com o desenvolvimento da indústria brasileira de fertilizantes, tanto a de nitrogenio, que constitue monopolio estatal, como a de fosfato, abre-se um campo totalmente novo para a produção pecuaria. As forrageiras, que constituem a materia prima de transformação no organismo animal, passam a ser encaradas de um ponto de vista mais racional. Para que se obtenha maior produtividade dos pastos e, consequentemente, dos animais, é indispensavel fornecer às plantas os elementos necessários ao seu crescimento e rebrotas sucessivas.

A SONEGAÇÃO DO IMPÔSTO DE VENDAS E CONSIGNAÇÕES NO COMÉRCIO DA CARNE

ALBERTO MARTINS E SILVA

A Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, no último mês de fevereiro, deu a conhecer o valor do Impôsto de Vendas e Consignações arrecadado na Capital, relativo às transações de carne. É um quadro estatístico. Frio. Não opina e não comenta. Todavia, salta à vista a discrepância da informação sôbre a origem dos impôstos recolhidos.

O mercado da carne na capital paulista é perfeitamente definido. Os 60 frigoríficos distribuem cêrca de 40% de carne consumida. Os 60% são completados por outros abatedores e frigoríficos do Interior. Não é uma cota fixada, mas resultante da capacidade de fornecimento para o consumo. É óbvio que o montante do Impôsto de Vendas e Consignações a ser recolhido pela parte que distribui 60% da carne consumida é maior (em 20%). Entretanto, essa lógica não ocorre na arrecadação do referido impôsto. Para facilitar o entendimento, chamemos os frigoríficos da Capital de grupo A. Os outros abatedores e frigoríficos do interior de grupo B.

Assim, temos que o Impôsto de Vendas e Consignações recolhido em 1960, em relação à taxa de distribuição da carne para o consumo, rendeu:

Grupo A	(40%)	Cr$ 871.379.503,90
Grupo B	(60%)	Cr$ 144.758.066,90
Diferença		**Cr$ 726.621.437,00**

A discrepância da informação é evidente. O grupo B recolhe aproximadamente 5 vezes menos do que o grupo A, responsável por 40% do abastecimento do mercado consumidor. O grupo A recolhe Cr$ 726.621.437,00 mais do que o grupo B, responsável pelos 60% do abastecimento. A conclusão é única e irrefutável: sonegação. O grupo A, constituido pelos frigoríficos da Capital, mantém uma contabilidade rígida e controlada, pois são emprêsas legalmente constituidas e sujeitas constantemente à fiscalização do Govêrno. O grupo B é constituido principalmente por marchantes e frigoríficos, que deveriam manter a mesma contabilidade e se sujeitarem à mesma fiscalização dos componentes do grupo A. A sonegação do Impôsto de Vendas e Consignações, portanto, é notória entre os marchantes e outros abatedores responsáveis pelo que se chama «contrabando interno da carne». O alcance da sonegação é também um dos fatores que contribuem para a instabilidade do mercado da carne. Vejamos por que, através do montante sonegado. Primeiro, a estimativa da arrecadação do impôsto em relação às taxas de distribuição da carne:

Grupo A	(40%)	Cr$ 871.379.503,90
Grupo B	(60%)	Cr$ 1.207.069.255,80
Total que deveria ser recolhido		**Cr$ 2.078.488.759,70**

O arrecadado em 1960 somou Cr$ 1.016.137.570,80. D'onde este quadro da sonegação:

Estimativa da arrecadação	Cr$ 2.078.448.759,70
Total arrecadado	Cr$ 1.016.137.570,80
Valor do Impôsto sonegado	**Cr$ 1.062.311.188,90**

Êsses números seriam por certo muito maiores se dispuzesemos de dados precisos do recolhimento do Impôsto de Vendas e Consignações sôbre o comércio e a industrialização da carne em todo o Estado de São Paulo. Todavia, o relatório do D.P.A. da Secretaria da Agricultura sôbre a produção da carne no Estado, em 1960, estima o abate total em 2 milhões e 300 mil cabeças de gado. Aos preços atuais, teriamos uma importância de cerca de 55 bilhões de cruzeiros. Considerando duas incidências do impôsto, na compra do gado e na venda da carne, teriamos uma arrecadação bem superior a 5 bilhões de cruzeiros, soma que, pelo exemplo da Capital paulista, o Estado nem remotamente está recebendo.

Consequências prejudiciais

Sòmente a sonegação deste impôsto específico tem provocado numerosas irregularidades no próprio abastecimento, além dos prejuizos causados ao erário estadual. A carne, cujo preço atual deveria ser condicionado ùnicamente pela oferta e procura, sofre os influxos e refluxos característicos do «contrabando» O consumidor, que poderia obter vantagens de uma competição em igualdade de condições, deixa de tê-las: a carne «contrabandeada» é posta no mercado pelo mesmo preço da fornecida pelos frigoríficos do grupo A, que pagam todos os impôstos. O grupo B, fornecendo aos açougues carne sem a incidência do impôsto, obtem maiores lucros e oferece ainda pequenas diferenças de preço aos intermediários, diferenças essas suficientes para subtrair das emprêsas organizadas grande número de fregueses, sem qualquer benefício para o consumidor.

Já foi amplamente noticiada a forma da evasão de tributos: indivíduos e emprêsas abatem o gado em municípios distantes até mesmo em outros Estados, ou na periferia da Capital, fazendo a carne entrar clandestinamente na Capital, escapando assim ao pagamento de diversos tributos, dentre êles as duas incidências do Impôsto de Vendas e Consignações.

Um princípio de solução será a arrecadação do Impôsto de Vendas e Consignações no local de abate, com fiscalização efetiva da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. Por meio de medidas semelhantes, o Estado passará a arrecadar mais alguns bilhões de cruzeiros e o consumidor se beneficiará do regime de concorrência leal entre os fornecedores.

O assunto vem merecendo a melhor atenção do dr. Gastão Bueno Vidigal, ilustre secretário da Fazenda, e de seus assessores técnicos, com os apláusos do govêrno federal e da opinião pública.

Já está circulando o

ANUÁRIO DOS CRIADORES

DE 1961

Você não pode depender da estrada

QUANDO A PRODUÇÃO PRECISA SER VENDIDA!

Em outros tempos, essa chuva era prejuízo na certa. As estradas feito lôdo, um barro só, até o Mercado, nada de poder viajar. Semanas inteiras sem vender um tostão. Um dia que tinha cismado ir de qualquer jeito com a minha antiga camioneta, ela atolou até os eixos.

Era sempre assim: qualquer chuva mais forte impedia a passagem – tudo parado no sítio, esperando o barro secar. E, mesmo sêco, tinha vêzes que a camioneta não podia varar aquêles quilômetros de estrada ruim. Agora, é tudo diferente – saio do sítio com o Pick-up "Jeep" carregado...

...e na hora certa estou no Mercado. Aí, eu vendo tudo, carrego o Pick-up "Jeep" com o que é preciso e, ainda antes do almôço, estou de volta, dinheiro no bôlso. E cada vez mais convencido de que a gente não pode ter lucro com a terra, se não trata de modernizar tudo. Tem graça a gente plantar, cuidar, colhêr, e, na hora da venda, ficar esperando a estrada dar passagem?

PICK-UP Jeep® – o único veículo de sua categoria com TRAÇÃO NAS 4 RODAS E REDUZIDA

Agora à sua escolha também em modêlo com tração em 2 rodas

A qualquer momento, você pode ligar a tração dianteira e as 4 rodas passam a trabalhar juntas, impulsionando o Pick-up "Jeep" e vencendo os piores obstáculos!

O Pick-up "Jeep" pode ter sua fôrça aumentada quando v. engatar a engrenagem de baixa velocidade da caixa de transferência. Mais fôrça que chega às rodas: os piores trechos são vencidos com mais facilidade!

Motor de 6 cilindros e 90 H.P. – Chassi super-reforçado, com 5 travessas – Cabina folgada para três pessoas
Grande capacidade de carga – Freios precisos e seguros – Alto índice de nacionalização: garantia de completa assistência técnica

NOS SÍTIOS, CHÁCARAS E FAZENDAS, OU NAS ENTREGAS URBANAS... PICK-UP "JEEP" É O VEÍCULO IDEAL PARA O BRASIL!

CONHEÇA-O NOS CONCESSIONÁRIOS WILLYS

PICK-UP "JEEP" é um produto da
WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S. A.
Fabricante dos veículos da linha "Jeep", do Aero-Willys e do Renault Dauphine
SÃO BERNARDO DO CAMPO – ESTADO DE SÃO PAULO

Soluções práticas e econômicas para engorda de bovinos na sêca em pastos de leguminosas

REIMAR v. SCHAAFFHAUSEN

Um dos grandes problemas da pecuaria, em São Paulo e em outros Estados, é a perda do pêso de novilhos de corte nos meses da sêca. Em geral, em anos com pouca chuva durante o inverno, os bovinos precisam de seis meses para alcançar o mesmo pêso que tinham no início da sêca.

ALIMENTAÇÃO DEFICIENTE

Foram feitas muitas experiências cientificas para primeiramente verificar a causa, e depois tentar remediá-la. A causa é alimentação deficiente. Numa análise feita no I.B.E.C. em 12-8-60, depois de prolongada sêca, o capim colonião demonstrou apenas 5,33% de proteina. No ano passado, no mesmo mês, depois da chuva, apresentou 11,66%. Mesmo com abundancia de pasto (que raramente se observa) os animais não podem crescer nem engordar por falta de alimentação de bôa qualidade. Êles perdem pêso.

Dados de Novembro de 1958 (F. Fabiani) mostram que, no mesmo mês e na mesma região (Alta Noroeste), pode haver grande diferença entre colonião em diferentes invernadas, distanciadas apenas alguns quilometros uma das outras, de acôrdo com a fertilidade do solo.

	Proteina	Cinza	Cálcio	Fosforo
Invernada A	9,81	12	0,290	0,287
Invernada B	6,56	6,02	0,281	0,080

A relação calcio-fosforo é muito importante na alimentação de animais. Em casos onde há um desequilibrio, como na segunda analise, pode-se supor que, além da falta de fosforo, faltam também elementos menores, tão importantes para a saúde, fertilidade e crescimento de animais.

O Departamento da Produção Animal em São Paulo, desde 1951, está organizando provas de ganho de pêso em confinamento. Com uma ração balanceada, os animais crescem durante o inverno. De outra prova com GUANDU, feita pela D.P.A., tirou-se a conclusão de que "a ministração de Guandu aos bovinos de corte, na época desfavorável, desde que haja abundância de pasto, embora sêco, soluciona a produção de novilhos de corte na entresafra. (Boletim Nelore, Dez. 1959).

EXPERIENCIAS DE ADUBAÇÃO

Experiências feitas pela I.B.E.C. com adubação de pasto de colonião demonstraram que o resultado no inverno não é satisfatório. Num ensaio, em 1957-1959, foram aplicados por hectare: 400 kg de Nitrogenio, 200 kg de fosfato (P_2O_5) e 60 kg de enxofre (em forma de gesso).

400 kg de Nitrogenio por hectare correspondem a 5.000 quilos de nitrocálcio por alqueire, aproximadamente.

Na média anual (331 dias), a produção de carne por hectare no pasto não adubado aumentou de 300 kg e de 703 kg no posto adubado. O aumento do pêso por novilho diminuiu no posto adubado de 186 kg para 163kg.

No inverno de 1958, em 168 dias, os novilhos aumentaram 49 kg (0.291 kg/dia), no pasto sem adubação, e 29 kg (0.172 kg/dia) no pasto adubado. No inverno de 1959, o aumento do pêso foi igual nos dois pastos: 45 kg em 140 dias. A adubação do pasto com altas doses de fertilizantes aumentou o número de cabeças na mesma área, aumentou a produção de carne nessa área, mas diminuiu o aumento de crescimento individual, pela superlotação nessa experiência.

SUPLEMENTO DE RAÇÃO

O Instituto de Zootecnica de Minas Gerais, a Sociedade Rural de Curvelo e o Escritório Técnico de Agricultura (E T A — em 1958 — 59) fizeram experiências com alimentação suplementar durante 84 dias da sêca, de fins de agosto até meados de novembro, e 168 dias exclusivamente com pasto, na época chuvosa imediata. O ganho médio geral por cabeça, nos primeiros 84 dias, foi de 0,785 kg por dia para machos, e 0,629 kg por dia para femeas. Em 168 dias, o pasto foi 0,533 kg/dia para machos e 0,501 para femeas. Em regime de pasto e por touro, o maior ganho médio por cabeça foi 0,611 kg por dia, e o mais baixo 0,403 kg/dia. (Boletim Nelore, dez. 1959).

Destes dados se pode tirar a conclusão que, mesmo durante os meses chuvosos, o pasto não ofereceu alimentação de qualidade suficiente para garantir um crescimento ótimo. Os animais ganharam mais pêso na sêca com ração suplementar do que no pasto na estação chuvosa.

Os resultados de experiências cientificas demonstram, pois, que existem soluções para o problema. Também os dados do crescimento diário obtido. Os criadores que possuem balança podem comparar seus dados com os de outros criadores e das experiências oficiais.

Para solucionar o problema de crescimento de novilhos de corte durante a seca, devem ser encontradas soluções praticas e económicas, que possam ser adotadas também pelos criadores de poucos recursos.

MELHORAMENTO DE PASTAGENS

O primeiro passo seria encontrar métodos para melhorar os pastos, com um mínimo de gasto.

O labe-labe na roça de milho, na sêca (15 de julho de 1960). Faz. Estação Val de Palmas.

Em nossa fazenda, Estação Val de Palmas, N.O.B. perto de Bauru, Est. de São Paulo, temos observado que o sistema geralmente recomendado de arrendar as terras para plantio de algodão ou milho, com a condição de plantar Colonião, no último ano, não é económico. Perdem-se três a quatro anos para obter um pasto formado, e o arrendatario não defende o solo contra a erosão. Também não dá bom resultado plantar uma grande área em terreno inclinado num ano só. Por isso, no primeiro ano, fazemos agora, nas invernadas que queremos reformar, cordões em nivel — e nessas curvas plantamos Guandu. Aprendemos a não semear em filete continuo, mas um punhado de 5 a 15 sementes, numa distância de um metro e meio a dois metros. A razão é que o Guandu, plantado sózinho, cresce alto, tornando-se lenhoso e quebradiço. O gado vira e quebra as árvores na sêca, para alcançar as folhas. O guandu semeado nas curvas em filete, em 1955, desapareceu. O mesmo aconteceu com um alqueire de guandu plantado com um metro entre as linhas e 20 cm entre as plantas. O gado, depois de três anos, quebrou tudo. A terra melhorou, mas o Guandu desapareceu. Parece que a plantação com bastantes sementes por cova, com distância suficiente para que o gado possa passar, resolve o problema. O Guandu cresce mais lento, as hastes se conservam mais flexiveis, e a quantidade de folhas aproveitaveis é maior.

Depois de Guandu, plantamos a grama Pangola na curva. O Pangola foi introduzido em São Paulo pelo dr. João Barisson Villares e tem a vantagem de que se alastra rápidamente, cobrindo todo o chão em poucos meses, dando ótimo alimento para o gado. Em outras curvas semeamos, além de Guandu, a Soja Perene, introduzida há poucos anos pelo dr. N. A. Neme, do Instituto Agronómico de Campinas. Também plantamos a grama Bermuda Hibrida, Coastal ou Suwannee, da I.B.E.C., e muitos outros capins, gramas e leguminosas, para observação.

Por enquanto, insistimos na plantação do Guandu nas curvas, porque é o Zebú das leguminosas (para não dizer Nelore) pela rusticidade e pelo crescimento em qualquer terra, porque é bem conhecido de todos, e porque existem sementes. Outras leguminosas são mais exigentes e, às vêzes, em terras fracas, não dão o resultado esperado no primeiro ano.

Por enquanto, podemos recomendar, para firmar as curvas e obter alimentação para o gado, o Guandu, o Pangola e a Bermuda hibrida, porque crescem bem.

Uma curva de nivel pode ser feita com arado, puxado por burro, boi ou trator, é facil para qualquer lavrador, grande ou pequeno que deseje proteger sua terra contra a erosão, para obter maior lucro no futuro.

PLANTAÇÃO DE MILHO COM LABE-LABE

No segundo ano, preparamos a terra entre as curvas para plantação de milho. Nas terras arenosas e "cansadas" da fazenda, colhemos 40 sacos de milho por alqueire, em 1955. Por isso, adubamos a terra, e obtivemos colheitas de 120 a 150 sacos de milho nos últimos anos.

Experimentamos diversas adubações. Tôdas deram resultado. Preferimos agora o esterco de galinha, enriquecida com 10% de superfosfato, na proporção de 2,5 a 3 toneladas por alqueire. (1 kg de esterco por 10 metros de risco, feito antes da semeação).

O aumento da produção do milho paga as despesas e dá lucro. O nosso fito é obter pastos melhores e limpos. O adubo posto seria gasto pelo milho, e pouco sobraria depois da colheita. Por isso, misturamos bem as sementes do milho hibrido com 10% de Labe-Labe (Dolichos Lablab) e semeamos junto, com a semedeira, em curvas em nivel. As curvas feitas no ano anterior facilitam o trabalho dispensando nova medição do declive do terreno. 10% de labe-labe de mistura com o milho, ou 4 quilos por alqueire não dificultam a colheita do milho, se for feita cedo, porque o crescimento do labe-labe é lento e porque depois da colheita do milho é que se alastra vigorosamente. A quantidade da massa verde, que resiste às maiores sêcas, é verdadeiramente impressionante. A massa verde do labe-labe poderia ser incorporada ao solo, para adubação.

EFEITOS DA ADUBAÇÃO VERDE

No folheto "Leguminosas" da Campanha da Produtividade da Secretaria da Agricultura, calcula-se a quantidade de fertilisantes incorporados por vinte toneladas de leguminosas por alqueire em:

560 kg de nitrogénio
120 kg de fosfóro
40 kg de potássio
250 kg de cálcio.

Essa dose de nitrogénio corresponde a 2.800 kg de nitrocálcio ou 3.360 kg de salitre do Chile.O dr. N. A. Neme, numa experiência com labe-labe enterrado, obteve no ano seguinte 9.950 kg de milho (165 sacos) contra 5.808 kg (96 sacas) sem adubação verde.

EXPERIÊNCIA DE ENGORDA E CRESCIMENTO DE NOVILHOS NA SECA

Em anos anteriores, pusemos o gado na roça do milho, com labe-labe e, depois das primeiras chuvas, retiramo-lo. As sementes caídas nasceram e, depois de alguns meses, formaram um tapête alto e denso, que poderia ter sido incorporado ao solo, ou empregado para reserva de pasto no ano seguinte.

Este ano, fizemos uma experiência, controlada pela balança, para observar se o gado cresce e engorda na roça de milho com labe-labe. A falta de chuva facilita a interpretação dos resultados obtidos, porque o importante fator pode ser excluído. A última chuva de 9,8 mm caiu em 23 de Junho. Em Julho, nada. A 13 de Agôsto, 10,2 mm. Em Setembro, nada.

Em 14 de Julho de 1960, numa área de 5 alqueires de roça de milho com labe-labe e curvas de Guandu, e três alqueires de terras com colonião e jaraguá sêco e praguejado, foram colocadas 100 cabeças de gado (93 bezerros, 5 vacas e dois touros). Depois 24 dias foram transferidos para um pasto comum, até 23 de agôsto. Nessa data, foram novamente pesados e transferidos para outra roça de milho e labe-labe, em identicas condições. Em 13 de setembro, foram pesados 54 bezerros de 9 até 14 meses, machos e femeas.

RESULTADO OBTIDO EM 60 DIAS

Em 45 dias em roça de milho com labe-labe e curvas com Guandu, e em 15 dias em pasto comum, 54 bezerros Nelore pesaram:

14-7-60 — 9.563 kg — Média 177 kg.
13-9-60 — 10.804 kg — Média 198 kg.
Aumento de pêso: 1.141 kg — Média 21 kg (352 gr/dia).

O touro Nelore n. 1.013 aumentou 39 kg; passou de 612 para 651 kg, o que corresponde a 650 gr/dia.

A novilha n. 161 aumentou 32 kg, ou 530 gr/dia: de 269 passou para 301 kg.

No primeiro período de 40 dias, o touro n.º 341 ganhou 33 kg (900 gr/por dia) e, em 21 dias, 20 kg (952 gr/dia). A dupla pesagem de todos os animais exclui qualquer possível erro significativo na pesagem.

O crescimento dos 10 melhores bezerros foi o seguinte, em kg de pêso:

14-7-60	13-9-60	Diferença	Crescimento
160	199	39	650 g
141	180	39	
184	221	37	
198	223	35	583 g
220	252	33	
208	240	32	
130	162	32	530 g
222	250	28	
136	162	26	
223	248	25	416 g

OBSERVAÇÕES SÔBRE OS RESULTADOS

Para obter esse resultado notável contribuiram diversos fatores: restolhos do milho estercado, labe-labe, guandu, rotação de pasto e minerais. Cada fator contribuiu em certa porcentagem, (que deveria ser estudada cientificamente por outros), para o crescimento e engorda do gado na sêca. O importante é que, numa experiência preliminar na fazenda, com cem animais, houve crescimento normal num ano excepcionalmente sêco de julho a setembro. E, o que talvez seja mais importante ainda para a pecuaria nacional, **esse resultado foi obtido sem despesas extras. Maior colheita de milho obtida pela adubação e 4.000 kg de feijão labe-labe pagaram tôdas as despesas. Não usamos ração suplementar: demos sòmente sal e minerais.**

Nas condições gerais de São Paulo, o gado perde pêso no inverno e, depois de seis mês, terá o mesmo pêso como em maio ou junho, variando de acôrdo com as condições de chuvas. **Em dois anos, perde-se um em crescimento.**

Se o gado continua a ganhar 600 gramas por dia na sêca, pesando 25 kg ao nascimento, pesaria com 24 meses 463 kg. Aumentando 650 gramas/dia, pesaria 500 kg, e aumentando 800 gramas/dia, pesaria 613 kg.

O gado Nelore, selecionado para precocidade e ganho de pêso, é genéticamente capaz de alcançar alto pêso em pouco tempo. Isso foi observado numa visita ao criador Durval G. de Menezes, na sua Fazenda Indiana, por ocasião da concentração organizada pela Associação de Criadores de Nelore do Brasil, em agôsto de 1960. Um tourinho, de 23 meses, pesado em nossa presença, acusou 612 kg.

O nosso touro Anubis, filho de Bagdá e neto de Fosfato, ganhou no primeiro ano, 798 gr/dia e no "feeding-test" de Barretos, em 1957, 734 gr/dia. Para obter esse ganho de pêso, o gado deve receber bôa alimentação e a mais económica é o pasto de grama nutritiva (pangola ou bermuda hibrido) leguminosas (guandu e labe-labe) e bom manejo (rotação e curvas de nivel).

Os dados apresentados não representam o crescimento máximo que poderia ter sido conseguido. Houve contratempos nessa experiência preliminar: 1) sêca demasiadamente prolongada; 2) número de cabeças exagerado por área; 3) interrupção da experiência por quinze dias, pondo os animais num pasto comum; 4) surto de aftosa. **Mesmo assim, demonstram que novilhos de corte podem aumentar seu pêso normalmente na sêca, em roça de milho com 10% de labe-labe e curvas em nivel com guandu.** Êles confirmam, nas condições da fazenda, os dados obtidos experimentalmente pelo Departamento de Produção Animal em São Paulo, sôbre o crescimento do gado com guandu.

PRODUÇÃO DE LEITE

O nosso vizinho plantou labe-labe junto com o milho e observou que a produção de leite aumentou durante o tempo em que as vacas pastearam a parte da roça com labe-labe.

Na fazenda Botafogo, perto de Limeira, o sr. João Senra plantou labe-labe no milho para silagem: teve melhor produção de leite, dando a silagem com essa leguminosa.

ANÁLISE

Os sucessos obtidos, tanto com gado de corte, como com gado leiteiro, explicam-se facilmente: 1) o gado gosta das folhas do labe-labe desde o início, o que não se pode dizer de guandu; e 2) as folhas de labe-labe, conforme análise do D.P.A., publicados por Geraldo Leme da Rocha na revista "Gado Holandês", em junho de 1957, revelaram 28,03% de proteina; 7,17% de materia graxa; 7,59% de mat. mineral; 12,21% de mat. fibrosa, e 32,40% de extratos não azotados; outra análise da planta sêca inteira, com vagens quase maduras, revelou 18,92% de proteina.

LABE-LABE E GUANDU NA ALIMENTAÇÃO HUMANA

O gado alimenta-se com as folhas verdes do labe-labe e guandu. Os feijões das duas plantas são comestiveis para o homem, e podem ser usados para deliciosos pratos. O guandu, durante meses, fornece vagens verdes e o feijão comum.

Na fazenda, já se come o novo feijão. Mandamos colher o labe-labe por pessoal da redondeza. Eles nos entregam a metade da safra e ficam com a outra para ter feijão gostoso para comer. Este ano foram colhidos 400 kg por alqueire — e não rendeu mais porque precisavamos colocar o gado na roça, antes de terminar a colheita.

Foi demonstrado que, numa fazenda, encontrou-se uma solução prática e económica para o problema de perda do pêso de novilhos de corte durante a sêca, e ao mesmo tempo para proteger o solo contra a erosão e sem despesas melhorá-lo.

Seria grande beneficio para a pecuaria nacional prossegunir na experimentação e incentivo de outros estudos oficiais e particulares, para encontrar melhores métodos práticos e económicos, baseados em conhecimentos cientificos, que melhorassem as pastagens, tanto pelo emprego de novas gramas e leguminosas, como pelo manejo.

RESUMO

Os bovinos perdem pêso durante o inverno com pouca chuva. A razão é alimentação deficiente. Experiências feitas pelo Departamento de Produção Animal em São Paulo e outras demonstram que existem soluções para o problema.

A adubação da pastagens aumenta a quantidade de carne que pode ser produzida por área, o número de cabeças que podem ser mantidas numa área, mas não o crescimento individual dos novilhos de corte, se o pasto for superlotado.

Uma solução prática e económica do problema consiste no melhoramento das pastagens, fazendo no primeiro ano cordões em nivel, para evitar a erosão, plantados de guandu, soja perene, pangola, bermuda hibrida, ou outras plantas para firmar as curvas. No segundo ano, planta-se milho hibrido adubado, misturado com 10% de semente do feijão labe-labe (Dolichos lablab). Depois da colheita do milho, o labe-labe desenvolve-se extraordinariamente. No início da sêca, solta-se o gado nessa roça com labe-labe.

O resultado obtido numa experiência preliminar feita de 14 de julho a 13 de setembro de 1960, quase sem chuva, na fazenda Estação Val de Palmas, N.O.B., Estado de São Paulo, demonstrou o crescimento dos 54 bezerros e a engorda de dois touros.

54 bezerros, machos e femeas, aumentaram de pêso na média em 21 kg em 60 dias. Os dez melhores ganharam de 25 a 39 kg. Os dois touros ganharam, em média, 47,5 kg, sem ração suplementar, sòmente com sal e minerais.

O resultado da experiência preliminar demonstra que o crescimento normal do gado Nelore durante a sêca é economicamente possível na prática, em pastos melhorados e roça de milho com labe-labe e outras leguminosas.

O feijão guandu e labe-labe também serve para a alimentação humana.

O gado leiteiro aumentou a produção de leite na sêca, na roça de milho com labe-labe.

A análise das folhas do labe-labe revelou 28,03% de proteinas e a planta inteira, com vagens quase maduras, 18,92%.

Apelamos para os colegas e para os técnicos: façam mais estudos e observações para encontrarmos a melhor solução para o crescimento de novilhos de corte na sêca, nas diversas regiões do País.

O PECUARISTA, UM BANDEIRANTE

FENELON DOS SANTOS

Convidado pelo dr. Pascoal Muciollo, catedrático da Escola de Medicina Veterinária de São Paulo, para que, na qualidade de antigo pecuarista, escrevesse qualquer coisa sôbre a pecuária do Brasil Central, para ser divulgado na "Revista dos Criadores", mesmo sabendo que não seria capaz de desempenhar bem a missão, não me pude furtar ao honroso convite. A arte de escrever bem esteve sempre divorciada do pecuarista de verdade.

Trabalhei, consecutivamente, mais de meio século no setor da pecuária, entrosado nos seus mais variados aspectos, principalmente no que diz respeito ao campo. Vivia de início, tangendo um gadinho mirrado, de muito chifre e pouco pêso, pelos nossos campos despovoados, pelas estradas afóra. Assisti à entrada dos primeiros animais da raça Zebu, no Triângulo Mineiro, quando senti de perto o calor de entusiasmo dos velhos pecuaristas, que propugnavam pela melhora do nosso rebanho e que, com a sua perspicácia, viam naquela raça a garantia dos seus intentos: dotar o Brasil de um plantel de linhagens nobre e diferentes, que em curto espaço de tempo pudesse povoar os nossos campos, em todos os seus quadrantes. E graças aos esforços gigantescos daqueles bandeirantes da pecuária, prosseguidos pelos esforços dos pecuaristas de hoje, o Brasil é dono de um dos maiores plantéis do mundo.

Êste plantel, que fornece precioso e indispensável alimento à população das grandes cidades — Rio e São Paulo — é produto do trabalho ininterrupto de uma classe desassistida dos governantes e incompreendida pelo povo dessas cidades.

Desde que me entendo por gente, ouço, através da imprensa, a grita do povo contra o elevado preço da carne bovina! O pecuarista é sempre tachado de gananciosо e explorador! Penso até que o povo desconhece o quanto custa de risco e trabalho a realização do produto. Êle não sabe quanto custa levar um bezerro, em quatro longos anos, sob cuidados especiais, ao boi preparado para o talho! Se o produto não custa barato, é porque muito cara é a sua realização.

Exigir agora, nesta era inflacionária em que vivemos, quando crescem os salários e sobem os preços de todos os produtos e de tôdas as utilidades, o barateamento do preço da carne, é uma exigência inoportuna, que poderá sacrificar e levar até à debacle um setor de alta relevância.

Êste movimento que o M.A.F. (Movimento de Arregimentação Feminino) vêm desenvolvendo no sentido de não permitir o Govêrno a exportação e de o povo não comer carne, forçando a baixa do produto, é humano e social, mas também é impatriótico. Como poderiam as nossas boiadas ficar retidas nas invernadas sem o risco de um abalo na economia nacional?

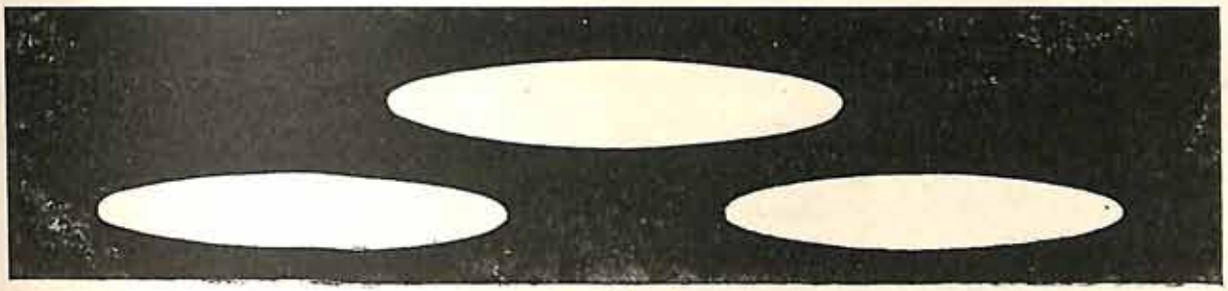
Influem sobremaneira, no encarecimetno do produto, os impostos escorchantes lançados sôbre as boiadas, em todo o seu percurso. Principalmente o de vendas e consignações, que vai ao cumulo de ser uma tributação tríplice e, às vêzes, maior. Existem as barreiras interestaduais, sistema que fere a nossa Constituição e que está aí, desafiando as autoridades federais, criando dificuldades no trânsito e no comércio das boiadas. A eliminação destas barreiras e a criação de um imposto único, (o de matança, por exemplo), são medidas urgentes, que viriam facilitar o tráfego e influir no barateamento do produto.

A supressão do sêlo pecuário, aposto em tôdas as transações pecuarias, oriundo da lei do "reajustamento pecuário", também viria aliviar o produto e corrigir uma injustiça, que onera a maioria que, através dêste sêlo, vem indefinidamente pagando dívidas que não contraiu.

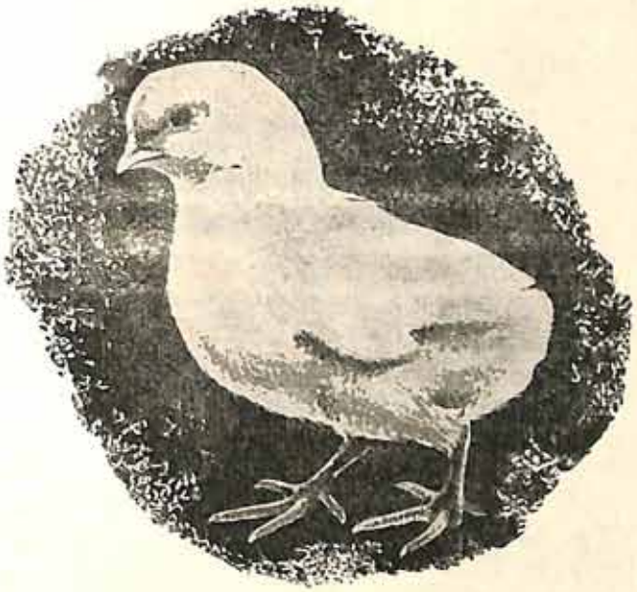
O pecuarista é um desassistido, repito. As associações rurais, criadas para defender e orientar os interêsses da classe, é forçoso dizer, não têm conseguido atingir estas finalidades, diante do descaso das autoridades, que não lhes dão o valor que merecem. É a classe mais numerosa e, vamos dizer, a mais importante, pois, sôbre os ombros dela pesa a responsabilidade de uma viga mestra da Nação. No entanto, suas reivindicações não são ouvidas: perdem-se no deserto.

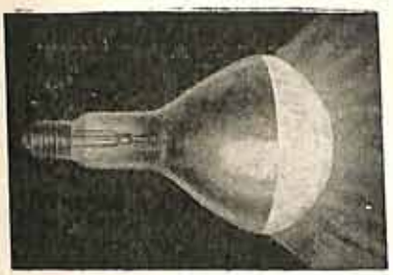
Como reforço às associações rurais, poderiam ser criadas cooperativas regionais, principalmente no setor de invernistas, paralelas ou mesmo ligadas a essas entidades, o que muito viria contribuir para a defesa dos interêsses da classe, disciplinando falhas no que tange a vendas e sistema de pesagem das boiadas, pois o de hoje é obsoleto e até perigoso. Êste é um assunto complexo, que somente técnicos poderão analisá-lo.

Nestes obscuros traços, fica registrado o pensamento de um velho pecuarista, que está às portas de uma aposentadoria compulsória, mas que se sente orgulhoso e feliz por ter vivido dentro de uma profissão que proporcionou ao Brasil uma das suas maiores riquezas.



CRIAÇÃO SADIA DÁ MAIS LUCRO





Mantenha seus animais sadios e eleve substancialmente os índices de sobrevivência da sua criação, usando lâmpadas Philips de raios infravermelhos nos galinheiros, estábulos, pocilgas e redis. Proporcionando aos criadores uma fonte artificial de calor, as lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos oferecem surpreendentes resultados, pelos elevados padrões de higiene que ajudam a obter.

- ***Lâmpadas PHILIPS de raios Infravermelhos***
- ***Fáceis de instalar.***
- ***Baixo custo de operação.***

PHILIPS

A PHILIPS pode ajudá-lo a resolver qualquer problema de iluminação. Envie êste cupom à S. A. PHILIPS DO BRASIL - Depto. de Iluminação. C. Postal 8681 - S. Paulo

Deseja conhecer sem compromisso, maiores detalhes sôbre Iluminação

- ☐ Comercial
- ☐ Industrial
- ☐ Pública

Nome:- .....

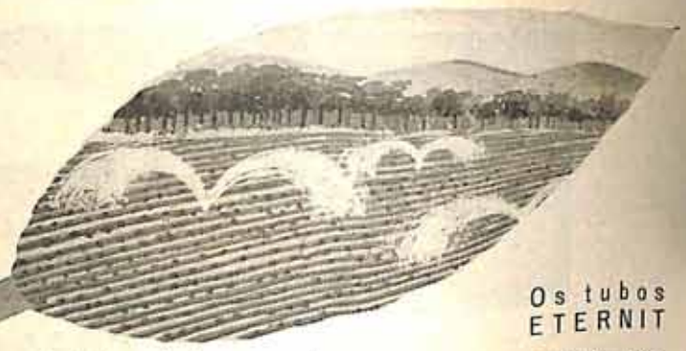
Endereço:- .....

PROMO

Os produtos Eternit no campo...

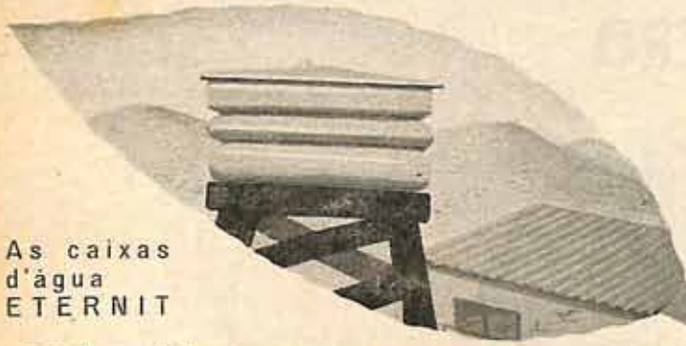
As chapas onduladas VOGATEX

...se constituem no material mais econômico para coberturas de casas, estábulos, galpões, alpendres, galinheiros, etc. São de facilima montagem e, além de possuir grande resistência, são sumamente leves, incombustíveis, inoxidáveis e impermeáveis. Côr original: vermelho.



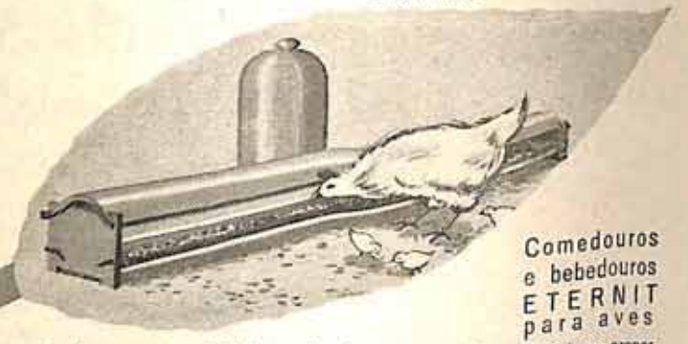
Os tubos ETERNIT

...são indispensáveis para o abastecimento de água, irrigação, drenagens, esgôto e descarga de águas pluviais. As paredes internas dos tubos absolutamente lisas garantem uma grande vasão que nunca diminuirá no transcorrer dos anos. Além disso, os tubos servem para ventilação, eletrodutos, chaminés e revestimentos de colunas.



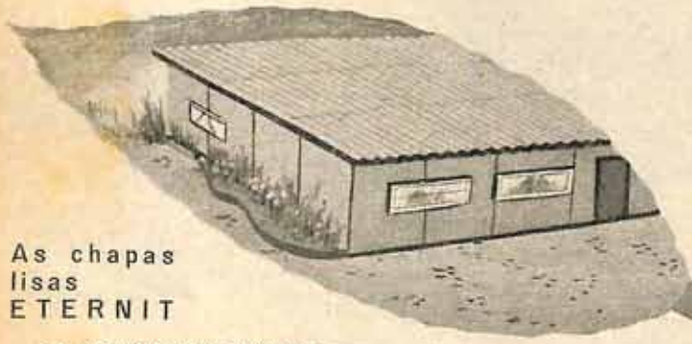
As caixas d'água ETERNIT

...são de uma higiene imcomparável pois, além de conservar a água pura e limpa, evitam a formação de bactérias. São apresentadas em dois tipos: redondas e retangulares, com diversas capacidades. As caixas d'água Eternit são fornecidas com uma garantia de 10 anos.



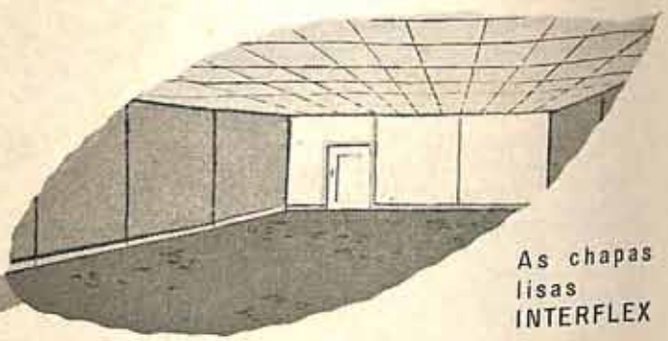
Comedouros e bebedouros ETERNIT para aves

...são de uma simplicidade notavel; as qualidades higiênicas proporcionadas pelo cimento amianto conservam os alimentos e a água com a sua pureza natural. Os mesmos são apresentados em diversos tipos e tamanhos, satisfazendo as exigências de qualquer avicultor.



As chapas lisas ETERNIT

...são especialmente indicadas para revestimentos externos de casas e similares. Do processo de prensagem das chapas resulta uma resistência muito alta à flexão, choque, e sobretudo à ação do tempo. As chapas são fornecidas em diversas espessuras de 4 até 25 m/m, em tamanhos normais ou cortados a pedido.



As chapas lisas INTERFLEX

...A MADEIRA INCOMBUSTIVEL – representam a solução moderna para forros, divisões, lambris e folhaturas. "INTERFLEX" é resistente, flexivel e incombustivel. Não apodrece e é imune à quaisquer insetos e roedores. "INTERFLEX" pode ser trabalhado com as ferramentas comuns de carpinteiro.

HÁ SEMPRE UM PRODUTO ETERNIT PARA CONSTRUIR MELHOR../

Eternit

DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.

SÃO PAULO: RUA MARQUÊS DE ITÚ, 70, 3.º ANDAR - TELEFONE 36-9154*
RIO DE JANEIRO: RUA BENEDITINOS, 16, 10.º ATÉ 12.º ANDS. - TELEFONE 23-5816*
FILIAIS EM BRASÍLIA - BELO HORIZONTE - CURITIBA - SANTOS
REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

Noticiário Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção anima

Contribuição à zooctenia brasileira

Dr. F. FABIANI

A CARÊNCIA DO FÓSFORO NOS REBANHOS BOVÍNOS BRASILEIROS

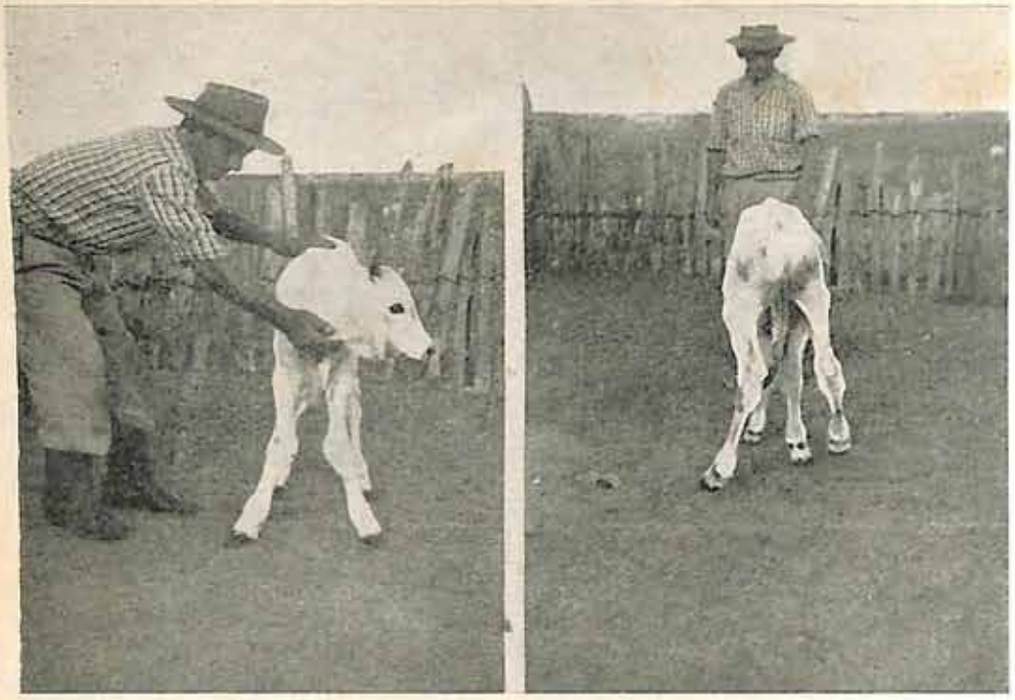
(NOTA PRÉVIA)

Há 30 anos, dos quais 20 na Europa e os últimos 10 no Brasil, que vimos estudando e divulgando o papel dos minerais, como fatôres fundamentais para o desenvolvimento normal e bom aproveitamento dos alimentos, para a produção e saúde dos bovinos. Nos 10 anos de trabalho aqui desenvolvido, tivemos oportunidade de realizar inúmeras experiências, de proceder a análises de forragens e de fazer observações nas mais variadas regiões do País. Pudemos, assim, chegar a conclusões positivas e definitivas, não só sôbre os tipos e intensidade das carências minerais, como sôbre a maneira de corrigi-las total e econômicamente. À vista da indiscutível importância dessas conclusões, para as quais chamamos de modo particular a atenção de nossos leitores, reunimo-las no final destas notas.

Impressionados com o que nos foi dado ver em centenas de visitas a rebanhos bovinos, deliberamos contribuir de alguma forma para o inadiável melhoramento de nossa pecuária. Então, com o artigo intitulado «A FOME QUE NÃO SE VÊ», iniciamos em 1952, campanha esclarecedora em tôrno do assunto, a qual ininterruptamente prosseguirá enquanto «tivermos fôlego» ou enquanto necessária se fizer.

Nas fazendas de gado leiteiro, ficamos alarmados com a baixíssima produção média «per capita» (principalmente no Vale do Paraíba), com o mau estado geral dos animais, com o péssimo desenvolvimento dos indivíduos jovens e, ainda, com os resultados das análises feitas em amostras das pastagens que hospedavam os animais. Não menos desanimadora era a situação dos plantéis de corte, pois o gado só atingia o pêso para o matadouro, com a «veneranda» idade de 4, 5 ou mais anos. Por outro lado, os resultados verdadeiramente surpreendentes, obtidos já nas primeiras experiências de integração mineral cientificamente conduzida, vieram dar-nos uma idéia da extensão dos prejuízos, acarretados aos criadores e à economia do País, pela agudíssima deficiência mineral de que era vítima o gado em geral. Por isso, antevendo a possibilidade de liquidar tão custoso sócio dos criadores, ou seja a deficiência mineral, redobramos de intensidade o trabalho. A par da publicação de artigos, incluímos em nosso programa reuniões e palestras em tôrno do problema, assim como demonstrações práticas, através de inúmeros testes realizados nas mais diversas fazendas. Semelhante plano obrigou-nos forçosamente a, por um lado, dar grande preeminência ao departamento técnico de nossa organização, à pesquisa e à divulgação e, de outro, a muitas vêzes manifestar ponto de vista contrário àquele dos empíricos, dos pseudotécnicos e dos fabricantes de «sais minerais em pacotinhos milagrosos», panacéias que tudo pretendem resolver e são vendidos ùnicamente à vista, por preços exorbitantes à porta das fazendas.

Infelizmente, os criadores, aqui como em todo o mundo, são como São Tomé, e, por isso, pagam caro por sua pouca fé na ciência. Fugindo às experiências, que lhes mostrariam o caminho certo, aceitam como normais a baixa fertilidade das fêmeas, a elevada mortalidade dos bezerros, o atrazo no desenvolvimento e a reduzida produção de leite e carne. Em conseqüência, até o ano de 1957, quando milhares de bovinos morreram vítimas de carências minerais extremas, apenas alguns poucos criadores mais evoluídos, reconhecendo a importância da integração mineral, mantinham seus rebanhos devidamente «mineralizados». A sêca nesse ano, de triste memória para os S. Tomés da pecuária, foi o despertador dos incrédulos, que naquela época perderam milhares de cabeças. Sòmente então, ante o vultoso desfalque dos plantéis, com sério prejuízo para a economia do País, foi que o problema da carência mineral começou realmente a ser considerado pelos criadores. Sò-



À esquerda, bezerro de 5 dias, com graves deformações ósseas, visto de frente (6/9/1960).

À direita, o mesmo bezerro de 5 dias, com graves deformações ósseas, visto por detrás (6/9/60).

mente então, êsse problema, que no Brasil se revelara mais agudo que em muitos outros países, passou a ser encarado como assunto merecedor de estudo e de solução imprescindível. Contudo, ao mesmo tempo em que se despertava o interêsse pela integração mineral, surgiam em 1957, as mais desencontradas hipóteses sôbre as causas e as mais surpreendentes soluções para o problema. Entre estas últimas, encontravam-se indicações claramente desonestas, que empíricos e oportunistas faziam, com o único objetivo de ganhar dinheiro. Referindo-nos a êsses fatos, devemos salientar que, nossa intenção não é policiar, mas apenas alertar os criadores, prevenindo-os contra os aventureiros, e concomitantemente, fornecer-lhes dados elucidativos sôbre as reais necessidades minerais de seus animais.

Os acontecimentos de 1957 vieram corroborar nossa convicção sobre a grande importância técnica e econômica da «mineralização», pois os rebanhos, que vinham recebendo sistemàticamente complexos minerais completos cientificamente preparados, nada sofreram, em flagrante contraste com outros de fazendas vizinhas, não «mineralizados», onde a dizimação foi arrazadora, embora vivendo no mesmo solo e alimentando-se do mesmo pasto.

Para melhor discussão do tema, a Secretaria da Agricultura de São Paulo promoveu, naquela ocasião, uma «mesa redonda». Foram, na oportunidade, levantadas inúmeras hipóteses sôbre as causas da mortandade, desde o sal comum envenenado, plantas tóxicas, verminoses pulmonar e intestinal, até às carências mais variadas, como as de cobre, de cobalto etc. No decorrer da mesma, o competente zootecnista Dr. João Barisson Villares atribuiu o fato à diluição dos sais nos capins, pela conjugação de fatôres meteorológicos de intensidade incomum Concordamos com o seu ponto de vista, porque explicava a resistência dos animais «mineralizados» e a vulnerabilidade dos não «mineralizados». **Não obstante, desde aquela oportunidade, nota-se muita confusão entre os criadores, quer quanto ao aspecto qualitativo, quer quanto ao quantitativo da questão.**

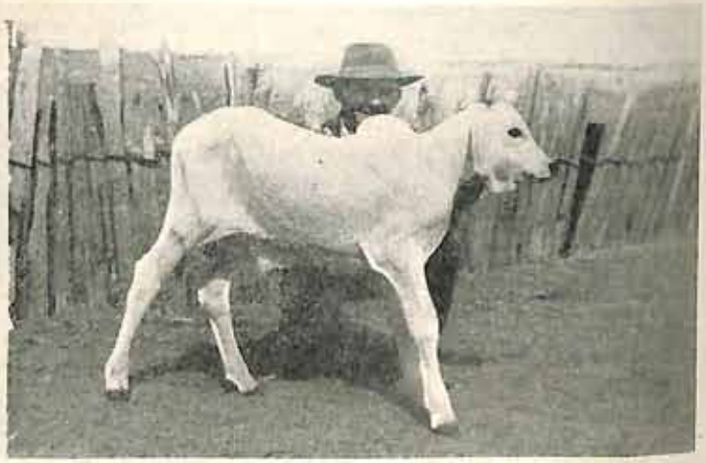
ALGUMAS OBSERVAÇÕES RECENTES

Considerando que as terras arenosas e as cansadas são a sede das carências mais graves, realizamos várias experiências em zonas dessa categoria de solo, cujos resultados e conclusões julgamos de grande utilidade divulgar.

Foram escolhidas para campo dessas pesquisas grandes fazendas de criação e engorda de gado de corte e de mestiços de leite, situadas em terras arenosas e relativamente velhas. Nas referidas propriedades, a situação era a seguinte:

1. Porcentagem ínfima de bezerros criados, não chegava a 10%. Assim mesmo, os que se salvavam cresciam debi-

O mesmo bezerro da foto acima, nascido com deformações dos ossos longos, com aprumos já quase normalizados, após 10 dias de tratamento (16/9/60).



O mesmo bezerro, completamente recuperado, após 30 dias de tratamento (6/10/61)

SAIS MINERAIS E V

Eis o que sobrou de um touro Gir de quatro anos, devido exclusivamente à falta de fósforo (setembro de 1960).

Como esta, centenas de vacas morriam sem nada produzir (setembro de 1960).

litados, destinados a uma vida improdutiva. Os demais morriam, em geral, aos primeiros dias de vida.

2. As vacas, os touros e os bois para engorda, via de regra, morriam após definhar durante meses ou em poucas semanas. Sendo de notar-se que a necrópsia nunca revelou falta de alimento, pois no aparêlho digestivo sempre se encontrava bastante alimento.

3. De cada 1.000 bois erados (4 anos), vindos de Mato Grosso, o criador não conseguia vender mais de 700, porque os restantes, 300 sempre magros, acabavam morrendo no prazo de dois anos.

4. Este prejuizo enorme, que os fazendeiros já vinham desde há muito sofrendo, aumentava de ano para ano.

5. Os rebanhos recebiam, permanentemente, minerais (no cocho) à base de farinha de ossos, cobre, cobalto e iôdo.

6. Milhões de cruzeiros já tinham sido gastos em medicamentos os mais variados, inclusive antibióticos, e a situação, longe de melhorar, cada vez mais piorava.

7. Os animais já tinham, sem resultado algum, sido tratados de verminose intestinal e pulmonar; já tinham tomado litros e litros de soluções de sais de cobre e de cobalto, também sem proveito.

Diante dessa situação, formulamos uma série de quesitos, cujas respostas, uma vez bem conjugadas e analisadas, nos deveriam dar o diagnóstico do mal e, assim, orientar-nos-iam quanto ao seu tratamento e prevenção.

Foram os seguintes os quesitos que nos propuzemos:

a) Quais os individuos mais atingidos?

b) Qual o estado dos bovinos?

c) Como sobrevinha a morte?

d) Se a causa não era a infestação verminótica e nem carência de microelementos, qual seria ela?

e) Como se denominava a doença?

Após cuidadosas observações, chegamos às seguintes respostas:

a) Quais os individuos mais atingidos?

Em primeiro plano, estavam os bezerros e todos os animais em fase de crescimento. A seguir vinham as novilhas, principalmente no 3.º ou 4.º mês após o parto. Por fim os bois mais novos e aquêles do tipo mais precoce.

b) Qual o estado dos bovinos?

Era o pior possivel: macilentos, pêlo sêco e arrepiado, olhos opacos, movimentos lentos. Os bezerros nasciam sem vitalidade, com os olhos fundos e opacos. Numerosos eram os casos de bezerros nascidos com evidentes sinais de raquitismo, exibindo graves deformações ósseas. As vacas davam quase nenhum leite. A percussão do chanfro revelava a presença de ossos ocos. As canelas pesavam a metade do que deveriam normalmente pesar e os ossos do chanfro nada mais eram que folhas finas e porosas.

c) Como sobrevinha a morte?

Os bezerros de poucos dias morriam por inanição e os de mais idade por caquexia. As vacas, embora dispondo de fartura de pasto, iam progressivamente emagrecendo, até mostrarem-se extremamente caquéticas, quando nada mais restava que aguardar a morte.

Os bois zebus, em estado de miséria orgânica extrema, morriam com estômago e intestinos cheios de alimento, que não conseguiam assimilar.

d) Se a causa não era infestação verminótica e nem carência de microelemento, qual seria ela então?

Ante os sintomas e o estado de total depauperamento em que morriam os animais, suspeitamos de desequilibrio fosfo-

Bezerro de zona de "Caraguatá", com acentuados sintomas de raquitismo (Setembro de 1960).

Bezerros filhos de vacas em afosforose, antes do início do tratamento (setembro de 1960).

TAMINAS "TORTUGA"

-cálcico na alimentação. Para confirmar a hipótese, mandamos analisar o pasto. As análises, confirmando a suspeita, acusaram os seguintes teores:

CAPIM SÊCO	CÁLCIO	FÓSFORO
Catingueiro (gordura)	0,415%	0,102%
Colonião	0,294%	0,070%

Não havia dúvida, era evidente a deficiência de fósforo e acentuado o desequilíbrio da relação fosfo-cálcica, a qual se mostrava próxima de 1:4 (um de fósforo para quatro de cálcio), quando a relação ótima é de 1 para 1,5 respectivamente. A inoperância, da farinha de ossos ficava, assim, também explicada, pois ela não contém fósforo em quantidade suficiente para compensar tamanha deficiência dêsse elemento.

e) Como se denominava a doença?

Era conhecida por vários nomes, destacando-se entre êles: **caraguatá, figueira interna, gado pesteado, sablose, mal do colete, peste de suspender, mal da cabeceira, peste de secar.**

TRATAMENTO

Tão grave e desanimadora era a situação, que já se vinha firmando, entre os criadores, a convicção de que suas fazendas eram pestilentas e que se impunha o seu abandono, pela impossibilidade de nelas se criar ou engordar gado. **Os animais doentes eram vendidos a Cr$ 500,00 a cabeça.**

Por isso, antes de expor as medidas postas em prática, graças às quais conseguimos recuperar o rebanho das fazendas objeto de nossas observações, desejamos frisar:

Não sendo poucas as fazendas nas condições expostas e subindo a milhares aquelas em condições carenciais menos pronunciadas e menos visíveis, enormes são os prejuízos. Nestas últimas, em geral, não se suspeita do mal porque os animais não morrem em massa, mas os prejuízos existem e se traduzem em baixa fertilidade, reduzida taxa de bezerros criados, crescimento e engorda retardados, enfim, produtividade mínima.

Bovinos com sintomas evidentes de afosforose podem ser observados ao longo de quilômetros e quilômetros da Sorocabana, da Araraquarense, da Paulista, do Vale do Paraíba e por quasi todo o Estado de S. Paulo. Apenas as zonas de terras novas e boas fazem exceção; porém mesmo estas, especialmente se arenosas, estão fadadas a sorte idêntica no decorrer dos anos. Nos demais Estados, os índices são iguais, senão piores. Semelhante quadro só pode levar a um resultado, isto é, prejuízos incalculáveis, não só para os criadores, como para o patrimônio nacional.

Permitimo-nos estas afirmações, repetimos, baseados nas centenas de análises que possuimos de nossas pastagens e nos resultados positivos obtidos com a integração mineral cientificamente conduzida.

Novilho zebu, quatro meses após a parição, "afetado de Caraguatá" (Setembro de 1960).

TRATAMENTO PARA ADULTOS

— Com animais tidos, pelos criadores como condenados a morte próxima, formamos três lotes de animais (lote A, B e C), em cada fazenda.

Os lotes A foram tratados contra verminose intestinal e receberam Complexo Mineral «Tortuga» de elevado teor em fósforo.

Os lotes B, tratados contra a verminosa pulmonar, tiveram também à disposição o mesmo complexo mineral que os lotes A.

Os lotes C receberam doses elevadas, em injeções hipodérmicas, de um sal de fósforo (glicerofosfato de sódio).

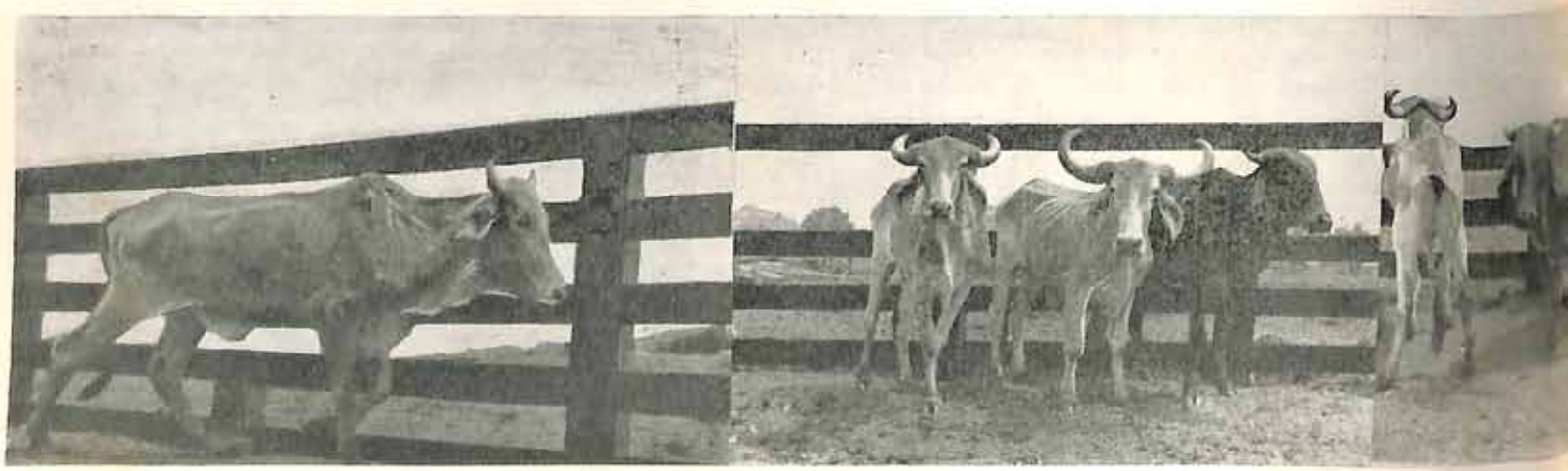
É de notar-se que a experiência se efetuou durante os meses de agôsto e setembro de 1960, justamente quando as condições de pasto e clima eram as piores para a recuperação dos animais.

TRATAMENTO DOS BEZERROS

— Filhos de vacas em afosforose, os bezerros nasciam sem vitalidade alguma. O seu tratamento foi orientado da seguinte maneira: desde o primeiro dia tinham à sua disposição, no cocho, Complexo Mineral «Tortuga». Simultâneamente lhes eram dados, todos os dias, 5 c.c. de «Vitagold» por via oral (concentrado de vitaminas).

PRIMEIROS RESULTADOS

Logo de início, despertou a atenção a avidez com que os animais se atiravam aos cochos, em busca de Complexo Mineral «Tortuga», à base de fosfato bicálcico de elevado teor fosfórico. Em vez de lambê-lo, como normalmente o fazem, comiam-no àvidamente. Era de ver-se a sofreguidão com que os bezerros



SAIS MINERAIS E V

de 2 a 3 dias de idade comiam, em grandes bocados, o complexo mineral distribuído nos cochinhos.

Os resultados não tardaram:

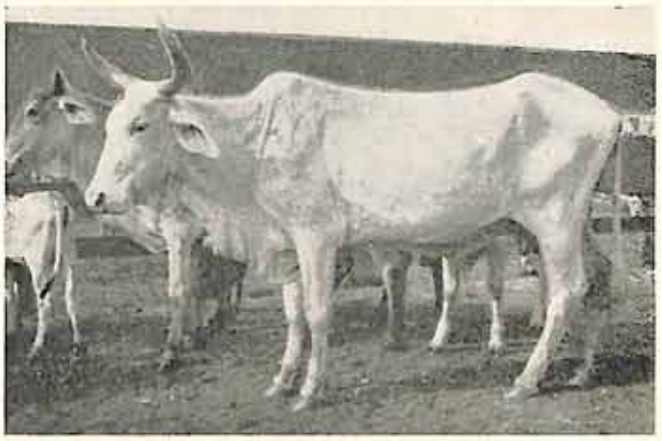
a) **Bezerros** — Deixaram de morrer e os nascidos com deformações dos ossos longos, em oito dias tiveram os aprumos normalizados.

b) **Vacas e bois** — Ràpidamente melhoraram no estado geral. Durante o mês de setembro trocaram o pêlo, tornando-se a pelagem lisa e brilhante. Pouco a pouco voltou aos olhos o brilho típico da saúde. O apetite aumentou, a produção de leite dobrou e a mortalidade cessou por completo.

Os lotes tratados com glicerofosfato de sódio, por via hipodérmica, recuperaram-se mais depressa. Durante os meses de setembro e outubro de 1960, quando extremamente desfavoráveis eram as condições, pois o pasto encontrava-se em péssimo estado em virtude da sêca, vimo-los engordar ràpidamente. Por sua vez, os criadores, admirados, viam voltar a vida aos animais que julgavam condenados a morte certa.

As vacas, cuja morte era esperada para setembro ou outubro daquele ano, estão hoje gordas e prenhes. Os cercados para bezerros, antes despovoados, estão agora lotados. Não houve milagre algum, porém apenas se deu aos animais aquilo que lhes faltava para a normalidade de suas funções orgânicas: **O FÓSFORO.**

Vaca às portas da morte. Início do tratamento em 28 de agôsto de 1960, com injeções subcutâneas de glicerofosfato de sódio (Lote C)



A mesma vaca da foto acima, completamente recuperada, 40 dias após o início do tratamento com injeções subcutâneas de glicerofosfato de sódio.

CONCLUSÕES

1. Os distúrbios causados pela carência mineral, comuns em terras arenosas, resultam, na maioria das vêzes, da falta de fósforo.

2. Inumeros casos de carência de fósforo são, infelizmente, confundidos com a carência de cobalto ou de cobre, muito mais raras, pois um miligrama de cobalto por dia é suficiente para prevenir e mesmo curar distúrbios devidos a esta deficiência (Mariston e Lines).

3. Em terrenos dessa mesma natureza (arenosos), se por ventura houver carência de cobalto ou cobre, podemos estar certos de que há também de fósforo.

4. Ante os sintomas atrás descritos, para certificar-se que se trata de carência de fósforo, basta injetar por via subcutânea, durante 20 a 30 dias, doses elevadas de glicerofosfato de sódio.

As doses por nós aplicadas seguiram o seguinte esquema:

a) solução usada — glicerofosfato de sódio a 20%.

b) Doses maciças de 100 c.c. cada 10 dias.

c) Nos intervalos entre as doses maciças (100 c.c.), administração de doses de 30 c.c., em dias alternados.

Lote de bois velhos. Em cada lote de 1.000 animais criados, 300 mantinham-se como êstes, sempre magros. Após dois anos, em média, de permanência na fazenda, acabavam morrendo (setembro de 1960).

5. A maior parte dos bovinos no Brasil, principalmente os animais jovens e as vacas leiteiras, vive em carência mais ou menos grave de fósforo. Podendo-se até afirmar que os baixos níveis na produção de carne e leite estão estreitamente ligados a dois fatôres fundamentais: deficiência de proteínas e de fósforo na alimentação.

As tabelas I, II, III e IV (Prof. Elvio Borgiolli, "Alimentazione del Bestiame" Edições Agrícolas Bolonha 1959) permitem fazer-se uma idéia das elevadas exigências orgânicas em cálcio e fósforo, as quais pela pobreza de nossos capins nesses elementos e pelo regime alimentar dominante em nossas fazendas (regime de campo), raramente são satisfeitas

6. Como produto de assimilação reduzida e de pobre teor em fósforo, a farinha de ossos não resolve o problema da afosforose. Tanto é verdade,

TAMINAS "TORTUGA"

TABELA I

Espécie	Cotas diárias necessárias					
	Cota de mantença		Cota de produção		Total	
Vacas de seis litros diários de leite	Cálcio	Fósforo	Cálcio	Fósforo	Cálcio	Fósforo
	11 gr	11 gr	13,50 gr	9 gr	24,50 gr	20 gr

TABELA II

Espécie e pêso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Bois de corte, 150 kg	20,5 gr	15 gr
Bois de corte, 250 kg	18,5 gr	15 gr

TABELA III

Espécie e pêso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Ovelhas prenhes, 50 kg	4,3 gr	3,2 gr
Ovelhas prenhes, 60 kg	4,5 gr	3,4 gr

TABELA IV

Espécie e pêso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Ovelhas em lactação, 45 kg	6,1 gr	4,5 gr
Ovelhas em lactação, 55 kg	6,4 gr	4,7 gr

que vimos animais consumir, nas mesmas condições de pasto e com resultados bem inferiores, de 2 a 3 quilos de farinha de ossos deixados à disposição, ao passo que outros satisfaziam sua "fome de fósforo" com apenas um quilo de Complexo Mineral "Tortuga", à base de fosfato bicálcico.

A tabela V mostra claramente o que afirmamos. Basta examiná-la para se perceber a vantagem de emprêgo do fosfato bicálcico, base do Complexo Mineral "Tortuga".

TABELA V

Paralelo entre o consumo de farinha de ossos e de Complexo Mineral Iodado «Tortuga» e entre o ganho de pêso nos dois sistemas de integração mineral (Bezerros em pasto bom de colonião — Duração da experiência: 11 meses)

Invernadas	Classificação das invernadas pelo teor protéico	Classificação das invernadas pela riqueza em minerais	Número de Bezerros	Pêso médio (machos)	Pêso médio (fêmeas)	Consumo em 11 mêses		Resultados
						"Tortuga"	Farinha de ossos	
N.º 17 Teor protéico médio de 7,75 % Integração mineral feita com sal mais 25% de "Tortuga"	3.º lugar	3.º lugar	220	292 kg	231,4 kg	465 kg	.....	O melhor lote em uniformidade
N.º 7 Teor protéico médio de 9,32%. Integração mineral com micro-elementos mais partes iguais de sal e farinha de ossos	1.º lugar	1.º lugar	209	286 kg	222,0 kg	.....	956 kg	Mesmo gastando mais que o dôbro em farinha de ossos, os machos pesaram, em média 6 kg a menos e as fêmeas 9,40 kg, que os da invernada n.º 17, com "Tortuga".
N.º 20 Teor protéico médio de 8,70%. Integração mineral feita com sal, cobre, cobalto, iôdo e ferro.	2.º lugar	2.º lugar	231	276 kg	224,6 kg	.....	.....	Os machos pesaram, em média, 16 kg a menos e as fêmeas 6,80, que os da invernada n.º 17, com "Tortuga". Os lotes não apresentaram uniformidade.

SAIS MINERAIS E V

OBSERVAÇÕES SÔBRE A TABELA V —

a) As análises sôbre o conteúdo protéico, cálcio e fosfórico foram realizadas mês por mês. A classificação (1.º, 2.º e 3.º lugar) baseou-se nas médias acusadas.

b) As invernadas eram confinantes, da mesma idade e formadas em um mesmo tipo de solo.

c) A relação fosfo-cálcica era das melhores para o colonião e a riqueza em fósforo das mais altas.

d) A comparação entre os resultados da suplementação com o Complexo Mineral "Tortuga" e com a farinha de ossos mostra claramente a vantagem econômica do uso do primeiro.

e) O elevado pêso de farinha de ossos, mais o dôbro de "Tortuga", consumido por animais em pasto mais rico em cálcio e fósforo, prova a baixa assimilação desta farinha.

f) O melhor desenvolvimento, o maior ganho de pêso e a maior uniformidade indicam, sem dúvida, bom estado de saúde e melhor conformação, que se refletem de forma vantajosa no futuro dos bovinos.

g) É evidente a conveniência econômica do emprêgo de bons complexos minerais, pois, apenas uma pequena fração do maior ganho de pêso já paga a mineralização feita cientificamente, sem se falar das outras grandes vantagens de ordem fisiológica e zootécnica.

Bezerros de poucos dias, filhos de vacas em afosforose, comendo àvidamente minerais (setembro de 1960).

7. A Farinha de ossos não pode corrigir a relação cálcio-fósforo, como o faz o fosfato bicálcico.

A relação fosfo-cálcica da farinha de ossos é 1:2, isto é, a cada parte de fósforo correspondem duas de cálcio. Ao passo que a relação dêsses dois elementos no fosfato bicálcico, que é base dos bons complexos minerais, acusa 1 de fósforo para 1,25 de cálcio (1:1,25). Embora a relação ótima gire em tôrno de 1:1,50 (um de fósforo para 1,5 de cálcio), as condições comuns entre nossos capins são de 1:2,5, 1:3 e até 1:4.

Portanto, para fazer a correção, torna-se necessário:

a) Administrar, como corretivo, um produto altamente assimilável, para que o animal não seja obrigado a ingerir centenas de gramas por dia.

b) Dispor-se de um produto, cuja relação fosfo-cálcica seja a mais estreita possível para melhor fazer a correção da relação larga encontrada nos capins. Assim sendo, se 1/3 do cálcio e fósforo necessários vier com o capim (relação fosfo-cálcica = 1:4) e 2/3 dos mesmos elementos provier do bifosfato de cálcio (relação fosfo-cálcica = 1:1,25), a relação final será 1:2,16 (um de fósforo para 2,16 de cálcio). Se, ao invés do fosfato bicálcico, usar-se a farinha de ossos, a relação será de 1 de fósforo para 2,66 de cálcio.

Quando a relação fosfo-cálcica nos capins fôr 1:2,50, o fosfato bicálcico a levará para o grau ótimo, ou seja, 1:1,66 (um de fósforo para 1,66 de cálcio). Nas mesmas condições, a farinha de ossos não conseguirá melhorá-lo além de 1:2,16.

É importante salientar que, na realidade, a farinha de ossos não melhora essa relação tanto quanto acima indicamos, pois lhe atribuimos uma assimilação igual à do fosfato bicálcico, quando ela é bem inferior à dêste sal. E não é só o seu fraco aproveitamento que contribui para limitar o poder corretivo, mas ainda a má «palatabilidade», que leva os animais a comerem-no em quantidade menor que a necessária.

É evidente que, em rebanhos não «mineralizados» o uso desta farinha melhora as condições de vida dos animais, embora elas ainda fiquem muito aquém das ideais, só observadas quando há integração mineral cientificamente orientada.

De qualquer maneira o fato prova que, nesses casos, há grande deficiência de macroelementos.

Pelo exposto, conclui-se que a farinha de ossos, absolutamente, não se indica para a «mineralização» de nosso gado, principalmente o de campo. Aos que argumentam com Morrison, lembrando que êle a aconselha, ou melhor, aconselhava quando o livro foi escrito, há muitos anos passados, respondemos:

Os bezerros ingeriam sal comum e Complexo Mineral "Tortuga", colocados isolados no mesmo cocho, na proporção acima, ou seja, de aproximadamente um de sal para 10 de Complexo

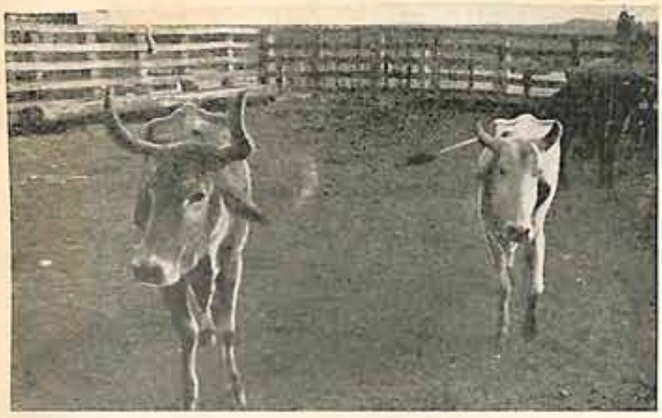
I) Naquele tempo as indústrias químicas não produziam fosfato bicálcico para a alimentação animal. Portanto, continuar a preferi-la, será negar-se a evoluir com a técnica e a ciência; será insistir em viajar a cavalo na era do avião.

II) Nos Estados Unidos, a deficiência de fósforo é, geralmente, coberta com o seu fornecimento nas rações. Porquanto, lá, a quasi totalidade dos bovinos recebe rações que são ricas em fósforo, devido ao alto teor, neste elemento, das tortas e cereais. Além do mais, lá as pastagens são normalmente adubadas, o que as faz livres às deficiências aqui encontradas.

Outras vantagens do emprêgo de complexo mineral à base de fosfato bicálcico. Além da relação fosfo-cálcica mais estreita, da bem mais elevada taxa de assimilação, do melhor sabor, os complexos minerais à base de fosfato bicálcico são reguladores do equilíbrio ácido-básico, estimuladores da flora microbiana do rúmen e, em conseqüência, fatôres importantes para a melhor conversão dos alimentos em produtos de origem animal.

Vacas do lote C, em 28 de agôsto de 1960, início do tratamento com glicerofosfato de sódio em injeções subcutâneas.

TAMINAS "TORTUGA"



Vacas "suspendidas", isto é, atacadas da "peste de suspender", antes do tratamento, lote C.

As mesmas vacas "suspendidas", do lote C, em 5 de outubro, já totalmente recuperadas.

Encerrando estas notas, com as quais nos parece termos trazido alguma contribuição para o progresso da bovinocultura nacional, queremos pôr em relêvo dois itens diretamente ligados ao problema da integração mineral, ambos de magna importância e que vêm sendo hoje objeto da atenção de técnicos e criadores:

UM TIPO DE MISTURA MINERAL PARA CADA TIPO DE SOLO?

1. **Um tipo de mistura mineral para cada tipo de solo?** Quem tentar produzir um tipo de mistura mineral, para cada tipo de solo, certamente estará sujeito a êrro por omissão, deixando a descoberto necessidades, pela ausência de certos minerais. Exemplo frizante do insucesso desta orientação, tivemo-la com o uso de complexos destinados a atender, apenas, deficiências de microelementos. **Aconteceu o que relatamos neste artigo: ante uma carência de fósforo, as referidas misturas nada resolveram. O certo, então, é preparar um complexo mineral completo, cujos elementos eventualmente em excesso nada prejudicarão. Ingeridos, serão, por desnecessários, simplesmente eliminados.** Por isso, absurdo é dar aos animais, a título de se atender e especificamente a hipotéticas deficiências de microelementos, misturinhas nas quais se encontram algumas poucas gramas dêstes elementos (cobre, cobalto, ferro, manganês, zinco) e reduzida quantidade de elementos plásticos (cálcio e fósforo), afogadas em um mar de sal comum. Os bovinos em carência de minerais terão que ingerir centenas de gramas de sal, para nelas encontrar um mínimo, **muitas vêzes insuficiente**, dos minerais realmente necessários, o que poderá acarretar graves conseqüências pela excessiva ingestão de sal.

ADUBAÇÃO DAS PASTAGENS E RIQUEZA EM FOSFORO

2. **Adubação das pastagens e riqueza em fósforo.**

É a adubação das pastagens pouco usada no Brasil, porém, acreditamos que esta prática tende a se generalizar. Nunca nos cansaremos de aconselhá-la, como de grande valor econômico, porque permite triplicar ou mesmo quadruplicar o número de cabeças por alqueire e melhorar a riqueza protéica da alimentação.

Sob o aspecto dos minerais, uma abundante adubação fostórica ajudará a elevar a concentração de fósforo nas forragens, porém, mais eficiente se mostra o nitrogênio, em relação ao incremento do teor protéico.

Experiências nos têm permitido observar que os capins de grande crescimento, como o Colonião, quando adubados com nitrogênio e fósforo, chegam a quadruplicar a produção, mas não se enriquecem de fósforo. Coisa, aliás, explicável, já que nossas análises mensais de amostras de pastagens não adubadas, indicam sensível diluição do fósforo na época das chuvas, devido ao mais rápido crescimento e à produção mais abundante.

Srs. CRIADORES

O Departamento Técnico da "TORTUGA" está ao seu dispor.

Fornecemos-lhes, graciosamente, esclarecimentos sôbre qualquer problema relativo à bovinocultura.

COMPLEXO MINERAL IODADO "TORTUGA"

contém bifosfato de cálcio, altamente assimilável.

Cura-se hoje a frieira do gado por processo rapido, eficiente e barato

FALAM-NOS OS VETERINARIOS SALLES GOMES E LUCIANO FRANKHENTAL

Fato auspicioso para os pecuaristas acaba de se registrar: dois veterinarios brasileiros, os drs. Salles Gomes e Luciano Frankhental, trabalhando para a Pfizer Corporation do Brasil, descobriram a cura da frieira do gado, assim afastando uma das fontes mais constantes de prejuizo nas criações. Trata-se de um processo facil, com medicação que se aplica uma só vez, dispensando curativos diarios e, o que é mais, de custo irrisório. Aplicado em centenas de casos, com uma unica operação, o tratamento por sufusão local de terramicina resulta em cura radical dentro de um periodo de cinco a oito dias, o que significa uma despesa média de duzentos a trezentos cruzeiros por animal. Os descobridores da cura contaram com a colaboração de colegas de outros Estados, que lhes comunicaram os resultados obtidos em suas aplicações: entre outros os srs. dr. Antonio Lozano Andrés, do Rio de Janeiro; drs. Silvio Blauth e Italo Bandeira, do Rio Grande do Sul; dr. Ildeu Gomes da Silva, de Minas Gerais, e dr. Alfézio Zambrim, do Paraná.

DEFINIÇÃO DO MAL

A "Revista dos Criadores", tendo tido noticia dessa importante descoberta, procurou ouvir os dois competentes profissionais, aois quais a pecuaria fica devendo valiosa cooperação. Deles obteve uma série de informações autorizadas, que constituem a nossa "entrevista do mês".

— A frieira é uma afecção do pé, que na maioria das vêzes se localiza no espaço interdigital dos ruminantes. No Brasil, atinge 6 por cento do gado de corte, 13 por cento do gado de leite, e 25 por cento dos ovinos. Na maioria das vêzes o agente etiológico, ou responsável pelo processo, é o "Spherophorus Necrophorus" associado a outros germes necrosantes.

Inicialmente o animal apresenta uma ligeira manqueira, mostrando sensibilidade no pé afetado. O processo vai evoluindo, aparecendo uma espécie de calosidade em forma de botão entre as unhas. Este botão vai aumentando, ocupando, com o tempo, todo o espaço interdigital. Nota-se que há inflamação pela côr vermelha que adquire a epiderme das regiões adjacentes. Nas fases adiantadas percebe-se um odôr pútrido em razão da necrose (apodrecimento) dos tecidos da região. Não sendo tratada, o processo evolui, afetando todo o casco, até os coxins. Pode haver queda das unhas. Em alguns casos, a infecção se generaliza quando os germes atingem a corrente sanguínea, provocando sérios compromettimentos a órgãos internos.

No clichê, os dois entrevistados deste mês.

CAUSAS PREDISPONENTES

— Para que os germes causadores da frieira consigam instalar-se, é necessário que haja uma lesão de continuidade no local. Os germes não penetram no tecido íntegro. Em alguns casos são rachaduras, feridas, estrepadas, etc. provocadas por corpos estranhos (pregos, estiletes de madeira, pedras ponteagudas, etc.), que deixam campo aberto à penetração de microorganismos causadores da afecção. Os animais pesados também são propensos a rachaduras do espaço interdigital, criando meio propício à instalação das frieiras.

Entretanto, a causa predisponente mais comum e mais importante é a sequela da aftosa. Essa moléstia, como se sabe, é produzida por um virus, causando lesões em diversos órgãos, inclusive nos cascos. Essas lesões podais redundam em ulcerações dos espaços interdigitais, propiciando a penetração dos germes causadores das frieiras.

MEDIDAS PROFILÁTICAS

— A maioria dos germes encontram seu "habitat" em lugares úmidos e quentes. O barro ocasionado pelo pisoteio intensivo de animais em determinados lugares úmidos, é um dos meios preferidos para sua proliferação. Nas saídas de estábulos, mangueiros, à volta dos bebedouros, enfim, nos lugares onde os animais se ajuntam, forma-se lama no tempo das águas. É êsse o meio ideal de localização de microorganismos. Portanto, indispensável se torna que se elimine a umidade em lugares onde os animais se encontrem.

Outra medida de alto alcance profilático é a erradicação da aftosa. Se bem que não tenhamos maneira prática e totalmente eficiente de combate a êsse mal, existem métodos que dão boa porcentagem de êxito. Em primeiro lugar, a prática da vacinação sistemática evita surtos contínuos e frequents da moléstia e, mesmo quando esta aparece, é em caráter benigno, passando às vêzes despercebida. Em segugndo lugar, deve-se proceder ao completo isolamento dos animais sãos, quando haja surto da moléstia nas proximidades.

Estas duas medidas profiláticas reduziriam sobremaneira a incidência das frieiras.

DESVANTAGENS DO CORTE DA FRIEIRA

— A frieira sempre constituíu um problema terapêutico. Usou-se durante muito tempo, em algumas fazendas, e

usa-se ainda o método chamado clássico: corte da frieira (quando o caso é adiantado), cauterização com ferro quente e aplicação de desinfetantes ou repelentes, como a creolina, B.H.C., alcatrão, etc.

Desvantagens do método: 1) Há necessidade de diversos curativos, implicando na "derruba" do animal (que exige várias pessoas para sua execução) cada vez que faz o curativo. 2) Cura duvidosa e problemática. 3) Custo elevado: mão de obra, tempo, medicamentos, etc.

Com o advento das sulfas e antibióticos, começou-se a empregá-los para a cura da frieira. Os resultados foram até certo ponto animadores.

Havendo necessidade de altas dosagens para que se obtenha algum êxito no tratamento, tornou-se impraticável êste método para uso rotineiro. É usado exclusivamente nos animais de alto valor.

Empregaram-se sulfas por via parenteral em dosagens de 60 mg por quilo de pêso viso, o que custa em média Cr$ .. 1.200,00 por animal tratado. Além do alto custo do tratamento, a cura é duvidosa.

A Terramicina por via intramuscular dá bons resultados nas doses de 3 a 4 mg por quilo de pêso vivo, cada 24 horas, durante 3 a 5 dias (a dose máxima diária, não deve ultrapassar 1 g); apresenta, porém, a desvantagem do custo, pois,

PREJUÍZOS CAUSADOS PELA FRIEIRA

Para o invernista, o gado portador de frieira é um "refugo" e, pior do que isto, um refugo que precisa de cuidados constantes. Cêrca de 6% dos animais de corte são portadores de frieras. Sabendo que um animal "frieira" atrasa um ano no período de engorda, teremos um prejuízo médio de Cr$ 5.000,00 por boi, ou seja Cr$ 30.000,00 em cada 100 bois (6%).

Para o produtor de leite, o prejuizo causado pelas frieiras é ainda maior: há redução de 30 a 40% da produção e desvalorização do animal.

Uma vaca Holandesa de produção média de 15 litros, custou Cr$ 30.000,00. Com a produção anual de 3.750 litros, a Cr$ 15,00, rende Cr$ 56.250,00. Total Cr$ 86.250,00.

O mesmo animal com frieira custou Cr$ 10.000,00. Com a produção de 2.250 litros a Cr$ 15,00 (60% do normal) rendeu Cr$ 33.750,00. Total Cr$ 43.750,00.

Verificamos, pois, um prejuizo médio de Cr$ 42.500,00 por vaca portadora de frieira, por ano: a vaca sadia vale Cr$ 86.250,00, ao passo que a portadora de frieira não vai além de Cr$ 43.750,00.

ZOODRAZID

PARA ELIMINAR A TUBERCULOSE BOVINA

Produto à base da isoniazida — **específico para a cura e profilaxia da tuberculose** — contendo também protetores contra efeitos secundários desfavoráveis da droga quando empregada pura.

Graças, à sua composição, o Zoodrazid é lentamente absorvido, proporcionando níveis terapêuticos durante vários dias, que permitem resultados excelentes em curto tempo.

ZOODRAZID, preparação oleosa contendo:

a) Isoniazida — o agente específico para o tratamento e profilaxia da tuberculose.
b) Piridoxina — evita os fenômenos secundários da isoniazida sôbre o metabalismo e sôbre a produção de anticorpos.
c) Vitamina D 2 — garante uma calcificação rápida das lesões tuberculosas.
d) Agentes repelentes à água — tornam a absorção do Zoodrazid suficientemente lenta para permitir o tratamento com número pequeno de injeções.

ESQUEMA DE TRATAMENTO ACONSELHADO

CURATIVO

5 cc de Zoodrazid por 100 kg de peso vivo, por via subcutânea, com a seguinte frequência:
1 mês — diàriamente — 2.º e 3.º mês — dias alternados.ados.

PROFILÁTICO

5 cc de Zoodrazid por 100 kg de peso vivo, por via subcutânea, uma vez por semana.

APRESENTAÇÃO:

Vidros com 200 ml e 900 ml. - Também, tubos com 100 comprimidos de 1 g.

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PRODUTOS QUÍMICOS S.A.

Praça Cornélia, 96 — Fone: 62-4178 — Caixa Postal, 1.767 — SÃO PAULO

DEPARTAMENTO AGROPECUÁRIO

Revendedor: ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo

AGRÔNOMO

Importante emprêsa procura, de preferência com bôlsa de estudos nos U.S.A., ou que saiba ler bem inglês, técnico para executar programa de melhoramento de solos e irrigação.

Salário inicial Cr$ 60.000,00 a Cr$ 90.000,00 (mais gratificação)

Cartas com informações sôbre aptidões e

"Curriculum Vitae" para esta revista, endereçadas a **AGRÔNOMO.**

cada animal tratado custaria em média Cr$ 3.500,00. Justifica-se este tratamento sòmente para reprodutores de alta linhagem.

A GRANDE DESCOBERTA

— Recentemente, estudos realizados em São Paulo, pelo Departamento Técnico da Pfizer Corporation do Brasil, demonstraram que a Terramicina, quando injetada em sufusões no lugar da frieira, resulta em regressão rapida e definitiva do processo infeccioso. Consiste o método no seguinte:

Injeta-se Terramicina em diversos pontos do pé afetado, obedecendo ao seguinte critério: introduz-se a agulha (40 x 10, 40 x 12 ou similares) no espaço interdigital (entre as unhas), injeta-se ½ a 1 cc do líquido, recua-se um pouco (sem retirar a agulha completamente), introduz-se em outra direção, injeta-se novamente, muda-se a posição e repete-se o mesmo. Retira-se a agulha, procurando outro lugar para introduzi-la. Em geral, dá-se uma picada na parte anterior, e outra na parte posterior do espaço interdigital. Repete-se.

Nos casos benignos, não há necessidade de cirurgia, bandagens, etc.; é suficiente a simples aplicação de Terramicina, uma única vez.

Nos casos adiantados, em que haja necrose e formação exagerada de carnosidades, deve-se proceder à extirpação de todo tecido neoformado, cauterizar, se a hemorragia for interna; fazer a sufusão de Terramicina e aplicar pomada tópica de Terramicina. Nêstes casos, é conveniente que se previna contra a instalação de bicheiras. Para isto, pode-se adotar o processo de bandagem, em que seriam feitos pensos com tiras de algodãozinho (tecido); ou de pediluvios, contendo B. H.C., ou outro inseticida, uma ou duas vêzes por dia.

Com esta nova aplicação da Terramicina, ficou resolvido satisfatòriamente êste problbema que tanto aflige o nosso pecuarista. Além da eficiência comprovada, a cura se dá em 5 a 8 dias. O custo é ínfimo, pois o tratamento não vai além de Cr$ 200,00 a Cr$ 300,00 por frieira. Deve-se considerar que, além de ser o custo do tratamento irrisório, a cura do animal é muito rápida, passando a se alimentar normamente, recuperando economicamente o que vinha perdendo, ou deixando de ganhar.

CISCANDO...

(Conclusão da pág. 108)

haverá no Parque da Agua Branca, em agosto próximo, uma exposição de avicultura. Está prevista a participação das Cooperativas de Cotia, Central Sul-Brasil e Central Agrícola de São Paulo, bem como de criadores especialisados.

Diversas industrias ligadas à avicultura, como laboratorios, fábricas de rações e de material avícola, deverão comparecer com variado material.

Caravana de Criadores Paulistas a Pôrto Alegre

para assistir à

XXVIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados

20 a 31 de AGÔSTO DE 1961 — — PARQUE MENINO DEUS

Informações quanto à data de partida e preço, na secretaria da

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634 — Telefone 51-6963 — São Paulo

Regulamentação da reforma agrária

Por decreto de 14 de maio, o sr. governador Carvalho Pinto nomeou, nos têrmos do artigo da Lei numero 5.994, de 30 de dezembro de 1960, os Srs. Lincoln de Andrade Junqueira — representante da Sociedade Rural Brasileira; dr. Oswaldo de Souza Martins — representante da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo; Eng. Fernando Penteado Cardoso — representante da Sociedade Paulista de Agronomia; dr. Quineu Corrêa — representante da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária; dr. Paulo D. Murgel — representante da Associação Paulista de Criadores de Bovinos; Carlos Pimenta de Campos — representante da Associação Paulista de Cafeicultores; dr. Antônio dos Santos Galante — representante da Associação Paulista de Municípios; Francisco Garcia Bastos — representante da Ordem dos Economistas de São Paulo; dr. Francisco Antônio de Toledo Piza — representante d União das Cooperativas do Estado de São Paulo Armando Navarro Sampaio — representante do Conselho Florestal do Estado de São Paulo; Prof. Dr. Hugo de Almeida Leme e dr. Fernando Henrique Cardoso (setor de Sociologia) — representantes da Universidade de São Paulo; dr. José de Toledo Piza — representante da Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social; dr. Antonio Nicácio e dr. Luiz Carlos de Oliveira — representantes da Secretaria da Fazenda; e Eng. Carlos Lorena e Eng. Oscar José .homazino Ettore — representantes da Secretaria da Agricultura, para constituirem o Conselho de Revisão Agrária do Estado;

nos têrmos do artigo 7.º da Lei n. 5.918, de 18 de outubro de 1960, os Srs. Prof. Eulálio Bueno Vidigal, Prof. Antônio de Ulhôa Cintra, Prof. Alberto Carvalho Silva, Prof. Otávio Gaspar de Souza Ricardo, Dr. Paulo Emilio Vanzolini, Dr. José Ulpiano deAlmeida Prado, Prof. Florestan Fernandes, Prof. Luiz Carlos Uchôa Junqueira, Prof. Carlos da Silva Lacaz e Prof. Paulus Aulus Pompéia, para constituirem o Conselho Superior da "Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo".

DECRETO N. 38.328, DE 14 DE ABRIL DE 1961

Dá regulamento à Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, que estabelece normas de estímulo à exploração racional e econômica da propriedade rural e dá outras providências.

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais,

Decreta:

CAPÍTULO I

Da Revisão Agrária

Artigo 1.º — O Estado incentivará a exploração racional e econômica do solo e facilitará a aquisição de pequena propriedade rural, nos têrmos da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e na forma estabelecida por êste regulamento.

Parágrafo único — Considera-se pequena propriedade rural aquela que, possuindo área mínima necessária para possibilitar a sua exploração econômica, não exceda os limites máximos fixados nos planos de loteamento para as diversas regiões do Estado, considerados ainda a sua localização, objetivo econômico e social e as condições econômicas do proprietário.

Artigo 2.º — Para a efetivação do disposto no artigo anterior, o Poder Executivo adotará, dentre outras, as seguintes medidas:

I — aproveitamento de terras do Estado, que se prestem à exploração agrícola ou pecuária e não estejam sendo utilizadas ou incluídas em planos de utilização para reflorestamento, proteção da fauna e da flora ou em atividades de pesquisa ou fomento, mediante o seu loteamento;

II — desapropriação, para fins de loteamento ou reagrupamento, de terras inaproveitadas, de preferência localizadas em regiões de maior densidade demográfica e dotadas de melhores vias de comunicação, e que prenechem os requisitos do inciso anterior;

III — aquisição mediante compra ou doação, de terras cuja situação e características justifiquem o seu aproveitamento para as finalidades da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e dêste regulamento.

§ 1.º — Consideram-se terras inaproveitadas, para efeitos do inciso II dêste artigo, as glebas inexploradas ou as que não tenham pelo menos 70% de sua área aproveitados de acôrdo com as características da região.

§ 2.º — As desapropriações serão planejadas com prioridade para regiões em que estejam sendo feitos projetos e investimentos consideráveis pelos poderes públicos.

§ 3.º — Na hipotese do inciso II dêste artigo, a desapropriação será precedida de notificação judicial, concedendo-se aos proprietários o prazo de um ano para que dêm ao imóvel utilização sócio econômica, observado o limite mínimo de aproveitamento previsto no parágrafo primeiro.

§ 4.º — Em caso de desapropriação, se as terras não forem colocadas à venda no prazo de 5 (cinco) anos a contar da data em que a mesma se efetivar, o Estado oferecerá ao ex-proprietário o imóvel desapropriado, pelo preço por que o foi, nos têrmos do artigo 1.150 do Código Civil.

CAPÍTULO II

Dos Loteamentos

Artigo 3.º — A Secretaria da Agricultura estabelecerá os planos de loteamento, reagrupamento e colonização e efetivará a venda das terras.

§ 1.º — Os planos a que se refere êste artigo levarão em conta, especialmente no que se refere à área dos lotes, suas benfeitorias o sistema de circulação e acesso e as obras de interêsse comunal, inclusive a instalação de núcleos residenciais, as características do solo, a economia regional e a destinação das propriedades.

§ 2.º — Os projetos serão acompanhados de memorial, contendo descrição dos lotes, informação sôbre a qualidade das terras, relação das obras a serem realizadas pelo Estado e programa de exploração racional do loteamento, compreendendo a indicação das culturas mais apropriadas.

Artigo 4.º — Os serviços de planejamento e execução do loteamento, excetuada a venda de lotes, poderão ser concedidos, mediante concorrência pública, a emprêsas particulares, tendo preferência, em igualdade de condições, as cooperativas idôneas.

Parágrafo único — Na hipótese dêste artigo, os editais serão publicados com antecedência mínima de 45 (quarenta e cinco) dias da data fixada para o encerramento da concorrência.

Artigo 5.º — A venda dos lotes poderá ser feita à vista ou a prazo, não superior a 15 (quinze) anos.

Artigo 6.º — A fixação do preço de venda dos lotes deverá atender ao valor da terra, acrescido da importância das despesas com benfeitorias e melhoramentos realizados, nos lotes, pelo Estado, excluídas as relativas a obras públicas normalmente executadas pelo Estado.

Parágrafo único — O valor da terra, quando haja sido objeto de desapropriação ou compra pelo Estado, para imediato loteamento, corresponderá ao preço pago por êste.

Artigo 7.º — Nas vendas a prazo o pagamento do preço será feito a prestações anuais de igual valor, pela forma seguinte:

I — a primeira prestação no ato de receber o adquirente o título provisório, sem o qual não poderá tomar posse do lote;

II — a segunda prestação no fim do segundo ano agrícola, estabelecendo-se, para os fins dêste dispositivo, que o ano agrícola se encerra no dia 30 de outubro;

III — as demais prestações, até a última, no dia 31 de outubro dos anos subsequentes.

§ 1.º — Do contrato de compromisso constarão:

a) um plano de exploração do lote, proposto pelo adquirente com assistência da Secretaria da Agricultura e por ela aprovado;

b) anuência para o adquirente apenhar safras, semoventes ou maquinas, em contratos de financiamento.

§ 2.º — As prestações serão acrescidas de juros, calculados à taxa de 6% (seis por cento) ao ano sôbre o saldo devedor.

§ 3.º — As prestações em atrazo ficam sujeitas à multa de 10% (dez por cento) sôbre o respectivo valor.

§ 4.º — Vencidas e não pagas 2 (duas) prestações anuais consecutivas, considerar-se-á rescindido o contrato 30 (trinta) dias depois de constituído em mora o devedor, nos termos do artigo 14 do Decreto-lei n. 58, de 10 de dezembro de 1937, perdendo nêsse caso o adquirente as importâncias pagas e as benfeitorias voluptuárias que não puderem ser levantadas sem prejuízo para o imóvel.

§ 5.º — Na hipótese do parágrafo anterior, as benfeitorias necessárias e úteis serão indenizadas, podendo ainda ser levantadas as voluptuárias, desde que não haja prejuízo para o imóvel.

Artigo 8.º — O plano de exploração do lote, referido na alínea "a" do § 1.º do artigo 7.º, poderá ser modificado por proposta do adquirente, aprovada pela Assessoria de Revisão Agrária.

Artigo 9.º — Os contratos de venda ou de promessa de venda de lotes, outorgados pelo Estado, ficam subordinados às seguintes condições resolutivas:

I — residir o adquirente com sua família no lote pelo prazo mínimo de 5 anos ininterruptos e explorá-lo diretamente, podendo, para suprir as deficiências do trabalho familiar, contratar assalariados;

II — iniciar a exploração do lote no prazo de 1 (um) ano da data da lavratura do contrato;

III — apresentar, a partir do fim do segundo ano de posse, o lote racionalmente explorado de acôrdo com o plano mencionado na alínea "a" do § 1.º do artigo 7.º.

§ 1.º — Será de um ano, contado da data do contrato, o prazo para o adquirente instalar-se no imóvel e nêle fixar residência.

§ 2.º — Quando os loteamentos forem dotados de núcleos residenciais, considerar-se-ão cumpridas, no tocante à moradia, as exigências previstas no inciso I e no § 1.º dêste artigo desde que nêles residam os adquirentes dos lotes.

§ 3.º — A partir do fim do primeiro ano de posse, o Grupo Executivo local, ou o Departamento de Imigração e Colonização, na hipótese do artigo 3.º, procederão periòdicamente à vistoria dos lotes, para fins de verificação das condições de exploração racional a que alude o inciso III dêste artigo.

Artigo 10 — Resolvido o contrato pelo inadimplemento de qualquer das condições previstas no artigo anterior, restituir-se-á ao adquirente o que houver pago, prèviamente deduzida, a título de aluguel, importância equivalente a 10% das prestações anuais, para cada ano de posse do imóvel.

Parágrafo único — No cálculo do "quantum" a ser restituído, não se computarão os juros e multas pagos pelo adquirente.

Artigo 11 — No caso de não cumprimento, pelos adquirentes de lotes, de qualquer das obrigações previstas nos artigos 7.º e 9.º, em virtude da ocorrência de calamidade pública, o Secretário da Agricultura, ouvida a Assessoria de Revisão Agrária, assinará prazo razoável aos interessados para a satisfação daquelas obrigações.

Artigo 12 — Os lotes sòmente poderão ser vendidos a pessoas que:

I — não possuam imóvel rural no seu próprio nome, no de cônjuge ou filho menor, valendo, até prova em contrário, a declaração do adquirente:

II — não exerçam cargo ou função publicos a qualquer título, bem como seus cônjuges.

Artigo 13 — Terão preferência para aquisição dos lotes vendidos pelo Estado, sucessivamente:

I — os que se venham dedicando há mais de 5 anos à atividade agrícola ou de criação, na qualidade de arrendatários, parceiros ou assalariados;

II — os arrendatários, parceiros, produtores ou trabalhadores agrícolas em geral, associados a cooperativas agropecuárias;

III — os agrônomos e veterinários;

IV — os técnicos rurais diplomados em qualquer grau;

V — os que, a qualquer título tenham prática de trabalhos agrícolas ou de criação;

VI — os nacionais que provarem haver participado, no exterior, da última conflagração mundial.

§ 1.º — Em cada classe terão preferência, sucessivamente, os brasileiros natos ou naturalizados; os moradores há mais de cinco anos no município em que se der o loteamento; os chefes de família mais numerosa.

§ 2.º — Não poderão ser vendidos lotes a imigrantes estrangeiros que não tenham, pelo menos um ano de permanência no País.

Artigo 14 — Os candidatos à aquisição de lotes declararão, no ato de sua inscrição, as classes a que pertencem, dentre as mencionadas no artigo anterior, apresentando ainda, as provas cabíveis em cada caso, a critério do Departamento de Imigração e Colonização.

Parágrafo único — A classificação dos candidatos será procedida pelo Departamento de Imigração e Colonização, ouvida a Assessoria de Revisão Agrária, e submetida à aprovação do Secretário da Agricultura.

Artigo 15 — Os adquirentes de lotes sòmente poderão aliená-los, arrendá-los ou, por qualquer forma, ceder o seu uso, mediante autorização do Departamento de Imigração e Colonização.

CAPÍTULO III

Da Classificação das Terras

Artigo 16 — Para os efeitos dêste regulamento, será adotada a seguinte classificação de terras:

I — Terras próprias para culturas;

II — Terras próprias para culturas com a adoção de práticas agronômicas intensivas (adubação, irrigação, corretivos, práticas de conservação do solo, etc.);

III — Terras impróprias para qualquer exploração econômica específica.

Parágrafo único — Serão classificadas nos incisos I e II sòmente terras cuja conformação topográfica permita a mecanização.

Nas infecções

PENTABIÓTICO
VETERINÁRIO

Para **todas** as espécies animais

PRÁTICO • ECONÔMICO • EFICIÊNCIA MÁXIMA

UM PRODUTO DAS

Indústrias Farmacêuticas
Fontoura-Wyeth S.A.

DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA

Tradição e qualidade a serviço da terapêutica veterinária

Rua Caetano Pinto, 129 — São Paulo — Brasil

CAPÍTULO IV

Do Impôsto Territorial Rural

SECÇÃO I

Das Taxas do Impôsto

Artigo 17 — O impôsto territorial rural será cobrado de acôrdo com as taxas seguintes já incluidos os adicionais de 10% (dez por cento) e 3,75% (três e setenta e cinco centésimos por cento), criados, respectivamente, pelos artigos 1.º da Lei 2.412, de 15 de dezembro de 1953, e 3.º da Lei 3.329, de 30 de dezembro de 1955:

os primeiros	100 hectares	2%
os seguintes	400 hectares	3%
os seguintes	500 hectares	4%
os seguintes	4.000 hectares	5%
parcelas acima de	5.000 hectares	6%

§ 2.º — Para efeito de cálculo do impôsto serão desprezadas as frações de hectares.

§ 2.º — Consideram-se, para fins dêste artigo, como um só imóvel, tôdas as superfícies territoriais contiguas lançadas em nome do mesmo contribuinte.

§ 3.º — O impôsto será calculado sôbre o valor da terra, sem as benfeitorias.

SECÇÃO II

Das Reduções

Artigo 18 — Ficam sujeitas às taxas de 1,5% (um e meio por cento) e 2% (dois por cento) as propriedades de, respectivamente, até 500 hectares a mais de 500 hectares, que satisfizerem, rigorosamente, tôdas as condições que se seguem:

a) ter no mínimo 80% (oitenta por cento) de área racionalmente cultivada;

b) adotar práticas de conservação do solo;

c) ter culturas plantadas com defesa contra erosão;

d) possuir moradias adequadas para os trabalnadores;

e) não ser objeto de exploração agropecuária sob-forma de arrendamento.

§ 1.º — Consideram-se racionalmente cultivadas:

a) terras da classe I: quando ocupadas por culturas anuais ou permanentes com produtividade acima da média da região;

b) terras da classe II: quando ocupadas por culturas anuais ou permanentes, com a adoção de práticas agronômicas intensivas convenientes ao caso (adubação, irrigação, corretivos, etc.);

c) terras da classe III: quando ocupadas por pastagens ou matas, observadas as condições do artigo 19;

d) terras da classe IV: quando possuirem cobertura vegetal sem finalidade econômica específica ou servirem para reservatório de água.

§ 2.º — Consideram-se como práticas de conservação do solo:

a) nas terras da classe I: nas culturas anuais, no mínimo rotação de culturas e plantio em nível e nas permanentes qualquer prática que as defenda contra a erosão;

b) nas terras da classe II: no mínimo culturas em faixas ou cordões em contôrno para as culturas, ou ainda formação de pastagens ou matas (cobertura florestal) que atendam aos requisitos do artigo 19;

c) nas terras da classe III: a formação de pastagens não erosadas ou cobertura florestal;

d) nas terras da classe IV: a cobertura vegetal sem finalidade de exploração econômica específica, ou o uso como reservatório de água.

§ 3.º — Consideram-se adequadas para o trabalhador as moradias que satisfizerem as seguintes condições mínimas

I — Até 31 de dezembro de 1965:

a) serem construídas em terreno sêco;

b) terem no mínimo dois cômodos e cozinha e tôdas as dependências com aberturas para o exterior recebendo ar e luz;

c) serem construídas de alvenaria ou outro material que permita completo rebocamento das paredes, de maneira a evitar qualquer solução de continuidade, não sendo admitidas as construções de barro;

d) terem o piso pelo menos atijolado;

e) serem cobertas com material incombustível, imputrescível e mau condutor de calor;

f) serem dotadas de escoamento para águas servidas, evitando seu empoçamento junto às habitações;

g) serem abastecidas de água por meio de poço ou de fonte, devidamente protegidos, sendo a água disponível a no máximo, 100 metros da habitação;

h) serem dotadas de privada higiênica, fossa sêca, rêde de esgotos ou fossa asséptica. No caso de fossa sêca ou privada higiênica deverão elas ser construídas em nível inferior ao dos poços de abastecimento de água e a uma distância mínima de 10 metros das residências.

II — A partir de 1.º de janeiro de 1966:

a) preencherem tôdas as condições do inciso anterior;

b) terem o pé direito mínimo de 2,50 metros;

c) os compartimentos terem área mínima de 10 metros quadrados e as cozinhas 6 metros quadrados;

d) as aberturas para ar e luz de cada compartimento terem superfície iluminante igual a, pelo menos, um oitavo da área do compartimento;

e) os poços de abastecimento de água serem revestidos interiormente até uma profundidade mínima de 3 metros;

f) nas colonias ou vilas, guardarem as casas entre si o espaço livre mínimo de 10 metros, podendo ser geminadas, desde que respeitado, para cada grupo de duas casas, o referido espaço;

g) serem dotadas de eletricidade, se houver na propriedade rêde elétrica a menos de 1 quilômetro da habitação.

Artigo 19 — Equiparam-se a área racionalmente cultivadas, para os efeitos do artigo 18:

I — As pastagens que observarem as seguintes condições:

a) serem formadas de gramíneas isoladas ou em consociação com leguminosas, tendo um mínimo de vegetação suficiente para evitar a formação de sulcos de erosão;

b) serem mantidas roçadas e limpas, de maneira que a infestação de plantas daninhas e invasoras não ultrapasse a um quinto da área;

c) possuirem cêrcas, valos ou fechos que permitam o confinamento dos animais;

d) disporem de água em condições de ser utilizada como bebedouro pelos animais.

II — As matas naturais, assim considerado todo o maciço arbóreo de formação espontânea que apresentar porte médio superior a 3 metros de altura.

III — As matas artificiais, como tal considerado todo o maciço arbóreo originário do plantio de essências florestais em agrupamentos puros ou mistos.

IV — As áreas ocupadas com benfeitorias.

Parágrafo único — As pastagens cultivadas em terras da classe I só serão equiparadas a áreas racionalmente cultivadas quando utilizadas intensivamente, com produtividade acima da m dia da região, na produção de leite ou outra atividade pecuária.

Artigo 20 — As reduções de que trata o artigo 18 serão concedidas mediante requerimento dos interessados, dirigido, na Capital, ao Departamento da Receita, e, no interior, aos Postos de Fiscalização, instruído com declaração do interessado, em formulário de modêlo oficial, fornecido pela Secretaria da Fazenda, devidamente preenchido em duas vias.

§ 1.º — O requerimento será entregue até o dia 31 de janeiro de cada ano. No corrente exercício, o prazo será até o dia 15 de maio.

§ 2.º — As segundas vias do formulário serão enviadas dentro de 3 dias do seu recebimento, aos Engenheiros Agrônomos regionais, para verificação do enquadramento das propriedades nas condições previstas no artigo 18, devendo ser devolvidas às autoridades fiscais que as remeteram até o dia 30 de março de cada ano. No corrente exercício, o prazo será até o dia 30 de junho.

§ 3.º — Os lançamentos para os casos previstos no artigo 18 serão feitos com base nos pareceres dos Engenheiros Agrônomos regionais, devendo as reclamações dos contribuintes, relativas a êsses lançamentos, atender ao disposto nos artigos 26 e seguintes, do Livro III, do Código de Impôstos e Taxas (Decreto n. 22.022, de 31 de janeiro de 1953.

SECÇÃO III

Do Pagamento do Impôsto em Dôbro

Artigo 21 — O impôsto será devido em dôbro:

I — quando o imóvel, de mais de 1 (um) hectare, não tiver pelo menos 70% (setenta por cento) de sua área aproveitados de acôrdo com as características da região;

II — quando o imóvel fôr objeto de exploração agropecuária, sob a forma de arrendamento, em extensão superior a 50% (cincoenta por cento) de sua área total.

§ 1.º — As majorações de que trata êste artigo sòmente incidirão a partir de 1.º de janeiro de 1962.

§ 2.º — Em relação às propriedades adquiridas após 1.º de janeiro de 1961, será de um ano, contado da data da aquisição, o prazo para o seu enquadramento nas condições do item I dêste artigo.

§ 3.º — Para os efeitos do item I dêste artigo a Secretaria da Agricultura estabelecerá, em ato a ser baixado dentro de 120 (cento e vinte) dias da publicação dêste decreto, a divisão do Estado em regiões fixando as principais atividades agropecuárias de cada zona e os padrões mínimos a que deverão obedecer as propriedades.

CAPÍTULO V

Das Isenções

Artigo 22 — Fica isenta do impôsto sôbre transmissão de propriedade "causa mortis" a parte do imóvel rural coberta por florestas naturais ou artificiais, sempre que ficar provado:

I — que o maciço florestal abranja, no mínimo, área de 2,5 (dois e meio) hectares;

II — que a floresta natural se ache intocada ou em regime de melhoramento técnico;

III — que a floresta artificial tenha, no mínimo, dois anos de idade, por ocasião da abertura da sucessão.

§ 1.º — Ficam excluídas da isenção a que se refere êste artigo, as coberturas vegetais constituídas por cercados e capoeiras.

§ 2.º — Entende-se por cerrado a vegetação espontânea, não xerofítica, aberta, com árvores pequenas e separadas.

§ 3.º — Entende-se por capoeira a vegetação florestal secundária em fase de regeneração espontânea.

Artigo 23 — Além das isenções previstas na legislação vigente ficam ainda isentas do impôsto territorial rural.

I — As áreas cobertas por florestas naturais primitivas ou secundárias, ou por florestas artificiais, quaisquer delas com mais de 3 (três) metros de altura, desde que compreendam mais de 10% (dez por cento) da extensão total da propriedade;

II — As áreas cobertas por florestas protetoras por decreto do Governo Federal.

Artigo 24 — As isenções a que se refere o artigo 22 serão concedidas mediante a apresentação, pelos interessados, de atestado fornecido pelo Engenheiro Agrônomo regional, comprobatório do preenchimento das condições necessárias à obtenção dos favores fiscais.

Artigo 25 — Fica elevado para 50 (cinquenta) hectares o limite previsto no artigo 2.º da Lei n. 5.440, de 23 de outubro de 1959, regulamentada pelo Decreto n. 36.545, de 5 de maio de 1960, para efeito de isenção do impôsto territorial rural.

CAPÍTULO VI

Das Avaliações

Artigo 26 — Para fins de lançamento do impôsto territorial rural, o valor atribuído as propriedades não poderá ser elevado de mais de 30% (trinta por cento) em cada exercício, a não ser nos casos previstos no artigo 27.

Artigo 27 — Além das reavaliações de caráter geral, previstas no artigo anterior, serão permitidas outras, a juízo do Conselho de Revisão Agrária, visando a correção de desigualdades dentro de uma mesma área geo-econômica.

§ 1.º — As reavaliações correcionais não poderão exceder 30% (trinta por cento) do valor vigente, por exercício, até ser atingido o fim visado por êste dispositivo.

§ 2.º — Para os efeitos do parágrafo anterior, considera-se valor vigente do imóvel o do último lançamento, sôbre o qual poderá ser préviamente aplicado o índice de 30% (trinta por cento) permitido nas reavaliações em geral.

§ 3.º — O Departamento da Receita, na Capital, e as Delegacias Regionais da Fazenda, no interior, encaminharão à apreciação do Conselho de Revisão Agrária, até 31 de agôsto de cada ano, os pedidos de reavaliações correcionais, devidamente justificados.

§ 4.º — As reavaliações correcionais que não forem objeto de apreciação pelo Conselho de Revisão Agrária dentro de 120 (cento e vinte) dias do recebimento do pedido, considerar-se-ão automàticamente aprovadas.

§ 5.º — No ano de 1961 não serão reavaliadas as propriedades prevalecendo os valores unitários que serviram de base ao lançamento do impôsto territorial em 1960.

CAPÍTULO VII

Dos Órgãos da Revisão Agrária

SECÇÃO I

Da Assessoria de Revisão Agrária

Artigo 28 — Fica criada, junto ao Gabinete do Senhor Secretário da Agricultura, a Assessoria de Revisão Agrária, destinada a coordenar todos os trabalhos referentes à execução da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e dêste regulamento.

§ 1.º — A Assessoria de Revisão Agrária constará de tantos membros quantos forem julgados necessários ao seu bom funcionamento.

§ 2.º — A Assessoria de Revisão Agrária contará com um Secretário Executivo, que obrigatòriamente pertencerá ao quadro da Secretaria da Agricultura.

§ 3.º — A Assessoria de Revisão Agrária funcionará na sede do Departamento de Imigração e Colonização e em íntimo contato com êle.

Artigo 29 — Compete à Assessoria de Revisão Agrária, que terá regimento próprio:

I — Preparar os planos de loteamento, reagrupamento e colonização, nos têrmos do artigo 3.º,

II — Autorizar, mediante plano de aplicação previamente aprovado, as despesas por conta dos recursos previstos nos artigos 15 a 17 da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, devendo os cheques necessários à movimentação dêsses recursos ser assinados pelo Secretário Executivo, ou servidor especificamente designado pelo Secretário da Agricultura, conjuntamente com um dos diretores mencionados no artigo 36 dêste regulamento.

III — Aprovar as contas referentes às despesas previstas no inciso anterior;

IV — Propor a admissão de pessoal para efetivação dos fins da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, observadas as formalidades legais e regulamentares,

V — Assessorar o Secretário da Agricultura na elaboração do ato a que se refere o § 3.º do artigo 21, propondo, sempre que julgar cabíveis, as modificações necessárias;

VI — Dar assistência aos proprietários rurais junto ao Fundo de Expansão Agro-Pecuária, tendo em vista as finalidades da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e do presente regulamento;

VII — Orientar a execução dos projetos de loteamento, reagrupamento e colonização;

VIII — Indicar e supervisionar os trabalhos dos Grupos Executivos locais;

IX — Redigir os editais de concorrência de que trata o parágrafo único do artigo 4.º;

X — Opinar, quando solicitada, sôbre a classificação dos candidatos à aquisição de lotes;

XI — Baixar normas para o enquadramento das propriedades rurais, tendo em vista as disposições fiscais previstas na Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960 e dêste regulamento;

1 representante da Federação das Associações Rurais e do Estado de São Paulo;

1 representante da Sociedade Paulista de Agronomia;

Saúde!!!

METRICILINA

Proporciona saúde

METRICILINA combate as infecções uterinas de maneira PRÁTICA RÁPIDA EFICIENTE

METRICILINA É UM PRODUTO DAS

Indústrias Farmacêuticas

Fontoura-Wyeth S.A.

DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA

Tradição e qualidade a serviço da terapêutica veterinária

Rua Caetano Pinto, 129 — São Paulo — Brasil

XII — Fiscalizar a execução dos projetos de loteamento confiados a emprêsas particulares, ou dar-lhes assistência quando da iniciativa destas;

XIII — Aprovar as propostas dos adquirentes de lotes relativas à modificação dos planos de exploração constantes dos contratos de compromisso;

XIV — Supervisionar os trabalhos de fiscalização relacionados com a aplicação dos artigos 18 e 21;

XV — Designar os Engenheiros Agrônomos que desempenhem funções previstas nêste regulamento.

Parágrafo único — Para atender ao disposto nêste artigo, a Assessoria de Revisão Agrária contará com pessoal da Secretaria da Agricultura, ou especificamente admitido.

SECÇÃO II

Dos Grupos Executivos Locais

Artigo 30 — Para execução de cada projeto de loteamento, reagrupamento ou colonização, a ser realizado diretamente pelo Estado, o Secretário da Agricultura designará um Grupo Executivo local, subordinado à Assessoria de Revisão Agrária.

§ 1.º — Cada Grupo será formado, no mínimo, por dois técnicos de nível universitário, sendo um necessàriamente engenheiro agrônomo.

§ 2.º — Os membros do Grupo residirão, obrigatòriamente, no município em que se desenvolver o projeto, até a transferência dos serviços de loteamento para a administração do Departamento de Imigração e Colonização.

Artigo 31 — Uma vez completada a instalação dos loteamentos, o Secretário da Agricultura determinará a transferência da responsabilidade pelo seu desenvolvimento ao Departamento de Imigração e Colonização.

SECÇÃO III

Do Conselho de Revisão Agrária do Estado

Artigo 32 — O Conselho de Revisão Agrária, criado pela Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, será presidido pelo Secretário da Agricultura e composto pelos seguintes membros:

1 representante da Sociedade Rural Brasileira;

1 representante da Sociedade Paulista de Veterinária;
1 representante da Associação Paulista dos Criadores de Bovinos;
1 representante da Associação Paulista de Cafeicultores;
1 representante da Associação Paulista dos Municípios;
1 representante da Ordem dos Economistas;
1 representante da União das Cooperativas do Estado de S. Paulo;
1 representante do Conselho Florestal do Estado;
2 representantes da Universidade de São Paulo, sendo um dêles do Setor de Sociologia;
1 represetnante da Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social;
2 representantes da Secretaria da Fazenda e,
2 representantes da Secretaria da Agricultura, sendo um dêles o Secretário Executivo da Assessoria de Revisão Agrária.

§ 1.º — Os Conselheiros serão nomeados pelo Governador do Estado dentre listas tríplices apresentadas pelas respectivas entidades.

§ 2.º — O Conselho reunir-se-á com a presença da maioria de seus membros ordinàriamente pelo menos uma vez cada dois meses e extraordinàriamente quando convocado por seu Presidente ou por 5 (cinco) de seus membros.

§ 3.º — O mandato dos Conselheiros será de 6 (seis) anos, exceto no primeiro provimento.

§ 4.º — O Conselho será renovado pelo terço, de 2 (dois) em 2 (dois) anos.

§ 5.º — No primeiro provimento, serão designados pelo Governador do Estado os terços de Conselheiros com mandatos de, respectivamente, 2 (dois), 4 (quatro) e 6 (seis) anos.

§ 6.º — Os membros do Conselho de Revisão Agrária que faltarem a 3 (três) reuniões consecutivas serão automàticamente demitidos, devendo o Governador nomear substituto dentro de 30 (trinta) dias.

Artigo 33 — Compete ao Conselho de Revisão Agrária:

I — opinar sôbre projetos de leis ou decretos relativos à matéria de que trata a Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e o presente decreto;

II — Autorizar as reavaliações correcionais, a que alude o § 1.º do artigo 26 dêste decreto;

III — propor ao Executivo, quando solicitado, critérios para avaliação de propriedades agrícolas, tendo em vista sua localização, qualidade das terras e possibilidade de produção;

IV — propor ao Executivo quaisquer medidas que achar convenientes à boa execução da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e dêste regulamento;

V — elaborar o seu regimento interno.

Parágrafo único — O pessoal e meios para a instalação e funcionamento do Conselho de Revisão Agrária serão fornecidos pela Secretaria da Agricultura.

CAPÍTULO VIII

Das dotações orçamentárias

Artigo 34 — Para atender às despesas decorrentes da execução da Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e do presente regulamento, o orçamento do Estado consignará, anualmente, dotação não inferior à receita arrecadada, correspondente ao impôsto territorial rural e suas majorações e à renda proveniente da venda de lotes, incluídos juros, multas e alugueis, receita essa apurada de acôrdo com o último balanço encerrado.

Parágrafo único — A dotação será considerada automàticamente empenhada, ficando as despesas realizadas sujeitas à prestação de contas na forma da legislação vigente.

Artigo 35 — A dotação a que se refere o artigo anterior será utilizada:

I — 80% (oitenta por cento) na efetivação das medidas previstas nos artigos 2.º e 3.º dêste decreto;

II — 20% (vinte por cento) em atividades florestais em todo o território do Estado.

Artigo 36 — A Secretaria da Fazenda depositará mensalmente, no Banco do Estado de São Paulo S. A., sob a forma de adiantamento, em contas especiais, importâncias equivalentes ao duodécimo das dotações fixadas no artigo anterior, sendo essas contas movimentadas, respectivamente, pelos Diretores do Departamento de Imigração e Colonização, do Departamento de Engenharia e Mecânica da Agricultura, e do Serviço Florestal, da Secretaria da Agricultura.

CAPÍTULO IX

Dos Lançamentos

Artigo 27 — Para efeito dos dispositivos dêste Decreto que se referem a utilização das terras, os contribuintes do impôsto territorial rural ficam obrigados a prestar novas declarações, até o dia 31 de outubro de 1961, segundo modêlo oficial, que será fornecido pela Secretaria da Fazenda.

Parágrafo único — Ocorrendo modificações nos dados constantes das declarações, os contribuintes deverão renová-las dentro do prazo de 30 (trinta) dias a contar dos atos ou fatos determinantes daquelas modificações.

Artigo 38 — Nos casos previstos no artigo 20, as declarações serão remetidas, dentro de 3 (três) dias do seu recebimento, à Secretaria da Agricultura, que procederá ao enquadramento das propriedades para os fins previstos na Lei n. 5.994, de 30 de dezembro de 1960, e no presente decreto, fornecendo à Secretaria da Fazenda os elementos necessários ao lançamento do impôsto territorial rural.

CIA. NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND
MAUÁ
BRASIL

O CIMENTO PORTLAND MAUÁ SUPERA AS ESPECIFICAÇÕES

EXIGIDAS PARA CIMENTO PORTLAND NO MUNDO INTEIRO

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

CAPÍTULO X

Da preferência para o financiamento agrícola e para os serviços da Secretaria da Agricultura

Artigo 39 — Os adquirentes de lotes e os possuidores de propriedades rurais de área não superior a 100 hectares terão preferência:

I — na obtenção de crédito nos estabelecimentos oficiais do Estado para custeio de suas atividades agrícolas;

II — na execução de serviços de conservação do solo, açudagem e irrigação, pela Secretaria da Agricultura.

CAPÍTULO XI

Disposições Gerais

Artigo 40 — As isenções e reduções previstas neste decreto serão cassadas desde que se verifique não corresponderem à realidade as declarações dos interessados, ou os documentos exibidos, e ainda quando as propriedades deixarem de observar as condições que motivaram a concessão do favor fiscal.

Artigo 41 — Os atestados a que se refere o presente regulamento serão sempre fornecidos gratuitamente aos interessados.

Artigo 42 — As inexatidões constantes das decdarações que tenham por fito reduzir o impôsto, sujeitam o contribuinte à multa de até 5 (cinco) vêzes o tributo devido sem prejuizo dêste.

Artigo 43 — Os contratos de venda e promessa de venda de lotes, outorgados pelo Estado e seu registro, ficam isentos do impôsto sôbre transmissão de propriedade imobiliária "inter-vivos", de sêlos, custas e emolumentos devidos ao Estado.

Artigo 44 — Nos trabalhos de instalação dos loteamentos, serão admitidos, como assalariados, de preferência, os interessados na aquisição de lotes que preencham os requisitos do artigo 13.

Artigo 45 — No corrente exercício, a arrecadação do impôsto territorial rural far-se-á pela forma prevista nos artigos 33 e seguintes do Livro III, do Código de Impostos e Taxas (decreto n. 22.022, de 31 de janeiro de 1953), nos meses de outubro e dezembro.

Artigo 46 — Ficam prorrogados, no corrente exercício, os prazos estabelecidos no artigo 18 e no § 1.º do artigo 27, do Livro III, do Código de Impostos e Taxas (Decreto n. 22.022, de 31 de janeiro de 1953), na seguinte conformidade;

a) até 31 de agôsto para publicação no "Diário Oficial", ou afixação de editais na repartição arrecadadora ou Postos de Fiscalização da situação do imóvel, dos lançamentos dos impostos territorial rural;

b) até 15 de novembro, ressalvada à hipótese prevista no § 3.º do artigo 20, para reclamações contra os lançamentos, quando visarem modificações da importância lançada.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 14 de abril de 1961.

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO

José Bonifácio Coutinho Nogueira

Gastão Eduardo Bueno Vidigal

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Govêrno, aos 14 de abril de 1961.

João de Siqueira Campos
Diretor Geral, Substituto.

POMADA VETERINÁRIA

Cicatrizante e anti-infecciosa

Reune em sua fórmula cinco elementos de efeitos realmente eficientes:

Penicilina G-Procaina	500.000 UI
Sulfato de Dihidrostreptomicina	0,250 g
Sulfanilamida	0,500 g
Uréia	0,500 g
Acetato de vitamina A	1.700 UI
Veículo q. s. p.	10 g

Indústrias Farmacêuticas

Fontoura-Wyeth S.A.

DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA

Tradição e qualidade a serviço da terapêutica veterinária

Rua Caetano Pinto, 129 — São Paulo — Brasil

Tomou posse o Conselho de Revisão Agraria

Ao dar posse aos membros do Conselho de Revisão Agraria, recentemente nomeados pelo governador Carvalho Pinto, o secretario da Africultura, sr. José Bonifacio Nogueira, ressaltou o aspecto social da Lei de Revisão Agraria e lembrou que muitos dos que ali se encontravam haviam polemizado a respeito da propositura governamental.

"Este é um ato de grande significado não só para o Governo de São Paulo como para a agricultura. O Conselho terá participação ativa e determinante para a execução da Lei. O diploma ora regulamentado tem um sentido pioneiro. Era uma medida necessaria, senão imprescindivel. Temos certeza de que a historia nos dará razão" — foram algumas das frases do sr. José Bonifacio que, de uma forma geral, sintetizaram o seu ponto de vista sôbre a revisão de nossa politica agrária.

Observou o secretario da Agricultura que os conselheiros, apesar de suas divergencias em relação a alguns pormenores da revisão agrária, deverão trabalhar irmanados, com o espírito de colaboração de conformidade com os superiores interesses do Estado.

Depois dos discursos de saudação e de agradecimento dos srs. Antonio dos Santos Galante, representante da Associação Paulista dos Municipios; Francisco Antonio de Toledo Piza, da União das Cooperativas do Estado de São Paulo, e do sr. Domingos Savino, um dos dirigentes sindicais presentes e presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias de Massas Alimenticias e de Biscoitos de São Paulo, o titular da pasta da Agricultura chamou a atenção dos conselheiros para alguns dos problemas que deverão ser inicialmente analisados e que dizem respeito ao imposto territorial rural e à propositura governamental para se realizarem estudos relativos à reforma agrária no País.

O primeiro problema relaciona-se com projeto em tramitação na Camara dos Deputados que trata de nova discriminação de rendas. Sôbre a Reforma Agrária, sugeriu-se, após as observações do sr. José Bonifacio, que o Conselho encaminhe à comissão nomeada pelo sr. Janio Quadros para tratar da Reforma Agrária, um oficio sugerindo regionalização da mesma, isto é, reforma agrária de acôrdo com os interesses de cada Região do País.

MEMBROS DO CONSELHO

São os seguintes, os representantes das varias entidades do Conselho de Revisão Agraria: Fernando Henrique Cardoso, da Universidade de São Paulo; Francisco Antonio de Toledo Piza, da União das Cooperativas do Estado de São Paulo; Armando Navarro Sampaio, do Conselho Florestal do Estado de São Paulo; Fran-

(Conclui na pág. 87)

O MANGALARGA

Da origem do cavalo ao tipo equino que veio para o Brasil — Como um João Manoel, que nasceu na aldeia de São Simão da Junqueira, em Portugal, veio a ser o tronco de uma grande familia de S. Paulo e Minas — Famosos criadores e famosos chefes de plantel — O Mangalarga e o seu nome — Colorado, um reprodutor que repetiu nos tropicos a proeza de um puro sangue inglês

***A REVISTA DOS CRIADORES** vai fazer desfilar nas suas paginas os mais conhecidos rebanhos dessa incomparavel raça de equinos nacionais*

I

VALDEZ CORRÊA

Afirmam os biologos, com a irreverencia tipica dos cientistas, que o primeiro antepassado da familia equina foi o EOHIPPUS, animal que teria vivido há 40 milhões de anos na parte ocidental do que veio a ser depois os Estados Unidos, a grande republica democratica. Como se vê, muitissimo antes do aparecimento do discutido Adão (no qual os biologistas também descobriram que tivera umbigo), homem que viveu incestuosamente com uma senhora de nome Eva, a quem se atribui a história suspeita de uma maçã, já esta velha Terra trazia na sua crosta os antepassados dos futuros corredores da Cidade Jardim e dos pesados puxadores de carretas, como aqueles tragicos Percherons que mataram em Paris o sabio Pierre Curie.

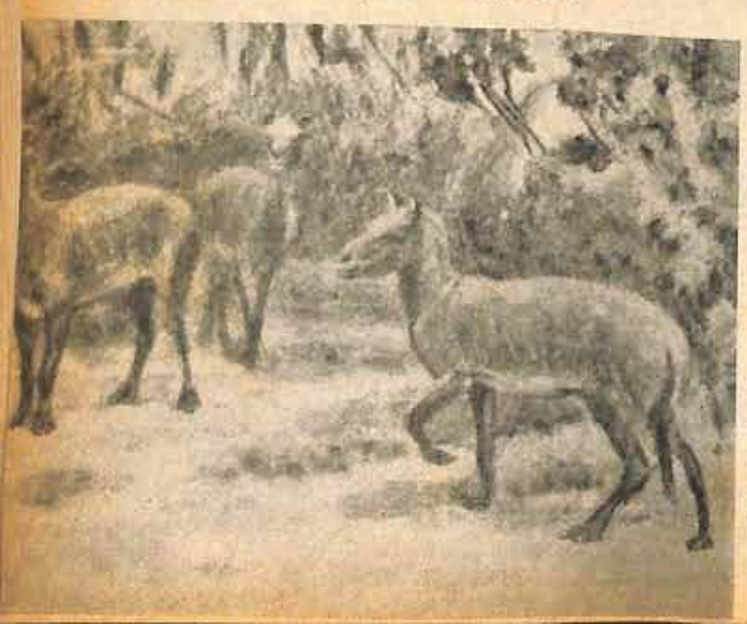
sede da Fazenda Mangalarga, em Pati do Alferes, Estado do Rio. Foi o nome desta fazenda que deu à atual raça nacional de equinos Mangalarga.

O EOHIPPUS, naqueles idos, era um animalzinho pequeno, mais ou menos do tamanho do elefante primitivo e além de não ter tromba, tinha apenas o porte do cachorro vira-lata de d. Chicóta, minha visinha. E possuia — como ainda é possivel observar — quatro dedos nas patas dianteiras e três nas trazeiras. Em estratos geologicos mais recentes, os fosseis do primitivo cavalo já se apresentavam, porém, do tamanho de um carneiro moderno, contando um dedo menos em cada pata. E assim, esse animal veio crescendo através dos tempos, sofrendo os efeitos da seleção natural, até chegar aos nossos dias como cavalo mesmo. Mas, à proporção que crescia e se modificava sua constituição física, tomandõ forma diferente na cabeça, nos dentes, na disposição dos olhos e nos demais atributos da vida vegetativa, o futuro cavalo, como se pressentisse o destino que lhe dariam os homens, foi atrofiando os dedos, reduzindo-os a um só em cada pata — o dedo médio — cuja unha se transformou no respeitavel casco, que muita gente boa, vesada ao coice, tanto inveja.

Não deixa de ser curioso, no entanto, este detalhe: tendo vivido o EOHIPPUS, como dissemos, nas frias regiões do Norte dos Estados Unidos, o seu descendente, que é o nosso cavalo, era desconhecido no Novo Mundo na éra do descobrimento! Tanto assim que Pizarro, na conquista do Perú, ao mesmo tempo que pasmava diante das llamas andinas, espantava os incas com os cavalos do seu exercito. E a admiração dos peruanos deve ter sido muito grande, pois ficaram de queixo caido, permitindo, com o seu espanto, que os espanhois fizessem em paz a retirada do primeiro combate desastroso. "...e a coisa teria andado mal para os espanhois — diz William Prescott — seriamente ameaçados por um inimigo resoluto e tão mais numeroso, se não fôra um acidente ridiculo, de que os historiadores dizem ter sido vitima um dos cavaleiros". O *acidente ridiculo* a que se refere o escritor foi simplesmente a queda de um dos soldados. Para os incas, cavalo e cavaleiro eram um animal só, como aquele Centauro da mitologia. Vendo o espanhol cair da sela e sair correndo atraz do cavalo, que também corria, os peruanos acharam aquele animal partido uma coisa extraordinária. E enquanto admiravam o fato excepcional, deram tempo para que os soldados de Pizarro abrissem o chambre...

O CAVALO COLONIAL

Com o tempo e a evolução, os descendentes do EOHIPPUS acabaram constituindo dois tipos equinos bem caracterisados: o EQUUS ROBUSTUS, criado no clima ameno, de alimentação farta, da Europa Central — e o EQUUS AGILIS, animal mais franzino, nervoso e agil, que se desenvolveu nas regiões áridas, de vegetação precaria, como a Arabia. Na Idade Média, com a invasão dos mouros, estes dois padrões equinos tão diferentes cruzaram. E desse cruzamento, por sele-



EOHIPPUS, o primeiro antepassado conhecido do cavalo. Êste animal teria vivido na parte ocidental dos atuais Estados Unidos, há 40 milhões de anos, segundo a conclusão dos fósseis ali encontrados. (Cópia de uma gravura existente no Museu Americano de Historia Natural).

Francisco Orlando Diniz Junqueira — Chico Orlando — um dos iniciadores da criação do Mangalarga Paulista.

Francisco Marcolino Diniz Junqueira — capitão Chico — filho de Francisco Antonio, o primeiro Junqueira que veio do Sul de Minas para S. Paulo.

Dr. Geraldo Diniz Junqueira, ao lado do sr. Orlando Prado Diniz Junqueira, na fazenda Matinha, dêste último, em Orlandia, por ocasião da nossa visita.

ção saiu o atual cavalo de sela, que igualmente, por meio de um lento trabalho de adaptação, se dividiu em varios tipos de montaria, especializada ora em corridas, ora em tração, ora ainda em meio de transporte para as longas viagens ou para os passeios. E foi esse equino cruzado que a Peninsula Iberica mandou para o nosso continente, depois que Colombo teve o mau gosto de descobrir a America e Pedro Alvares Cabral praticou o desastre de descobrir o Brasil.

Foi esta, pois, a origem da tropa de conquista, que tanto a Espanha como Portugal mandaram para o Novo Mundo. No Brasil, particularmente, o cavalo deve ter chegado com os primeiros bois, mandados por d. Ana Pimentel, esposa de Martim Afonso, para a Capitania de S. Vicente. Outros cavalos devem possivelmente ter entrado na Colonia pelo Sul, vindos das Missões Jesuiticas do Paraguai. Quando, no ano passado, escrevemos uma pequena serie de reportagens sôbre o Pantanal de Mato Grosso, no tópico "Tropas e Tropeiros" abordamos por alto este assunto. E até mostramos como, mesmo sem o auxilio do homem e por simples efeito da seleção natural, desses animais entrados no grande Estado mediterraneo se formou um tipo equino excepcional — o cavalo pantaneiro, animal que, infelizmente, vai desaparecendo por falta de compreensão de um governo como o nosso, que tem um ministerio da Agricultura tão sem eficiencia que até o feijão já precisamos importar.

O MANGALARGA MINEIRO

É sabido que o cavalo nacional da raça Mangalarga foi uma criação da familia Junqueira, cujos chefes, homens da vida rural, desde o Imperio vêm selecionando este já hoje inconfundivel animal. Para dar a esta reportagem um cunho histórico, tivemos, pois, que ouvir um criador que aliasse seus conhecimentos da raça ao conhecimento da sua origem. Procuramos, então, o dr. Geraldo Diniz Junqueira, que, com a sua dupla autoridade de zootecnista e criador e a particularidade de ser um dos membros importantes da sua tribu, estaria em condições de propiciar os elementos de que careciamos para um trabalho mais amplo e criterioso. Êle nos recebeu em sua casa de Orlandia e ofereceu, de memoria, as informações que se seguem:

— Foi aí por volta de 1750 que chegou ao Brasil um filho de João Manoel, português da aldeia de S. Simão, termo de Barcelos, do arcebispado de Braga. Esse moço, chamado João Francisco, foi-se instalar em Baependi, no Sul de Minas, onde fundou a sua primeira fazenda, Campo Alegre. Em 1758, já tendo agregado ao seu nome o nome da sua aldeia de origem, como era comum aos imigrantes, João Francisco Junqueira casou com d. Maria Helena do Espírito Santo. Foi este casal, pois, o ponto de partida da família Junqueira, que hoje se espalha por Minas e S. Paulo.

Veiu um cafézinho, para esquentar o frio da noite chuvosa. E o dr. Geraldo continuou:

— O filho mais velho desse casal — João Francisco Junqueira Filho foi o formador da fazenda Favacho, propriedade que ainda hoje existe em Baependi e onde há pouco tempo houve um rodeio de Junqueiras, comemorando o bicentenario da capela. Casando, por sua vez, o primogenito desse João Francisco, de nome Francisco Antonio Junqueira, animado pelo espírito de aventuras da época, resolveu sair do Sul de Minas e, acompanhado de um concunhado — João José de Carvalho — penetrou na provincia de S. Paulo, acampando na região que ocupam atualmente as cidades de Orlandia, S. Joaquim da Barra e Morro Agudo, imensa gleba que ficou sendo a sua fazenda Invernada. Ao mesmo tempo, João José de Carvalho ocupava ambas as margens do rio Pardo, instalando a sua fazenda Santo Inacio, onde hoje estão as cidades de Colina e Barretos.

Não é aqui o caso de fazer a reconstrução da genealogia da família. Mas, como uma coisa se relaciona com outra, é preciso dizer que foi esse Francisco Antonio o marco inicial dos Junqueiras de S. Paulo, posto que depois viessem do Sul de Minas outros parentes. E, por brevidade, dos descendentes que daí vieram, devo citar só o capitão Chico — Francisco Marcolino Diniz Junqueira — filho desse pioneiro, porque êle foi o pai de Chico Orlando e o avô de João Francisco Orlando Diniz Junqueira, meu tio e sogro — pessoas intimamente ligadas à história do Mangalarga, como criadores que foram durante tôda a vida e os principais artifices do trabalho de seleção que elevou o nivel zootecnico dessa raça até ao ponto em que está hoje.

O NOME DE MANGALARGA

Temos ouvido varias explicações para o nome de Mangalarga, dado à essa raça nacional. Quizemos ouvir do dr. Geraldo Junqueira a sua opinião, como pessoa que conviveu na intimidade de João Francisco, que era, como se sabe, a maior autoridade no assunto:

— Há varias versões — explicou êle. — Mas, a que mais se aproxima da verdade é a seguinte: os Junqueiras do Sul de Minas eram apaixonados criadores de cavalos e a êles se deve o inicio da seleção dos animais que viriam a constituir essa raça nacional. Como naquela época o cavalo era o único meio de transporte para as grandes viagens, ou mesmo para os passeios, a seleção se orientou para a escolha de animais que oferecessem ao mesmo tempo resistencia e marcha comoda. Alguns cavalos, por disposição de suas articulações, apresentavam aptidão para esse passo tipico, quase embalador, que ficaria sendo a característica do Mangalarga. E foram esses os escolhidos para o trabalho inicial de seleção. Os cavalos de Baependi logo se tornaram famosos e muitos criadores de fóra iam ao Sul de Minas comprar as montarias necessarias. Dos que por lá se supriam de tropas, os mais importantes eram os donos de uma fazenda de Pati do Alferes, no Estado do Rio, a Fazenda Mangalarga, que cheguei a visitar em companhia de meu sogro. Quando esses fazendeiros iam à Côrte, no tempo do Imperio, despertavam a atenção de todo o mundo com o garbo de seus ginetes. E quem procurava indagar

João Francisco Diniz Junqueira, filho de Chico Orlando, e um dos mais apaixonados da criação do Mangalarga Paulista, cujo aprimoramento a êle muito se deve. Vemo-lo montando COLORADO, o famoso genearca que serve de assunto principal a esta reportagem. A presente fotografia foi tirada na Fazenda Boa Esperança, do sr. João Francisco, em Orlandia.

sôbre os cavaleiros e os cavalos, ouvia sempre esta resposta: são fidalgos da Fazenda Mangalarga. Deste modo, quando alguem, que tinha visto os animais, precisava comprar um cavalo de séla, ia ao Sul de Minas e explicava: — Quero um Mangalarga, isto é, um cavalo como os da Fazenda Mangalarga. E assim o nome da propriedade, cuja séde antiga o sr. vai ter oportunidade de publicar na "Revista dos Criadores", ficou ligado ao dos cavalos, que os Junqueiras criavam em Minas Gerais.

O MANGALARGA PAULISTA

— Foram esses animais mineiros — continuou o nosso amigo — já em bem adiantado estado de seleção, que formaram a base da criação paulista, que acabou, por sua vez, tornando-se distinta da do Sul de Minas, com a qual já não se confunde. Três linhagens vieram de lá para constituir, por assim dizer, os alicerces genéticos da raça no nosso Estado, cada qual portadora de predicados especificos, posto que semelhantes, predicados que, apurados, aqui deram o tipo hoje conhecido por Mangalarga paulista. Essas linhagens se representaram por três reprodutores famosos do Sul de Minas: Joia da Chamusca, Telegrama e Fortuna. Não devo entrar em muitos detalhes para não tornar a sua reportagem cansativa. Mas, convem, por clareza, fazer algumas referencias a esses três reprodutores, porque foram êles o *substratum* dos nossos planteis. O primeiro — Joia da Chamusca — era de propriedade de João Alves Gouveia, dono da Fazenda Chamusca, em Cachoeira de Ratis. Por duas vezes esse animal veio para S. Paulo, emprestado ao capitão Chico, para servir às suas éguas. Dêle descendem muitos dos Mangalargas atuais, quer por via feminina, quer por via masculina, principalmente através de um dos seus filhos mais celebres — Kaizer — grande reprodutor do coronel Chico Orlando.

Telegrama, o segundo garanhão mineiro que citei, também contribuiu muito para a formação do rebanho paulista e aqui deixou dois netos de alto padrão zootecnico: Liberdade, que aprimorou a criação do capitão Antonio Olinto Dinis Junqueira e, por este meio, a do sr. Sebastião de Almeida Prado — e Indio, do qual descendia Apolo, que foi um dos grandes padreadores do sr. Renato Junqueira. Deste ultimo animal saiu Predileto, do sr. Antenor Junqueira, talvez o mais importante representante da raça nas criações de Colina.

Finalmente temos Fortuna, cuja descendencia foi de capital importancia para nós. Desse cavalo, o que se sabe é que Antonio Bernardino Franco, na divisão dos bens deixados pelo seu sogro — Francisco Antonio Junqueira — exigiu que da sua parte constasse uma égua criando um filho de Fortuna O papel que os descendentes desse genearca exerceram na constituição do Mangalarga Paulista foi tão importante que o seu sangue se encontra hoje na quase totalidade dos nossos planteis. Da linhagem de Fortuna, o animal mais famoso foi Baio Escuro, do capitão Chico. Vem de um filho desse reprodutor, através de gerações sucessivas, um animal fadado a representar na criação do Mangalarga Paulista a mesma influencia que Eclipse exerceu no puro sangue inglês: COLORADO.

COLORADO

Depois que a Carolina de Jesus se tornou *best-seller* nacional, com o seu livro "Quarto de Despejo", graças ao qual ficou rica e, ao que se diz, está também na bica para uma embaixada, como a recebeu de premio o Raimundo Souza Dantas — eu, que nunca tive veleidades literarias, mas sempre andei de bolsos vasios, comecei a ter a tentação de escrever também um livro — seja de orações, para os devotos, seja uma biografia, como a do Pelé, ou uma história do contrabando no Brasil — qualquer coisa, enfim, que me recomendasse à generosidade do presidente Janio Quadros para quem a diplomacia brasileira deve ser constituida não mais de homens que fizeram carreira no Itamarati, como nos dias de Rio Branco, mas, de homens de letras... que não sejam de cambio.

A palestra que vinha mantendo com o dr. Geraldo Dinis Junqueira, sôbre o Mangalarga avivou-me esse desejo, porque o assunto, realmente, é original e sedutor. Mas, êle logo esfriou o meu en-

1961 1961

PRODUTOS VETERINÁRIOS:

VITAL BRAZIL

TRADIÇÃO CIENTIFICA
CONCEITO INTERNACIONAL

VACINAS SÔROS

ÚNICOS PROVADOS COM TESTES DE EFICIÊNCIA PARA CADA PARTIDA

MISTURA MINERAL e VITAMINICA

Cientificamente dosada para suprir as deficiências (nove minerais e duas vitaminas)

MAIS LUCROS COM ANIMAIS SADIOS

CONSULTE O

INSTITUTO VITAL BRAZIL

Centro de Pesquisas, Produtos Químicos e Biológicos

RUA VITAL BRAZIL FILHO, 64

End. Telegr. "VITAL" — CAIXA POSTAL, 28

NITERÓI - Estado do Rio de Janeiro BRASIL

tusiasmo, objetando que cavalo é coisa séria e, em se tratando de Mangalarga sobretudo, a pessoa que se aventurar a tal empreendimento precisa ter o pulso do linhagista Pedro Taques ou, quando nada, os conhecimentos heraldicos do velho Taunay. E eu realmente não possuo os dotes nobiliarquicos desses dois mestres. Por isso, desisti do intento. Gorou-se, pois, um escritor e a Academia Brasileira de Letras ficou livre de mais um candidato à imortalidade. Mas, em compensação, talvez para amenizar a minha decepção, o dr. Geraldo Junqueira me habilitou a contar aos leitores a historia de COLORADO — um *cavalo macho*, que, se fosse meu, teria se chamado Sultão, tantos foram os descendentes que êle deixou com as odaliscas que iam à procura de seus impetos amorosos, com os quais distribuiu generosamente o seu sangue, sem a menor preocupação de glorias e até mesmo sem pensar em salário de família. E foi ainda o dr. Geraldo, com a sua prodigiosa memoria, que narrou as façanhas de cocheira do excepcional Casanova de patas:

— Entre os seus muitos filhos, Colorado deixou Campeão, que trabalhou no rebanho do capitão Olinto Dinis Junqueira. De Campeão veio Faveiro, do sr. Sebastião Malheiros e, de Faveiro, Invasor, campeão nacional da raça, pertencente ao sr. José Rui de Lima Azevedo. Este último animal dominou tôda a criação de S. João da Boa Vista, Pinhal e S. José do Rio Pardo, pois dêle vieram Fogo, campeão nacional, do sr. Rubens Novais, e Caboclo, reservado campeão nacional, do sr. José Oswaldo Junqueira.

Outro famoso filho de Colorado foi Odér, do capitão Olinto Dinis Junqueira. Dêle descende o campeão nacional Sete de Ouro, do sr. Sebastião de Almeida Prado. A influencia de Colorado, através de Odér, foi mais longe, pois este foi o pai de Botafogo, outro campeão nacional, que haveria de caracterizar tôda a criação do sr. Renato Junqueira, de Colina. Vamos encontrar ainda o sangue de Colorado na criação do sr. Acacio Diniz Junqueira e no rebanho do conhecido criador José Floriano Martins. Buriti, do sr. Sebastião Malheiros, também é filho de Colorado e pai de Abisinto, um dos mais belos espécimes da raça. E não devemos esquecer Pensamento, também filho de Colorado, famoso reprodutor do sr. José Oswaldo Junqueira, campeão nacional em 1937 e pai de três outros campeões nacionais que pertenceram ao sr. José Floriano Martins: Baluarte, Samba e Maxixe. De Maxixe saiu Flamengo, grande padreador da criação do sr. Fausto Simões, de Cafelandia. Outro filho de Colorado, que deixou descendentes de elite. foi Suco, pai de Tanck, que deu Bordado, cujo filho, Capitel, reservado campeão nacional, foi pai de dois outros campeões: Sete de Ouro e Sururú, pertencentes ao sr. Sebastião de Almeida Prado.

Finalmente Colorado, ao apagar das luzes, completou as suas dinamicas atividades deixando dois excepcionais herdeiros: Sulamericano e Astuto, ambos chefes de verdadeiras famílias e ambos pertencentes ao inegualavel hipologista, que foi João Francisco Diniz Junqueira, o homem que mais trabalhou para a elevação do nivel funcional do Mangalarga e o cavaleiro mais garboso que S. Paulo já conheceu. Partindo desses dois reprodutores, meu sogro, por meio de uma seleção pertinaz e inteligente, tirou Sheik — animal de escól, que há mais de 15 anos vem difundindo o seu sangue nos mais diversos rebanhos de S. Paulo, repetindo as façanhas do seu grande antepassado Colorado. A influencia de Sheik é tal nos atuais planteis que, na ultima Exposição de Franca, este ano, dos 19 animais expostos, 15 eram seus descendentes.

Dentre os atuais garanhões que estão garantindo o aprimoramento da raça, é preciso não esquecer Africano, grande modelador do tipo padrão atual, pertencente ao sr. Antonio Fachardo Junqueira Junior, e Whisky, de Roberto Diniz Junqueira, reservado campeão na ultima Exposição Nacional de S. Paulo e campeão em Barretos. E para concluir, Regente e Niquel, da minha criação, que o sr. fotografou, também campeões nas Exposições de 59 e 60, de Franca, são igualmente filhos de Sheik.

CONCLUINDO

Temos, graças à fidalga atenção do dr. Geraldo Diniz Junqueira, resumido, tanto quanto possivel (mesmo porque com a 204 o papel está de amargar) a historia do Mangalarga Paulista. Outros detalhes continuarão nas reportagens seguintes, das quais a proxima será da criação do sr. Roberto Diniz Junqueira, já visitada.

(Conclui na página 87)

ENGENHO 103-E

ENGENHO MODELO 103-E

(Especial para criadores de suinos)

PÊSO — 138 k com cavaletes de ferro fundido reforçado.

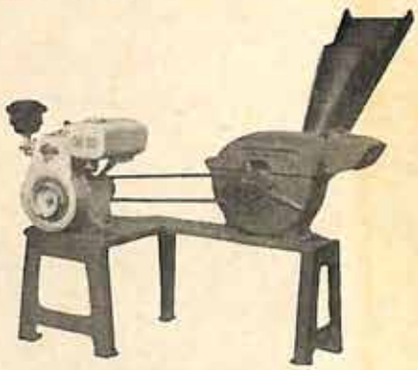
PRODUÇÃO — 85 litros de caldo de cana p/hora

FÔRÇA — 1/2 a 1 HP

USO — Manual ou motorizado

PICADEIRA DE CANA "CREMASCO" 201 PC

A picadeira de cana e forragens verdes "Cremasco", é uma máquina bastante aperfeiçoada, que prima pela sua mais mais absoluta simplicidade, tendo um funcionamento perfeito, assentada em uma única peça, e é patenteada. É a única máquina no mercado com a grande produção de 1.500 k por hora com o menor consumo de HP, ou seja 1 a 2 com o motor elétrico, e 3 a 4 com o motor a gazolina. Esta máquina tem a grande vantagem de possuir um jogo de três facas de aço especial, reguláveis para obtenção de produto mais fino ou mais grosso.



PICADEIRA CREMASCO 201 PC

FUNDIÇÃO INDUSTRIAL NOSSA SENHORA APARECIDA

Guido Atilio Cremasco

AV. RIO BRANCO, 305 — TELEFONES: 334 e 482

ITAPIRA — Estado de São Paulo

CRIAÇÃO DE GERALDO DINIZ JUNQU

LOURINHA, por Astuto e Completa (esta por Sulamericano).

NIQUEL — Campeão da Exposição de Franca em 1961 por Sheik e Batéia (esta por Absinto).

FACHADA, por Invasor e Assucena (esta por Sulamericano). É mãe de Narceja, campeã na Exposição de Franca êste ano.

ESPEVITADA, por Paredro e Negrita (esta por Colorado).

MARAVILHA, mãe do campeão na Exposição de Franca, êste ano, por Absinto e Assucena (esta por Sulamericano). É mãe de Niquel.

ESGRIMA, por Sheik e Espadilha. (esta por Capital).

ESTAMPA, irmã de Sheik, por Galante e Minuta (esta por Colorado), campeã na exposição de Franca, êste ano.

DJEDDAH, por Sheik e Guitarra (esta por Nero).

RA — FAZENDA SANTA RITA — MORRO AGUDO

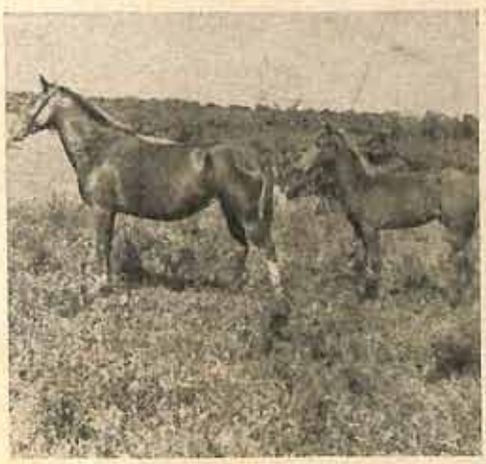
NÍQUEL, 2 anos, por Sheik e Maravilha (esta por Absinto), campeão na Exposição de Franca, em 61.

REGENTE - o grande Campeão de Franca numa pose espetacular.

SERIEMA, por Sheik e Batéia (esta por Absinto). Foi campeã em Franca em 1959 e é irmã própria de Whisky, reservado campeão na última Exposição Nacional de S. Paulo e campeão em Barretos e Ribeirão Prêto. É irmã de Regente.

NARCÊJA, por Sheik e Fachada (esta por Invasor). Campeã em Franca, 1961

PROVÍNCIA, por Sheik e Sapucaia (esta por Absinto).



BATÉIA (com seu potrinho por Sheik), por Absinto e Paraguaita (esta por Astuto). É mãe de Whisky, Regente, Seriema e Nababo.

MANCHA, por Astuto e Minuta (esta por Colorado). É irmã própria de Sheik.

Futuro centro produtor de carne e de leite

O interior do Ceará é propício à criação de gados. Por isso foi êle povoado muito antes da costa, pelos colonos portugueses. Cidades como Crato, Sobral, Queixeramobim, são centros de antiquíssima origem.

PIMENTEL GOMES

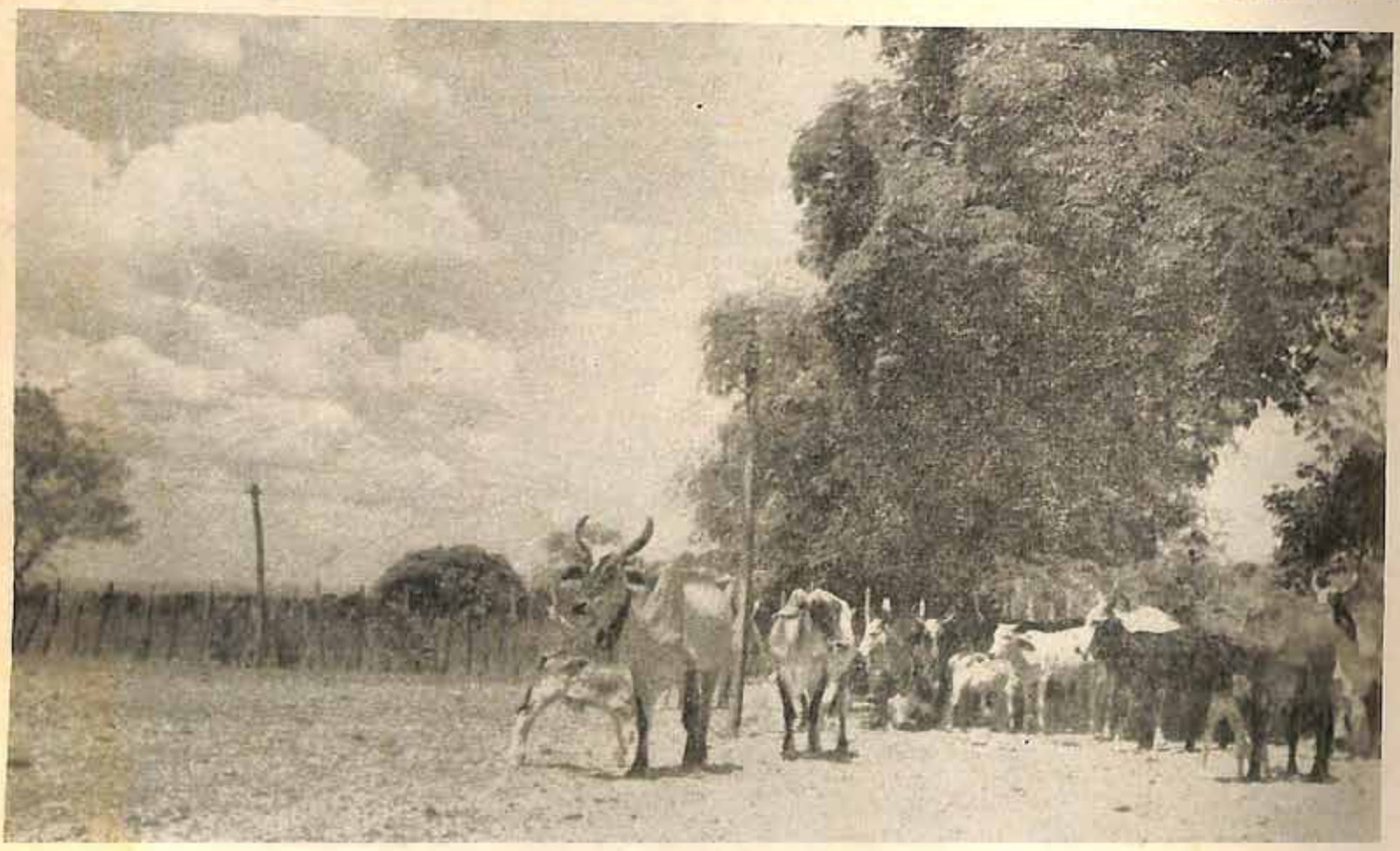
O MEIO

O Ceará é uma província ampla de uns 150.000 km2. Tem três e meio milhões de habitantes. Acumulam-se em Fortaleza, a capital, 515.000 pessoas. Tinha 280.000 habitantes em 1950 e 48.000 em 1900. Fortaleza está com um crescimento rapidíssimo. Assustador. Na última década, quase duplicou a população.

Encontro duas zonas fisiográficas no Ceará: *Mata* e *Caatinga*. A *Mata* se situa nas zonas mais chuvosas: litoral e serras. A *Mata, Mata Ocidental* aliás, não tem a exuberância da *Mata Oriental*, que é a zona canavieira de Pernambuco, Alagoas e Paraíba. A *Mata Ocidental*, com uma pluviosidade mais curta, menos abundante e mais caprichosa, nunca teve as florestas belíssimas da *Mata Oriental*, que é bem mais pluviosa. Excetuemos, porém, o extremo oeste cearense, a Serra da Ibiapaba, um dos melhores rincões do Ceará e do Brasil. Os geógrafos não a consideram Nordeste. Faz parte da Grande Região Meio-Norte.

As serras não se prestam à pecuária. Não se prestam porque têm uma díptero hematófago de uma voracidade tremenda. Trata-se da mutuca. Com as chuvas, aparece em quantidades incríveis. A estação chuvosa é prolongada e muito intensa. Na estação sêca, as mutucas desaparecem. Têm algum gado semi-estabulado para leite ou engordando.

O litoral é baixo, chato, arenoso, com uns 30 e tantos quilómetros de largura, atravessado por muitos rios e riachos. Em alguns trechos é lacustre. Terras pobres, em regra. Nas margens dos cursos potâmicos, há aluviões muito férteis. Há, também, boas terras nas margens das lagoas e em algumas várzeas. São solos argilo-silicosos profundos, úmidos, muito fecundos. Nunca houve grandes pastagens no litoral. O homem tem modificado o meio. Plantou forrageiras em alguns trechos. Em tôrno de Fortaleza, há ótimas granjas leiteiras. Criam gado Holandês puro e mestiço. A criação é estabulada. São encontradiços em Fortaleza, touros de raça Holandesa provenientes do Sul do Brasil, da Argentina e do Canadá. A Secretaria da Agricultura tem um bom plantel da raça Holandesa. O Ministério da Agricultura possui um dos melhores planteis de Guernsey do Brasil. O Guernsey se afez muito bem ao clima



Criação de gado na Chapada do Araripe (Ceará — Pernambuco)

Pequizeiros e muricizeiros do Araripe (Ceará — Pernambuco)

ameno do litoral cearense, um clima sem excessos. As árvores frondosas e o vento constante tornam os calores do dia muito suportáveis. As noites são quase frias. As manhãs e as tardes, agradabilíssimas. A pluviosidade, como nas serras, é suficiente. Em Fortaleza cáem, em média, 1.450 milímetros de chuvas anuais. As serras são mais chuvosas, às vezes. Na serra da Meruoca, perto de Sobral, a média ultrapassa os 1.700 milímetros. Não há berne no litoral. Há pouco carrapato. Vez por outra, aparece a aftosa. As pastagens naturais são relativamente pobres.

A Caatinga, *Caatinga Ocidental* aliás, recebe menos de 1.000 milímetros de chuvas anuais. Em regra, recebe mais de 600 milímetros. A pluviosidade mais comum oscila entre 700 e 900 milímetros. Estas são as médias. Nos anos pluviosos, como o atual, a pluviosidade sobe muito. Cai extraordinariamente, cai a menos de 300 milímetros, excepcionalmente a menos de 200, nas sêcas periódicas, em média umas dez por século. Sobral tem uma pluviosidade média anual de 823 milímetros. Em 1945, caíram 1.428 milímetros. Inundação. Em 1958, no terribilíssimo 1958, o mais sêco dos anos sêcos, a pluviosidade caiu a 185. A *Caatinga Ocidental* é uma planície ondulada, atravessada por muitos rios semi-periódicos. Os solos são geralmente férteis, embora rasos em grandes trechos. É uma savana muito arborizada, belíssima na estação chuvosa. Os pastos naturais são simplesmente magníficos. Há uma combinação natural de otimas gramíneas e excelentes leguminosas herbáceas, bromatologicamente comparáveis à alfafa. Um botânico, após um longo giro pela Caatinga, classificou a sua colheita: encontrou 17,5 de leguminosas, 9,3% de gramíneas e 4,5% de compostas. Não há carrapato, berne e aftosa.

Vejamos como um francês, Pierre Denis, viu o Ceará no começo dêste século. Citemos um trecho do seu livro "O Brasil no século XV";

"O interior do Ceará é propício à criação de gados. Por isso, foi êle povoado muito antes da costa, pelos colonos portugueses. Cidades como Crato, Sobral, Quixeramobim, são centros de antiquíssima origem".

Depois de dizer que "hoje ainda a maior parte da população cearense vive de seus rebanhos" (isto no começo do século), escreve além:

"Imagine-se a superfície do planalto, (não é planalto; é uma planície ondulada) guarnecida por um matagal muito denso: a espaços o solo se liberta e a erva cresce então livremente; as mais das vezes, são constituidas por uma espécie de mata de corte baixa e cerrada. A alternativa das estações modifica o seu aspecto: ás primeiras chuvas é um desabrochar desordenado da vegetação: alguma coisa como que a súbita primavera das terras boreais. É que também aqui o período de vegetação será de curta duração, antes do sono que invadirá o maração, antes do sono que invadirá o mato logo que recomecem os calores ardentes do estio. O Ceará torna-se então a mais bela região do mundo. A própria chuva, nêste solo onde o frio é desconhecido, é amável, sente-se cair com voluptuosidade. "Quando chega o mês das festas — diz uma canção popular — o povo põe-se a escutar e a ver quem ouve primeiro o rugir da tempestade... — Não há vida tão satisfeita — como a nossa no sertão, — quando o ano dá um bom inverno e no ceu ruge a tempestade".

"Conforme decorre o ano, as chuvas cessam em maio ou junho; desde então tudo se transforma: as folhas caem; mas não é o longo e interminável outono das florestas de França: é a aparição brusca do inverno nas matas de corte, desfolhadas. Nesta paisagem, que lembra dezembro ou janeiro nos nossos campos, reina entretanto uma atmosfera abrazadora; a erva séca a nossos pés, a vida paralisa. O sertão começa a sua desolada aparência até ao momento em que as chuvas recomeçam. Quando elas tardam, no meio da mata ainda adormecida, algumas mimosas de raízes profundas antecipam-se à primavera, cobrem-se as primeiras de uma leve folhagem. As outras plantas é mais tardiamente que despertam".

AS FORRAGENS

A *Caatinga Ocidental* compreende cêrca de três quintos do território cearense. "Afora as superfícies onde as pedras estão inteiramente desnudas — es-

creve o engenheiro Pompeu Sobrinho, em "A Indústria Pastoril no Ceará" — todo o território produz ou é susceptível de produzir forragens. Mesmo nos terrenos mais salitrosos do sertão (a *Caatinga Ocidental*), vegeta uma portulácea forrageira que, a despeito do seu forte teor d'água, tem um valor alimentício não desprezível. Temos visto, na rocha nua, vivendo e se desenvolvendo, cactáceas e bromeliáceas alimentícias". De fato é assim. A *Caatinga Ocidental* é uma zona forrageira por excelência e de ótimas forrageiras. Para isto contribuem as chuvas não excessivas, antes insuficientes, e os solos muito férteis, ricos de cálcio e de pH neutro ou alcalino. São bromatologicamente excelentes as gramíneas e as leguminosas herbáceas abundantíssimas. Mas muitas árvores têm folhagem altamente alimentícia, comparável à alfafa, mesmo porque quase todas as árvores forrageiras são leguminosas. E muitas árvores forrageiras de primeiríssima ordem conservam a folhagem verdejante e tenra durante toda a estação sêca. Não se despem das folhas nem mesmo nos meses mais sêcos das sêcas periódicas mais duras. São assim a canafístula cearense, o mororó, o jucazeiro, o juazeiro, etc. E há a extraordinária algarobeira, a rainha dos pastos arbóreos xerófilos, proveniente dos desertos e semi desertos peruanos.

"As pastagens nativas, assim abundantes, são de excelentes qualidades — escreve Pompeu Sobrinho. Efetivamente, só elas são capazes de transformar em poucos dias uma verdadeira múmia que escapou à sêca, em um belo animal prodigiosamente gordo, de pêlo fino e luzidio, agil, olhar vivo e inquieto, enfim com todos os característicos de uma saúde perfeita, de um bem-estar evidente. Êste fato é tanto mais digno de atenção quanto sabemos de zootecnia que, por um lado, a anemia constitui sempre um obstáculo à produção da gordura e, por outro, segundo a opinião geral, o nosso gado não tem (em regra; a conjuntura está mudando) as qualidades finas das raças aperfeiçoadas, a precocidade e outros atributos que lhe permitam uma engorda economica e fácil, nas condições ordinárias".

E conclui: "Somos obrigados a concluir que as forragens nativas do sertão cearense (*Caatinga Ocidental*) e de todo o Nordeste em geral, são excelentes e, porventura, dignas de figurar a par das mais afamadas de que se têm notícia."

Em suma, as pastagens nativas da *Caatinga Ocidental* são formadas por uma associação natural de gramíneas finíssimas e de excelentes leguminosas herbáceas, bromatològicamente comparáveis à alfafa. Há, isoladas nas pastagens e agrupadas em capões e em grandes bosques, árvores e arbustos forrageiros de primeiríssima ordem. Muitas das espécies de árvores e arbustos forrageiras pertencem à família das leguminosas. Grande parte de suas folhagens é naturalmente acessível ao gado, principalmente aos bovinos. São verdadeiras alfafas arbóreas. Diversas espécies se conservam verdejantes. Na estação chuvosa, há uma pletóra de magníficas forragens e muita água corrente. A temperatura é agradável. É a Canaã. Na longa e ardente estação sêca, morrem e sécam os capins e as leguminosas herbáceas. Muitas árvores forrageiras, leguminosas quase todas, conservam-se verdejantes, mesmo nos meses mais sêcos dos anos sequíssimos. A estação sêca é um período de carência de forragens. Há excesso de luz e calor.

Desde que se corrija a natureza, a *Caatinga Ocidental* poderá ter uma pecuária adiantada e de grande valor econômico. O Ceará está fatalmente destinado a ser um grande produtor de carne e leite, capaz de se bastar fartamente e ter uma grande sobra destinada à exportação, quando a técnica agronómica fôr devidamente aplicada. Para isto se caminha muito mais depressa do que se pensa.

ALGUMAS FORRAGENS

Diz o engenheiro agronomo Jorge Ramos de Otero, em "Informações sôbre algumas plantas forrageiras", que há muitas gramíneas, em diversas províncias, conhecidas sob a denominação de capim mimoso. E há mesmo. Há, assim, o capim mimoso do Ceará. "Não devemos confundir esta preciosa forrageira com outras de igual nome vulgar que existem em quase todos os Estados do Brasil" — afirma Pompeu Sobrinho. E continua: "O nosso capim mimoso é justamente afamado. Os fazendeiros atribuem-lhe a facilidade espantosa com que os gados se refazem após as sêcas. É uma gramínea anual, muito delicada, que vegeta no Ceará, quer nos terrenos de aluvião quer nas caatingas.

"Desaparece pouco tempo depois das chuvas, mas suas sementes, muito alimentícias, se conservam na terra expostas a tôdas as intempéries sem prejuízo das qualidades germinativas. É rico de proteína digestivel (7,07%, no feno), podendo rivalizar, sob êste ponto de vista, com as diversas variedades de milhã, e sendo muito superior ao favorito, ao catingueiro, ao grama do Pernambuco, ao jaraguá e a muitos outros".

Associação Paulista de Criadores Bovinos

Reconhecida como de utilidade publica pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958.

33 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente:
Dr. João Laraya
Vice-Presidente:
Dr. Marcus Raphael Alves de Lima
1.º Secretário:
Dr. Severo Fagundes Gomes
2.º Secretário:
Dr. Gilberto Pires de Oliveira Dias
1.º Tesoureiro:
Dr. Carlos Amadeu de Arruda Botelho Filho
2.º Tesoureiro:
Dr. Paulo D. Murgel

CONSELHO CONSULTIVO

Elizeu Teixeira de Camargo
Dr. Lafayette Alvaro de S. Camargo
Dr. João de Moraes Barros
Dr. José Bonifacio Coutinho Nogueira
Dario Freire Meirelles
Dr. Luiz Glycrio de Freitas
Dr. Bernardo Gavião Monteiro
Dr. Geraldo Diniz Junqueira
Dr. Francisco Lourenço Cintra
Urbano Junqueira

SUPLENTES

Antonio Coelho Guimarães
Dr. Santo Lunardelli
Dr. José Luiz Leme Maciel Filho
Dr. Guido Malzoni
Helio Moreira Valles
José Procópio Meirelles
Dr. Aloysio Ramalho Fóz

CONSELHO FISCAL

Dr. José Procópio do Amaral
Dr. Arthur Monteiro Neves
Dr. Rocio de Castro Prado

SUPLENTES

Dr. Antonio Caio da Silva Ramos
Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho
Dr. Cândido Monteiro Diniz Junqueira

GERÊNCIA

Gerente Técnico:
Dr. Otto de Mello
Gerente Administrativo:
Luiz Lewi
Gerente Comercial:
Virgilio de Almeida Penna

TÉCNICOS

Serviço de Contrôle Leiteiro:
Dr. Fuad Naufel
Registro Genealógico:
Dr. Celso de Souza Meirelles
Avicultura:
Dr. Henrique F. Raimo
Assistência Veterinária:
Dr. Walter C. Battiston

O capim pé de galinha (*Eleusina indica*), muito abundante no Ceará, tem 6,14% de proteína digestível no feno e 27% de hidratos de carbono. No total, são 13,49% de proteína, 49,84% de hidratos de carbono, etc. Cresce até 60 centímetros de altura. Pompeu Sobrinho compara-o com os fenos das melhores gramíneas europeias. O feno das gramíneas doces tem 5,3% de proteína e 23,6% de hidratos de carbono. O bom feno de prado, 5,4 de proteína e 25,7% de hidratos de carbono. O feno de prado muito bom, 7,4% de proteína e 27,9% de hidratos de carbono. Acrescenta: "Em última análise, um feno de pé de galinha seria igual a qualquer dos bons fenos europeus e rivalizaria vantajosamente com os bons fenos dos prados e quase em igualdade de condições, com os fenos classificados de muito bons nas tábuas referidas". (Mallévre e Kellner).

As gramíneas cearenses podem ser comparadas às melhoras de Europa. É uma grande vantagem. A maior vantagem é a extraordinária riqueza que o Ceará tem em leguminosas excelentes, comparáveis à alfafa. As leguminosas, nativas e abundantíssimas, é que fazem a excelência das pastagens naturais cearenses. Vejamos algo a respeito.

A canafístula de lagoa (*Pithecolobium sp.*) é subarbusto que vegeta espontaneamente nas lagoas e nos lugares úmidos. Tem 18,7% de substancias azotadas, 34,8% de hidratos de carbono e 8,8% de gorduras Comparemos os princípios digestivos da canafístula de lagoa com os da alfafa, no feno: proteína digestível: alfafa, 9,7%; canafístula de lagoa, 10,7%; Substâncias gordurosas: alfafa, 1,2; canafístula de lagoa, 4,4%; Hidratos de carbono: alfafa, 18,1%; canafístula de lagoa, 24, 7%; Valor nutritivo em amido: alfafa, 22,4%; canafístula de lagoa, 57,0%. A canafístula de lagoa é melhor forragem do que a alfafa.

As folhas do sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), árvore comuníssima na *Caatinga Ocidental*, são mais ricas do que a alfafa. As folhas sêcas, caindo naturalmente, têm, em princípios digestivos: proteína, 9,94%; hidratos de carbono, 27,20%; substâncias gordurosas, 3,75%. Valor nutritivo em amido, 66,4%. O sabiá é uma árvore baixa, muito esgalhada. Os ramos estão, em grande parte, ao alcance dos gados.

Para terminar, citemos a canafístula cearense, uma árvore xerófila, que se conserva verdejante nas maiores sêcas. Princípios nutritivos digestivos: substancias gordurosas, 4,40%; proteína, 10,70%; hidratos de carbono, 24,75%; Valor nutritivo em amido, 61,90%. É mais nutritiva do que a alfafa, a rama da canafístula cearense.

Não é possível continuar. Creio que ficou provado ter o Ceará forragens nativas comparáveis às melhores do mundo, fartamente espalhadas em três quintos de seu território.

A algarobeira, há alguns anos importada dos desertos e semidesertos da costa peruana, é algo de excepcional.

Corrigida a natureza, o Ceará está em condições de ter um rebanho de primeira ordem e de ser grande produtor de carne e leite, abastecendo-se fartamente e havendo, ainda, uma grande sobra destinada à exportação Veremos algo a respeito no proximo artigo.

TOMOU POSSE O...

(Conclusão da pág. 77)

cisco Garcia Bastos, da Ordem dos Economistas de São Paulo; Hugo de Almeida Leme, da Universidade de São Paulo; Quineu Corrêa, da Sociedade Paulista eng. Fernando Penteado Cardoso, da Sode Medicina Veterinaria; Oswaldo de Souza Martins, da Federação das Associações Rurais do Estado; Paulo D. Murgel, da Associação Paulista de Criadores de Bovinos; eng. Oscar José Thomazine Ettore, da Secretaria da Agricultura; José de Toledo Piza, da Secretaria da Saude Publica e de Assistencia Social; ciedade Paulista de Agronomia; Carlos Pimenta de Campos, da Associação Paulista de Agricultores; Antonio Nicacio, da Secretaria da Fazenda; Antonio de Santos Galante, da Associação Paulista de Municipios; eng. Carlos Lorena, da Secretaria da Agricultura; Luiz Carlos de Oliveira, da Secretaria da Fazenda e Lincoln de Andrade Junqueira, da Sociedade Rural Brasileira.

MANGALARGA...

(Conclusão da página 81)

Neste número, apresentamos aos leitores (páginas 82 e 83) parte do plantel do dr. Geraldo Diniz Junqueira, que é hoje o detentor de 15 das 20 éguas registradas, deixadas pelo sr. João Francisco Diniz Junqueira. Seu rebanho atual na Fazenda Santa Rita, em Morro Agudo está constituido de 22 éguas, sendo 7 filhas de Sheik, 5 filhas de Astuto, 2 filhas de Rosado, 1 filha de Predileto, 1 filha de Galante, 1 filha de Invasor, 2 filhas de Abisinto, 1 filha de Capitel, 1 filha de Paredro e 1 filha de Petulante. Destas, 12 figuram nas páginas seguintes, ao lado de Regente e Niquel, que são os dois responsaveis pelo seu primoroso plantel.

MÁQUINAS PARA LAVOURA

Arados - Cultivadores - Grades de dentes/discos - Plantadeiras manuais - Semeadeiras f/ animal - Polvilhadeiras - Pulverisadores

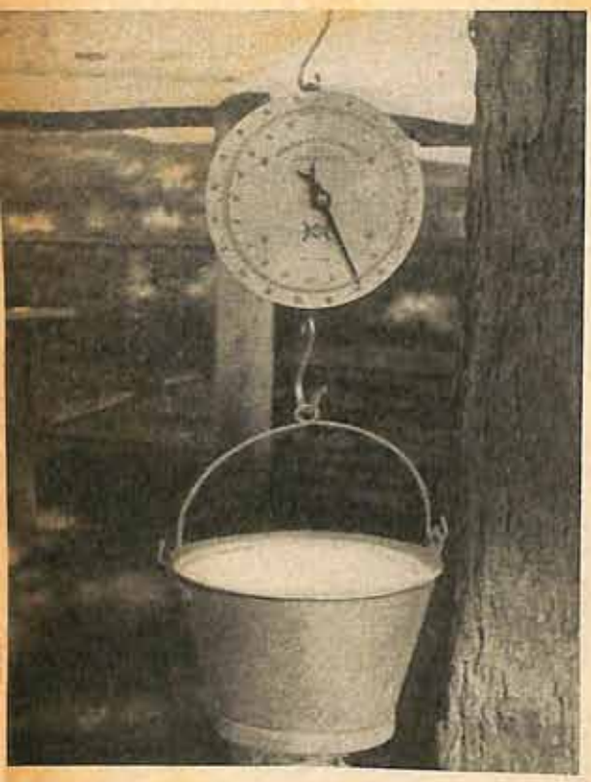
Engenhos/Moendas para cana - Desnatadeiras - Batedeiras - Descascadores café/arroz - Moinhos para fubá - Cortadores de forragens - Trituradores, etc.

CASA FOSTER

Rua Florêncio de Abreu, 441 - Caixa Postal, 56 - SÃO PAULO

A SELEÇÃO DO ZEBU LEITEIR

VI — A



A moderna seleção do zebu para produção de carne ou de leite, é feita tendo por base a balança. Assim, a produção de leite é pesada e o resultado lançado nas fichas de produção. Varias reprodutoras já estão dando 9 a 10 quilos de leite diários, em regime de campo, com duas ordenhas diárias e pequena ração de concentrados. De mês para mês, está-se elevando a média de produção diária do rebanho, em consequência do amansamento do gado e da ginástica funcional, isto é, da ordenha diária.

MANEJO DO GADO GIR LEITEIRO

A Secção de Genética Animal e Reprodução, à qual está subordinada técnica e administrativamente a Estação Experimental de Criação de Ribeirão Preto, o novo centro de seleção dedicado exclusivamente à raça Gir, estabeleceu normas para o manejo do rebanho, dentro dos principios estabelecidos pela zootecnia moderna e os conhecimentos proporcionados pela genética animal.

Decidiu-se que o rebanho Gir leiteiro deve ser criado e mantido em regime de campo, o mais condizente com as nossas condições económicas. Uma das vantagens do gado de origem indiana é, justamente, viver e produzir em condições impostas pela natureza nas regiões tropicais e subtropicais; deve-se, por isso, evitar a adoção de um regime artificial, geralmente exigido pelas raças europeias não adaptadas ao nosso meio, muitas vêzes se tornando antieconomica a exploração de leite.

Na ultima quinzena do periodo de lactação, as vacas são levadas para o piquete-maternidade e diariamente recolhidas ao estabulo, para observação, amansamento e trato, recebendo pequena ração. Este piquete situa-se proximo à sede, evitando movimentação das gestantes e permitindo maior fiscalização das reprodutoras e das crias novas. Logo após a parição, o bezerro tem o umbigo curado, é pesado e procede-se ao seu registro. Nos cinco primeiros dias, êle mama naturalmente, a fim de aproveitar o colostro; do sexto dia em diante, tenta-se o aleitamento natural, em baldes-mamadeira, recebendo êle o equivalente a 1/10 de seu pêso, metade pela manhã e metade à tarde, até o limite de 6 quilos de leite diários.

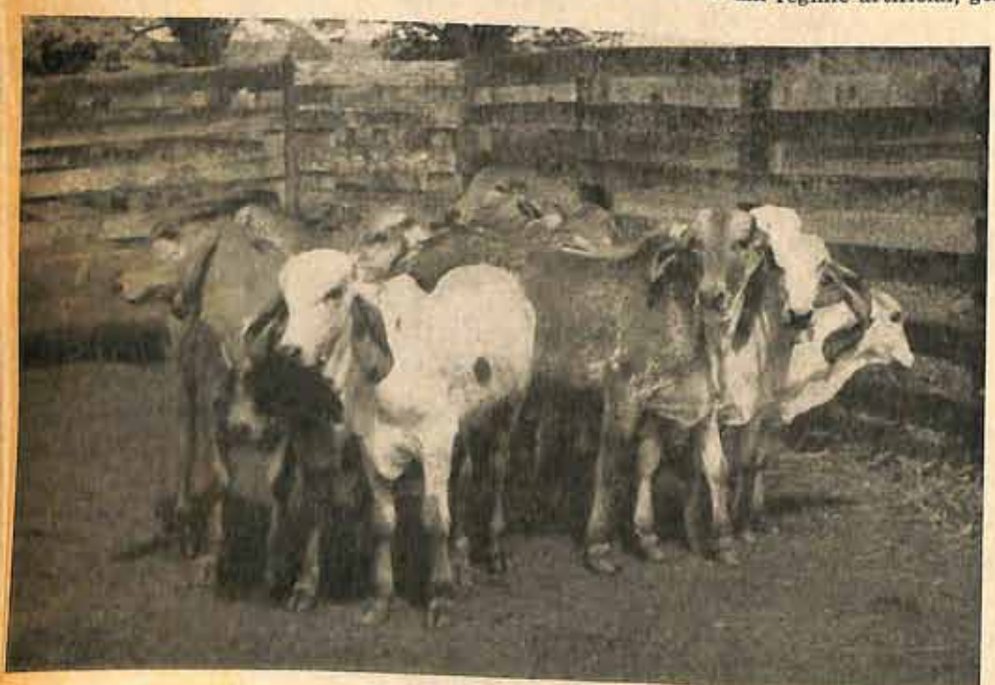
À medida que o bezerro vai atingindo dois meses, o leite integral vai sendo substituido pelo desnatado, recebendo êle ainda pequena ração de concentrados. Passa a maior parte do tempo nos piquetes e pastos, onde se vai habituando com a alimentação natural.

As vacas em lactação são recolhidas duas vezes por dia ao estabulo, para a ordenha: às 6 e às 16 horas. Recebem, então, pequena ração de concentrados, calculada pela produção de leite; são escovadas e ordenhadas.

Durante o dia, os touros permanecem soltos em piquetes, onde recebem as vacas em cio, e passam a noite recolhidos ao estabulo, cada qual em seu "box" individual, aí recebendo também rações. O sistema de cobertura é o natural.

As vacas secas permanecem nos pastos, mas diariamente são recolhidas ao curral, para observação e trato, quando necessarios. Essa medida visa mantê-las mansas. No periodo de seca, recebem cana e capins picados, produzidos pelas diversas capineiras.

Dentro de pouco tempo será tentada, em caracter experimental, a ordenha mecanica das reprodutoras Gir, estudando-se o comportamento das femeas Zebu diante desse sistema. As vacas que não



Grupo de bezerros, os primeiros nascidos na Estação Experimental de Criação de Ribeirão Preto. São filhos de vacas compradas e escolhidas em fazendas particulares e em centros de seleção do Departamento da Produção Animal.

M SÃO PAULO

GIR

ALBERTO ALVES SANTIAGO

dão leite sem o bezerro são ordenhadas diariamente, deixando-se um ou dois tetos para a cria, em rodizio diario, conforme sua capacidade de produção.

Os bezerros são desmamados aos 8 meses, mas continuam a vir ao estabulo a fim de se manter a lactação até os 300 dias, para efeito de controle da produção.

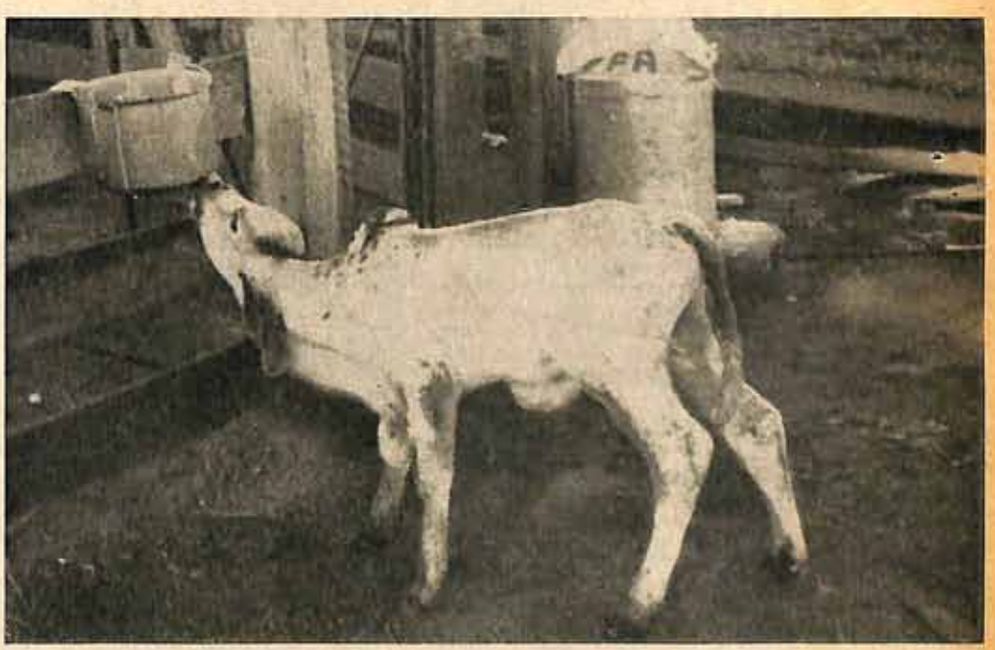
As novilhas entram para a reprodução após os 30 meses e desde que tenham atingido 300 quilos de peso vivo. A pesagem se inicia logo após o nascimento; é repetida no quinto dia e depois mensalmente, até os 24 meses; daí para diante, será efetuada aos 30, 36, 42 e 48 meses. As vacas são pesadas após o parto e quando terminam a lactação.

Os garrotes reservados para a reprodução recebem o mesmo trato dos touros. Diariamente são escovados e, uma vez por semana, lavados com agua e sabão.

Os pastos e piquetes do estabelecimento são objeto de cuidados especiais. A venda dos excedentes de leite proporciona recursos para a aquisição de rações de concentrados, estabelecidas de acordo com normas para alimentação de gado leiteiro. É pensamento nosso, como orientador dos trabalhos de Ribeirão Preto, manter o gado sempre bem cuidado, livre de parasitos e, principalmente, em boas condições de nutrição, a fim de que as reprodutoras possam manifestar tôda a sua capacidade de produção, facilitando o reconhecimento das linhagens e familias capazes de alta produção. Desta sairão os futuros reprodutores para o proprio plantel e touros para serem utilizados no melhoramento de rebanhos de gado Gir e, principalmente, para cruzamentos com as raças européas aperfeiçoadas, dando vacas mestiças rusticas, resistentes e de melhor nivel de produção do que se fossem filhas de touros Zebus sem origem leiteira.

Os trabalhos há pouco iniciados em Ribeirão Preto vêm atender a uma necessidade basica do Estado de São Paulo, ou seja, o fornecimento de touros leiteiros de raças zebuínas, reclamado pelo desenvolvimento de nossa pecuaria leiteira.

Na nova Estação Experimental de Criação, foi dada especial atenção à formação de pastos e capineiras. Os pastos proximos à sede dispõem de bebedouros cobertos e servidos de água encanada.



Para efetivo controle da produção de leite, torna-se necessario o regime de alimentação artificial dos bezerros. Algumas vacas Zebu produzem leite, apesar da apartação da cria.

Aspecto da reunião, vendo-se ao centro o dr. José Bonifácio C. Nogueira, à esquerda o dr. João Barisson Villares e à direita o sr. E. Lancelot.

A REUNIÃO DA FAO SOBRE PROBLEMAS DO LEITE E LACTICINIOS

A Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO), um dos vários orgãos especializados da Organização das Nações Unidas (ONU), com o concurso do Ministério da Agricultura e da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, fez realizar em São Paulo, de 11 a 20 de abril de 1961, a Reunião Latino-Americana de Problemas do Leite e Lacticinios.

Ao dr. José Bonifacio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura, se deve a realização do certame em São Paulo e, em consequência, a projeção do nome do nosso Estado nos círculos técnico-científicos mundiais ligados à exploração da pecuária leiteira. Confiado no valor do trabalho dos nossos especialistas nesse importante setor, não se arreceiou êle de receber as autoridades internacionais que nos visitaram para êsse encontro, nem de lhes exibir o que temos feito na exploração e abastecimento de leite. Secretário que conhece realmente o alcance das realizações técnicas no mundo e o vulto das que se ostentam em nosso meio, prestou êle assinalado serviço ao nosso País.

PAISES PARTICIPANTES

O certame foi levado a efeito nas dependencias do Departamento da Produção Animal, na Capital de São Paulo, tendo contado com a presença de delegados dos seguintes países: Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Equador, Estados Unidos da América, Honduras, Países Baixos (Guiana Holandesa), Reino Unido (Guiana Inglesa, Jamaica e Trinidad), Suiça, Uruguai e Venezuela.

Estiveram também presentes outros especialistas, assessores, oficiais regionais, economistas e técnicos das seguintes organizações: FAO (Organização para a Agricultura e a Alimentação), Organização Mundial de Saúde, Fundo das Nações Unidas para a Infância, Federação Internacional de Leiteria, Fundação Rockefeller (Programa de Leiteria) e Sociedade Internacional de Leiteria.

OBJETIVOS FUNDAMENTAIS DA REUNIÃO

A importância dêste certame reside em que se reconhece que o aproveiamento do leite deixou de ser problema puramente local, para se tornar problema universal: são tantos os interesses que gentes de tôdas as partes têm na respectiva solução, que se torna impossivel abarca-los e aprecia-los todos. O dono de um rebanho de cabras da ilha de Malta, aquele que cria uma ponta de bufalos na India, as grandes cooperativas de fabricação de manteiga da Nova Zelandia, os pecuaristas das granjas leiteiras da America e outros muitos, todos se interessam pelo

melhor e mais completo aproveitamento do leite de seus animais. Médicos, nutricionistas, funcionários sanitários insistem sempre na necessidade de maior emprego do leite nos regimes alimentares das crianças e dos homens em geral. E tanto é verdade que se reuniram em São Paulo cidadãos da mais vária origem, para pôr em dia seus conhecimentos da materia. E não admira que tal aconteça, quando se sabe que, dentre as três necessidades físicas fundamentais dos povos — alimento, roupa e teto — a primeira é verdadeiramente primacial, pois dela depende tudo o mais. A carência alimentar acelera o retrocesso físico, social, económico, cultural e político. E o alimento mais perfeito é o leite.

A "Dairy Society Internacional", sociedade internacional de industrias leiteiras, sob cujo alto patrocinio se efetuou o certame, proclama que o mundo chegou à solução satisfatória do problema, porém a passo vergonhosamente lento, não obstante possua conhecimentos, perícia técnica e faculdade coletiva. Em sua reunião de 1960, levada a efeito em Chicago, com a presença de representantes de produtores, elaboradores, distribuidores, instaladores de material, fornecedores, educadores, homens de ciência, estudantes, radicados em mais de cincoenta países, resolveu empreender a mais intensa campanha em prol do consumo de leite e do constante melhoramento da qualidade desde precioso alimento. Aí a razão de ser da reunião em São Paulo.

PROGRESSO CULTURAL E MATERIAL

Dois dias foram dedicados a visitas a instalações leiteiras no Interior do Estado. Assim, os técnicos alienigenas, que já haviam tomado conhecimento do nivel de cultura dos especialistas brasileiros, puderam certificar-se do espírito prático que os orienta, em empreendimentos, que não são apenas os estabelecimentos oficiais da secretaria da Agricultura, mas fazendas, escolas e usinas, onde são postas em plena execução as recomendações mais adiantadas, oriundas de tôdas as partes do mundo. Estiveram êles em Campinas, Nova Odessa, Limeira, Porto Ferreira, e Piraçununga, ao longo da via Anhanguera, e em São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, ao longo da via Dutra. E cabe consignar a verdadeira surpresa que externaram, ante o que lhes foi dado vêr: da produção à industrialização do leite, encontraram niveis de progresso que não imaginavam fossem possiveis por aqui, assim como se admiraram da existência de tantas e tão boas cidades no interior do Estado.

OS ASSUNTOS TRATADOS

Os trabalhos se desenvolveram mediante o seguinte esquema:

a) Breve apresentação dos sumários, preparados pelos delegados dos Estados-membros, descrevendo a situação atual da produção, elaboração e comercialização do leite e os problemas específicos que seriam examinados no programa.

b) Informações sôbre a Federação Internacional de Leiteria.

c) Lugar do leite no regime alimentar.

d) Enfermidade transmitida através do leite.

e) Função das fábricas de lacticinios no estímulo da produção e do consumo do leite e no desenvolvimento agrícola em uma região.

f) Discussão de alguns problemas fundamentais, referentes à produção de leite na região, tais como os seguintes: 1. Criação do gado vacum, como parte integrante da economia agropecuária. Possibilidades de atuação dos Govêrnos para favorecer a integração dessa criação nos planos de fomento agrícola. 2. Alimentação e cuidado do gado vacum, de leite, em relação às culturas de vegetais na parte tropical da região. 3. Problemas particulares da criação do gado vacum nas regiões montanhosas. 4. Problemas da alimentação da vaca leiteira, inclusive os que se referem à exploração de pastagens, produção e conservação de forragens, assim como o emprêgo de cereais e de subprodutos. 5. Problemas de nutrição do gado leiteiro, incluindo o efeito das variações estacionais e da energia disponivel sôbre as curvas de lactação; a hipocalcemia dos pastos de cereais; e as deficiências e desequilibrios minerais. 6. Métodos melhorados de criação de bezerros, inclusive os que se referem ao desmame, à alimentação e aos cuidados desses animais. 7. Alojamentos para vacas leiteiras e criação de estábulos de ordenha apropriados. Facilitação de equipamentos simples e higiênicos para a manipulação do leite nas granjas. 8. Melhoramento do gado vacum, de leite, mediante a adoção de melhores métodos de produção, inclusive discussão dos problemas relativos aos cruzamentos e ao melhoramento do gado local, através da seleção. 9. Habilitação de vaqueiros e ordenhadores, no que se refere particularmente aos procedimentos da ordenha, alimentação e cuidados do gado. Discussão das possibilidades que teriam os Govêrnos neste campo.

g) Discussão de problemas fundamentais, referentes ao estabelecimento de fábricas de lacticinios, coleta e tratamento de leite, fabricação de produtos lácteos e distribuição do leite e subprodutos, tais como os seguintes pontos: 1. Condições requeridas para o estabelecimento de fábricas de lacticinios na região. Necessidade de certa flexibilidade nos processos da fabricação e nos planos das fábricas, para ter em conta as condições de abastecimento do leite e a demanda do consumo. Função das fábricas destinadas a fins múltiplos, na realização desta flexibilidade. 2. Condições que possam justificar a criação de centros coletores. Sistemas de pagamento do leite, em função da qualidade. 3. Tratamento do leite para consumo humano direto, incluindo os procedimentos de normalização pasteurização, esterilização, etc. Fabricação de produtos lácteos, especialmente queijos, leite em pó, leite aromatizado e bebidas refrescantes de base de leite. 4. Problemas particulares, relacionados com a utilização do leite para fabricação de produtos lácteos, ao nivel da comunidade da aldeia e em regiões montanhosas. 5. Problemas de distribuição do leite (a granel, em frascos, em recipientes de cartolina) e do comércio de produtos lácteos. O problema de abastecimento de leite aos centros urbanos situados nas zonas leiteiras. 6. Organização da capacitação do pessoal para direção e funcionamento de fábricas de lacticinios e para inspeção de qualidade do leite, utilizando ao máximo os meios de que se dispõem na região.

h) Aspectos económicos. Exame geral do problema na America Latina. Organização de mercados, com medidas que poderiam ser tomadas pelos govêrnos. Situação geral da America Latina no comércio internacional. Medidas capazes de resolvê-los.

i) Problemas relativos à legislação e às possibilidades de aplicação.

j) Conclusões gerais e recomendações, inclusive definição das medidas de aplicação imediata e de planos de desenvolvimento a longo prazo, tendo presente as possibilidades de auxilio internacional.

ENCERRAMENTO DO CERTAME

Por ocasião do encerramento, o dr. Jose Bonifacio Coutinho Nogueira, secretário da Agricultura, ofereceu às delegações visitantes um banquete no Automovel Club e pronunciou uma belissima oração, situando o Brasil no quadro da indústria leiteira mundial e desvendando suas perspectivas. Em nome da FAO, falou o sr. R. Gachot, diretor dessa entidade no Brasil, e em nome dos congressistas, agradecendo a hospitalidade, o sr. René P. Delpech, representante da Argentina.

CUSTA APENAS Cr$ 100,00 ANUAIS, A ASSINATURA DA

REVISTA
GADO
HOLANDÊS

Você que se interessa pelas coisas relacionadas com a produção do leite e derivados, não pode ficar alheio a essa publicação.

FAÇA A SUA ASSINATURA
HOJE MESMO!
da "Revista Gado Holandês"

Dirija-se à
EDITÔRA DOS CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634
São Paulo

NOTAS LATICINISTAS

Antibióticos e inseticidas no leite

Vacas medicadas com antibióticos podem eliminar êstes medicamentos no leite, prejudicando sensivelmente a fabricação de queijos. O leite é de deficiente caseificação devido ao fato de serem os antibióticos retardadores da multiplicação bacteriana Os fermentos láticos não se desenvolvem em leite com antibiótico e assim, não há acidificação, indispensável à fabricação de queijos. No leite de consumo, os antibióticos podem ocasionar sérios acidentes alérgicos em pessoas sensibilizadas (principalmente crianças). Os acidentes vão desde a simples urticária até o choque anafilático. Dentro da gama de antibióticos, é a penicilina a que maiores fenómenos alérgicos tem provocado.

Os modernos inseticidas clorados, fenicados, fosforados e arsenicais, que se aplicam largamente no combate de parasitas de plantas (inclusive forrageiras e forragens) contaminam os alimentos dados às vacas leiteiras e são eliminados pelo leite. No animal, estes inseticidas são capazes de determinar sérios acidentes tóxicos (até mesmo morte, quando aplicados em excesso). Nas pessoas que ingerem leite de vacas intoxicadas, os fenómenos são os de alergia (em todas as suas manifestações). Que os inseticidas se eliminam pelo leite foi comprovado em 1952 por L. C. Mitchell e W. I. Pearson, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, que conseguiram detetar o Dieldrin por métodos cromatográficos. Este assunto é tão importante que, na California, já se proibe comercialização de leite que revele presença de DDT superior a 0,025 ppm (partes por milhão). O exame da presença de inseticida já é obrigatório.

Indenização do governo britânico a fazendeiros, por matança de animais atacados de aftosa

O governo britânico pagou dois milhões de libras esterlinas (ou seja 5.600.000 dolares, que correspondem a 1 bilião e 120 milhões de cruzeiros), como indenização aos criadores britânicos cujos rebanhos foram sacrificados em 1960 por causa de um surto de aftosa.

Sobra leite em pó nos Estados Unidos

Anuncia-se que, nos Estados Unidos, no ano corrente, haverá um excedente de 500 milhões de libras de leite em pó desnatado (ou seja 266 milhões e 500 mil quilos) para os programas de ajuda aos paises necessitados (Alimentos para a Paz). Em 1960 se dispunham de 365 milhões de libras. Como se sabe, esta produção é adquirida pelo governo norte-americano, dentro de um plano de manutenção de preços para a indústria leiteira.

Importação de manteiga pela Inglaterra

A importação de manteiga pelo Reino Unido no ano de 1960 alcançou 414.864 toneladas, contra 407.089 toneladas do ano de 1959. O aumento da tonelagem se deve, em grande parte, a maiores quantidades adquiridas em paises europeus e da Argentina. Este pais exportou para a Inglaterra, em 1960, manteiga num total de 15.789 toneladas contra 14.457 em 1959.

Fazendo os cálculos do montante das compras de manteiga pela Inglaterra (quase 80 biliões de cruzeiros por ano) se verifica que êste pais gasta neste produto mais do que o Brasil consegue receber pelas vendas de café.

Preço de manteiga norte-americana

O governo norte-americano está vendendo excedentes de manteiga na base de 30 cents de dolar por libra, para exportação. Isso dá quase Cr$ 120,00 por quilo do produto.

INSTRUÇÕES PARA COMBATE AOS SALTÕES DE QUEIJOS

Os saltões dos queijos são larvas de uma môsca cientificamente chamada «Piophila casei». É uma môsca de tamanho pequeno (quase a metade do tamanho da môsca doméstica comum), escura, meio lerda (fácil de matar com as mãos), que voa sôbre os queijos nas prateleiras e arredores. No verão, cada môsca põe, em média, 30 ovos, na superfície dos queijos. São ovos de mais ou menos 1 milímetro de comprimento, que, ao fim de 2 a 3 dias, se transformam (por metamorfose) em larva, que pode chegar até 5 milímetros de comprimento. É uma larva branca, de cabeça preta, com a peculiaridade de, por forte contração muscular, saltar (de onde o nome de saltões), à altura de 15 a 20 centímetros, e à distância de 2 a 3 metros e daí a facilidade de sua propagação num depósito de queijos. A larva fura a casca do queijo (tal como o berne) e se desenvolve no interior da massa, alimentando-se dela e a apodrecendo. Quando tende a deixar o interior do queijo, a larva se dirige às tábuas e suportes das prateleiras, onde adere a qualquer ponto, transformando-se num casulo. De cada casulo, ao fim de 25 a 30 dias (às vêzes menos, quando o tempo é quente e úmido) sai uma môsca pequena (que não cresce) e que, a seguir, é fecundada e põe os ovos (em média, 30). Assim, cada môsca pode dar uma geração de 30 filhos, num mês, chegando aos milhões ao fim de pouco tempo, o que explica a grande infestação em depósitos de queijos onde não haja o devido combate ao parasita.

COMBATE AO PARASITA

I — Medidas preventivas:

a) Limpeza geral e rigorosa do prédio e arredores. Não permitir nos arredores de depósitos de queijos (entreposto, salas de cura, etc.) deposição de lixo, ou manutenção de capins, matagal, etc., onde frutas possam ser deixadas apodrecer. O prédio deve ser mantido nas mais rigorosas condições de higiene, provido de portas duplas, de mola de vai-e-vem (para serem mantidas fechadas), e telas milimetradas em janelas ou quaisquer aberturas (para evitar entrada de môscas). O teto deve ser forrado. As salas de depósito de queijos devem ser mantidas escuras.

b) Os queijos devem ser virados diàriamente nas prateleiras, passando-se pano úmidecido em sôro ou água de cal e sal (para retirada de qualquer parasita). As prateleiras e os suportes devem ser lavados semanalmente, com água quente e sal, e raspados. Havendo dúvida de infestação, aplicar fogo, em maçarico de gás, por todos os suportes fixos, principalmente nas junturas. Uma vez por quinzena, passar azeite dendê nos queijos. O rodízio de salas é uma grande providência. Os queijos de uma sala, ao serem esfregados, são removidos para a sala vizinha, já devidamente higienizada, onde passarão um mês. A sala que ficar vasia será então devidamente desinfetada. O rodízio deve ser mensal. A desinfecção rigorosa deve ser atomizando solução de inseticida (BHC, DDT ou outra), sôbre paredes, suportes, etc.

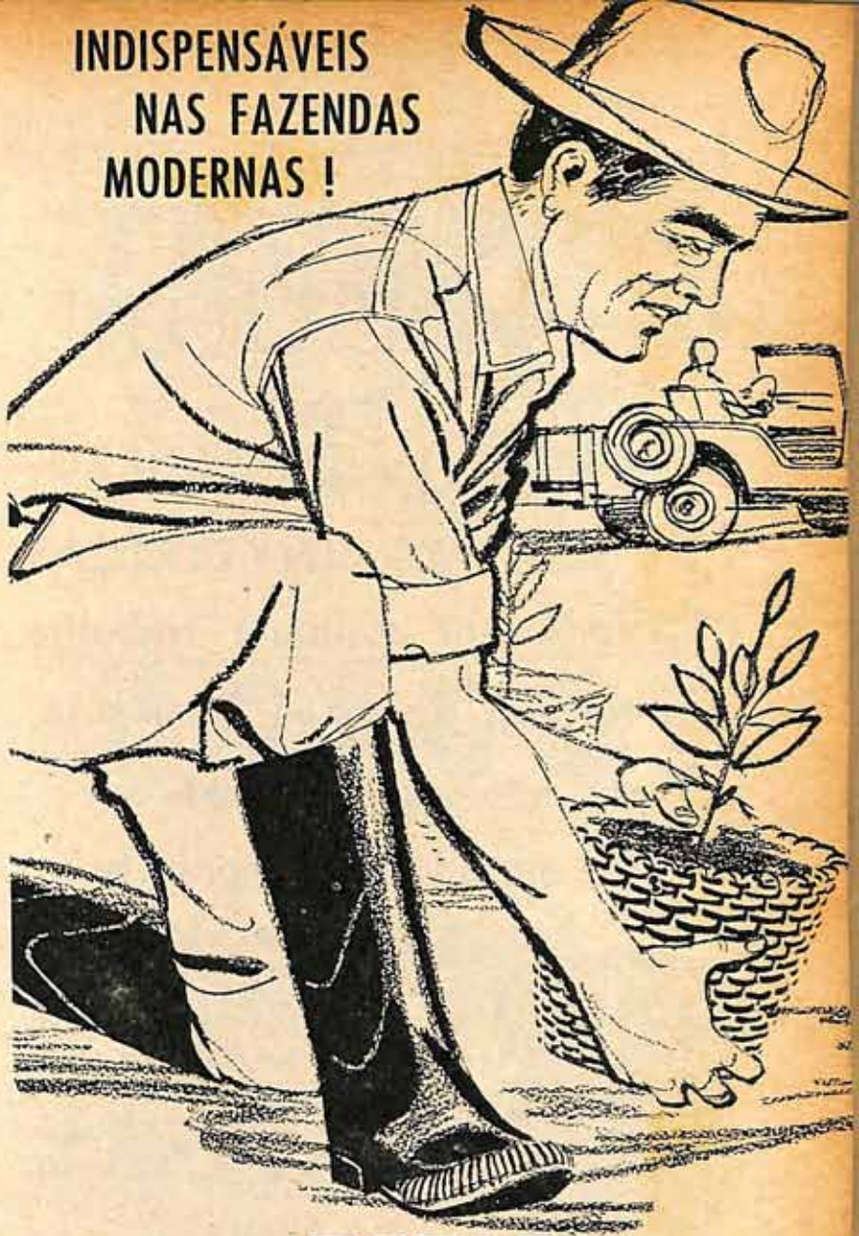
II — Medidas diretas sôbre queijos atacados:

Quando se tratar de queijo duro (Parmesão), durante o combate ao parasita, as fôrmas podem ser revestidas de mistura de cal com BHC (até 0,5%) e assim removidas para a sala previamente desinfetada.

As fôrmas atacadas devem ser retiradas do depósito e tratadas assim: retirar as partes estragadas e as inutilizar imediatamente, jogando no fogo (da caldeira) que destruirá larvas e ovos.

As partes boas podem ser vendidas em pedaços ou raladas (acondicionadas em saquinhos de polietileno), ou aplicadas na fabricação de queijos fundidos.

Como a môsca «Piophila casei» é meio lerda, deixando-se facilmente matar mediante simples batidas com as mãos, é de boa indicação aconselhar aos empregados do depósito de queijos que matem tôdas as môscas que forem encontradas. Esta matança direta das môscas auxilia o combate à praga.



BOTAS
VULCABRÁS

O CALÇADO CERTO PARA O TRABALHO RURAL!

2 MODELOS:

Cano Longo

Cano Curto

RESISTENTES E IMPERMEÁVEIS!
Moldadas em borracha vulcanizada de dupla espessura, com blocos anti-derrapantes na sola, as Botas Vulcabrás asseguram firmeza no pisar e proteção integral contra umidade, poeira e detritos.

LEVES E CONFORTÁVEIS!
De grande flexibilidade, acompanham o movimento natural dos pés calçando anatômicamente e ajustando-se com perfeição nas pernas. Sem forros, costuras ou emendas, podem ser lavadas por dentro e por fora, conservando-se sempre higiênicamente limpas.

UTILÍSSIMAS NA LAVOURA E NO CURRAL!
Mais econômicas do que as botas comuns e resistindo mais nos trabalhos pesados, as Botas Vulcabrás são ideais para o uso em lavouras irrigadas, hortas, pomares, chiqueiros, estábulos e currais e também para limpeza de galpões, depósitos, etc.

Um produto: VULCABRÁS S. A. — C. Postal, 47 – Jundiaí – (Est. S. Paulo)

TAMANCOS VULCABRÁS
Também inteiramente vulcanizados. Próprios para os serviços de lavagem de pisos, escadarias, bares, açougues e para locais que exigem limpeza constante.

À venda nas boas casas de calçados do Brasil

BOTAS DE BORRACHA

Nogam

M. REGISTRADA

FORRADAS ou SEM FORRO-

PRENSADAS INTEIRIÇAS

PROVAM em qualquer trabalho

em terreno seco ou molhado,

que são as melhoras em

qualidade e confôrto

- Fôrma anatômica que não machuca os pés
- Durabilidade jamais constatada em botas de fabricação nacional
- Um tipo e uma altura para cada necessidade
- Alturas: Canela - Joelho - Virilha

Um produto que atesta o progresso da Indústria brasileira

MANUFATURA DE ARTIGOS DE BORRACHA

"NOGAM" S. A.

Vendas no atacado: Rua Madre Cabrini, 364

e nas boas casas do ramo

INDUSTRIALIZAÇÃO DA CARNE

1 O transporte de carne não tem, até o momento, preocupado sèriamente nossas autoridades sanitárias e, como consequencia, verificamos graves erros, que fatalmente redumdam em má qualidade do produto. Quando o transporte se faz a partir dos matadouros ou dos tendais, o problema se prende à disposição de trazeiros e dianteiros nos veículos. É regra elementar que as peças devam ser pendurados de sorte a ficar uma afastada da outra, permitindo assim alguma ventilação entre elas. Não é isto o que se observa na prática: os quartos, quando pendurados, são fortemente comprimidos ou, então, são colocados empilhados no assoalho do veículo. Tudo isto acontece com o objetivo de poder transportar economicamente a carne, aprveitando ao máximo o espaço disponível. Muitos prejuizos advêm desta prática, porém os de ordem higiênica são de maior monta. Não fazemos aqui referência ao tipo nem às condições dos veículos usados, mas apenas à disposição das peças, que constitui problema de facil solução.

— 0 —

2 **Embora o comércio de carne não tenha ainda enveredado pelo terreno da tenderização, êste assunto está na ordem do dia e vai, aos poucos, ganhando novos mercados. De fato, observa-se na literatura especializada grande interesse pela busca de novos métodos de tornar a carne mais tenra. Até agora, o emprego de enzimas foi o meio mais popular de amaciar os bifes, a tal ponto que praticamente deslocou o método prático de rupturar as fibras. Fala-se agora num novo método, descoberto na Escócia, pelo qual a carne é primeiro desidratada para adquirir primeiro testura esponjosa absorvente. Com isso, ficaria melhor preparada para um tratamento enzimático através de substâncias biológicas, que se encarregariam do desdobramento e consequente amaciamento das proteínas. Dizem os preconizadores dêste método que dessa fórma o agente de tenderização penetra completamente a carne, não ficando sua ação adstrita apenas à superfície, como habitualmente acontece.**

— 0 —

3 A adição de fosfatos à carne tornou-se pratica regular da industria de todo o mundo. Os primeiros efeitos dessa prática ligavam-se à densidade e à viscosidade da emulsão, dizendo-se que os fosfatos simplesmente causavam hidratação e inchamento das fibras musculares. Mas, esta modificação conduz automaticamente ao amolecimento da carne, como resultado de profunda alteração sofrida pelo comportamento das mais importantes proteinas do tecido muscular. Ademais, os fosfatos propiciam o aumento da retenção da côr natural, maior resistência à quebra de pêso e formam uma geléia, mesmo quando os produtos são submetidos a altas temperaturas, em longos períodos de processamento. Também não se pode esquecer que êsses fosfatos contribuem eficazmente para reduzir a resistência ao calor de muitos micro-organismos, fato de muita importância para a qualidade higiênica dos produtos. Entretanto, é preciso notar que a adição de fosfatos não pode ser feita desmesuradamente. Muitos prejuízos podem advir da imprudência de querer aumentar as quantidades admitidas pelas autoridades responsáveis. Entre os muitos inconvenientes do emprego abusivo dos fosfatos, a saponificação pode causar perdas totais ao fabricante.

— 0 —

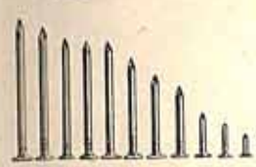
4 **A industria de produtos alimentícios encontra no frio o melhor e o mais seguro agente de conservação, tanto assim que não se pode compreender o funcionamento de uma fábrica de produtos carneos sem que possua instalações frigoríficas. Mas, é preciso observar que a conservação pelo frio deve seguir certas normas e ter suas limitações. Em síntese, o frio paralisa a atividade biológica, naturalmente na dependência do gráu de temperatura atingido. Assim, os microorganismos, mesmo vivendo alguns em temperatura ao redor de 0.° C, têm seu metabolismo dificultado à medida que o frio se torna mais intenso e alguns chegam a ser destruidos pelo frio. Todavia, a ação destruidora está sujeita a uma série de variáveis e circunstâncias que tornam impossivel ao industrial confiar cegamente nos efeitos dela. Por isso, na prática industrial, ninguém pode pensar na aplicação do frio em termos de esterilização. Se uma carne já estiver contaminada ao entrar para uma câmara frigorífica, continuará nêste estado e, embora o desenvolvimento dos microorganismos seja temporariamente sustado, recrudescerá quando o produto voltar para a temperatura ambiente. Em outras palavras, de nada adiantará recorrer à câmara frigorífica se a carne já estiver conspurcada.**

— 0 —

5 A fabricação de produtos de salsicharia deve revestir-se de todos os cuidados higiênicos no manuseio das carnes e na manutenção apropriada das máquinas e utensílios. Sem entrar em detalhes de tôdas as operações, apenas desejamos fazer uma referência especial ao enchimento das tripas. Muitas vêzes ocorre que, com a preocupação de acelerar o trabalho, a operação de enchimento leva a introduzir grande quantidade de ar na massa, sobretudo quando esta última, para determinados tipos de produtos, está sob forma de fina emulsão. Quando o

(Conclui na pág. 110)

ARAMES
de todas as qualidades



PREGOS
de todas as bitolas

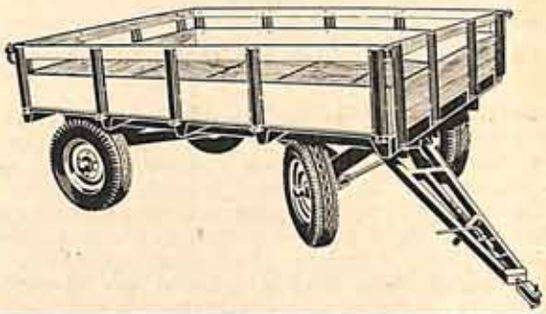
GRAMPOS
PARA CERCA

PRODUTOS DE QUALIDADE COMPROVADA

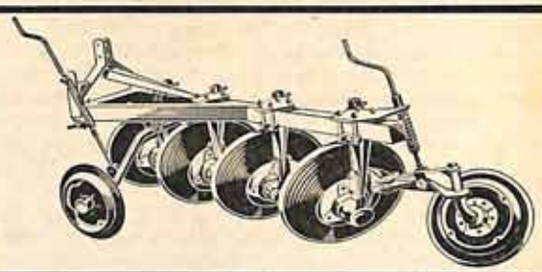
PRODUTOS AGRO-INDUSTRIAIS S/A

DEPÓSITO E VENDAS
ALAMEDA CLEVELAND, 195
FONES: 51-8134 E 52-6487 – CX. POSTAL 7285
FÁBRICA: VIA ANCHIETA – km 12 SÃO PAULO

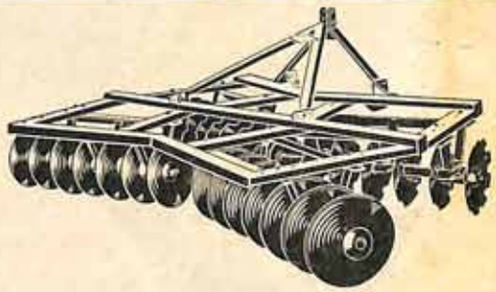
CARRÊTAS



ARADOS



GRADES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL, MATERIAL RODANTE S/A.
Vendas pelos revendedores autorizados de
PONTAL MERCANTIL S. A.

à **PONTAL MERCANTIL S. A.**
Av. do Estado, 5783 – S. PAULO – C. Postal 8.333 — Fone 37-4195
Peço enviar-me grátis, folhetos do(s) artigo(s) assinalado(s) e de revendedores mais próximos.

Nome .....
Rua ..... C. P. .....
Cidade ..... Estado .....

☐ CARRÊTAS ☐ CARRINHOS ☐ RODAS
☐ RODEIROS ☐ TROLÉTE ☐ IMPLEMENTOS

Marque no quadrinho o artigo de seu interêsse.

TRATAMENTO DA ENDOMETRITE DOS BOVINOS COM ESTRO-BIOTICOS

L. P. JORDÃO

Grande parte dos prejuizos economicos na exploração do gado leiteiro provém da infertilidade, disturbio que abrange varias doenças infecciosas gerais e locais, perturbações endócrinas, deficiencias da nutrição, defeitos anatomicos e condução incorreta do rebanho. Segundo autorizada fonte, cerca de 75 por cento das vacas que repetem o cio são vitimas de pequenas infecções uterinas. Por outro, está verificado que uma porcentagem bem elevada de vacas que apresentam cios aparentemente normais e que parecem perfeitas, sob outros aspectos, deixam de conceber devido a infecções uterinas.

Estudos realizados sôbre a mortalidade embrionaria em vacas revelaram que as infecções uterinas contribuem com mais de 40 por cento das perdas. Outras desordens importantes tambem se originam em retenções de placenta, com ou sem infecções uterinas concomitantes.

Nas pequenas infecções do utero participam, como agentes infecciosos, principalmente o «Vibrio fetus, os estreptococus, o «Corynebacterium pyogenes» e a «Escherichia coli. As infecções são perigosas, porque insidiosas e degenerativas. A endometrite resultante é caracterizada pelo espessamento das paredes e, portanto, pelo aumento de tamanho do utero. As paredes, também, se tornam flacidas.

O tratamento intrauterino com penicilina e dihidroestreptomicina tem surtido bom resultado, não só devido à atividade anti-bacteriana destes antibioticos, mas também à sua compatibilidade com os espermatozoides e o meio uterino.

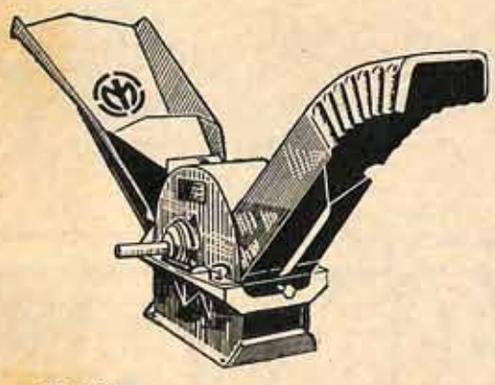
INFECÇÕES UTERINAS E HORMONIOS OVARIANOS

Em experiências de transplantação de ovos, em bovinos, foi mostrado que, durante a fase luteal, pode haver severa metrite. Posteriormente, demonstraram-se os seguintes fatos: 1) O utero, durante o cio, parece ser marcadamente resistente à infecção, seja com semen infectado, seja com a introdução de **C. pyogenes**; porém, durante a fase luteal, ao contrário, parece sensivel à infecção e à introdução dos referidos agentes, disso resultando, frequentemente, a piometrite; 2) em vacas cujos ovarios foram extirpados, a ministração intramuscular de progesterona promove condições propicias para o crescimento de certas bacterias, embora a ministração de estrogenos torne o utero geralmente resistente à infecção. Consequentemente, as infcções uterinas, na vaca, podem ser estimuladas quando se fazem variar os niveis dos hormonios ovarianos.

Os diferentes numeros de bacterias que pódem ser encontrados em uteros que foram inoculados com agentes infecciosos, nas fases folicular e luteal (pelo menos em coelhas), parecem devidos à existencia de maior atividade bacteriana no utero dos animais em cio. Depois, foi confirmado que o transudato uterino da coelha em cio possui propriedades bactericidas contra a E. Coli inoculada no utero.

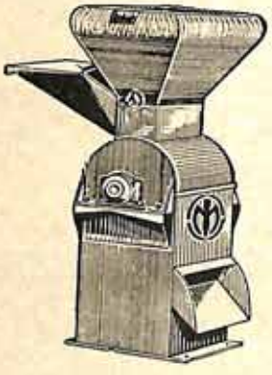
TRITURADORES E DESFIBRADORES MENTA

DOTADOS DE CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS E REVOLUCIONÁRIAS, PROPORCIONAM O APROVEITAMENTO INTEGRAL DE QUALQUER RAÇÃO. MOEM ESPIGA DE MILHO, CANA, BATATA DOCE, MANDIOCA, ENFIM TODAS AS RAÍZES E TUBÉRCULOS

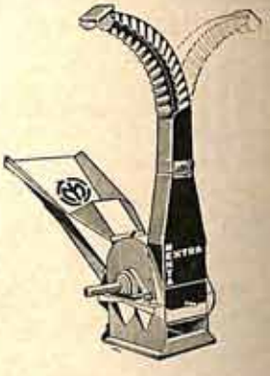


SE 100
3 a 4 HP — 2.500 a 4.500 kg/hora. R.P.M. 2.000. Duas faces de 170 mm sem elevação.

CE 200
5 a 8 HP — 4.000 a 6.500 kg/hora. — R.P.M. 2.000 - Duas facas de 170 mm — com elevação.



Moinho a martelo ou triturador MENTA.
3 a 8 HP — 500 a 1.200 kg/hora. — R.P.M. 3.600.



MENTA EXTRA.
7 a 12 HP — 4.500 a 8.000 kg/hora. — R.P.M. 2.000. Quatro facas de 170 mm.

MAIOR PRODUÇÃO... MAIOR LUCRO
Lembre-se: MENTA aumENTA seu lucro!

IRMÃOS MENTA
Rua 7 de Setembro, 600 — Fone 118
CAJURU - Estado de São Paulo - BRASIL

AÇÃO DO ESTROGENO

Em 1957, Haubrich e Alexander, de Wellesley Hills, Massachusetts, EUA, iniciaram estudos com hormonios associados a antibioticos, visando o tratamento de infecções uterinas dos bovinos, baseados nos fatos que se seguem.

Experiencias feitas com estibestrol revelaram: 1) pequenas doses deste hormonoide, aplicadas no endometrio, causam modificações significativas; 2) o tecido uterino responde à injeção de estilbestrol pelas duas rotas — intramuscular e local — dentro de 24 horas, mas a rota intramuscular é mais lenta e requer dose maior; 3) o estilbestrol não é encontrado no leite, após o uso intrauterino.

Além do que foi dito, é interessante relatar os resultados de outras pesquisas: 1) existe relação entre os hormonios ovarianos e as infecções uterinas; 2) o utero sob influencia estrogenica tem capacidade anti-infecciosa expressivamente maior, não sómente no caso de infecção iminente, como no das infecções já estabelecidas; 3) os efeitos anti-bacterianos dos estrogenos encorajam o tratamento estrogenico.

TERAPEUTICA ESTRO-BIOTICA

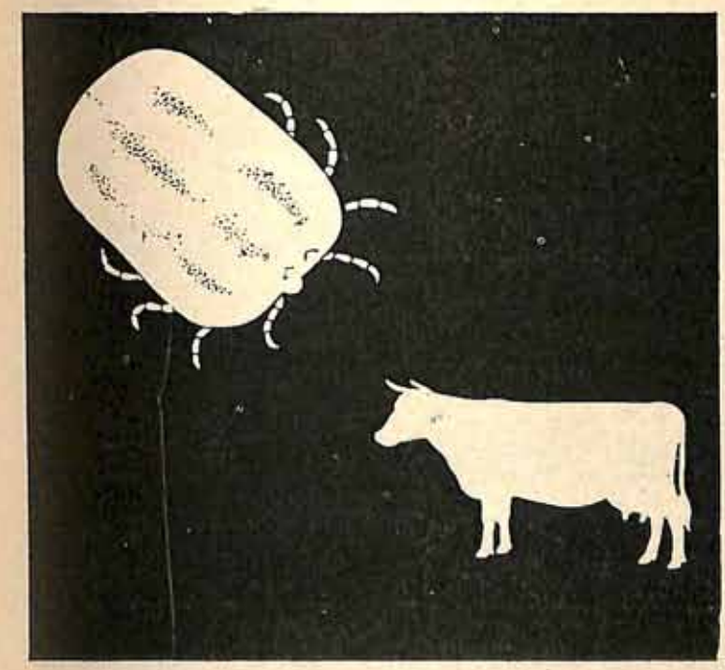
A formula utilizada na terapeutica estro-biotica é a seguinte:

Sulfato de dihidroestreptomicina	1,25	g
Penicilina G cristalina	1.000.000.	U.
Dietilestilbestrol	20,0	mg
Veiculo oleoso especial para suspensão	28	ml

Esta suspensão é empregada em aplicações intrauterinas, com seringa e pipeta de plastico, após a cobertura, enquanto o animal se acha ainda na fase estrogenica. A ação do hor-

BANHE O GADO

MENOS VÊZES



DIP-TOX

22-22
ELEMCO

VII Exposição-Feira de

GADO HOLANDÊS

25 e 26 de Outubro

Promovida pela

Soc. Cooperativa Castrolanda Ltda., em

CASTRO — Est. do Paraná

À venda **250** cabeças de gado **Holandês prêto e branco, puro de origem,** com produção leiteira oficialmente controlada pela A. P. C. B.

Venha assistir e adquirir reprodutores na maior exposição sul-americana de gado Holandês prêto e branco, puro de origem.

CONDUÇÃO:

TREM pela Estrada de Ferro Sorocabana, direto de São Paulo a Castro. O recinto da exposição fica a 7 km de Castro.

AVIÃO: até Ponta Grossa, prosseguindo de ônibus até Castro (45 minutos).

AUTOMOVEL: de São Paulo, prosseguir viagem para Itararé, S. P., e depois seguir para Castro, no Paraná.

monoide com os antibioticos é sinergica, não interrompe o mecanismo da ovulação nem impede a concepção. O leite das vacas tratadas com o estro-biotico não mostra residuos destes agentes.

É sabido que, 4 a 7 dias após a ovulação, o ovulo não desce do oviduto para o utero, o qual, assim, pode receber o medicamento até o terceiro dia, sem dano para a fertilização. Geralmente, o tratamento é feito 12 a 24 horas após a cobertura; nos casos graves, a ministração é repetida 24 horas depois. Tem-se aplicado o estro-biotico 6 horas depois do acasalamento.

RESULTADOS DE EXPERIENCIAS

Os dois citados veterinarios norte-americanos trataram 112 vacas leiteiras, divididas em 4 lotes: Lote C, testemunha, com 30 especimes, que recebeu somente penicilina e estreptomicina; lote T^1, com 44 animais, tratado com a formula estro-biotica; lote T^2, com 21 cabeças, que receberam estro-biotico; e lote T^3, com 17 individuos também tratados com estro-biotico. Os grupos T 1, 2 e 3 (total de 82 cabeças), era composto de vacas que tinham 8 a 18 serviços prévios, nos casos mais graves e 1 a 8 serviços nos casos mais leves. Todas as vacas mostravam infecção uterina de baixo gráu e apresentavam ademais: 1) periodo de estro normal; 2) ausencia de anomalias físicas nos ovários, na bolsa ovarica ou no oviduto a julgar pelos resultados da apalpação retal; 3) atonicidade do utero ou dos córnos uterinos, ou de ambos, não devido à influência estrogênica e revelada pela palpação. Em muitos casos estes animais haviam sido tratados sem sucesso por outros meios.

O estro-biotico foi introduzido no utero 12 a 24 horas após a cobertura. Em vários casos, uma infusão foi repetida depois de 24 horas. Os resultados foram sintetizados nos seguintes quadros:

QUADRO I — RESULTADOS GERAIS

Grupo	Animais	Tratamentos	Prenhezes	N/ prenhezes	Prenhez por tratamento	% de Prenhezes p/ tratamento
C	30	60	23	37	0,383	8,81
T_1	44	60	35	25	0,583	20,40
T_2	21	22	21	1	0,955	20,05
T_3	17	18	12	6	0,667	8,00
Totais	112	160	91	69	0,569	57,27

Os grupos não eram homogeneos, notadamente o T_2, que mostrou ser significativamente diferente de C. Assim foram efetuadas as comparações seguintes:

QUADRO II — GRUPO C e T_2+_3

Grupo	Prenhez	N/ prenhez	Tratamentos	Prenhezes por tratamento	% de Prenhezes p/ tratamento
C	23	37	60	0,383	8,81
T_2+_3	33	2	35	0,943	31,11
Total	56	39	95	0,589	39,92

QUADRO III — GRUPOS T_1 e T_3

Grupo	Prenhez	N/ prenhez	Tratamentos	Prenhezes por tratamento	% de Prenhezes p/ tratamento
T_1	35	25	60	0,583	20,40
T_3	12	6	18	0,667	8,00
Total	47	31	78	0,602	28,40

Em 60% dos casos dos grupos T, o numero medio de serviços antes do tratamento com estro-bioticos foi de 3,68. Nos restantes (26 casos) o numero medio foi de 5,30%. Em face das evidencias apresentadas, verifica-se que as baixas porcentagens de prenhezes, no gado leiteiro, complicadas por infecções uterinas, podem ser melhoradas significativamente com o emprego de estro-bioticos.

Para maiores detalhes, inclusive resultados dos testes estatisticos aplicados aos dados constantes das três tabelas acima, ver o trabalho de W. Haubrich e A. Alexander: Estrogen/Antibiotic Infusion for Bovine Metritis. «Modern Veterinary Practice», 42 (2): 30-34. 1961.

BOLSA DE ANIMAIS DA A.P.C.B.

compra e venda para qualquer parte do País

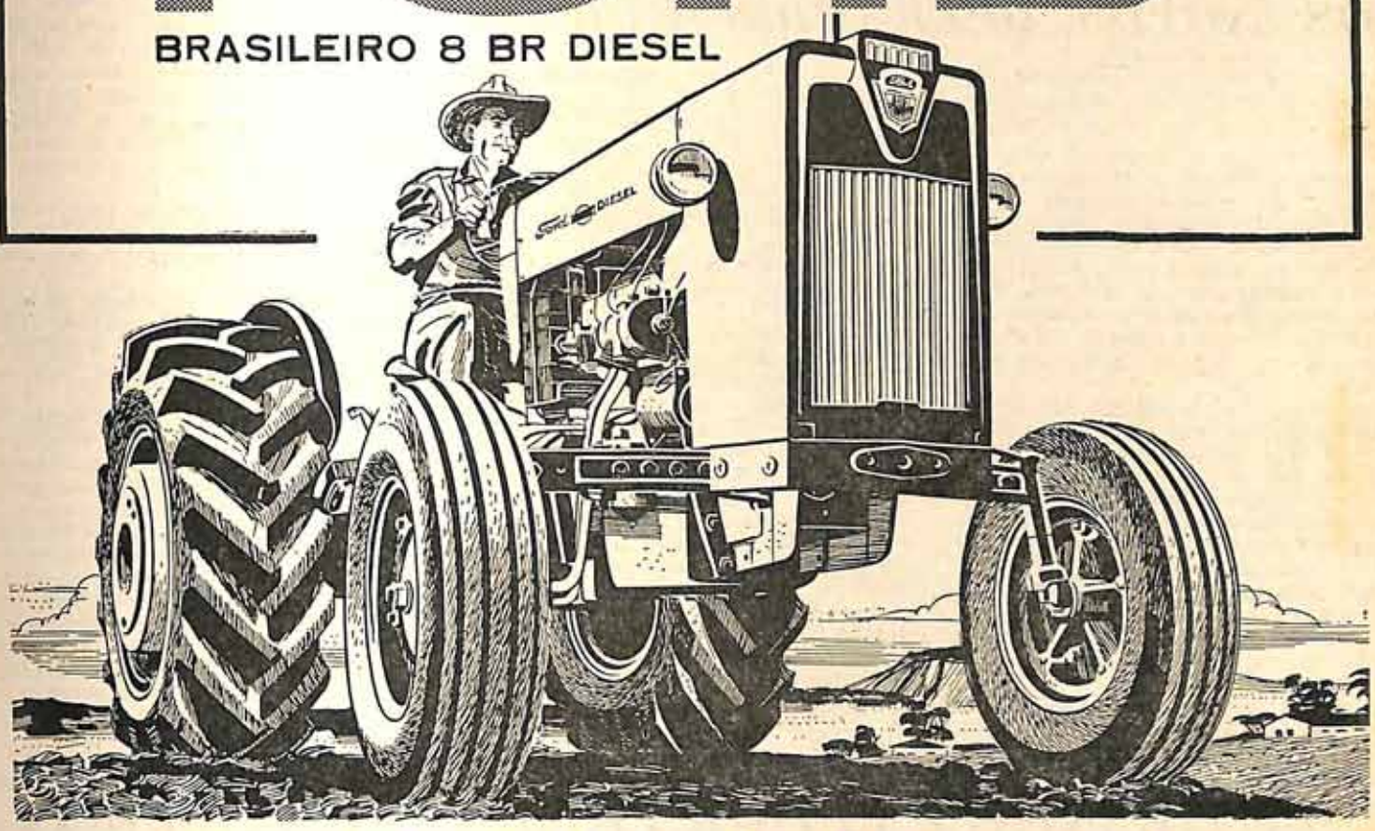
SERIEDADE — QUALIDADE — SANIDADE

Rua Jaguaribe, 634 — Telefone: 52-4388 — São Paulo

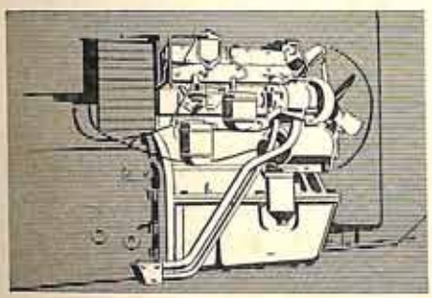
Conheça de perto o notável Trator

FORD

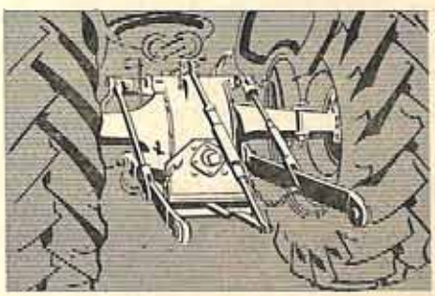
BRASILEIRO 8 BR DIESEL



O 1.º trator realmente fabricado no Brasil! Veja agora, no seu Revendedor Ford, o Trator 8 BR Diesel – fabricado especialmente para o Brasil. Examine V. mesmo tôdas as vantagens que fazem do Ford 8 BR Diesel um dos melhores tratores de todo o mundo!



56 HP a 2.200 RPM! 44 HP na barra de tração! Serviço pesado e contínuo, no solo mais duro que houver, nunca é problema para o Ford 8 BR Diesel!



Engate em 3 pontos com levantamento hidráulico, para qualquer implemento, poupando tempo, aumentando o rendimento diário.

Tomada de fôrça no eixo traseiro, com 1.000 RPM.

V. encontra sempre peças e serviço para o seu Trator Ford 8 BR Diesel — o 1.º trator brasileiro — nos Revendedores Ford de todo o Brasil.

Mais um produto da **FORD MOTOR DO BRASIL S. A.** — pioneira na mecanização da agricultura!

Secção jurídica

OS NOVOS OPERARIOS RURAIS

ROLANDO LEMOS
Advogado

Constitui já uma nova categoria de trabalhadores, a conhecida no Interior do nosso Estado, como 'a turma dos caminhões", volante, variada e mixta. Fenómeno jamais imaginado pelos antigos senhores de "fazendas", que o desconforto rural criou e que os caminhões espalharam.

Fica-se, agora, a estudar sua origem, a responsabilizar seus agentes criadores e a prever seus rumos sociais e até mesmo políticos. Não terá essa ligeira explanação do problema a pretensão de um estudo profundo da questão, quase que impertinente para a finalidade dos trabalhos jurídicos da nossa "Revista dos Criadores", para não se falar na impossibilidade ainda de maiores recursos.

A "turma dos caminhões" é a turma dos liberais da enxada, que veem nos donos de terras os fregueses de todos os dias. Êles, os liberais da enxada, não têm patrões, têm os "turmeiros", que lhes agenciam clientes a quem alugam seus trabalho por hora.

Sob o aspecto económico, dir-se-ia que são o trabalho comprado sob medida pelo capital, bem ao gôsto do cliente, criador de riqueza. Económicamente, é um agente de produção, do mesmo modo que se estivesse radicado à terra, arrendando-a ou parceirando suas colheitas, diferenciado apenas sob o aspecto de maior encarecimento do produto.

Mas, o aspecto que nos propomos melhor cuidar é o social, criado pelas "turmas dos caminhões": elas retratam, em muitas zonas do Estado de São Paulo, o espírito nômade, quase cigano do que poderiamos chamar "camponês" do Brasil. Representam, entretanto, a mais legítima defesa de criaturas humanas, contra o indiferentismo a que foram postergados os problemas da fixação do trabalhador ao campo. Tangidos pela própria sorte. só poderiam fugir do campo triste, sem escolas, sem conforto e agreste em busca do brilho ilusório dos centros urbanos, para êles transformados na Meca de seus sonhos.

Acontece que o primeiro aspecto do problema é o destemperamento que sofrem êsse campezinos e tôda a sua família, em contato direto com a cidade, com tôdas as tramas do convívio urbano. A primeira reação que experimentam é a de que não têm mais patrão, estão livres. Daí, as comprovações dessa sensação: perdas de dias de trabalho por qualquer motivo caprichoso. Logo se tornam inadaptáveis à permanência na zona rural, passando a considerar o trabalho rural como degradante.

Segue-se a questão da prole, a qual se dilui pelas ruas, entre uma escola pouco frequentada e cinemas e bares nunca esquecidos.

E finalmente, o fenómeno do agrupamento profissional faz aparecer o campo aberto às propagações de ideologias subversivas, de revolta social, não contra um patrão que não têm, mas contra as instituições vigentes, que culpam pelo encarecimento do custo de vida, esquecidos de que a permanência dêles nos arredores das cidades constitui uma das causas dêsse encarecimento.

O fato é que a politização dessa classe de liberais da enxada, ainda poderá um dia semear uma contaminação no nosso meio rural. Daí o que já temos comentado tantas vezes: não esperar que o homem da roça venha procurar uma falsa melhora de vida na cidade, antes apressar em levar-se a êle, na roça, o que de real-

(Conclui na pág. 102)

COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

o::o

Sede : RUA DIREITA N.º 49 — SÃO PAULO
(Edifício Próprio)

FILIAIS : Rio de Janeiro (GB) — Pôrto Alegre (RGS) — Salvador (BA) — Fortaleza (CE) — Recife (PE) — Belo Horizonte (MG) — Curitiba (PR) — Belém (PA).

AGÊNCIAS : Maceió (AL) — João Pessôa (PB) — Aracajú (SE) — Rio Grande (RGS) — Vitória (ES) — São Luiz (MA) — Blumenau (SC) — Pelotas (RGS) — Joinville (SC) — Goiania (GO) — Natal (RGN).

ESCRITÓRIOS : Santos — Campinas — Marília — São José do Rio Preto — Ribeirão Preto — Araçatuba — Baurú — Presidente Prudente — Araraquara — São João da Boa Vista — Taubaté.

o::o

CAPITAL INTEGRALMENTE REALIZADO : CR$ 200.000.000,00
RESERVAS : CR$ 682.000.000,00
SINISTROS PAGOS DESDE A SUA FUNDAÇÃO EM 1921 CR$ 946.000.000,00

o::o

DIRETORIA

ALFREDO EGYDIO DE SOUZA ARANHA - Presidente
JOSE' ERMIRIO DE MORAES - Vice-Presidente
ANTONIO DE ALMEIDA PRADO - Secretário
EUDORO LIBÂNIO VILLELA - Tesoureiro
EDGARDO DE AZEVEDO SOARES - Comercial
OLAVO EGYDIO SETUBAL - Adjunto
JOSE' ADOLPHO DA SILVA GORDO - Adjunto
ANTONIO ERMIRIO DE MORAES - Adjunto
JOSE' CARLOS MORAES ABREU - Adjunto

o::o

Seguros de Vida, Vida em Grupo, Incêndio, Transportes Marítimos, Terrestres e Aéreos, Acidentes Pessoais, Aeronáuticos, Responsabilidade Civil, Fidelidade e Riscos Diversos.

Cambio ainda

BRENNO FERRAZ DO AMARAL

Nunca se perde pela clareza e o leitor desculpará que se repita, aqui, de outra forma, o que já foi dito nos dois escritos precedentes. É dificil concentrar em artigos curtos materia tão complexa. Ademais, importa documentar o que foi dito com autoridade por grandes professores. Seja hoje Wilhelm Lexis («El credito e la banca», ed. Labor, Barcelona — Buenos Aires, 1928, pag. 69-71).

«Com especial amplitude serve a letra de cambio como meio para compensação do balanço de pagamentos entre diversos paises. Êsse balanço é integrado pelo balanço mercantil de mercadorias entre os ditos paises e o saldo dos creditos e obrigações mutuas de outra especie, resultantes do tráfico internacional de efeitos, emprestimos, juros de divida, etc. Podemos imaginar, teoricamente, o desenvolvimento desse processo do seguinte modo: todo aquele que possue um credito no país A contra um habitante do país B, saca uma letra contra êste e a vende a um terceiro, que precisa efetuar algum pagamento em B. Mas, se é desfavorável o balanço de pagamento de A contra B, a procura de letras sôbre B será mais intensa que a oferta, o curso das mesmas (cotação) será cada vez mais alto e alcançará, finalmente, o PONTO DE OURO, a partir do qual é mais vantajoso enviar ouro para o pagamento da obrigação estrangeira, porque o ágio da letra excede aos gastos que tal envio acarreta.

«Sem embargo, na realidade, o processo internacional de pagamentos é feito por intermédio dos bancos, de modo quase exclusivo. Em A, os vendedores de mercadorias descontam em seus bancos as letras de reembolso, sacadas contra os bancos em B e igualmente procedem os vendedores em B. Não obstante, os bancos não efetuam suas liquidações mutuas simplesmente sôbre a base deste material de letras; em nossos dias a letra foi substituida, no tráfico internacional, em grande escala pelo cheque e pelo saque telegráfico. Isto quer dizer que o comprador recebe de seu banco o credito que dantes lhe era outorgado pelo vendedor. Mediante cheque ou ordem telegráfica, faz pagar a divida no exterior por meio de seu banco e por intermedio do correspondente deste e, vice-versa, encaixa por meio de seu banco as ordens de pagamento, que se lhe dirigem do exterior, a cargo de determinado banco.

«No tráfico ultmamarino, todavia, servem as letras de modo predominante para a compensação de pagamentos na forma anteriormente indicada. Também as «divisas», nome com que se designam as letras realizaveis fóra do país, desempenham importante papel nas operações financeiras. (Parece claro que dessa designação se excluem, num primeiro sentido, as letras de exportação).

«Em geral, cada banco deve preocupar-se em manter o justo equilibrio no tráfico internacional, tanto em seus próprios pagamentos e cobranças, como também em relação a seus correspondentes estrangeiros; e a esta tendencia obedecem as transferencias de capital, efetuadas pelos bancos, que em última instancia se traduzem em remessas de ouro, quando a compensação já não é factivel mediante valores internacionais.

«O regime de pagamentos internacionais pode simplificar-se e baratear cada vez mais, por meio da organização do saque internacional». Exemplo dos mais ilustres foi a União Européia de Pagamentos, há pouco extinta, depois de cumprida sua missão com o regresso à conversibilidade

Estancias
Granjas
Haras e Cabanhas do R. G. do Sul

—oOo—

ESTANCIA DA PASCHOA
Dr. Fernando A. Osorio
Praça Coronel Pedro Osorio, 3
Pelotas, Rs.

Devon, aspados e mochos
puros de pedigri
puros por cruzamento.
Jersey puros por cruzamento

—oOo—

GRANJA VILA MARIA
Mario B. Mendes de Mattos
Rua 15 de Novembro, 520
Pelotas, Rs.

Jersey puro de pedigri

—oOo—

GRANJA QUATRO IRMÃOS LTDA.
Joaquim Oliveira S. A.
Caixa Postal, 140
Pelotas, Rs.

Charolez, Aberdeen Angus, Holandês, preto e branco, puros de pedigri e puros por cruzamento

—oOo—

GRANJA SILVANA
G. Echenique Filho e Filho
Palacio Comercio
Pelotas, Rs.

Red Poll, puros de pedigri e puros por cruzamento
Ovinos Hampshire e Crioulos

—oOo—

HARAS ER RASUL
G. Echenique Filho
Palacio Comercio
Pelotas, Rs.

Equinos puro sangue Arabe e mestiços

—oOo—

GRANJA WANLE
Wanda Medeiros Marques de Echenique
Palacio Comercio
Pelotas, Rs

Jersey puro de pedigri

da moeda por seus principais componentes, como a Alemanha, a Italia e a França.

Já foi dito em artigo anterior que o cambio internacional é, no fundo, a mesma coisa que o cambio interno, entre duas praças do mesmo país: significa uma porcentagem, inferior ao preço da remessa de numerário, seja 1%, paga pela praça devedora à outra. È êsse prêmio que se chama «cambio». Quando é demorado o desequilibrio entre elas, cria-se verdadeiro prêmio de exportação da praça devedora em favor da credora. Em geral, porêm, o comercio restabelece o equilibrio dos cambios ou desloca a diferença em sentido contrario. O mesmo ocorre entre praças de moedas diferentes, isto é, de países diversos. Mas, então, é preciso comparar as moedas, segundo a paridade legal.

Pode acontecer que um país sofra carência de ouro em consequencia de emissões exageradas de papel moeda. Então, o cambio se complica com um ágio em detrimento desse país. Ademais, essa doença monetária muitas vezes é agravada por uma dívida externa e é preciso pagar os atrazados em ouro. Êsse fato constitui um encargo permanente para o país devedor, que não é compensado por nenhuma equivalencia. A ação reguladora do comércio se faz sentir — é verdade — nos limites do possivel: a exportação tende a aumentar. Mas, êsse movimento é contrariado pelos direitos de alfandega.

Uma praça ou mesmo um país pode ser considerada, quanto ao cambio, como um comerciante que deve ou tem a haver. Antes de 1914, a Inglaterra exportava tecidos para o Oriente e importava chá, seda, moeda. Suponha-se que a seda e o chá tinham valor menor que os artigos recebidos da Inglaterra. Como se saldava o balanço? Os norte-americanos exportavam pouco para a China. Pediam aos chineses seda e chá, a um valor maior que o das mercadorias que lhes enviavam em troca. Tinham os chineses, pois, saldo em Nova York, que transferiam para os credores ingleses, aos quais os norte-americanos remetiam ouro. (V. «Les Operations de Banque», J. G. Courcelle-Seneuil, 13.a ed. por A. Liesse, F. Alcan).

Chama-se a atenção do leitor para o penultimo paragrafo e sua aplicação à atualidade brasileira: paridade de Cr$ 18,50 por dolar, mas dolar no mercado livre a Cr$ 290,00 (ágio, a diferença); estoque brasileiro de ouro, hipotecado há muitos anos no exterior; negociações em curso com os credores para adiar pagamentos; exportação manietada pelo confisco cambial e pelo convenio mundial...

nestes livros da

Biblioteca Agronômica
MELHORAMENTOS

1 - **Manual do Criador de Bovinos**
Nicolau Athanassof - 6.ª edição
Cr$ 700,00

3 - **Doenças das Aves**
José Reis - 4.ª edição - Cr$ 500,00

5 - **Melhoramento dos Rebanhos**
A. Di Paravicini Tórres - 2.ª edição
Cr$ 480,00

7 - **Lacticinios**
Leite, Manteiga, Queijo, Caseina e instalações (Produção, Industrialização, Análise) - Manuel L. A. Behmer - 2.ª edição
Cr$ 380,00

9 - **A Oficina na Fazenda**
Mack M. Jones - 2.ª edição - Cr$ 680,00

10 - **Culturas da Fazenda Brasileira**
E. A. Graner e C. Godoy Jr. - Cr$ 660,00

11 - **Animais da Fazenda Brasileira**
A. Di Paravicini Tórres - 2.ª edição
Cr$ 330,00

12 - **Elementos de Genética**
E. A. Graner - 2.ª edição - Cr$ 330,00

18 - **Criação de Ovinos**
Geraldo Nunes Vieira - Cr$ 450,00

19 - **Poda das Plantas Frutiferas**
J. S. Inglez de Souza

20 - **Doenças Infeto-Contagiosas dos Animais Domésticos**
O. Hipólito e M. G. Freitas - Cr$ 980,00

O tratamento prático e racional de diferentes culturas e criações em obras básicas e pormenorizados, escritas por autoridades no assunto. Volumes copiosamente ilustrados e em ótima apresentação gráfica.

(Preços sujeitos a alteração sem aviso prévio)

ENVIE HOJE ÊSTE CUPOM

À ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo

Queiram enviar-me, pelo Reembôlso Postal, os seguintes livros da **"Biblioteca Agronômica Melhoramentos"**, assinalados com um "X" nos quadrinhos ao lado dos números correspondentes aos títulos:

☐1 ☐3 ☐5 ☐7 ☐9 ☐10 ☐11 ☐12 ☐18 ☐19 ☐20

Nome
Rua Cx. Postal
Cidade Estado

OS NOVOS...

(Conclusão da pág. 100)

mente util e bom possa dar-lhe a cidade. Não é de luzes fosforecentes dos bares e vitrinas que precisa, mas de fôrça elétrica para ter um rádio ou esquentar uma água; não é de cinema que necessita, mas de uma perfeita escola, onde realmente seus filhos aprendam a ler e escrever. Não são leis trabalhistas de oito horas de serviço ou estabilidade que lhes fazem falta, mas sim remédios gratuitos ou a bom preço e assistência médica na própria zona rural, bôa moradia e água corrente.

O fato é que, enquanto êsses legitimos benefícios vão sendo negados ao homem do campo, (e aos governos federais, estaduais e municipais cabe a maior parcela de culpabilidade), o êxodo rural vai prosseguindo, rumo às cidades, numa constante formação de operários sem patrão, sem submissão hierárquica, sem ganho permanente. Acresce que essa turma dos caminhões vai aos poucos descendo dos caminhões, para integrar a população urbana permanente, consumidora da produção agricola. Nesse caso perdeu-se definitivamente um trabalhador rural, com prejuizos duplicados: menos um produtor, mais um consumidor.

AVES E...

(Conclusão da pág. 111)

Esta politica de preços seguida pelos compradores de frangos tem obrigado os criadores a criar com o máximo de eficiência, comprando pintos cruzados e empregando rações reconhecidamente de alto valor biologico.

A melhora no mercado de resíduos de trigo e a entrada das primeiras partidas de milho novo têm contribuido para relativa estabilidade no preço das rações balanceadas.

Péste suína—flagelo da criação

WALTER C. BATTISTON
Méd. Vet. da A.P.C.B.

I

A peste suina é a doença mais contagiosa das que atacam os porcos: altamente mortal, dizima rebanhos inteiros. Pode ser definida como «doença infecciosa, especifica dos porcos, de carater febril, causada por um ultra-virus (Tortor suis), de curso rápido, e com sintomas de septicemia, acompanhada geralmente de inflamação e necrose do intestino e pulmões e hemorragia geral». Poucas vezes pode ser encontrada em estado de «pureza», porque outros germens costumam atacar ao mesmo tempo, com sintomas pulmonares e intestinais. É comum o aparecimento de salmonelose (S. cholerae suis) e pasterelose (P. multocida), confundindo os sintomas.

A moléstia foi descrita em 1885 (Salmon e outros) como provocada por um bacilo, mas atualmente se sabe que o responsável por ela é um virus, enquanto os outros germens já mencionados entram como «colaboradores» e mascaradores dos sintomas.

Porcos adultos atacados de peste suina (EE. UU.)

Existe praticamente no mundo todo; a primeira constatação feita no Brasil data de 1896, mas com o carater de epizootia, aqui em São Paulo, sómente foi identificada e estudada em 1934 por A. M. Penha. Por volta de 1939, com grande gravidade verificou-se, nos arredores da Capital, um surto da moléstia, que de há muito estava «desaparecida». O inicio da doença ocorreu em criações em que vigorava o péssimo hábito de tratar os animais com restos de comida dos restaurantes e mesmo lixo e varreduras dos mercados. Debelado, o mal praticamente deixou de causar grandes prejuizos, até que, por volta de 1949, nova epizootia surgiu, mas o problema parecia estar resolvido, com o esclarecimento dos criadores que passaram a crer na vacinação, até que, em fins de 1960, a moléstia surgiu matando grande números de animais, desde os municipios longinquos (Garça, Barretos, etc.) até nos Estados vizinhos e nos arredores da Capital. Nós mesmo tivemos ocasião de presenciar a doença numa fazenda proxima a Santa Cruz do Rio Pardo, onde morreram mais de 180 porcos de um rebanho de 200.

O virus da moléstia é encontrado em todas as partes do corpo do doente, especialmente no sangue, durante o periodo febril. Nas fezes, corrimentos, urina, etc, mesmo antes dos primeiros sintomas, já se pode assinala-lo; tambem na medula óssea (tutano), na saliva e na lágrima foi constatada a sua presença. Bastante resistente, vive no sangue até 50 dias, e nas particulas expelidas (tosse etc.) e não «batidas» pelo sol, resistem alguns meses. Em carne de porco conservada em frigorifico, chega a resistir até 126 dias; entretanto, morre em uma hora, quando se aquece a 78.oC. É interessante assinalar que nas fezes (estrume) o germen é pouco resistente e, nas pastagens e lugares sujeitos à insolação direta e à chuva, desaparece em 3 ou 4 dias.

Através da urina, fezes, tosse etc. o virus pode atingir alimentos, roupas e utensilios, que mais tarde contaminarão os porcos.

Ao que parece, sómente existe um tipo de virus pestoso (na aftosa existem três principais). Os casos diferentes correm por conta da maior ou menor poder de virulencia do micróbio. Outro fato a assinalar é que a idade, o tamanho, a raça etc. são fatores que não influem no aparecimento do mal; entretanto, admite-se que os leitões são mais sensiveis do que os adultos e, se procedem de porcas vacinadas quando «cheias», tal resistência é maior, isso correndo por conta do colostro e do leite materno, que se encarregam de transmitir a imunidade ao filho.

COMO SE DÁ O CONTAGIO

Os veiculos transmissores do mal, que o criador deve conhecer, são os seguintes:

a) PORCOS DOENTES — Como vimos, antes do aparecimento dos sintomas, o animal pode eliminar o virus e, desse modo, nada mais prejudicial do que introduzir no rebanho porcos provenientes de criações contaminadas ou de origem desconhecida. O germen, localizando-se nos alimentos, carros, utensilios, roupa dos tratadores etc. pode ser carregado facilmente para a criação e se disseminar no rebanho.

Feto de uma porca que morreu de peste (Gentileza de P. Bueno).

b) OUTROS ANIMAIS — Banqueteando-se em cadaveres de animais pestosos, os urubús, os cães e outros animais podem ser carreadores de virus; igual possibilidade apresentam as patas dos cavalos, as moscas e os piolhos dos suinos (Hematopinos).

c) O PROPRIO HOMEM — Os vacinadores, tratadores e negociantes de porcos são «ótimos» disseminadores do mal, através de suas roupas e sapatos aos quais «adere» o virus. O mesmo pode acontecer com os carros transportadores de porcos ou de pessoas e alimentos.

d) ALIMENTOS — O contágio do mal pode-se dar pelos alimentos e agua contaminados pelos restos de palha, por dejeções, cadáveres, «camas» etc. Criadores pouco escrupulosos, ao perceberem a doença no seu rebanho, abatem e vendem os porcos doentes; tal carne, negociada com restaurantes e casas particulares, acaba indo parar novamente nas criações de porcos, através do comércio de restos de comida, frequentemente nos arredores da Capital e em outras grandes cidades: desse modo, fragmentos de animais doentes são distribuidos às criações sadias e, em pouco tempo, a peste já estará grassando em vários pontos distantes do fóco inicial. Foi o que aconteceu no findar de 1939 e que acabou com a criação nos arredores de São Paulo.

e) PORCOS SADIOS OU «CURADOS» — Os reprodutores, os porcos que espontâneamente se curaram do mal (cerca de 5 por cento) e os que são apressadamente retirados da criação contaminada podem carrear virus para outros lugares.

Por qualquer das formas acima mencionadas, o virus se introduz no rebanho e penetra no animal sadio pela boca (comendo alimento contaminado), pela narina (respirando material infectado), pela mucosa ocular (olhos) ou mesmo pela péle, quando nesta há ferimentos.

EVOLUÇÃO DA DOENÇA

Introduzida na criação sadia, a doença ataca alguns poucos animais que, contaminados, adoecem e morrem; no decorrer do mal, o doente elimina grande quantidade de germes, pela urina, pelas fezes, ou pela tosse, os quais atacarão outros animais. Estes adquirem a moléstia mas sómente passados 5 a 15 dias (periodo de incubação) manifestam os sintomas e depois de uma ou duas semanas morrem. Nessa altura, o número de animais atacados é muito grande.

No exame geral da criação, nota-se que, após 20 ou 30 dias da compra do porco extranho, alguns animais começam a se mostrar tristes, «arrepiados», procurando ficar «amontoados» e acabam por morrer. Passados alguns dias, quando nada de anormal se nota, repentinamente grande número de animais demonstram os sintomas e terminam morrendo dentro de uma ou duas semanas. Podem ficar alguns animais que se salvaram, mas estes permanecerão «remelentos», com andar cambaleante, magros e dificilmente se recuperam: estes são os animais perigosos, porque continuam a eliminar o virus da peste por algum tempo e, por isso, são chamados portadores da doença: êles se encarregarão de disseminar o mal nas criações sadias. Os criadores, para minorar prejuizos, procuram negociar tais porcos, que serão introduzidos em novas criações.

ESTANCASANGUE

MIOZOL

EXCELENTE AUXILIAR NA PREVENÇAO DO TETANO

Faz parar a hemorragia desinfetando e evitando as bicheiras.

Desinfeta o umbigo dos recenascidos, os cortes de castração, ou outras lesões de maneira técnica e prática.

Combate as micoses, os eczemas e pruridos.

Indústrias Bio-Químicas MIOZOL Ltda.

Fábrica: R. Aquidaban, 264 - ARAÇATUBA - N.O.B.

Depósito: Rua Turiaçu, 1277 - SÃO PAULO

SINTOMAS

Decorrido o periodo de incubação, isto é, ó tempo que vai da penetração do virus até o aparecimento dos primeiros sintomas, e que geralmente é de cinco a quinze dias, surgem os primeiros sinais da doença: febre alta (acima de 40.o C), falta de apetite (inapetencia) e sonolência. Os animais procuram deitar-se um sobre outros para combater o frio que sentem, permanecendo como que amontoados.

Com o decorrer da doença, emagrecem e aparecem os sintomas nervosos: descoordenação de movimentos (andar cambaleante), vertigem, paralisia do trem posterior etc. Manchas de tamanho variável, de coloração vermelha ou arroxeada, surgem na face interna da coxa, atraz da orelha, nas axilas (sovaco) e na barriga, bastante visiveis nos animais de pele clara. Ao que parece, esses pontos de hemorragia na péle são os únicos sinais clínicos causados pelo virus, enquanto os demais são motivados por infecções secundárias. Os olhos de início congestionados (inchados), são invadidos por liquido claro que se transforma em purulento (pús) e que, ao secar, dá aspecto remelento, com colamento das palpebras.

Outras infecções costumam atacar os porcos pesteados, dando quadro clínico variável: tosse, dificuldade respiratória (batedeira), dificuldade de urinar, conjuntivite purulenta (ramela) etc. Os animais quando parados, permanecem com o dorso arqueado, cadeiras caídas, membros posteriores para a frente etc.

FORMAS CLINICAS

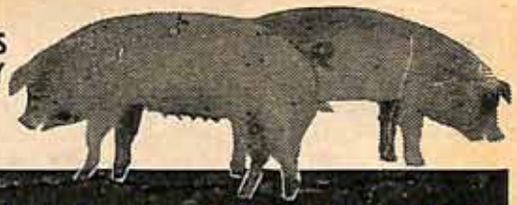
Tendo em vista o orgão mais tacado, costuma-se considerar as seguintes formas clínicas da peste suina:

a) FORMA INTESTINAL — Caracteriza-se por sintomas intestinais, devido às lesões produzidas pelo virus na mucosa (forro) intestinal e do tipo ulceroso e pela «Salmonella choleraesuis», que se aproveita da diminuição da resistência orgânica para se instalar, produzindo diarréia e emagrecimento no animal, nos casos menos agudos. Pode haver inicialmente constipação (prisão de ventre) ou aparecimento de diarréia sanguinolenta e sempre de máu cheiro.

b) FORMA PULMONAR — nos casos em que o aparelho respiratório é o mais atacado, há respiração acelerada e ruidosa, com tosse e corrimento pelas narinas (ranho) com ou sem estrias de sangue; é a forma que costumam chamar de «batedeira» e que pode ocorrer também em outras moléstias. Nesse caso ocorre geralmente a presença da **Pasteurella multocida**, como germe de invasão secundária.

c) FORMA MISTA — Como já vimos, juntamente com o virus da peste, podem coexistir outros micróbios, que produzem moléstias diferentes, havendo assim «mistura» de sintomas. Além disso, as duas formas clínicas anteriores podem-se manifestar de uma vez só, havendo primeiramente sintomas pulmonares e depois gastro-intestinais, dando o que se chama «pneumoenterite», tambem encontrada em outras doenças de animais novos.

VENDA DE REPRODUTORES DUROC JERSEY
filhos de pais importados



FAZENDA CAJURU
Vila Cajuru SOROCABA
membro da UNITED DUROC RECORD ASSOCIATION Peoria, Illinois, USA
em São Paulo:
Av. Ipiranga, 1248 — 8.º — conj. 805 — tel. 36-2371 e 33-9215

COMO INICIAR CRIAÇÃO DE COELHOS

MÁRCIO INFANTE VIEIRA

Quando uma pessoa resolve criar coelhos, em primeiro lugar deve saber o que deseja produzir; carne, péles, pêlos ou se mais de um dêsses produtos ao mesmo tempo. Há raças especializadas para cada produção, e a escolha de animais adequados só pode trazer maiores lucros.

ESCOLHA DA RAÇA — Se o criador desejar produzir pêlos longos, não há dúvida; êle deve preferir a raça angorá (por ser a de maiores rendimentos).

Embora existam raças selecionadas para a produção de carnes, todas elas fornecem êsse produto de boa qualidade e em quantidades satisfatórias. Por isso, se o objetivo fôr carne, o melhor é escolher uma raça que tenha boas peles, pois, assim, os lucros aumentam com a venda destas.

Se os produtos desejados forem as peles, a carne concorre, e muito, para o maior rendimento da criação.

CLASSIFICAÇAO DAS RAÇAS — Há várias maneiras de classificar os coelhos. São, a seguir, apresentadas três formas práticas, que podem muito bem orientar as pessoas que desejem iniciar uma criação dêsses animais.

1. QUANTO AO TAMANHO OU PESO

RAÇAS GRANDES — Os coelhos dessas raças atingem mais de 5 quilos. Há referência a coelhos de 9 e 10 quilos, da raça gigante de Flandres. No Brasil, de um modo geral, as raças gigantes não se têm adaptado e, por isso, não é aconselhável a sua criação. Exemplos de raças dêste grupo: gigante de Flandres, gigante branco, berlier alemão e borboleta alemã.

MÉDIAS — Animais que pesam de 3,5 a 5 quilos. Pertencem, a êsse grupo, as chamadas raças industriais ou economicas. São elas as mais criadas, por serem as mais precoces e as que se reproduzem com mais facilidade e rapidez, dando maiores lucros. Exemplos: chinchila grande, azul de Viena, branco de Viena, branco de Nova Zelândia, Russo branco, fulvo da Borgonha, castor-rex e Alaska.

Uma das melhores raças para o Brasil é a chinchila grande, pois é precoce, resistente, reproduz com facilidade e dá ótima carne. Sua pele é das mais belas e imita muito bem a do chinchila, pequeno animal já bastante raro, cujas peles alcançam altos preços.

PEQUENAS — Atingem o máximo de 3,5 quilos Sua criação não é interessante, para fins lucrativos, pois o rendimento é muito baixo. Estão neste grupo além de outras, as raças negro-e-fogo, russo pequeno e chinchila pequena. A raça de menor tamanho é o arminho, de 1 a 1,5 quilos, e que tem os olhos vermelhos ou azuis.

2. QUANTO À PRODUèÇAO

Os coelhos ou raças podem ser reunidos em três grupos, de acôrdo com seus principais produtos:

a) CARNE — Tôdas as raças, exceto as pequenas, produzem carne de boa qualidade e em quantidades satisfatórias. Existem, contudo, algumas raças especializadas, como a gigante de Flandres, berlier alemão e gigante branco.

b) PELES — Algumas raças se destacam pela beleza da pele ou porque imitam a de algugm animal selvagem já raro. Exemplo, chinchila, azul de Viena, Havana, Castor-Rex, Prateado de Champagne, Branco da Nova Zelândia, Negro-e-Fogo etc.

c) PÉLOS — As raças angorá (branca, azul, etc) e a Sibéria são as principais para êsse tipo de produção.

3. QUANTO À COR

Se a pessoa estiver interessada por escolher a raça pela côr, a lista que se segue dará uma boa indicação:

Brancas — polonês (a melhor imitação do arminho), branco da Nova Zelândia, branco de Viena.

Negras — Alaska, negro-e-fogo e negro de Hotot.

Azuis — de Viena, de Beveren.

Cinzentas — Hal, Petit-gris.

Prateados — de Champagne, inglês e São Humberto.

(Conclui na pág. 110)

Avicultura

A luz artificial e o pêso dos frangos de corte

HENRIQUE F. RAIMO
Médico Veterinário

Maior pêso, com menor consumo de ração, no menor espaço de tempo — eis a base economica de verdadeira indústria de frangos de corte. Sómente podem ter lucros aqueles que produzem com alta eficiência. Daí a necessidade de «frangueiros» nas melhores instalações, espaço de comedouros e bebedouros, ventilação exata e melhores condições de trato, manejo e contrôle das anormalidades, lotação e rações de alto valor biológico.

No entanto, ainda se pode lançar mão de mais um recurso — a luz artificial. Na fase quente e chuvosa do ano, a temperatura se eleva durante mêses e as chuvas são continuadas elevando o gráu de úmidade do ar e tornando-se fator depressivo do ganho de pêso. Nesse caso, a luz ativa o crescimento e contribui para que os frangos consumam maior quantidade de ração, depois da meia noite, quando a temperatura cái para o mínimo das 24 horas. Daí, o aumento de pêso.

A INTENSIDADE DAS LAMPADAS

Um problema que sempre confundiu os avicultores foi a intensidade das lâmpadas de iluminação dos pinteiros e dos frangueiros. Parecia que, quanto mais intensa fôsse a iluminação, tanto maior seria o desenvolvimento dos pintos.

W. C. Skoglund, do Departamento de Avicultura da Universidade de New Hampshire (E.U.A.) estudou este aspéto da iluminação artificial dos «frangueiros», com frangos pesados no fim de dez semanas de vida. Eis os seus resultados:

Intensidade da luz em velas	Duração da iluminação	
	12 horas	24 horas
15	1.507 g	1.471 g
30	1.516 g	1.507 g
60	1.490 g	1.476 g
120	1.503 g	1.453 g
Média	1.503 g	1.476 g

Verifica-se que não há vantagem no iluminar os frangueiros durante as 24 horas do dia. A iluminação nas 12 horas da noite foi mais eficiente e mais economica. A intensidade da iluminação parece não ter efeito sôbre o crescimento dos pintos.

AS BASES DA ILUMINAÇÃO

A ação da luz sôbre o ganho de pêso dos pintos é aceita como função estimuladora, dentro de normas que ainda não foram bem fixadas. Assim é que o excesso de luz, em intensidade além da necessária, pode produzir efeitos contrários e até provocar o canibalismo, deficiência no empenamento e na qualidade das pênas, defeitos na vista e mesmo a cegueira parcial.

Diante dos resultados conhecidos das experiências, a luz nos pinteiros, frangueiros e casas-criadeiras pode ser fornecida nas seguintes bases: a) luz à noite inteira; b) luz depois da meia-noite e c) luz em periodos intermitentes.

A intensidade da luz deve ser dosada na base de 40 watts para cada 18 m2 de abrigo, as lâmpadas colocadas à altura de 1,80 metros do piso dos abrigos. A côr da luz pode ser branca ou vermelha, cujos raios luminosos, em comprimentos de onda, ativam a pituitaria das aves.

INTERMITENCIA DE LUZ E RAÇOES

Quanto ao valôr biológico dos sistêmas de iluminação artificial, as provas experimentais parecem confirmar a melhor associação dos periodos intermitentes de luz e rações de alta energia.

Os periodos intermitentes são programados na base de duas horas de luz e duas horas de escuridão, entre o cair do dia e o nascer do sol. Parece que os periodos alternados de repouso e de movimento para comer permitem melhor aproveitamento dos nutrientes, através do menor gasto de energia com a movimentação e da digestão em repouso, com a assimilação exata dos nutrientes.

Este sistema, porém, exige relogios de tempo, o que encarece a montagem dos frangueiros. Além do mais, a luz acesa depois da meia noite tem apresentado ótimos resultados, além de não exigir aparelhagem especial de contrôle.

Os comedouros e bebedouros devem estar sempre abastecidos e os bebedouros limpos ao cair da tarde.

Nas nossas condições de criação de frangos de corte, a iluminação dos frangueiros depois da meia noite, é, pois, mais um recurso para melhorar o rendimento economico desta especialização da avicultura.

Galinheiro com "coma" da Granja da Fazenda Paraíso, em Itatiba. Lote de frangas criadas em recria confinada, com ótimos resultados, quando medidas pela produção de ovos e vitalidade das frangas, durante o primeiro ano de postura.

Avicultura

Frangas em confinamento ou no campo. Qual o melhor sistema de criação?

HENRIQUE F. RAIMO
Médico Veterinário

As aves, nos seus diversos ciclos de criação, acomodam sua resistência orgânica às variações climáticas e aos sistêmas de exploração de seus produtos. Assim, a partir da quarta semana de vida, passam para um ciclo de criação, conhecido como «recria», sem aquecimento e em abrigos menos protegidos. Êste é o período de preparo das aves para os galinheiros de postura: as frangas são «climatizadas» para suportar os rigores do período de produtividade nos abrigos de postura, onde a competição existe de fato e as mais tímidas e fracas acabam sendo eliminadas como refugo da produção ou por mais atingidas pelas doenças.

A «recria» em abrigos-colónia de campo teve sua época no período de 1925 a 1945, quando as granjas de reprodução dominavam pelas suas próprias características a produção de pintos de um dia. Mas, depois que as cooperativas agrícolas da colónia japonêsa se firmaram na produção oveira comercial, a recria em abrigos-colónia deixou de ser empregada. As frangas passam diretamente do pinteiro para os galinheiros ou, como acontece em muitos aviários, o próprio galinheiro é o pinteiro e a recria, ao mesmo tempo.

Hoje, este é o tipo de recria de frangas que domina em nosso meio. A recria em abrigos-colónia restringe-se aos aviários de reprodução e a algumas organizações avícolas, instaladas em fazendas, onde não existe o problema de área disponível de terras para uso da avicultura industrial, geralmente em consórcio com o café, a laranja e outras culturas.

Aceitam os avicultores que as frangas criadas no campo, em abrigos-colónia, se tornam melhores poedeiras do que as frangas criadas em confinamento. As provas experimentais parecem confirmar em parte êsse ponto de vista, embora as diferenças não sejam tão extensas, de modo a não se indicar também na criação em confinamento.

Na Universidade de Missouri — E.U.A. — foi realizado um extenso controle de frangas criadas no campo, em abrigos-colónia e em confinamento. O período de recria foi de 8 a 22 semanas, quando as frangas foram selecionadas para entrada nos galinheiros de postura. Os resultados positivos foram os seguintes:

1.º — Das frangas criadas no campo, 93,3 por cento foram julgadas em condições de transferência para os galinheiros de postura e 93,1 por cento das frangas criadas em confinamento.

2.º — As frangas criadas em confinamento, quando transferidas para os galinheiros de postura, pesavam 5 por cento mais do que as frangas criadas no campo, em abrigos-colónia.

3.º — As frangas criadas em confinamento iniciaram a postura quatro dias mais cêdo.

4.º — A produção de ovos nos galinheiros de postura foi de 54 por cento para os dois grupos de frangas estudadas.

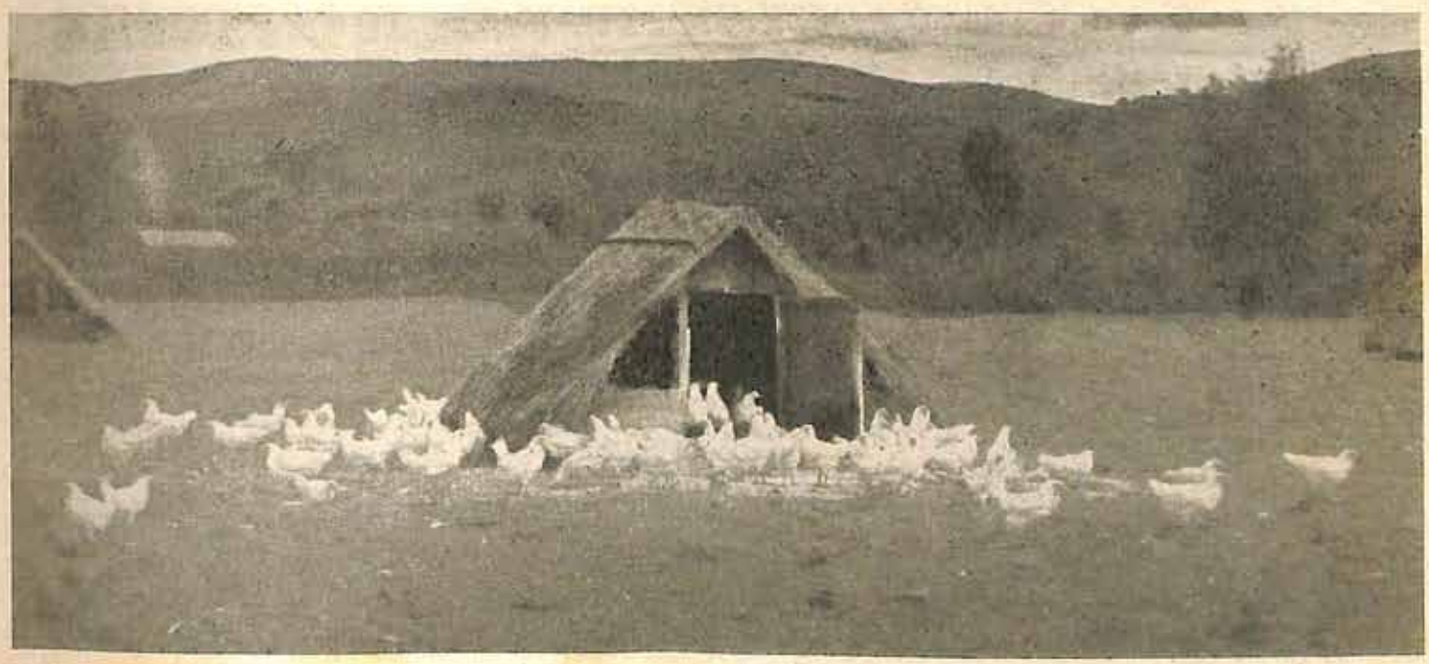
5.º — Contando-se a postura a partir do primeiro ovo, os resultados obtidos foram os seguintes: frangas do campo, 71,9 por cento; frangas em confinamento, 65,8 por cento.

6.º — Viabilidade. Este fator favoreceu ao lote de frangas criadas no campo, com 95,1 por cento em relação a 92,7 por cento para as frangas criadas em confinamento.

7.º — Não foi observada diferença no consumo de ração.

Na produção comercial de ovos, as frangas podem perfeitamente ser transferidas dos pinteiros confinados para os galinheiros de postura, sem prejudicar sua produtividade.

É o que vem fazendo a maioria dos avicultores do Estado de São Paulo, ficando a recria em abrigos-colónia restrita às granjas que produzem ovos para incubação ou à avicultura das fazendas, em consórcio com a agricultura.



Vista de abrigo-colônia para recria de frangos em campo. Podem ser abrigos rústicos e êste tipo de recria é aconselhável para as granjas de reprodução, pois as frangas refugas são eliminadas pela própria ação das forças da natureza.

Avicultura

Informações úteis para avicultores

VOCÊ SABE?

RENDA BRUTA DA PRODUÇÃO OE OVOS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1956-60

A renda bruta da produção de ovos no Estado de São Paulo, avaliada com os elementos disponiveis em várias fontes estatísticas, como a Associação Paulista de Avicultura, Divisão de Economia Rural e Serviço de Estatística da Produção, pode ser expressa nos números do quadro seguinte:

ANO	Valor em cruzeiro 1,0 :: bilhão	INDICE
1956	2,5	100,0
1957	3,1	124,0
1958	3,9	158,4
1959	5,4	214,5
1960	9,9	397,5

No quinquenio 1956-59, a produção de ovos proporcionou uma renda bruta que permitiu colocar êsse artigo em oitavo lugar entre os principais produtos da agricultura paulista, imediatamente abaixo do leite e acima da batata.

O valor da produção de ovos no Estado de São Paulo é proporcionalmente mais alto do que o de outros Estados da União. A sua produção quantitativa supera a de Minas Gerais em 86,3%, mas a diferença do valor da produção sobe a 137,8%.

Nos Estados Unidos, a renda bruta da produção de ovos está praticamente estacionária, tendo sido maior em 1953 do que em 1959, apesar do volume da produção favorecer este último ano.

RENDIMENTO DA PRODUÇÃO DE OVOS DA AVICULTURA INDUSTRIAL

Para obter o rendimento da produção de ovos nas criações industriais do Estado de São Paulo, de 1951-60, estabelecemos a relação ovo-galinha durante o ano de postura, elemento que pode determinar o índice de postura anual, tido como uma medida de eficiencia da exploração avicola. Para o cálculo da produtividade, utilizamos apenas os dados da Cooperativa Agricola de Cotia, representando apreciavel porcentagem da produção da avicultura organizada no Estado:

Ano	Ovos por galinha	Indice de postura
1951	151,2	41,4%
1954	159,8	43,8%
1957	161,7	44,3%
1960	185,2	50,6%

A produtividade das galinhas da raça Leghorn Branca, em postura, nessa organização, melhorou consideravelmente no decenio 1951-60, com um aumento de 34 ovos no período. Observa-se ainda que, nos dois terços iniciais do decenio, o progresso foi reduzido, apenas com 10,5 ovos por poedeira, ao passo que, no último terço, a elevação do rendimento alcançou 23,5 ovos por poedeiras. No período de 1957 a 60, o índice de postura subiu de 6,3%, ao passo que, no de 1951 a 57, apenas de 2,9%.

A eficiência da exploração das aves em postura não só vem experimentando crescentes progressos no último decenio, como ainda se apresenta em favoravel posição, tanto em relação à média do Estado, como à de outros paises.

Alguns observadores avaliam que a média da produção de ovos por galinha, no Estado de São Paulo, gira em torno de 80 ovos por ano. Os dados estatísticos registram 89 ovos para a Italia, 110 para a França, 125 para a Alemanha, 178 para a Belgica e cerca de 200 para os Estados Unidos.

Quer isso dizer que a avicultura já encontrou normas técnicas adequadas para tornar eficiente a exploração oveira no Estado de São Paulo, restando apenas que se generalizem os métodos e processos já aprovados no grupo de avicultores avançados: cruzamentos industriais, avaliação biologica das rações, modernização de sistemas de trabalho, como o emprego de gaiolas de postura e outros que possam levar à redução do custo da produção e à elevação dos índices de produtividade das aves.

A melhora evidente do padrão das rações vem sendo um dos principais fatores de aumento dos índices de postura, observado nos aviários comerciais do Estado de São Paulo, em que pese o valor dos cruzamento industriais, já executados em ponderavel volume pelas granjas de reprodução.

Granja Ipê

New Hampshire

Pintos de um dia, frangos e aves reprodutoras

Estrada Itapecerica - km 19 (Via Sto. Amaro)

Telefones:

61-2261 e 8-8935

INFORMATIVO DE INTERESSE AVÍCOLA

CISCANDO NOTÍCIAS

VIAGEM DE TÉCNICO AVICOLA PAULISTA AOS ESTADOS UNIDOS

Fazendo parte de um grupo de técnicos brasileiros, ligados às lides da avicultura, seguiu para os Estados Unidos, no começo de junho último, o médico veterinário Luiz Antonio Penteado, lotado na Secção de Avicultura do Departamento da Produção Animal de São Paulo.

COOPERATIVAS AVICOLAS NOS NUCLEOS FORMADOS PELA APLICAÇÃO DA LEI DE REVISÃO AGRARIA

O secretario da Agricultura, dr. José Bonifacio Coutinho Nogueira, em declarações à imprensa, tem falado da instalação de cooperativas nos núcleos que vão ser formados em decorrência da aplicação da Lei de Revisão Agrária no Estado de São Paulo.

No campo da avicultura industrial, as cooperativas avícolas ou mistas têm resolvido completamente o problema da difusão, amparo e distribuição dos produtos da avicultura obtidos de pequenos criadores e em área intensamente sub-dividida. Como exemplo típico, podemos citar a Cooperativa Avícola Mista de Ibitinga, a qual, congregando cerca de 200 pequenos avicultores, movimentou quase meio bilhão de cruzeiros na comercialização de aves, ovos, pintos, rações etc.

EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA NO PARQUE DA AGUA BRANCA

Como parte do programa da III Exposição-Feira de Médios e Pequenos Animais,

(Conclui na pág. 71)

TROCANDO EM MIUDOS

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

É CONTAGIOSO O CANIBALISMO?

Para explicar o aparecimento do canibalismo entre as aves, principalmente em pintos, já foram apontadas pelo menos dez causas. No entanto, ainda não se havia pensado no canibalismo provocado pelo contagio entre as primeiras aves picadas, como uma verdadeira contaminação dos lotes. Pois a Universidade de Maryland (E.U.A.) em um estudo de alimentação com diversos niveis de proteina da ração, encontrou fortes razões para acreditar no contagio do canibalismo.

Os pintos foram criados em bateria e recebiam ração com baixos niveis de proteina; ainda mais: os pintos machos recebiam ração que continha apenas 30% do total de proteina considerado ideal para os pintos.

Foram formados 12 lotes de 10 pintos cada um, recebendo todos a mesma ração, luz artificial, calor e espaço de bateria. 11 não apresentaram qualquer sinal de picagem, mas, no 12.º lote, 7 dos 10 pintos criados apresentaram bicagem das penas, e 2 deles, picagem tipica. Portanto, praticamente 100% dos pintos deste lote apresentaram sinais de canibalismo. Assim se confirma aquilo que os nossos avicultores já vêm notando: uma vez surgido um pinto picado, praticamente todo o lote apresenta sinais de canibalismo, como uma verdadeira contaminação.

Por isso, vale retirar os pintos picados dos lotes ou usar uma tinta repelente, para prevenir a extensão desta anormalidade, tão temida pelos avicultores.

EFEITO DA DEBICAGEM SÔBRE A GALADURA NOS LOTES EM REPRODUÇÃO

A debicagem elétrica dos pintos é prática que se generaliza em nosso meio, seja pela importação de debicadores próprios, seja pela sua fabricação, partindo de ferros de soldar.

A debicagem é praticada nos machos e nas fêmeas, indistintamente. Muitos pintos-machos serão reprodutores nas granjas que produzem ovos para incubação. Assim, seria do interesse geral conhecer a ação desta debicagem nos pintos-machos e sua futura influência na galadura, quando do acasalamento nos lotes em reprodução. Porque os galos se mantêm em posição para efetuar a galadura, apanhando com o bico a crista ou mesmo a barbela das galinhas. Tendo parte de seu bico cortada, cortada ou aparada em maior ou menor extensão, encontrariam dificuldades nesta preensão da crista ou da barbela.

Para uma prova positiva e eficiente desta dificuldade, a Universidade de Virginia (E.U.A.) debicou frangos de 212 dias, pela remoção de metade do bico superior e os manteve acasalados individualmente em pequenos parques. Lotes testemunhas foram constituidos com frangos com o bico inteiro.

Os resultados da incubação demonstram que tanto os lotes com frangos debicados, como os lotes com frangos de bico inteiro, apresentaram os mesmos resultados, seja na porcentagem de fertilidade, seja na eclosão.

ALGUMAS DOSAGENS DA FURAZOLIDONA NO COMBATE ÀS DOENÇAS DAS AVES

A furazolidona pode ser usada na prevenção e no tratamento de quase tôdas as doenças que atacam as aves. Por isso, o conhecimento de algumas dosagens deste produto é de interesse dos avicultores.

PULOROSE — para prevenção usar durante as primeiras duas semanas, 100 gramas por tonelada de ração e mais 15 dias com 50 gramas por tonelada, como curativo, durante 14 dias seguidos, 100 gramas por tonelada.

PARATIFO — a mesma dosagem preventiva da pulorose; como curativo, 200 gramas por tonelada de ração, durante 14 dias seguidos.

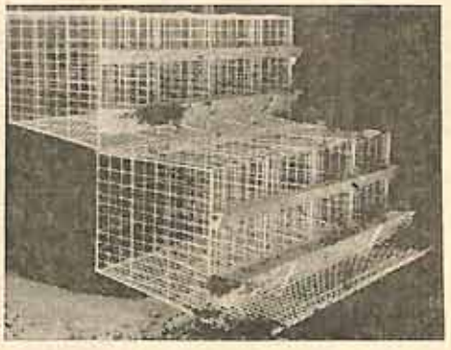
COCCIDEOSE — 50 gramas por tonelada de ração, pelo menos durante os primeiros 60 dias de criação; como curativo, durante 5 a 7 dias, 100 gramas por tonelada de ração, durante 7 dias seguidos.

MOLESTIA CRÔNICA RESPIRATÓRIA — como preventivo, 50 gramas por tonelada de ração, durante os periodos criticos: mudança de local, vacinações

Conclui na pág. 110)

AVICULTURA MODERNA E LUCRATIVA
é facil com o uso de gaiolas individuais

- 100% seleções de aves
- Elimina os parasitas
- 20% menos de mortandade
- Melhor qualidade de ôvo
- Reduz o espaço
- Ovos limpos
- Elimina a coccidiose
- Elimina o canibalismo
- Menos 20% de ração por dúzia de ovos produzidos
- Produção uniforme durante todo o ano
- Com menos mão de obra



DEBICADORA "ARAMINCO"
Proteja sua criação da bicagem e canibalismo e economize ração

Peça folheto e catálogo gratis à

ARMAÇÕES DE ARAME «ARAMINCO» IND. E COM. LTDA.

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 334
Caixa Postal, 99 — Fone 820
Mogi das Cruzes — Est. de São Paulo

Rua Almirante Brasil, 275 - Fone, 93-2691 - São Paulo

Avicultura

Os medicamentos de sulfa

O alvorecer da éra dos "medicamentos milagrosos" veio com os medicamentos de sulfa, na metade da década de 1930: a primeira comunicação de que uma nova arma médica havia sido descoberta veio da Alemanha, em Maio de 1933. Uma tintura vermelha, contendo a célula da sulfanilamida, havia curado quase instantaneamente uma criação atacada de septicemia estafilocócica.

Imediatamente tiveram início na Europa pesquisas para descobrir outros compostos de sulfa e, nos Estados Unidos, a Merck Sharp & Dohme se punha a trabalhar, como muitas outras companhias, até que, em abril de 1937, distribuia sulfanilamida, seguida logo após pela sulfapiridina, melhorada e mais eficiente.

Em 1937 e em 1943, sob a direção do dr. James M. Sprague, as pesquisas da MSD resultaram em contínuas descobertas de sulfa: sulfathiazole, sulfamerazina, sulfadiazina, sulfamethazina, succinylsulfathiazole, e phthalylsulfathiazole.

Dos oito compostos de sulfa mais usados na medicina humana, os laboratórios da M.S.D. sintetizaram seis, recorde jamais alcançado por qualquer outra empresa farmacêutica.

NOVOS BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE ANIMAL

Outro prometedor composto de sulfa surgiu de testes animais em 1943: a sulfaquinoxalina tão boa ou melhor do que qualquer outra sulfonamida, com a vantagem de permanecer no sangue por período de tempo mais prolongado. Ao verificar que não era indicada para medicina humana, os cientistas procuraram aplicá-la na veterinária, principalmente por haver mostrado excelentes resultados na proteção contra a malária em galinhas.

A mais recente utilização da sulfaquinoxalina foi descoberta quando, experimentada em galinhas, contra coccideose cecal, provou ser bem tolerada e eficiente, permitindo a produção de frangos, em grupos com menos de 2% de mortalidade causada por coccideose.

A MSD desenvolveu a sulfaquinoxalina em outros eficientes coccideostatos: nicarbazin para a contínua alimentação preventiva de frangos, em 1955; glycarbylamide em 1958; e amprolium — *Amprol* — que saiu das experiências da MSD, em 1960. Deste grupo, apenas o coccideostato pioneiro, "S.Q.", é sulfonamídico.

Entretanto, os sulfonamídicos, mesmo hoje, constituem vasto campo de pesquisa. Os cientistas da MSD recentemente encontraram um novo composto, sulfabromomethazine, que permite eficiência prolongada de níveis de sangue no gado para o tratamento de doenças como pneumonia, garuncho de pé, peritonite, tifo, difteria de novilhos e mastite aguda.

GRANJA DO MANECO

PINTOS DE UM DIA
LEGHORN E NEW HAMPSHIRE

Matriz:

TAPIRATIBA

Praça D. Carolina, 72 - Tels. 72 e 64

—o—

Filial em São Paulo:

GRANJA YPÊ

Estrada do Itapecerica Km. 19
(via Santo Amaro)

FONES: 61-2261 e 8-8935

TROCANDO...

(Conclusão da pág. 109)

diversas, alterações bruscas de temperatura e outras; como curativo, logo no começo ou nos primeiros sinais da doença, 200 gramas por tonelada, durante 14 dias seguidos; nos casos graves, 400 gramas durante 14 dias seguidos. Com este tratamento, não se observam, depois de 30 dias da medicação, sinais de volta da doença. Este mesmo tratamento vale para a coriza e outras anormalidades do aparelho respiratorio das aves.

DIARREIAS EM GERAL — como tratamento, 200 gramas por tonelada de ração durante 14 dias seguidos; se for o caso, para economizar, o tratamento das aves com sinais de diarreia, se faz em uma divisão da granja.

COMO INICIAR...

(Conclusão da pág. 105)

Tabaco — Havana.

Chinchila — Raça chinchila, da côr do pequeno animal do mesmo nome e considerada óttma imitação dêsse animal.

Além das côres mencionadas, existem muitas outras, vindo daí a grande variedade de uso para as peles de coelhos. As peleterias, quando o querem, lançam mão de tinturas para conseguir côres artificiais, por pintura ou tingimento.

Com as três maneiras de classificação mencionadas no presente trabalho é possível ao criador, mesmo principiante, ter orientação sôbre a raça a escolher, para atingir o seu objetivo, produzindo o que pretenda.

A escolha da raça é fator importante para o sucesso de uma criação. Por isso, antes de iniciar uma criação, devem ser levados em consideração dois pontos muito importantes: qual o produto desejado, e qual a raça mais indicada para produzí-lo.

CARCAÇAS E...

(Conclusão da página 95)

industrial não dispõe de misturadeiras de vacuo, o problema cresce de importância: ao embutir a massa, mais ar é incorporado, ficando então retido na tripa. As bolhas de ar nos produtos constituem fócos de contaminação que, invariavelmente, acarretam dissabores, tanto maiores quanto maior fôr o prazo decorrido do momento da fabricação.

Costumam os salsicheiros picar a tripa depois de cheia, para permitir a saída do ar retido; porém se esta pratica não fôr observada, principalmente nos produtos frescais, há possibilidade de aparecimento de manchas acinzentadas ou esverdeadas na massa do produto, indicando pontos de putrefação originados da existência de bolhas de ar.

MERCADOS

COTAÇÃO DE LATICÍNIOS NA PRAÇA DE SÃO PAULO

PRODUTOS	Preço ao atacadista kg Cr$	Preço ao atacadista kg Cr$	Preço ao consumidor kg Cr$
QUEIJO MINAS			
— comum	90—95	100—110	130—140
— pasteurizado			
União, Boa, Edméa)	—	145—150	180—200
— duro - Araxá	—	170—180	200—220
REQUEIJÃO			
Catupiri	—	40—60	65—80
QUEIJO PRATO			
de 1.a	—	200—210	240—250
de 2.a	—	170—180	200—220
QUEIJO TIPO PARMESÃO			
comum (frescal)	—	220—230	250—280
curado (Faixa Azul Dolar)	—	280—320	350—420
QUEIJO TIPO PROVOLONE			
Frescal e Mussarela			
Curado (Polenghi)	—	170—180	200—220
	—	200—220	240—260
MANTEIGA			
Extra	—	310—330	340—360
de 1.a	—	260—290	280—300
Comum		240—250	260—290
LEITE CONDESADO			
Caixa com 48 latas de 390 g.	—	2.300 a 2.400	65 a 70 c. lata
LEITE EM PÓ			
Caixa c| 12 latas de 1 quilo	—	3.200 a 3.400	150 a 170 c. lata
LEITE DE CONSUMO	—	ao produtor	ao consumidor (domicílio)
	—		
Tipo "C"		Cr$ 14,50	28,00
Tipo "B"		Cr$ 19,60	35,00
Tipo "A"		—	40—45

LEITE PARA INDUSTRIA	
Zona abastecedora de S. Paulo, Santos e Campinas	13 a 15
Nas demais zonas do Estado de São Paulo	13 a 15
No Sul de Minas, para queijos e leite em pó	Cr$ 13 p. (faz.)
Creme — kg de matéria gorda — Extra	até 250
— 1.a qualidade	até 180,00
— 2.a qualidade	até 150,00
Caseina láctica	até 120,00
Lactose bruta	até 110,00
Lactose refinada	" "

AVES E OVOS

Como haviamos previsto no comentário de junho, o preço dos ovos não acompanhou a elevação observada em todos os demais setores das atividades industriais. Assim é que, no período de 3 de abril a 5 de maio, tiveram alta apenas de Cr$ 25,00 por caixa de 30 dúzias, ou seja menos de Cr$ 1,00 por dúzia.

De acordo com as cotações fornecidas pela Associação Paulista de Avicultura, os preços pagos no mercado atacadista, no dia 5 de maio de 1961 foram os seguintes, para caixas de 30 duzias:

Tipo Especial	Cr$ 2.845,00
Tipo A	Cr$ 2.795,00
Tipo A	Cr 2.795,00
Tipo B	Cr$ 2.695,00

Os avicultores admitem que estes venham a ser os preços máximos deste ano avícola, prevendo uma estabilização, seguida de baixa na entrada da safra.

Desde que o mercado das utilidades empregadas nas granjas avícolas não se desmande na elevação continuada de preços, a avicultura poderá atravessar fase bem auspiciosa, quando da estabilização da moeda e do mercado consumidor. O Brasil poderá tornar-se exportador de produtos da avicultura.

A produção de carne continua estacionária, tendo em vista a estabilidade dos preços durante os dois últimos anos. De acordo com a Associação Paulista de Avicultura, os preços pagos no mercado atacadista de São Paulo, no dia 5 de maio de 1961, foram os seguinte por kg vivo:

Frangos vermelhos ou cruzados	Cr$ 105,00
Galinhas vermelhas	Cr$ 95,00

(Conclui na pág. 102)

CARNE, COURO E BANHA

	BARRETOS 14 de Junho	FRIGORÍFICO ARMOUR DO BRASIL S.A. Posto Frigorífico Em 31-1-61	FRIGORÍFICO WILSON DO BRASIL S.A. Posto Frigorífico Em 31-1-61
Bovinos para engorda (gado magro)	15.000,00 a 17.000,00		
Preços de compra:	Por arroba Cr$	Por arroba Cr$	Por arroba Cr$
Novilhos gordos	1.260,00	—	1.380,00
Carreiros e marrucos	1.150,00	1.100,00	1.280,00
Vacas e torunos gordos	—	1.300,00	1.280,00
Novilhos tipo consumo	—	—	—
Bois tipo consumo	—	1.200,00	—
Gado tipo conserva	—	900,00	900,00
Vitelos gordos	—	—	1.050,00
Vacas	1.150,00	1.100,00	—
Preços de venda:		Quilo	Quilo
Couro de boi até 27 quilos	—	63,50	63,50
Couro de boi acima de 27 quilos	—	63,00	63,00
Couro de vaca	—	61,00	61,00
Banha em rama	—	140,00	—
Banha em lata 3/20	—	8.900,00 p/ caixa	10.140,00 p/caixa
	Por cabeça		
Suinos magros (média de 6 arrobas)	5.000,00		
Suinos gordos	Por arroba		por arroba
Enxutos	1.200,00		1.350,00
Gordos	1.400,00		
Especiais	1.450,00		

RELATÓRIO N.º 197

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Em cooperação com o Departamento Nacional da Produção Animal do Ministério da Agricultura e do Departamento da Produção Animal de São Paulo

ABRIL DE 1961

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do animal	Grau do sangue	Idade anos	meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.									
Lactações até 365 dias (II Divisão) Três ordenhas (3x)									
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
A. Carolina-B16/6451-LM	PO	2	10	8584	273	6.465,0	232,7	3,59	Manoel A. Castro
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.									
A. Dina-D3/850-LM	PO	4	1	6975	275	6.985,0	244,0	3,49	Manoel A. Castro
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
Falada M. CAB-26805	PC	4	11	7192	337	5.183,0	174,5	3,36	Colégio Adv. Brasileiro
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Florença Madcap CAB-20350-LM	PC	7	0	4558	365	9.057,0	287,7	3,17	Colégio Adv. Brasileiro
Dureza Madcap CAB-21943	PC	6	7	4964	365	5.586,0	186,3	3,33	Colégio Adv. Brasileiro
Clarice Madcap CAB-26245	PC	5	0	6246	315	4.685,0	158,8	3,38	Colégio Adv. Brasileiro
J. Fada-D3/827	PO	8	0	7381	219	3.219,0	113,3	3,52	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
F. Flora Tangará-B16/6432-LM	PO	1	10	8853	311	4.426,0	148,1	3,34	Arthur M. Neves
S. Q. Eliana C. Africana-B-18/7452	PO	2	5	8929	319	3.526,0	122,4	3,47	Cia. Agrícola S. Quirino
Espanada III de Paraiba-33742	PC	2	4	8732	365	2.425,0	90,1	3,71	Espolio Olivo Gomes
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
Cast. V. Roosje 15-B15/6155-LM	PO	2	9	8671	363	4.072,0	152,8	3,75	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
S. Q. Esplendida-30452	PC	2	10	8872	324	4.014,0	127,9	3,18	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q.Excel. Rossana-B15/6139-LM	PO	2	9	8866	312	3.906,0	148,1	3,79	Cia. Agrícola S. Quirino
S. Q. Eleitora-30455	PC	2	10	8737	365	3.876,0	125,7	3,24	Cia. Agrícola S. Quirino
Aroeira Paraiba-33736-LM	PC	2	7	8733	365	3.788,0	142,6	3,76	Espolio de Olivo Gomes
S. Q. Ercilia-30451	PC	2	11	8873	320	3.210,0	102,2	3,18	Cia. Agrícola S. Quirino
Cop. Importada-31312	PC	2	7	8754	365	2.568,0	99,1	3,86	D. Pires Agro-Pecuária S.A.
Cast. T. Leeuwarder 42-B15/6194	PO	2	10	8237	229	2.564,0	100,0	3,90	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Regencia Paraiba-28678	PC	2	10	8490	293	2.313,0	89,6	3,87	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
Pilia 19 Baradero 1294-F7/3379-LM	PO	3	5	7680	365	4.505,0	156,0	3,46	Cia. Agrícola S. Quirino
Cop. Idonea-29846-LM	PC	3	2	8756	365	4.343,0	151,7	3,49	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Cast. V. Does 94-B15/5902	PO	3	0	8953	289	3.886,0	145,3	3,74	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Farina Jasmina-B16/6276	PO	3	0	8527	299	3.172,0	103,6	3,26	Arthur M. Neves
S. Q. Delgada-30456	PC	3	5	7823	348	3.100,0	107,3	3,46	Cia. Agrícola S. Quirino
Alvorada Paraiba-28685	PC	3	0	8492	294	2.925,0	100,7	3,44	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
Hol. Ali IV-B14/5711-LM	PO	3	10	7628	331	5.532,0	237,5	4,29	Coop. Agro-Pec. Holambra
S. Q. Diadema-29425-LM	PC	3	11	7489	353	5.443,0	175,8	3,22	Cia. Agrícola S. Quirino
S.M. Boz. M. Supreme-B15/6016-LM	PO	3	11	7502	333	4.716,0	162,2	3,44	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Carambola-32357-LM	PC	3	6	8753	365	4.110,0	160,6	3,90	Lelio T. Piza e Almeida
S.Q. Demorada-29457	PC	3	8	8797	325	3.936,0	129,3	3,24	Cia. Agrícola S. Quirino
Cop. Gaulesa-29854	PC	3	7	8755	359	3.410,0	126,7	3,71	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Cordilheira-28680	PC	3	10	8491	292	2.412,0	76,2	3,16	Espolio de Olivo Gomes
S. Q. Duqueza Xeura-B14/5435	PO	3	7	7305	91	1.435,0	50,8	3,54	Cia. Agrícola S. Quirino

(Segue na página 114)

Granja Sylvia

1.º Subdistrito de Jaguarão — Rio Grande do Sul

Tipo *Produção*

Detentora do título CAMPEÃ VACA, nas EXPOSIÇÕES ESTADUAIS DE PORTO ALEGRE, desde 1955, concorrendo sempre com animais diferentes

SYLVIA JUCY HOMESTEAD MADCAP
HBB/B-16-6569

GRANDE CAMPEÃ e CAMPEÃ VACA XXIII EXPOSIÇÃO ESTADUAL de ANIMAIS e PRODUTOS DERIVADOS, P. Alegre, 1959. GRANDE CAMPEÃ e CAMPEÃ VACA, EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE GADO LEITEIRO, Pelotas, 1960.

SYLVIA CUNHATAY MADCAP DUQUESA
HBB/B- 11/3874

GRANDE CAMPEÃ E CAMPEÃ VACA NA XXIII EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS Pôrto Alegre, 1956.

Filhos destas vacas com nossos touros pais — CRUZEIRO MOACARA SENATOR MADCAP HBB-A-7-3150, seis vêzes GRANDE CAMPEÃO nas exposições de Pelotas e P. Alegre e — DON BURKE INKA MODEL HBB-E-2/602, ganhador 5 vêzes do PREMIO PROGENIE de PAI, em Pelotas e P. Alegre, filho da ALL-CANADIAN e ALL AMERICAN **GLENVUE NOELLE INKA,** estarão disponiveis na proxima EXPOSIÇÃO NACIONAL, a realizar-se em agôsto, em P. Alegre.

Visite este Grande Certame e escolha pessoalmente seu pai de cabanha.

ARNALDO V. FERREIRA
Proprietário

ENG. AGRONOMO PAULO S. FERREIRA - Diretor técnico.

DR. LUIZ CARLOS S. SILVEIRA
Assessor veterinário

Qualidade *Rusticidade*

Nome do animal	Gráu do sangue	Idade anos	meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	Proprietário
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.									
S. Q. Colina-27198	7/8	4	4	7406	359	4.475,0	161,3	3,60	Cia. Agrícola S. Quirino
S. Q. Dalva-29440	PC	4	1	7643	315	4.312,0	144,3	3,34	Cia. Agrícola S. Quirino
Cast. D. Teatske 32-B13/5147	PO	4	5	7611	233	4.129,0	157,1	3,80	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
S. Q. Daiquita-27155	PC	4	3	8868	325	4.101,0	158,6	3,86	Cia. Agrícola S. Quirino
Chica 12 Master-F7/3370	PO	4	0	7483	355	3.818,0	135,3	3,54	Cia. Agrícola S. Quirino
S. Q. Desmaiada-29455	PC	4	0	7644	319	3.787,0	110,5	2,91	Cia. Agrícola S. Quirino
Saint R.E. 155 Pontiac 295-F7/3429	PO	4	1	7710	349	3.276,0	110,7	3,38	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Cast. D. Juweeltje 20-B13/5165	PO	4	5	9294	170	3.168,0	126.2	3 98	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Cast. F. Maaike 23-B15/5802	PO	4	2	8444	144	2.720,0	100,6	3,69	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
G. Maratona-24985-LM	PC	4	9	8791	326	4.839,0	175,1	3,61	Antônio C. Guimarães
Barraca Paraiba-28698	PC	4	10	6694	319	3.722,0	118,7	3,18	Arthur M. Neves
Sertão Briza-B12/4639	PO	4	8	8896	351	3.293,0	134,5	4,08	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Cop. Facinante-25435	3/4	4	10	8530	267	3.057,0	100,8	3,29	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
S.M. 739 E. 15 L. M.-HBA/032691	PO	4	9	7026	184	2.743,0	81,8	2,98	Lelio T. Piza e Almeida
Alabama-29842	PC	4	11	7400	269	2.587,0	94,8	3,66	D Pires Agro-Pecuária S. A.
Cast. L. Annette-B12/4307	PO	4	10	5931	89	1.345,0	54,8	4,07	Geert Leffers (Castrolanda)
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Wanda T. C.-F4/1845-LM	PO	9	8	2925	365	7.355,0	257,6	3,50	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
C. T. Alicia-F7/3052-LM	PO	9	6	4169	365	6.639,0	229,9	3,46	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Revista-22966-LM	PC	6	3	6584	365	6.458,0	224.0	3,46	SEmprêsa Imob. Bandeirantes
M's. Senator M. 5-F5/2242-LM	PO	7	2	3377	362	6.326,0	217,9	3,44	Cia. Agrícola S. Quirino
Salerosa-22722-LM	PC	7	9	7813	327	6.105,0	212,0	3,47	Eduardo C. Rodrigues
Boa Vista-29023-LM	PC	5	7	6621	365	6.076,0	212,9	3,50	Guido Malzoni
Gazosa-22655-LM	PC	7	6	7332	362	6.074,0	221,7	3,64	Guido Malzoni
Fartura-22092-LM	PC	7	6	7155	365	5.983,0	220,6	3,68	Guido Malzoni
Sertaneja-29133-LM	PC	6	9	7755	302	5.631,0	193,2	3,43	Eduardo C. Rodrigues
G.Magda-24974-LM	PC	6	1	5969	365	5.624,0	218,5	3,88	Antônio C. Guimarães
S.F.Angea-16037-LM	3/4	9	10	5909	239	5.348,0	175,3	3,27	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
Carneira-29010-LM	PC	6	5	7806	365	5.256,0	184,5	3,51	Guido Malzoni
Cast. D. Klazina 3-B12/4306-LM	PO	5	2	8951	327	5.167,0	184,6	3,57	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Antera-20906	PC	6	0	6821	365	5.140,0	167,5	3,25	Quatro Primos Lutfalla
S.Q. Cascavel-23717	PC	5	0	6516	346	5.128,0	152.4	2,97	Cia. Agrícola S. Quirino
Schaap LXXXVI-F7/1932(1)	PO	8	8	7204	338	4.972,0	173,9	3,49	Guido Malzoni
Fisica-25027	7/8	7	8	7746	266	4.906,0	163,7	3,33	Eduardo C. Rodrigues
Benton O. Violet (Twin)-F5/2224	PO	8	9	2991	364	4.814,0	167,4	3,47	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
S.Q. Alvorada-21879	PC	6	5	5350	352	4.735,0	131,4	2,77	Cia. Agrícola S. Quirino
Ruurdje B. 1-F5/2378	PO	8	6	3921	295	4.586,0	161,4	3,52	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Algema Paraiba-21924	PC	7	1	6783	270	4.411,0	165,5	3,75	Espolio de Olivo Gomes
Japke II-F3/1454	PO	9	10	7267	364	4.373,0	156,3	3,57	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Baldosa-26417	PC	5	8	6167	307	4.370,0	153,2	3,50	Cia. Agrícola S. Quirino
Careta-22718	PC	7	4	8466	233	4.265,0	133,9	3,13	Eduardo C. Rodrigues
Javas Paraiba-14094	PC	9	7	2230	365	4.261,0	169,9	3,98	Espolio de Olivo Gomes
Lotten (4) 624-F6/2991	PO	6	3	5676	365	4.249,0	159,1	3,74	Alberto Ferraz
Amazonas 3755-22791	PC	7	9	8761	365	4.187,0	147,9	3,53	Agrindus S. A.
Rima de Paraiba	NR	—		3388	319	3.945,0	141,1	3,57	Espolio de Olivo Gomes
M's. M. Champion 34-F7/3240	PO	9	6	7362	365	3.920,0	117,8	3,00	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Maaike 22-F4/1988	PO	8	5	7732	329	3.876,0	138,7	3,57	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
S M.Z. 2 Rcakerco-B11/4174	PO	6	2	5660	365	3.796,0	143,6	3,78	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Cananeia-6791	7/8	16	0	2019	365	3.758,0	149,0	3,96	Espolio de Olivo Gomes
Rumba Paraiba-33741	PC	5	7	8734	363	3.597,0	138,0	3,83	Espolio de Olivo Gomes
Hol. F. Siep 27-	NR	—		8953	259	3.578,0	115,5	3,22	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Amazonas 3684-22801	PC	7	10	4536	337	3.530,0	117,1	3,31	Agrindus S. A.
Hol. F. Jetje 3	NR	—		8952	310	3.511,0	139,3	3,96	Jan H. Groenwold (Castrolanda)
Cascata Ag. Negras-1095	7/8	—		4979	246	3.442,0	104,5	3,03	Alberto Ferraz
Willy's P. P. Mat. F7/3254	PO	5	11	6091	365	3.424,0	128,1	3,74	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Calmaria-28261	PC	5	0	7639	343	3.216,0	121,9	3,79	Cia. Agrícola S. Quirino
Vitoria Madcap CAB-19178	PC	7	8	7199	308	3.209,0	127,5	3,97	Espolio de Olivo Gomes
Cop. Escrava-25442	PC	5	2	8531	235	3.063,0	106,5	3,47	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Crizalida Paraiba-19152	PC	8	2	3545	335	2.821,0	107,4	3,80	Espolio de Olivo Gomes
Amazonas B-462-17107	PC	9	2	4135	331	2.813,0	83,4	2,96	Agrindus S. A.
S. C. Amapola P.-B10/3661	PO	6	9	8781	332	2.593,0	100,8	3,88	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Mesa (2)	NR	6	4	9261	143	2.305,0	85,7	3,71	Lincoln Castro da Rocha
Brejeira Ag. Negras-1428	PC	5	8	5935	225	2.156,0	79,6	3,69	Alberto Ferraz
Niagara	NR	—		8489	294	1.973,0	71,6	3,62	Espolio de Olivo Gomes
Tefje-F3/1120	PO	11	8	1871	145	1.490,0	51,3	3,44	Coop. Agro-Pec. Holambra
Lagoa- (1)	NR	—		8506	145	1.195,0	46,2	3,86	Rosendo de Souza
Cast. D. Leeuwarder 41-B12/4253	PO	6	7	7237	76	1.164,0	43,7	3,75	Jan H. Groenwold (Castrolanda)

RAÇA HOLANDÊSA — variedade vermelha e branca.

Lactações até 365 dias (II Divisão)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Mar. Fant. A. Teiana-27783	PC	3	8	7414	212	3.003,0	99,4	3.30	Luciano V. Carvalho
Mar. Filadelfia Teiana-BB1/444	PO	3	10	7892	307	2.742,0	99,1	3,61	Luciano V. Carvalho

Nome do animal	Grau do sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	Proprietário
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Mar. Europa Teiana-23931	PC	4-1	7437	184	2.219,0	83,0	3,74	Luciano V. Carvalho
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Mar. Ely Teiana-24937	7/8	4-10	8072	323	3.330,0	117,8	3,53	Luciano V. Carvalho
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Mar. Emboscada Alexina-23933	PC	6-11	6468	365	3.451,0	118,4	3,43	Luciano V. Carvalho
Dora 69-FF1/301	PO	6-4	6295	320	3.290,0	117,1	3,55	Luciano V. Carvalho
Hol. Frieda-BB1/295	PO	6-0	5004	298	2.878,0	109,1	3,79	Coop. Agro-Pec. Holambra
Hol. Rika III-BB1/293	PO	6-2	4918	111	1.329,0	44,1	3,31	Coop. Agro-Pec. Holambra
RAÇA JERSEY								
Lactações até 365 dias (II Divisão) Três ordenhas (3x)								
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Balada Sta. Hilda-1687-C-LM	PO	7-6	4920	365	6.923,0	290,7	4.19	João Laraya
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.								
Hortelã Banqueiro S. Hilda-3382-C	PO	2-1	8798	299	2.234,0	101,3	4,53	João Laraya
S. A. Cordilheira Zanalua-3390-C	PO	2-4	8735	363	2.027,0	92,3	4,55	Espolio de Olivo Gomes
S. A. Harmonia 2.a Mids. 3414-C	PO	2-3	8819	365	1.652,0	79,9	4,83	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Marusca Pat. 3393-C	PO	2-2	8821	339	1.820,0	87,8	4,82	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Grinalda 3.a Paxford-3410-C	PO	2-1	8820	339	1.472,0	68,5	4,65	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.								
Rainha Comary-3437-CLM	PO	2-8	8837	365	3.886,0	267,3	6,87	Jorge da Cunha Bueno
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
S.A.Minerva Patrician-3189-C-LM	PO	3-3	7842	365	2.949,0	154,4	5,23	Espolio de Olivo Gomes
Corcada 2.a Coranation-3192-C-LM	PO	3-2	7705	357	2.735,0	134,2	3.59	Espolio de Olivo Gomes
S.A.Raquel 2.a Zanalua-3187-C	PO	3-5	7390	365	2.571,0	128,2	4,98	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
S.A. Niagara Patr.-1901-C-LM	PO	3-9	6928	365	5.200,0	241,2	4,63	Jorge da Cunha Bueno
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
S.A. Honrada Records-1898-C-LM	PO	4-1	6658	357	3.561,0	160,4	4,50	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
S.A. Xelvia Patrician-1462-C-LM	PO	8-3	3671	365	3.719,0	179,7	4,83	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Malta Bolhayes-1256-C	PO	10-4	2362	365	3.474,0	138,9	3,99	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Olimpica Paxford-1863-C-LM	PO	5-3	5441	365	3.411,0	167,1	4,89	Espolio de Olivo Gomes
Esponja Brampton S. Hilda-3097-C	PO	5-1	6595	353	3.140,0	141,4	4,50	João Laraya
Aroeira da Patente-1449-C	PO	9-3	3568	336	2.776,0	126,2	4.54	Marcus Rafael A. Lima
S.A. Ita Patton-A/140	PO	8-8	2625	327	2.635,0	125,9	4,77	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Bartira Patrician-A/812	PO	—	4692	350	2.471,0	114,7	4,64	Espolio de Olivo Gomes
S.A. Harmonia Patton-1456-C	PO	8-3	4392	251	2.377,0	93,8	3,94	Espolio de Olivo Gomes
Alfazema do Brejinho-804/8	7/8	10-10	1876	365	2.308,0	93,6	4,05	Marcus Rafael A. Lima
Epa do Brejinho-2039	PO	5-6	5798	365	2.234,0	103,8	4,64	Marcus Rafael A. Lima
RAÇA SCHWYZ								
Lactações até 365 dias (II Divisão) Duas ordenhas (2x)								
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Nortista-19027	1/2	11-4	3739	365	3.811,0	143,5	3,76	Agrindus S. A.
Lydia-19021	1/2	11-11	4678	365	3.627,0	145,4	4,00	Agrindus S. A.
Revista-21282	1/2	7-3	4991	324	3.224,0	108,5	3,36	Agrindus S. A.
Agrindus Nelly-	NR	10-8	3748	326	3.118,0	131,0	4,20	Agrindus S. A.
RAÇA DINAMARQUESA VERMELHA E BRANCA								
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Duas ordenhas (2x)								
Dama-PDA/1137-LM	PO	6-2	7457	352	4.969,0	194,6	3,91	Josefina de Azevedo

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Produção: Dias de lactação	Produção: Leite kg.	Produção: Gordura kg.	Produção: %	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETÁRIO
RAÇA HOLANDÊSA — variedade preta e branca.										
Três ordenhas (3x)										
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Arlete Marciana-D3/849-LM	PO	4-10	8585	305	10.137,0	348,5	3,43	416	164	Manoel Alves de Castro
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
Hol. Vera VIII-B16/6350-LM	PO	2-5	8762	301	4.476,0	149,3	3,33	368	208	Coop. Agro-Pec. Holambra
Hol. Nella III-B16/6354	PO	2-5	8766	295	3.149,0	132,2	4,19	359	211	Coop. Agro-Pec. Holambra
Hol. Griet XV-B16/6369	PO	2-1	8763	305	2.736,0	109,6	4,00	381	199	Coop. Agro-Pec. Holambra
Legionaria Paraiba-33738	PC	2-5	8730	305	2.287,0	89,7	3,92	357	223	Espolio de Olivo Gomes
Estrangeira M. D'Este-30692	PC	2-4	8717	123	1.683,0	50,9	3,02	375	23	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
S.Q. Esperta-30427	PC	2-11	8695	305	3.466,0	111,5	3,21	368	212	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q. Empirica-30446	PC	2-11	8692	305	3.290,0	106,7	3,24	366	214	Cia. Agrícola S. Quirino
Sensitiva Paraiba-33737	PC	2-8	8652	305	2.607,0	100,0	3,83	389	191	Espolio de Olivo Gomes
Larangeira Paraiba-	NR	2-7	8728	305	2.481,0	92,6	3,73	371	209	Espolio de Olivo Gomes
Encosta M. D'Este-30689	PC	2-9	8803	105	1.475,0	46,5	3,15	350	30	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
CLASSE CJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Cop. Gapuia-31255	PC	3-4	8700	305	3.069,0	106,3	3,46	393	187	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Taça-28689	PC	3-4	8811	305	2.930,0	115,2	3,93	334	246	Espolio de Olivo Gomes
Caricia Paraiba-28679	PC	3-2	8812	284	2.549,0	97,0	3,80	340	219	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
Espigas C. P. Monogram-F7/3410	PO	3-8	8688	305	4.264,0	140,9	3,30	392	188	Lelio T. Piza e Almeida
Supimpa de Paraiba-27353	PC	3-11	6786	296	3.863,0	131,3	3,40	340	231	Espolio de Olivo Gomes
S.Q. Deliciosa-29454	PC	3-10	7686	305	3.576,0	105,5	2,95	381	199	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q. Dedeira-29443	PC	3-11	7640	273	3.446,0	115,0	3,33	360	188	Cia. Agrícola S. Quirino
Cierva 9 Baradero 1516-F7/3377	PO	3-6	7681	305	3.202,0	101,3	3,16	363	217	Cia. Agrícola S. Quirino
S.M. Bessie M.B. G.-B15/6028	PO	3-6	7566	305	3.055,0	111,2	3,63	405	175	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agr.
Gostosa J. B.-2244	PC	3-10	7543	305	3.019,0	109,3	3,61	423	157	Urbano Junqueira
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Cuando 30 M. Bar.-F7/3368-LM	PO	4-2	7207	305	5.060,0	164,5	3,25	371	209	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q. Dalila 5.ª-B14/5434	PO	4-0	7638	305	4.263,0	129,3	3,03	373	207	Cia. Agrícola S. Quirino
Camponeza-28630	PC	4-0	7589	288	4.048,0	151,8	3,74	313	250	Espolio de Olivo Gomes
S.Q. Dançatriz-27157	PC	4-1	7683	305	3.572,0	127,3	3,56	374	206	Cia. Agrícola S. Quirino
Corveta Paraiba-28649	PC	4-4	8816	289	3.555,0	106,6	2,99	315	249	Espolio de Olivo Gomes
S.Q. Dançata-27188	PC	4-1	7632	305	3.416,0	124,2	3,63	385	195	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q. Doravada-27193	7/8	4-1	7631	305	3.278,0	131,4	4,00	393	187	Cia. Agrícola S. Quirino
Brincadeira Ag. Negras-1562	7/8	4-5	6598	274	2.736,0	97,6	3,56	416	133	Alberto Ferraz
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
S.Q. Candeia-27195	PC	4-6	8738	305	3.332,0	132,5	3,97	361	219	Cia. Agrícola S. Quirino
Camarada-26420	PC	4-8	6446	305	3.137,0	108,3	3,45	353	227	Cia. Agrícola S. Quirino
S.Q. Cometa Africana-B14/5430	PO	419	6358	305	3.128,0	114,1	3,65	364	216	Cia. Agrícola S. Quirino
Cumbica M. D'Este-25637	PC	4-10	6355	269	2.890,0	97,9	3,38	373	171	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
Cuyabana M. D'Este-25658	PC	4-10	8801	197	1.905,0	60,6	3,18	356	116	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Alchimia M. D'Este-21385	PC	6-6	5100	305	5.353,0	159,3	2,97	375	205	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
Herculea S. Martinho-26974	PC	7-2	4422	305	3.779,0	133,6	3,53	394	186	Espolio de Olivo Gomes
Chica-26452	PC	5-2	6226	305	3.771,0	130,5	3,46	368	212	Cia. Agrícola S. Quirino
Cop. Escotilha-25420	PC	5-4	8757	305	3.622,0	137,0	3,78	376	204	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Dama Paraiba-14098	PC	9-6	6072	305	3.622,0	140,5	3,88	403	177	Espolio de Olivo Gomes
Ardida-22586	PC	6-1	6267	276	3.580,0	116,6	3,25	367	184	Quatro Primos Lutfalla
Aliança de Paraiba-8381	7/8	13-10	5957	305	3.577,0	125,3	3,50	362	218	Espolio de Olivo Gomes
Beatriz Ag. Negras-1427	7/8	5-9	5521	305	3.548,0	138,3	3,89	425	155	Alberto Ferraz
Bagunça Ag. Negras-1072	7/8	7-6	4658	305	3.168,0	90,5	2,85	381	199	Alberto Ferraz
Brejeira J. B.	NR	5-7	6921	269	2.842,0	95,7	3,36	320	224	Urbano Junqueira
Boemia Ag. Negras-1068	PC	8-1	4359	305	2.634,0	81,0	3,07	426	154	Alberto Ferraz
Dekis M 170-F7/3005	PO	5-7	6501	305	2.504,0	87,8	3,50	352	228	Alberto Ferraz
RAÇA HOLANDÊSA — variedade vermelha e branca.										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
Mar. Ivone T. Diamantina-31555	PC	1-11	8690	113	803,0	28,4	3,53	372	16	Luciano V. Carvalho

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos, meses	Produção N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Gordura kgs.	%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETÁRIO
RAÇA JERSEY										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Nora 2ª Zanalua-3196-C	PO	2-11	7704	254	1.339,0	71,2	5,32	367	162	Espolio de Olivo Gomes
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Gaivota Bolhayes S. Hilda-3164-C	PO	3-0	8597	300	1.787,0	80,2	4,48	415	160	João Laraya
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Mimosa Basil de Canela-A/133	PO	8-5	2626	305	2.923,0	139,6	4,64	397	183	Espolio de Olivo Gomes
Galileia do Passa Tempo-1528-C	PO	7-10	7874	303	2.853,0	126,7	4,44	356	222	Thomas R. Warren
Maria Basil de Canela-1489-C	PO	8-5	2624	260	2.326,0	104,2	4,48	332	203	Espolio de Olivo Gomes
Gargalhada	NR	—	8727	305	1.873,0	92,0	4,90	370	210	João Laraya
Oca-763	PO	7-1	5963	269	1.460,0	84,1	5,76	319	225	Thomas R. Warren
RAÇA SCHWYZ										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Agrindus Girota-24624	1/2	6-0	4829	301	3.303,0	131,3	3,97	418	167	Agrindus S. A.
Firmeza	NR	14-8	4136	301	3.130,0	134,4	4,29	414	162	Agrindus S. A.
Agrindus Ametica-24616	1/2	9-0	4905	228	2.605,0	107,8	4,13	347	156	Agrindus S. A.
Cabeludinha	NR	—	8759	240	2.250,0	87,3	3,87	355	160	Agrindus S. A.

LM — LIVRO DE MÉRITO
(1) — MORREU
(2) — VENDIDA
O último número em seguida ao nome de cada vaca corresponde ao seu número em registro genealógico.

CATEGORIA DE LONGEVIDADE

Esta relação passa a ser publicada sempre que seja registrada qualquer nova parição.

I — RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.

A — Vacas que superaram as exigências mínimas de **Leite** e **Gordura.**

Nome do animal	Gráu de sangue	Dias	Leite	Gordura	%	Lactações CL.p/G.	Lactações 2x-3x	Proprietário
1.º — B. V. Duchess Sen. Bela	PO	2190	51.496	1.740,1	3,37	1.º	6	Alberto Ferraz
2.º — Faroleza Sentinel	PC	2039	45.246	1.364,3	3,01	4.º	6	Colégio Adventista Brasileiro
3.º — Willy's Rossana M Alegria	PO	2070	41.675	1.483,5	3,55	2.º	6	Cia. Agrícola São Quirino
4.º — Firmeza Sentinel	PC	2060	38.406	1.325,4	3,45	6.º	6	Colégio Adv. Brasileiro
5.º — Amazonas Cabrita	PC	1815	38.033	1.254,8	3,29	7.º	2 3	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
6.º — Arlete Clara Silvia III	PO	1604	37.753	1.382,5	3,66	3.º	1 4	Manoel Alves de Castro
7.º — Agatha São Martinho	PC	1825	37.047	1.364,2	3,68	5.º	3 2	Dario Freire Meirelles
8.º — B. V. Jant. 633 LB 2.ª Ceres	PO	2409	35.998	1.164,6	3,23	10.º	2 6	Carlos Alberto Willy Auerbach
9.º — Amazonas L. Malogenea	PC	1757	33.949	1.187,1	3,49	9.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
10.º — Amazonas Napeva	PC	1763	33.916	954,2	2,81	27.º	7	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
11.º — Garça Sentinel	PC	1884	33.451	1.107,1	3,30	12.º	1 5	Espolio de Olivo Gomes
12.º — Balinha Sentinel	PC	1825	32.580	1.152,8	3,53	11.º	5	Colégio Adventista Brasileiro
13.º — Amazonas Nave	PC	1844	32.295	1.022,9	3,16	18.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
14.º — B. V. Jantje Ceres I	PO	2238	32.111	1.074,4	3,34	14.º	3 4	Carlos Alberto Willy Auerbach
15.º — Juliana Maria	PO	1609	30.078	1.192,4	3,96	8.º	3 2	S. A. Faz. Paraiso Ind. Agricola
16.º — Amazonas Média	PC	1567	29.997	904,5	3,01	41.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
17.º — B. V. Bar. 5333 Ceres 6.ª	7/8	2330	29.975	1.001,4	3,34	21.º	6 1	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
18.º — Portugueza	NR	1955	29.760	1.000,8	3,36	22.º	6	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
19.º — Amazonas Modesta	PC	1783	29.728	900,0	3,02	44.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
20.º — Galicia Madcap C.A.B.	PC	1460	29.676	937,6	3,15	32.º	4	Colégio Adventista Brasileiro
21.º — Vigo Burke Maria	PO	1453	29.393	986,9	3,35	24.º	4	Dario Freire Meirelles
22.º — B.V. Bena 629 LB 3.ª Ceres	PO	2070	28.923	962,7	3,32	26.º	2 4	Carlos Alberto Willy Auerbach
23.º — Amazonas Maleavel	PC	1982	28.613	903,2	3,15	42.º	6	Agrindus S. A.
24.º — Arlete Silvia	PO	1335	28.607	1.092,0	3,81	13.º	4	Lafayette Alvaro de S. Camargo
25.º — Fidalga (797)	NR	2256	28.570	1.011,0	3,53	19.º	7	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
26.º — Amareluz (535)	PC	2067	28.492	948,7	3,32	28.º	6	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
27.º — Amazonas Narrativa	PC	1729	28.304	889,5	3,14	47.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
28.º — Silene (603)	NR	1734	28.206	926,5	3,28	36.º	5	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy

Nome do animal	Gráu de sangue	Dias	Leite	Gordura	%	Lactações CL.p/G.	Lactações 2x-3x	Proprietário
29.º — Amaz. Marathon Gabriela	PC	2417	28.059	911,2	3,24	39.º	8	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
30.º — Javaneza	7/8	1828	28.043	1.054,4	3,75	16.º	3 3	Cia. Cafeeira do Rio Feio
31.º — Arlete Clara Silvia IV	PO	1314	27.889	943,3	3,38	30.º	5	Lafayette Alvaro de S. Camargo
32.º — Normanda de Paraiba	PC	1793	27.744	1.032,8	3,72	17.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
33.º — Veneza Sentinel	PC	1460	27.422	987,6	3,60	23.º	1 3	Espolio de Olivo Gomes
34.º — Gelatina (944)	PC	1693	27.261	942,9	3,45	31.º	4 1	Dario Freire Meirelles
35.º — Amazonas Lageada	PC	1364	26.933	899,3	3,33	45.º	1 3	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
36.º — B. V. Bena 629 LB 4.ª Ceres	PO	1637	26.687	878,3	3,29	51.º	2 3	Carlos Alberto Willy Auerbach
37.º — New Center D. R. Apple	PO	1646	26.643	1.010,9	3,79	20.º	3 2	S. A. Fazenda Paraiso Ind. Agr.
38.º — Lira Sentinel	PC	1411	26.411	924,7	3,50	37.º	5	Espolio de Olivo Gomes
39.º — Alba	PC	1969	26.268	1.059,5	4,03	15.º	6	Carlos Alberto Willy Auerbach
40.º — Maartebloem LXXVII	PO	1615	25.819	986,5	3,82	25.º	5	Geert Leffers (Castrolanda)
41.º — Harpista São Martinho	PC	1617	25.795	885,6	3,43	48.º	5	Espolio de Olivo Gomes
42.º — Alicita São Martinho	PC	1550	25.776	880,0	3,48	50.º	3 2	Dario Freire Meirelles
43.º — Amazonas L. Maltera	PC	1761	25.755	916,3	3,55	38.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
44.º — V. Brandina Agua Branca	PO	1358	25.338	906,4	3,57	40.º	2 3	Lafayette Alvaro de S. Camargo
45.º — V. Brandina Campana	7/8	1280	25.120	927,5	3,69	35.º	4	Lafayette Alvaro de S. Camargo
B — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite.								
46.º — Martona's Posch Cevada	PC	1531	28.317	793,3	2,80	104.º	5	Dario Freire Meirelles
47.º — São Quirino Arapua	PC	1620	28.104	867,4	3,08	55.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
48.º — Amazonas Guinazuza	NR	1810	27.159	859,3	3,16	62.º	5	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
49.º — Amazonas Muriçada	PC	1737	26.970	832,0	3,08	84.º	5	Agrindus S. A.
50.º — Celeuma Maria	PC	1519	26.664	817,6	3,06	89.º	5	Cia. Cafeeira do Rio Feio
51.º — Amazonas Mensal	PC	1435	26.629	752,5	2,82	145.º	4	Cia. Agrícola São Quirino
52.º — Amazonas Magnetica	PC	1635	26.272	835,5	3,18	79.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
53.º — Amazonas Majadacea	PC	1716	25.995	781,9	3,00	120.º	6	Cia. Agro-Pec. Faz. Monte D'Este
54.º — Amazonas Milagrosa	PC	1637	25.826	756,8	2,93	140.º	5	Cia. Agrícola São Quirino
55.º — Alga das Ag. Negras	PC	1868	25.805	846,1	3,27	73.º	6	Alberto Ferraz
56.º — Jardim Gravação	PO	1143	25.694	844,6	3,28	74.º	4	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
57.º — Martona's Fobes Divisa	PC	1340	25.617	857,7	3,34	64.º	4	Dario Freire Meirelles
58.º — Amazonas Manganosa	PC	1837	25.370	836,5	3,29	78.º	6	Cia. Agro-Pec. F. e Granja Irohy
59.º — Amazonas Guivannaita	PC	1702	25.003	791,8	3,16	107.º	5	Cia. Cafeeira do Rio Feio
C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.								
60.º — Sorocaba	PC	1770	23.853	946,6	3,96	29.º	3 3	Cia. Cafeeira do Rio Feio
61.º — Bontje'2 (Boneca)	PO	1749	22.998	935,4	4,06	33.º	6	Cia. Agrícola São Quirino
62.º — Batuira São Martinho	PC	1618	23.775	930,8	3,91	34.º	5	Dario Freire Meirelles
63.º — Amazonas Grotta	PC	1825	24.865	902,3	3,62	43.º	5	Cia. Cafeeira do Rio Feio
64.º — Ruyter 4 (229)	PO	1239	24.458	896,7	3,66	46.º	4	Cooperativa Agro-Pec. Holambra
65.º — Arboleda's B. 629 Lindb. 13	PO	1695	24.596	881,0	3,58	49.º	5	Carlos Alberto Willy Auerbach
II — RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.								
A — Vacas que superaram as exigências mínimas de Leite e Gordura.								
1.º — Jardineira II J.B.	PC	1287	45.063	1.469,0	3,26	1.º	1 3	Urbano Junqueira
2.º — Aafje I	PO	1821	32.411	1.257,0	3,87	2.º	6	Adrianus Sleutjes
3.º — Jardineirinha J.B.	PC	1585	28.045	988,7	3,52	3.º	5	Urbano Junqueira
4.º — Marie 4 (133)	PO	1476	25.861	885,3	3,42	5.º	5	Cooperativa Agro-Pec. Holambra
C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.								
5.º — Xiromante de Pinheiro	PO	1948	23.017	892,7	3,87	4.º	6	Ministério da Agricultura
6.º — Roosje II	PO	1582	24.383	880,3	3,61	6.º	5	Cooperativa Agro-Pec. Holambra
III — RAÇA JERSEY								
A — Vacas que superaram as exigências de Leite e Gordura.								
1.º — Sant'Ana Olinda Patton	PO	2347	27.284	1.290,7	4,73	1.º	6 1	Espolio de Olivo Gomes
2.º — S. A. Estrela Bolhayes	PO	2053	24.365	1.268,8	5,20	2.º	6 1	Espolio de Olivo Gomes
3.º — Sant'Ana Hera Magnet	PO	2156	23.820	1.142,2	4,79	3.º	6 1	Espolio de Olivo Gomes
4.º — S. A. Malta Bolhayes	PO	1900	22.501	1.021,4	4,53	7.º	5 1	Espolio de Olivo Gomes
5.º — India V	RO	1913	21.595	1.063,4	4,92	5.º	6	Espolio de Olivo Gomes
6.º — Nora Basil de Canela	PO	1967	21.056	980,4	4,65	10.º	5 1	Espolio de Olivo Gomes
7.º — Mimosa Basil de Canela	PO	2171	21.021	1.069,4	5,08	4.º	7	Espolio de Olivo Gomes
8.º — S. A. Catita Magnet	PO	1805	20.916	1.016,7	4,86	8.º	5 1	Espolio de Olivo Gomes
9.º — Ninfa Basil de Canela	PO	1898	20.601	1.021,7	4,95	6.º	5 1	Espolio de Olivo Gomes
C — Vacas que superaram as exigências mínimas de Gordura.								
10.º — India 7	PO	1773	19.639	1.003,7	5,11	9.º	6	Espolio de Olivo Gomes
11.º — S. A. Itamar Patton	PO	1435	18.263	960,3	5,25	11.º	3 1	Espolio de Olivo Gomes
12.º — Sant'Ana Raquel	PO	1731	17.751	924,0	5,20	12.º	5 1	Espolio de Olivo Gomes
13.º — Lucrecia Borgia	PO	1634	18.528	906,6	4,89	13.º	4 1	Espolio de Olivo Gomes

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.

S. A. Fazenda Paraiso Industrial e Agricola. São João da Boa Vista. Est. de São Paulo. Controle em 15/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
	3 ordenhas							
2.868	G. & B. Dugline F. Sensation	PO	10-10	1.º	34	19,420	0,584	3,00
3.152	Dolly Grow. Perfection	PO	8-9	3.º	103	18,130	0,576	3,17
3.409	Jonbell Sterling H.	PO	9-9	8.º	228	21,460	0,784	3,65
3.657	Bob-Mar Inka Dewdrop	PO	9-5	8.º	228	21,760	0,781	3,56
4.923	Benton Ormsby Viola (Twin)	PO	9-1	10.º	288	15,780	0,634	4,03
5.944	M's. Rag Apple Crusader 4	PO	7-3	10.º	318	15,580	0,608	3,90
6.424	M's. Milkmaster Imperial 35	PO	10-10	4.º	125	19,850	0,656	3,30
7.822	Saint R. Emperor 138 Wayne	PO	7-2	6.º	178	18,460	0,572	3,09
9.383	S.M. Linda Marksdekol	PO	4-1	3.º	95	17,180	0,619	3,60
	2 ordenhas							
2.926	New Center Piebe Dominó	PO	10-3	3.º	80	13,800	0,475	3,44
3.494	Don Roddie Dewdrop Meg	PO	10-1	4.º	134	14,360	0,410	2,85
5.985	Anca	PCOD	6-6	1.º	29	25,440	0,834	3,27
5.987	A.E.S.A. Colombina	PO	10-9	2.º	66	15,200	0,521	3,42
6.265	Rancheira	PCOD	11-10	6.º	168	13,220	0,473	3,57
6.367	Freerkji (Leopoldina)	PO	10-11	3.º	91	14,350	0,504	3,51
6.472	Guerra's Topmaster Lira	PO	5-11	2.º	46	24,700	0,860	3,48
6.602	São José Dançarina	PO	5-4	4.º	134	13,220	0,487	3,69
6.603	M's. Bessie Crusader 87	PO	10-6	2.º	38	19,400	0,608	3,13
6.613	Bond. Haven Centurion M. J.	PO	3-3	11.º	340	14,200	0,551	3,88
7.511	Sertão Camelia	PO	4-10	1.º	16	18,550	0,683	3,68
7.566	S.M. Bessie M. Butter Girl	PO	4-7	1.º	25	16,020	0,513	3,20
7.821	Saint Emperor 177 Chief 301	PO	4-3	10.º	295	14,200	0,599	4,22
7.914	Willy's Tony C. S. Kenia	PO	4-2	3.º	82	16,820	0,695	4,13
8.081	Willy's Sally Tensen Lucy	PO	4-6	8.º	239	13,720	0,485	3,53
8.512	Sta. Carolina Lita Hoarne	PO	4-6	1.º	38	18,220	0,730	4,00
9.147	Sta. Carolina Lenita Hoarne	PCOC	2-9	5.º	153	13,280	0,500	3,76
9.148	Duqueza	PCOC	3-7	5.º	149	13,000	0,422	3,25
9.149	Sta. C. Samambaia Pabst	PO	3-8	5.º	141	16,590	0,597	3,60
9.150	Sertão Coroada	PO	4-3	5.º	137	14,920	0,628	4,20
9.151	Sertão Exata	PO	2-5	5.º	170	15,380	0,545	3,54
9.153	Sta. C. Mona Marksman	PO	3-9	5.º	166	13,160	0,460	3,50
9.214	Sta. C. Maloca Pabst	PO	4-11	4.º	134	17,020	0,611	3,59
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	4-2	4.º	108	16,920	0,552	3,26
9.384	Sertão Esthonia	PO	2-9	3.º	93	16,440	0,628	3,82
9.385	Sertão Dakar	PO	3-10	3.º	80	19,500	0,677	3,47
9.387	Desha	PCOC	3-4	3.º	78	14,800	0,476	3,21
9.397	Sta. C. Mixa Marksman	PO	3-1	2.º	35	21,800	0,752	3,44
9.502	S.M. Gover. M. Marksdekol II	PO	3-8	1.º	30	13,630	0,478	3,50
9.503	Diacuí	PCOC	3-10	1.º	22	22,080	0,782	3,54
9.504	Estrofe	PCOC	2-6	1.º	39	15,220	0,471	3,09

Antônio Coelho Guimarães. Guaratinguetá. Est. de São Paulo. Controle em 18/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.376	Guará Melindrosa	PCOC	—	1.º	—	21,850	0,722	3,30
8.070	Manolita	PCOC	4-4	5.º	142	18,900	0,618	3,27
9.210	Guará Araponga	PCOC	3-7	4.º	154	15,400	0,591	3,84

Dr. Guido Malzoni. Jundiaí. Es. de São Paulo. Controle em 15/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.621	Boa Vista	PCOD	5-7	12.º	353	19,380	0,711	3,67
6.623	Canela	PCOD	6-6	8.º	225	17,690	0,645	3,65
6.630	Paulista	PCOD	8-9	2.º	35	29,060	0,883	3,03
6.632	Azeitona	PCOD	8-6	8.º	219	27,890	1,005	3,60
6.636	Cigana	PCOD	9-1	5.º	144	21,680	0,835	3,85
7.155	Fartura	PCOD	7-6	12.º	364	16,270	0,640	3,93
7.200	Coroa	PCOD	5-10	8.º	226	18,990	0,736	3,87
7.202	Jarrinha	PCOD	7-9	10.º	296	24,450	0,851	3,48
7.203	Biriba	PCOD	5-11	8.º	223	21,780	0,942	4,32
7.331	Doradinha	PCOD	5-8	10.º	295	16,090	0,764	4,74
7.377	Soberana	PCOD	5-6	11.º	332	18,390	0,733	3,98
7.529	Cabana	PCOD	6-0	7.º	212	16,660	0,592	3,55
7.530	Branca de Neve	PCOD	5-8	8.º	227	21,960	0,851	3,87
7.531	G.M.A. Parasita	PCOD	7-6	10.º	292	18,140	0,836	4,61
7.532	Delicia	PCOD	5-6	11.º	314	23,590	1,050	4,45
7.733	Balalaica	PCOD	5-8	11.º	335	15,770	0,751	4,76
7.734	Bigorna	PCOD	8-4	6.º	174	27,250	0,798	2,92
7.804	Galera	PCOD	5-7	11.º	324	16,030	0,678	4,23
7.806	Carneira	PCOD	6-5	12.º	352	15,140	0,572	3,77

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

DE SELEÇAO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOULAS

FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruza da raça no I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Contrôle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9.020 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos varias crioulas inscritas na Categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- FORTALEZA, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam a paginas..... desta edição, as médias das nossas produtoras.

Durante sua estada em S. Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilometro 23 da estrada asfaltada de Itapecerica - via Sto. Amaro

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Cxa. Postal 7258 - Telefone 61-2606

SÃO PAULO

Sociedade Cooperativa

CASTROLANDA Ltda.

GADO HOLANDÊS

PRETO E BRANCO

puro de origem

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA PELA A.P.C.B.

GRIETJE 42 — Em início de lactação com a produção média de 30 kg. Aos 5a 10m em 365d, produziu 7.807 kg. de leite e 250,914 kg de gordura com 4,32%. Inscrita no Livro de Mérito.

VENDA DE REPRODUTORES

DA RAÇA

SADLE BLACKE

Sua visita será um prazer

Sociedade Cooperativa

CASTROLANDA LTDA.

C. Postal, 131 – CASTRO – Est. Paraná

CONDUÇÃO

TREM – direto de São Paulo a Castro pela E. F. Sorocabana

AVIÃO - até Ponta Grossa prosseguindo de onibus até Castro (45 minutos)

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Produção Gordura	Produção %
7.835	Fortuna	PCOD	12-11	7.º	213	18,830	0,735	3,90
7.927	Wanda	PCOD	5-10	7.º	207	17,520	0,719	4,10
7.928	Lucera	PCOD	5-10	4.º	96	22,670	0,787	3,47
7.930	Traira	PCOD	6-1	7.º	183	19,920	0,757	3,80
7.931	Cocaina	PCOD	6-3	4.º	109	22,560	0,868	3,85
8.200	Faceira	PCOD	7-10	6.º	179	18,480	0,639	3,45
8.201	Batalha	PCOD	6-0	7.º	191	23,460	0,891	3,80
8.857	G.M. Garça	PCOD	4-8	11.º	340	13,210	0,498	3,77
8.858	Odalisca	PCOD	5-8	11.º	314	16,930	0,632	3,73
8.859	Mogiana	PCOD	5-7	11.º	325	16,230	0,763	4,70
8.930	Revolta	PCOD	5-7	10.º	303	15,000	0,552	3,68
9.041	Boazinha	PCOD	8-3	8.º	249	15,880	0,612	3,85
9.067	Cambraia	PCOD	6-8	7.º	204	16,700	0,602	3,60
9.068	G.M. Mulatinha	7/8	5-0	7.º	183	23,400	0,878	3,75
9.102	Fachina	PCOD	6-5	6.º	175	25,450	0,839	3,29
9.103	Perola	——	—	6.º	179	21,930	0,741	3,38
9.332	G.M. Paulistinha	PCOD	4-6	3.º	88	23,190	0,807	3,48
9.412	Caninana	PCOD	6-5	2.º	53	25,230	0,857	3,40
9.413	Caboclinha	PCOD	6-2	2.º	54	18,190	0,633	3,48

Espolio de Olivo Gomes. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 20/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.672	Espuma de Paraiba	PCOC	9-3	3.º	60	15,220	0,428	2,81
3.698	Harpista São Martinho	PCOC	8-9	3.º	79	14,410	0,376	2,61
4.422	Herculea São Martinho	PCOC	8-3	1.º	12	17,850	0,547	3,06
6.786	Supimpa de Paraiba	PCOC	4-11	1.º	23	16,880	0,524	3,10
6.925	Mantiqueira	PCOD	5-5	2.º	35	14,450	0,492	3,41
7.589	Camponeza	PCOD	4-11	1.º	12	14,480	0,492	3,40
8.039	Canabrava	PCOD	4-10	3.º	61	16,320	0,490	3,00
8.161	Juçara	PCOD	4-7	3.º	60	15,750	0,463	2,94
8.405	Pirata II de Paariba	PCOC	3-9	1.º	24	13,680	0,434	3,17
8.487	Labruna	PCOC	4-10	1.º	23	13,860	0,437	3,15
8.491	Cordilheira	PCOD	5-1	1.º	12	15,350	0,493	3,21
8.812	Caricia de Paraiba	PCOC	4-1	1.º	11	14,750	0,490	3,32
8.816	Corveta de Paraiba	PCOC	5-2	1.º	10	15,730	0,478	3,04
9.364	Laurel São Martinho	PCOC	4-9	3.º	81	13,250	0,404	3,05

Dr. Eduardo Celestino Rodrigues. Jundiaí. Est. de São Paulo. Controle em 14/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.735	Menina	PCOD	8-1	5.º	149	14,780	0,585	3,96
7.736	Fidalga	7/8	8-0	10.º	300	16,830	0,590	3,50
7.737	Estrela	7/8	5-9	4.º	98	31,760	1,190	3,74
7.738	Folgada	PCOD	7-10	7.º	230	16,100	0,576	3,57
7.740	Cabrocha	PCOD	8-5	2.º	50	20,030	0,557	2,78
7.741	Fumaça	PCOD	8-3	4.º	107	20,060	0,548	2,73
7.742	Lolita	PCOD	8-3	7.º	185	17,200	0,736	4,28
7.747	Argentina	PCOD	8-2	6.º	179	21,850	0,801	3,66
7.748	Pafuncia	3/4	6-11	9.º	247	16,710	0,628	3,75
7.749	Amazonas Mecha	PCOD	10-10	4.º	90	19,160	0,642	3,35
7.753	Cabana	PCOD	7-9	5.º	124	15,090	0,521	3,45
7.759	Marambaia	PCOD	7-9	2.º	56	24,130	0,888	3,68
7.814	Age	——	—	10.º	300	19,160	0,699	3,65
7.837	Malaguenha	PCOD	8-4	6.º	174	16,660	0,585	3,51
8.148	Cumparsita	PCOD	7-9	7.º	186	16,600	0,556	3,35
8.149	Caraca	3/4	9-0	1.º	13	29,430	1,126	3,82
8.310	Kini	PCOC	4-3	6.º	168	18,490	0,655	3,54
8.311	Benvinda	PCOD	4-8	6.º	180	20,610	0,843	4,09
8.415	Garrida	7/8	7-1	6.º	189	15,350	0,518	3,38
8.467	Dona	7/8	7-1	6.º	162	20,980	0,691	3,29
8.736	Perereca	7/8	8-5	7.º	185	13,900	0,646	4,64
8.860	Charrua	PCOD	4-0	11.º	321	15,990	0,559	3,49
9.029	Rosa	PCOD	3-4	9.º	311	13,200	0,543	4,11
9.030	Jussara	7/8	5-3	9.º	248	15,600	0,674	4,32
9.058	Estrelita	PCOD	5-7	8.º	240	18,110	0,680	3,75
9.065	Quelinda	PCOD	4-6	7.º	213	14,390	0,603	4,19
9.107	Lontra	7/8	11-0	6.º	189	16,460	0,607	3,69
9.108	California	PCOD	3-7	6.º	181	16,810	0,637	3,79
9.109	Goiania	PCOD	4-9	6.º	185	16,900	0,549	3,25
9.321	Bombeira	PCOD	4-6	4.º	110	20,190	0,617	3,05
9.322	Lambreta	PCOD	3-10	4.º	112	13,320	0,461	3,46
9.330	Alaska	PCOD	3-11	3.º	81	16,000	0,498	3,11

Cia. Agro-Pecuária Fazenda Monte D'Este. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 18/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.100	Alchimia de Monte D'Este	PCOC	7-6	1.º	1	24,340	0,979	4,02
5.447	Aparatia de Monte D'Este	PCOD	7-0	7.º	185	15,500	0,482	3,11
5.834	Amazonas Azuma	PCOD	5-10	7.º	192	14,490	0,417	2,88
5.838	Anna Bella de Monte D'Este	PCOC	7-2	5.º	146	21,600	0,736	3,40
6.048	Amazonas Somalia	PCOD	6-4	7.º	189	15,510	0,550	3,54

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
6.355	Cumbica de Monte D'Este	PCOD	5-10	1.º	28	24,930	0,922	3,70
7.279	Dispensa de Monte D'Este	PCOC	4-10	2.º	36	15,730	0,339	2,16
7.481	Drama de Monte D'Este	PCOC	4-11	2.º	36	20,100	0,663	3,29
7.933	Dea de Monte D'Este	PCOC	4-5	2.º	35	14,670	0,434	2,96
8.117	Amazonas Londrina	PCOD	6-3	5.º	140	14,780	0,465	3,15
8.337	Diagrama de Monte D'Este	PCOC	4-7	4.º	104	16,270	0,686	4,21
8.339	Extra de Monte D'Este	PCOC	3-8	4.º	117	18,130	0,616	3,40
8.379	Ervilha de Monte D'Este	7/8	4-0	1.º	8	15,150	0,546	3,60
8.663	M's. Seisation C. Madcap 4	PO	7-8	3.º	64	20,580	0,617	3,00
8.717	Estrangeira de M. D'Este	PCOC	3-4	1.º	5	17,560	0,518	2,95
8.801	Cuyabana de Monte D'Este	PCOC	5-10	1.º	2	15,260	0,587	3,85
8.803	Encosta de Monte D'Este	PCOC	3-9	1.º	12	15,100	0,498	3,30
9.473	Duplicata de Monte D'Este	PCOC	4-4	1.º	2	16,890	0,573	3,39
9.474	Esquadra de Monte D'Este	PCOC	3-10	1.º	32	16,290	0,466	2,86
9.475	Enguia de Monte D'Este	PCOC	3-7	1.º	6	15,860	0,476	3,00

Agrindus S. A. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 25/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.408	Amazonas 3770	PCOD	8-10	1.º	5	14,280	0,520	3,64

Cia. Agricola São Quirino. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 24/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.837	Amazonas Meeira	PCOD	11-0	2.º	59	22,480	0,613	2,73
4.812	São Quirino Alsacia	PCOD	7-7	7.º	200	17,720	0,498	2,81
5.713	São Quirino Babosa	PCOC	6-7	8.º	225	19,340	0,585	3,02
5.991	São Quirino Cicuta	PCOC	5-11	4.º	97	15,200	0,371	2,44
6.226	Chica	PCOD	6-3	1.º	8	16,840	0,555	3,29
6.229	Cabrita	PCOD	5-5	3.º	79	16,550	0,483	2,92
6.358	São Quirino Cometa Africana	PO	5-10	1.º	20	19,520	0,495	2,53
6.449	São Quirino Cassandra	PCOC	5-7	5.º	150	15,190	0,513	3,38
6.770	Centena	PCOD	5-3	2.º	45	16,180	0,566	3,50
7.021	São Quirino Biscaia	PCOC	6-6	2.º	61	21,030	0,535	2,54
7.207	Cuando 30 Master Baradero	PO	5-2	1.º	30	20,860	0,686	3,29
7.404	Carlucha 6 Master	PO	4-7	2.º	35	21,700	0,648	2,99
7.631	São Quirino Doravada	7/8	5-2	1.º	13	15,850	0,492	3,10
7.632	São Quirino Dançata	PCOC	5-2	1.º	16	15,470	0,483	3,12
7.683	São Quirino Dançatriz	PO	5-0	1.º	16	27,110	0,799	2.95
7.640	São Quirino Dedeira	PCOC	5-0	1.º	15	24,390	0,672	2,75
7.681	Cierva 9 Baradero 1516	PO	4-6	1.º	20	18,350	0,502	2,73
7.638	São Quirino Dalila Quinta	PCOC	5-1	1.º	18	15,860	0,520	3,28
7.686	São Quirino Deliciosa	PCOD	4-11	1.º	20	21,680	0,691	3,18
8.136	Cachoeira	PCOD	5-3	3.º	72	17,320	0,567	3,27
8.215	Carandá	PCOD	5-4	7.º	199	15,810	0,553	3,49
8.410	Carmen	PCOD	5-10	6.º	156	15,910	0,531	3,34
8.605	São Quirino Emerina	PCOC	4-1	1.º	7	15,440	0,487	3,15
8.692	São Quirino Empirica	PCOC	3-11	1.º	30	16,000	0,562	3,51
8.695	São Quirino Esperta	PCOC	4-0	1.º	36	15,460	0,528	3,41
8.738	São Quirino Candeia	PCOD	5-6	1.º	24	15,940	0,631	3,96
9.219	São Quirino Domitilia	7/8	5-0	4.º	108	15,620	0,530	3,39
9.441	São Quirino Carioca	7/8	5-7	2.º	41	16.370	0,498	3.04
9.442	São Quirino Franca	PCOC	2-9	2.º	63	16,580	0,445	2,68
9.443	São Quirino Fervorosa	PCOC	2-9	2.º	57	16,560	0,515	3,11
9.476	São Quirino Fortunata	PCOC	2-10	1.º	23	15,640	0,574	3,67

Alberto Ferraz. Agulhas Negras. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 25/4/961.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

4.231	Bateria das Agulhas Negras	PCOD	9-10	4.º	95	13,090	0,445	3,40
4.359	Boemia das Agulhas Negras	PCOD	9-3	1.º	9	17.400	0,554	3.18
4.979	Cascata das Agulhas Negras	7/8	—	1.º	26	15,850	0,385	2,43
5.059	Bombacha das Agulhas Negras	7/8	8-2	3.º	86	17,930	0,581	3,24
5.521	Beatriz das Agulhas Negras	7/8	7-0	1.º	10	20,770	0,765	3,68
5.524	Svea M 170	PO	6-5	3.º	82	16,700	0,601	3,60
5.758	Lova N 329	PO	6-10	2.º	38	17,060	0,642	3,76
5.935	Bregeira das Agulhas Negras	PCOD	6-11	1.º	26	14,850	0,451	3,04
6.113	Lissi 329	PO	6-11	6.º	161	14,350	0,575	4,00
6.598	Brincadeira das Ag. Negras	7/8	5-8	1.º	28	15,850	0,434	2,74
7.291	Bella (3)	PO	7-4	2.º	45	15,850	0,474	2,99

D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 24/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.919	Amazonas B-340 (43)	PCOD	9-9	5.º	156	15,180	0,607	4,00
8.252	Copacabana Franca	PCOD	6-0	3.º	80	16,020	0,552	3,45
8.303	Copacabana Finesse	PO	5-6	1.º	16	15,900	0,606	3,81
8.757	Copacabana Escotilha	PCOD	6-4	1.º	7	17,800	0,675	3,79
9.408	Cocapabana Jubilosa	PCOC	3-1	2.º	55	13,400	0,468	3,49
9.495	Copacabana Javaneza	PO	3-1	1.º	22	13,540	0,502	3,71

Fazenda Campo Lindo

Recordista brasileira de produção de leite e gordura com JARDINEIRA II J.B.

Produções:
365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg - 3,21% 3x

JARDINEIRINHA J. B. — Campeã da Raça Holandesa vermelha e branca na XI Exposição de Caxambú. E' filha de JARDINEIRA II J. B., que por sua vez é detentora do "Balde" e da "Batedeira de Ouro", sendo também recordista no S.C.L. como v.b. adulta em 2 ordenhas.

Conquistamos J. B. o "Balde" e o "Batedeira de Ouro" com Jardineira II

150 anos de seleção

URBANO JUNQUEIRA

Criação de gado Holandês, preto branco e vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO

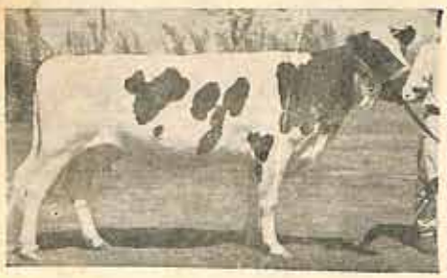
CRUZILIA — MINAS GERAIS

Fazenda
PRIMAVERA

Criação e seleção de gado Holandês, preto e branco, puro de origem e puro por cruza de alta produção

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA PELA A.P.C.B.

PRIMAVERA CESAR — Campeão absoluto na Exposição de Bragança Paulista - 1957.



SAN MIGUEL 739 ELBITA 15 — Campeã P.O.I. e 1.º prêmio na Exposição de Bragança Paulista - 1959.

AGRO-PECUÁRIA
PRIMAVERA
LTDA.

JARINU - Est. de S. Paulo
RUA JOÃO BRICOLA, 39 - 2.º AND.
Em S. Paulo:

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
	Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. Controle em 21/4/961. Regime de semi-estabulação. 3 ordenhas.							
3.636	Lindoia Sentinel II	PCOC	8-0	2.º	39	14,200	0,486	3,42
3.909	Holambra Erna	PO	7-11	8.º	245	13,610	0,475	3,49
4.558	Florença Madcap C.A.B.	PCOC	7-0	12.º	357	16,500	0,535	3,24
5.054	Maravilha Madcap C.A.B.	PCOC	6-7	4.º	154	16,830	0,533	3,17
5.161	Faveira Madcap C.A.B.	PCOC	6-11	3.º	55	14,950	0,474	3,17
6.875	Belinha Madcap C.A.B.	PCOC	6-7	1.º	5	13,330	0,486	3,64
7.810	Elizabeth Madcap C.A.B.	PO	6-1	2.º	26	20,300	0,634	3,12
8.399	Finesa Madcap C.A.B.	PCOC	4-6	1.º	5	16,750	0,598	3,57
9.359	Laica Medalist C.A.B.	PCOC	2-6	3.º	53	13,230	0,435	3,29
9.494	Fronteira Medalist C.A.B.	PCOC	2-8	1.º	15	13,970	0,549	3,93
	Dr. Gil Celidonio Gomes dos Reis. Louveira. Est. de São Paulo. Controle em 30/4/961. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
9.165	Marmelada	NR	1-3	5.º	124	13,500	0,523	3,87
9.325	Africana de Louveira	7/8	8-2	4.º	111	18,160	0,633	3,48
9.328	Nevada	NR	—	4.º	119	13,900	0,526	3,79
9.377	Noiva	7/8	8-7	3.º	64	16,510	0,573	3,47
9.431	Beleza de Souzas	7/8	5-4	2.º	45	21,700	0,762	3,51
9.432	Caravela	3/4	7-1	2.º	38	19,100	0,635	3,32
9.433	Rainha de Souza	3/4	13-5	2.º	40	19,850	0,672	3,38
9.434	Fortuna	PCOD	10-10	2.º	33	14,990	0,537	3,58
9.486	Tesoura	NR	—	1.º	19	18,060	0,640	3,54
9.487	Alemoa	NR	—	1.º	12	22,750	0,972	4,27
9.488	Cartola	NR	—	1.º	30	22,300	0,911	4,08
9.489	Bisca de Louveira	7/8	7-10	1.º	1	14,680	0,559	3,80
9.490	Redonda	NR	—	1.º	8	17,460	0,663	3,80
9.491	Coimbra	NR	—	1.º	33	20,310	0,758	3,73
9.492	Mascarada	NR	—	1.º	17	18,650	0,669	3,58
	Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de Minas Gerais. Controle em 10/4/961. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 ordenhas.							
	3 ordenhas							
6.327	Arlete Clara V	PO	5-10	7.º	242	20,750	0,783	3,77
8.114	Arlete Liberdade II	PO	4-2	5.º	113	25,170	0,876	3,48
8.585	Arlete Marciana	PO	6-0	2.º	58	36,180	1,112	3,07
9.055	Arlete Galia	PO	4-5	8.º	212	19,070	0,852	4,47
9.141	Arlete Saudade	PO	4-5	5.º	135	20,800	0,896	4,31
9.466	Arlete Soraya	PO	3-0	1.º	20	26,790	0,926	3,45
	2 ordenhas							
3.077	Arlete Clara Silvia III	PO	9-10	9.º	304	17,630	0,696	3,95
	Jotamar Administração e Comércio S. A. Santo Amaro. Controle em 18/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
8.033	Esperança	PCOD	4-11	3.º	59	15,230	0,508	3,33
8.288	Gruta	PCOD	6-11	4.º	113	13,970	0,501	3,59
8.348	Alavanca	PCOD	5-5	2.º	56	22,950	0,785	3,42
8.349	Santabri Plateria R.A. Ajax	PO	5-5	2.º	43	20,200	0,666	3,29
8.848	Renda	PCOD	6-7	3.º	87	13,230	0,444	3,36
	Dr. Arthur Monteiro Neves. Souzas. Est. de São Paulo. Controle em 4/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
9.407	Floresta Simpatia	7/8	3-9	2.º	42	13,160	0,524	3,98
	Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio. Itanhandú. Est. de Minas Gerais. Controle em 12/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
6.400	Jardim Odete	PCOC	7-0	1.º	22	32,040	1,122	3,50
6.910	Jardim Ovelha	NR	7-0	2.º	62	18,800	0,683	3,63
8.269	Jardim Monilka	PO	4-9	3.º	75	19,810	0,638	3,22
9.465	Jardim Poma	NR	4-7	1.º	37	22,430	0,741	3,30
	Quatro Primos Lutfalla. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 26/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
5.873	Dengosa	PCOD	7-0	8.º	285	13,780	0,633	4,59
6.267	Ardida	PCOD	7-1	1.º	15	19,830	0,623	3,14
6.821	Antera	PCOD	7-4	3.º	66	13,650	0,460	3,37
7.558	Anjú	PCOD	7-8	3.º	77	19,500	0,813	4,16
9.411	Cristaleira	PCOD	4-10	2.º	70	15,910	0,607	3,82
9.493	Ermida	PCOC	2-6	1.º	3	14,500	0,658	4,54
	Lincoln Castro da Rocha. Barra Mansa. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 27/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
9.260	Paca	NR	6-6	4.º	116	15,650	0,626	4,00
9.262	V. Brandina Cancaia Nobre	PCOC	8-0	4.º	112	14,100	0,524	3,71
9.263	V. Brandina Sonata Ruurd	PCOC	5-2	4.º	92	13,830	0,468	3,38

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
9.367	Campo Alegre Manobra	PCOD	6-11	3.º	70	14,380	0,489	3,40
9.417	Gracinha	PCOD	7-1	2.º	57	20,650	0,832	4,03
9.470	Campo Alegre Fazendona	PCOD	7-0	1.º	17	19,050	0,478	2,51
9.471	Corina	NR	—	1.º	30	13,030	0,398	3,05
	Emprêsa Imobiliária Bandeirantes. São Bernardo do Campo. Est. de São Paulo. Controle em 20/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
4.747	Jantsje 24 (2)	PO	8-11	3.º	60	16,910	0,547	3,23
5.198	Pipoca	PCOD	9-9	5.º	135	14,300	0,474	3,31
6.585	Samba	PCOD	9-10	5.º	126	13,630	0,495	3,63
7.345	Campinas	PCOD	5-8	5.º	157	16,080	0,524	3,25
	Urbano Junqueira. Cruzília. Est. de Minas Gerais. Controle em 21/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
1.414	Esperança J. B.	PCOD	8-1	1.º	23	15,660	0,422	2,69
6.175	Sorte J. B.	NR	—	2.º	67	17,400	0,569	3,27
7.166	Tentação	PCOC	5-2	3.º	78	14,000	0,478	3,41
7.543	Gostosa J. B.	PCOC	5-0	2.º	67	19,220	0,584	3,03
9.499	Dansa J. B.	PCOC	2-7	2.º	65	13,460	0,405	3,01
	Sociedade Agrícola Fio de Ouro. Garça. Est. de São Paulo. Controle em 6/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
9.505	Olera Ormsby	PCOC	5-7	1.º	52	31,400	0,905	2,88
9.506	G. N. Estrela	PCOC	5-11	1.º	45	24,600	0,718	2,92
9.508	Marabá	PCOD	9-0	1.º	37	38,450	0,949	2,46
	Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida. Jarinú. Est. de São Paulo. Controle em 27/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
5.083	Lili	PCOD	10-0	5.º	114	16,290	0,533	3,27
5.084	Perola	PCOD	9-10	8.º	223	15,350	0,491	3,20
5.248	Daicui	PCOD	10-0	3.º	64	21,170	0,587	2,77
5.375	Venus	PCOD	9-7	8.º	239	13,030	0,533	4,09
6.684	Artista	PCOD	8-8	1.º	27	23,580	0,922	3,91
6.968	Primavera Baiana	PO	5-7	3.º	58	14,460	0,472	3,26
7.911	Aliada	PCOD	6-10	6.º	173	15,270	0,554	3,62
8.287	Espigas L. Strandjutter	PO	4-11	7.º	187	14,390	0,599	4,16
8.504	Cabocla	PCOC	5-4	1.º	31	14,640	0,516	3,52
8.505	Espigas Monogram	PO	4-4	2.º	45	13,340	0,515	3,86
8.582	Santabri Luz R. A. Ajax	PO	5-1	2.º	46	15,680	0,625	3,98
8.686	Santabri Capuchina R.A. Ajax	PO	5-4	4.º	90	13,670	0,591	4,32
8.688	Espigas C. P. Monogram	PO	5-3	1.º	6	15,500	0,579	3,73
9.430	Dora	PCOC	3-8	2.º	52	14,580	0,563	3,86
	Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de São Paulo. Controle em 3/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
4.168	Holambra Griet	PO	7-10	3.º	70	17,820	0,677	3,80
4.467	Holambra Betsy 6	PO	12-11	2.º	45	17,230	0,636	3,69
6.404	Holambra Anna VI	PO	5-9	2.º	35	17,820	0,654	3,67
6.976	Holambra Boukje XC	PO	4-9	3.º	77	19,830	0,674	3,40
7.032	Holambra Roza II	PO	5-1	5.º	134	14,750	0,608	4,12
7.350	Holambra Sipkje XXXII	PO	4-5	2.º	35	18,260	0,652	3,57
7.818	Holambra Wietske XII	PO	4-2	1.º	7	18,150	0,644	3,55
8.139	Holambra Joukje V	PO	3-9	2.º	51	16,100	0,768	4,77
8.276	Holambra Jikke XX	PO	3-5	4.º	118	14,900	0,628	4,21
8.448	Holambra Goede VI	PO	4-6	1.º	12	22,250	0,706	3,17
8.482	Holambra Betsy XI	PO	3-2	1.º	17	17,250	0,711	4,12
8.581	Olga I	1/2	4-0	4.º	98	17,100	0,732	4,28
8.620	Holambra Emma XI	PO	3-2	2.º	45	19,050	0,666	3,49
8.762	Holambra Vera	PO	4-6	1.º	17	17,380	0,716	4,12
8.763	Holambra Griet XV	PO	3-3	1.º	13	17,700	0,672	3,79
8.766	Holambra Nella III	PO	4-7	1.º	7	17,400	0,648	3,72
9.110	Holambra Anna III	PO	2-2	6.º	172	13,550	0,531	3,91
9.416	Holambra Reintje XLV	PO	2-3	2.º	43	16,000	0,580	3,62
9.444	Holambra Vera VI	PO	2-2	2.º	37	14,600	0,590	4,04
9.445	Holambra Gonda XI	PO	4-9	2.º	48	14,250	0,607	4,26
	RAÇA HOLANDÊSA — variedade vermelha e branca. Espolio de Olivo Gomes. Jacarei. Est. de São Paulo. Controle em 13/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
6.533	Marambaia Cinderela Teiana	PO	6-2	4.º	108	16,770	0,679	4,05
6.737	Leme's Fifi	PCOD	6-3	2.º	43	15,320	0,591	3,85
7.103	Margriet 4	PO	—	4.º	—	15,100	0,602	3,98

FAZENDA SANTA FILOMENA

Companhia Administradora Comercial e Agrícola Santa Filomena

★

Correspondência:
Caixa Postal, 4638
São Paulo
Telefone: 61-4382

★

PINHAL — Município do Estado de S. Paulo

PALM'S MARGIE TRUMAN — Êste é realmente o neto da melhor vaca frísia Holandesa vermelha e branca. Premiado nas exposições de S. Paulo, Pinhal e São João da Boa Vista.

★

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

FAZENDA N. S. DE COPACABANA

Criadores de Gado Holandês preto e branco puro de origem e puro por cruza.

Rusticidade, Sanidade e Produtividade

Conjunto puro de origem importado. Exposto na III Exposição Especializada de Gado Leiteiro de São Paulo em junho de 1959.

—/—

Servindo o nosso plantel possuimos touros como S. C. Rouxinol Hoarne, 8 vêzes premiado e Grande Campeão da Raça. Hoarne Rickus 68 - importado da Holanda. Escrivão Madcap e Duque Madcap, adquiridos ao Colégio Adventista. Copacabana Inventor — Campeão Júnior da XXV Exposição Nacional.

—/—

Importamos recentemente da Argentina 5 novilhas puras de origem com altas produções nas suas ascendentes (16.989 k, 12.567 k, 14.325 k, 12.068 k, etc.)

—/—

Importamos também o reprodutor Elizabeth's Lucky Lady, do Uruguai, cuja mãe produziu 10.134 k de leite, para o melhoria do nosso plantel.

D. PIRES AGRO-PECUÁRIA S/A

São Carlos, C.P. - Tel. 80 - C. Post. 218
Escritório em São Paulo: Rua Major Sertorio, 92 - 7.º andar - Tel. 35-1242

Criadores: Adquirindo filhos dêstes grandes reprodutores VV. SS. estarão garantindo aos seus rebanhos um aumento da produção leiteira, provada pelos seus excelentes pedigrees.

N.º SCL	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Dias de Lactação	Produção Leite	Produção Gordura	%
7.264	Marta 17 (1)	PO	6-1	1.º 20	16,350	0,634	3,87
7.516	Geertje 7	PO	5-0	2.º 50	14,470	0,537	3,71
7.570	Alteza do Rio Verdinho	PO	—	2.º —	16,600	0,613	3,69
8.478	Anna 3	PO	—	2.º —	20,450	0,722	3,53
9.363	Rio Verdinho Catia Mienas	PO	2-7	3.º 57	14,050	0,597	4,25

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho. Vinhedo. Est. de São Paulo. Controle em 24/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.879	Marambaia Baiana Teiana	PCOC	9-0	1.º	12	16,140	0,496	3,07
5.791	Marambaia Boemia	7/8	8-10	1.º	17	23,110	0,589	2,55
6.619	Marambaia Delicia Teiana	7/8	6-5	4.º	99	14,080	0,478	3,39
6.705	Zwaantje 4	PO	7-3	1.º	18	16,060	0,521	3,24
7.060	Marambaia Castanha Alexina	PCOC	7-8	3.º	73	17,060	0,451	2,64
7.061	Marambaia Enfeitada Teiana	PCOD	6-0	2.º	35	18,010	0,611	3,39
7.146	Marambaia Esperança Teiana	PO	5-9	4.º	106	13,210	0,498	3,77
7.334	Marambaia Chineza Teiana	7/8	7-3	3.º	77	15,470	0,509	3,29
9.482	Mar. Guadiana T. Egipciana	PCOC	3-6	1.º	17	14,180	0,473	3,34

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de São Paulo. Controle em 3/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.466	Holambra Anna	PO	7-8	5.º	136	15,200	0,555	3,65
6.335	Holambra Roosje VII	PO	5-11	3.º	82	20,550	0,797	3,88
6.817	Holambra Bertha X	PO	5-0	1.º	30	22,910	0,888	3,88
8.519	Holambra Frieda III	PO	3-7	4.º	99	13,700	0,427	3,12
8.679	Holambra Treesje X	PO	3-4	2.º	44	17,700	0,437	2,47
8.714	Holambra Mina IX	PO	3-9	2.º	37	20,050	0,586	2,92
9.469	Holambra Nera XXV	PO	3-8	1.º	27	14,100	0,560	3,97

Urbano Junqueira. Cruzilia. Est. de Minas Gerais. Controle em 21/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.062	Jardineirinha J. B.	PCOC	9-4	5.º	145	24,410	0,900	3,68

Dr. José Procópio do Amaral. São João da Boa Vista. Est. de São Paulo. Controle em 17/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.526	Antartica	PCOD	9-5	1.º	51	14,410	0,452	3,13

Carlos Whately. Bernardino de Campos. Est. de S. Paulo. Controle em 20/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.675	Sta. Cecilia Fartura	PO	4-10	2.º	65	13,450	0,376	2,80

RAÇA JERSEY

Espolio de Olivo Gomes. Jacareí. Est. de São aPulo. Controle em 13/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.060	Sant'Ana Olinda Patton	PO	10-7	4.º	99	12,740	0,642	5,04
2.258	Sant'Ana Itamar Patton	PO	9-8	8.º	227	11,080	0,562	5,07
2.624	Maria Basil de Canela	PO	9-4	1.º	25	13,940	0,548	3,93
2.626	Mimosa Basil de Canela	PO	9-6	1.º	20	14,660	0,625	4,26
3.551	Ninfa Basil de Canela	PO	8-8	2.º	49	17,200	0,639	3,71
3.613	Grauna	PO	—	2.º	30	10,750	0,540	5,02
4.298	Sant'Ana Itapema Patrician	PO	7-3	8.º	215	11,040	0,555	5,03
4.392	Sant'Ana Harmonia Patton	PO	—	2.º	—	11,410	0,475	4,16
4.394	Valeria Victrix	PO	8-6	3.º	75	10,350	0,542	5,24
5.469	Sant'Ana Princeza Paxford	PO	6-6	7.º	200	10,200	0,593	5,81
6.419	Sant'Ana Realeza Patrician	PO	5-2	3.º	82	15,300	0,720	4,70
7.196	Sant'Ana Bacana Paxford	PO	4-3	7.º	190	12,100	0,594	4,91
7.704	Nora 2.ª Zanalua	PO	3-11	1.º	11	15,510	0,730	4,71
8.657	Sant'Ana Marq. 2.ª Zanalua	PO	3-5	1.º	26	11,300	0,617	5,46
9.404	Sant'Ana Itamar 2.ª Zanalua	PO	2-11	2.º	53	11,180	0,546	4,89

Dr. João Laraya. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 15/4/961.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.033	Beldade de Sta. Hilda	PCOD	8-7	2.º	59	18,250	0,882	4,83
5.341	Carioca de Sta. Hilda	PCOD	7-9	6.º	144	10,300	0,487	4,73
5.765	Duqueza Bolhayes S. Hilda	PO	6-4	2.º	37	11,800	0,440	3,73
5.802	Dora 218	PO	6-3	2.º	56	13,500	0,792	5,87
6.112	Britta 87	PO	5-0	5.º	126	10,270	0,596	5,80
7.090	Empyreo Ovaltine Brampton	PO	7-6	6.º	171	10,200	0,469	4,60
7.587	Garota de Sta. Hilda	PO	3-10	2.º	52	10,220	0,496	4,85
7.858	Faisca Bolhayes Sta. Hilda	PO	4-7	2.º	34	14,870	0,723	4,86
8.597	Gaivota Bolhayes S. Hilda	PO	4-2	1.º	9	17,400	0,592	3,40

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Controle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
Jorge da Cunha Bueno. São José dos Campos. Est. de S. Paulo. Controle em 13/4/961. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.								
6.928	Sant'Ana Niagara Patrician	PO	3-9	13.º	366	10,650	0,563	5,28
9.137	Santa Comary	PO	2-2	5.º	138	10,060	0,565	5,61
9.366	Jaty Comary	PO	10-2	3.º	76	16,350	0,787	4,81
9.480	Primeira	——	—	1.º	—	15,250	0,660	3,93
9.481	Serena Comary	PO	—	1.º	—	11,280	0,516	4,57
Alain Boud'hors. Jundiaí. Est. de São Paulo. Controle em 12/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.331	Garça (Ricota)	PO	3-4	3.º	66	10,450	0,581	5,56
9.464	Grace do Empyreo (Preciosa)	PO	4-9	1.º	11	15,660	0,649	4,14
RAÇA SCHWYZ								
D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 24/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
5.243	Active Acres Lillian	PO	6-8	4.º	100	18,000	0,676	3,75
5.376	Richland Celia G. .B	PO	7-2	5.º	153	16,400	0,635	3,87
9.379	Orgulhosa	PO	—	3.º	79	14,000	0,510	3,64
9.498	Ubatuba	PO	4-7	1.º	12	15,500	0,557	3,59
Jorge João Nasser. São João da Boa Vista. Est. de São Paulo. Controle em 11/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
6.589	Formosa	PO	6-3	1.º	35	13,040	0,527	4,04
6.650	Rosinha	PCOC	9-1	1.º	17	16,420	0,518	3,15
6.730	Lyra	PO	7-7	8.º	234	11,340	0,403	3,55
8.094	Alba do Haras	PO	4-4	8.º	229	11,240	0,495	4,41
8.186	Minerva	PO	—	7.º	196	11,760	0,414	3,52
8.267	Genoveva	PO	—	9.º	257	9,380	0,343	3,65
8.268	Jarra	PO	7-8	6.º	196	13,150	0,564	4,29
8.401	Aurora do Haras	PO	4-4	5.º	137	9,510	0,387	4,07
8.481	Limeira	PO	4-1	5.º	135	10,490	0,468	4,47
8.785	Tesoura	PCOC	7-7	12.º	346	10,900	0,480	4,41
9.074	Farina	PO	3-11	7.º	209	7,240	0,270	3,74
9.133	Urania	PO	7-8	6.º	153	8,180	0,258	3,15
9.501	Surtana	PCOC	4-4	1.º	34	13,840	0,487	3,52
Alberto Ferraz. Agulhas Negras. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 25/4/961. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.								
2.820	Ritinta	7/8	—	2.º	—	21,080	0,680	3,22
Agrindus S. A. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 25/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
4.829	Agrindus Girota	1/2	7-2	1.º	16	14,750	0,600	4,06
RAÇA GUZERA								
João Carlos Burguês de Abreu. Cantagalo. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 30/4/961. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.266	Manaar J. A.	RE	11-7	4.º	105	9,350	0,512	5,48
9.267	Araguaia J. A.	RE	9-4	4.º	156	7,950	0,446	5,61
9.268	Acacia J. A.	RE	6-11	4.º	127	5,230	0,293	5,61
9.269	Gardenia J. A.	RE	6-8	4.º	85	5,130	0,184	3,59
9.270	Rancheira J. A.	NR	7-1	4.º	86	5,630	0,355	6,32
9.421	Genova	RE	6-5	2.º	56	7,570	0,362	4,78
9.422	Balalaika	RE	8-5	2.º	35	8,560	0,448	5,24
9.423	Pioneira	RE	4-4	3.º	83	8,910	0,488	5,48
9.424	Pluma	RE	5-10	3.º	65	7,600	0,446	5.88
9.477	Mancinha	NR	—	1.º	21	14,010	0,736	5,25

OBSERCAÇOES: Hol. — Holandêsa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — pura por cruza de origem conhecida; PCOD — pura por cruza de origem desconhecida; PO — pura de origem; RP — registro provisório; Re — Registrada.

São Paulo, Abril de 1961
Dr. Fuad Naufel
Chefe do S.C.L.

Fazenda Bela Vista

AGULHAS NEGRAS,
ESTADO DO RIO

criação e seleção de gado holandês preto e branco

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA PELA A.P.C.B.

B. V. BORIS — Filho de São Martinho Colanthus Comet Marksdekol, primeiro prêmio na II Exposição-Feira de Gado Leiteiro, de São Paulo, 1957 e na XXV Exposição Nacional de Animais, 1958. Neto de Glenafton Nuget, "All-Canadian" e campeão da I Exposição-Feira de Gado Leiteiro de São Paulo. A mãe de BORIS é Bela Vista Duchess Senator Bela, puro sangue de origem. Inscrita no Livro de Mérito e no Livro de Escol do S.C.L.

Proprietário:

ALBERTO FERRAZ

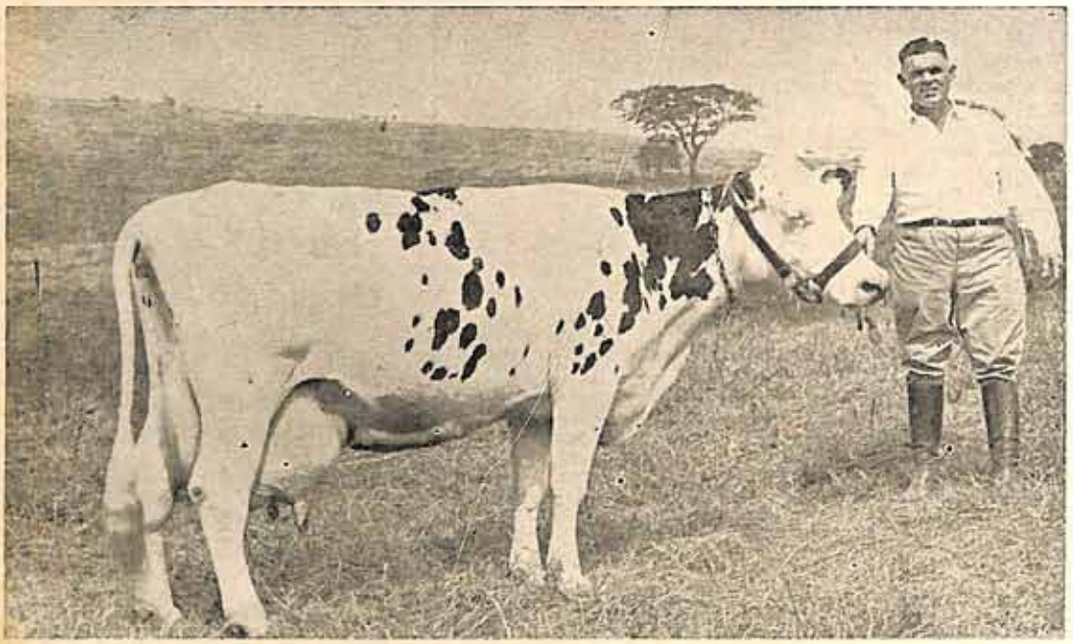
Agulhas Negras – Estrada Mauá, Km 18
Estado do Rio

Continuam os grandes feitos do plantel da

S/A. FAZENDA PARAÍSO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA

REDUTO DE CAMPEÕES

8 Campeonatos conquistados na maior mostra de Holandês no país: Caxambú



MARTONNA'S R A G APLE CRUZADER — *Reservada Grande Campeã Senior.*

AÍ ESTÁ A SEGUNDA COLOCADA NO FAMOSO TORNEIO LEITEIRO DE CAXAMBÚ E CLASSIFICADA COMO RES. GRANDE CAMPEÃ DA RAÇA E CAMPEÃ SENIOR POI.

COM DIFERENÇA DE POUCAS GRAMAS CONQUISTAMOS O SEGUNDO LUGAR NO EMPOLGANTE TORNEIO LEITEIRO ENTRE 31 CONCORRENTES DAS MAIS CATEGORIZADAS EM PRODUÇÃO DE LEITE.

PREMIOS CONQUISTADOS:

GRANDE CAMPEÃO PON
RES. GRANDE CAMPEÃ
CAMPEÃ JUNIOR
CAMPEÃO JUNIOR
CAMPEÃ SENIOR PON
CAMPEÃ SENIOR POI
RES. CAMPEÃ SENIOR POI
Mais:
6 PRIMEIROS PRÊMIOS
5 SEGUNDOS PRÊMIOS
2 TERCEIROS PRÊMIOS
CONJUNTO DA RAÇA CAMPEÃO

S/A. FAZENDA PARAISO INDUSTRIAL E AGRíCOLA

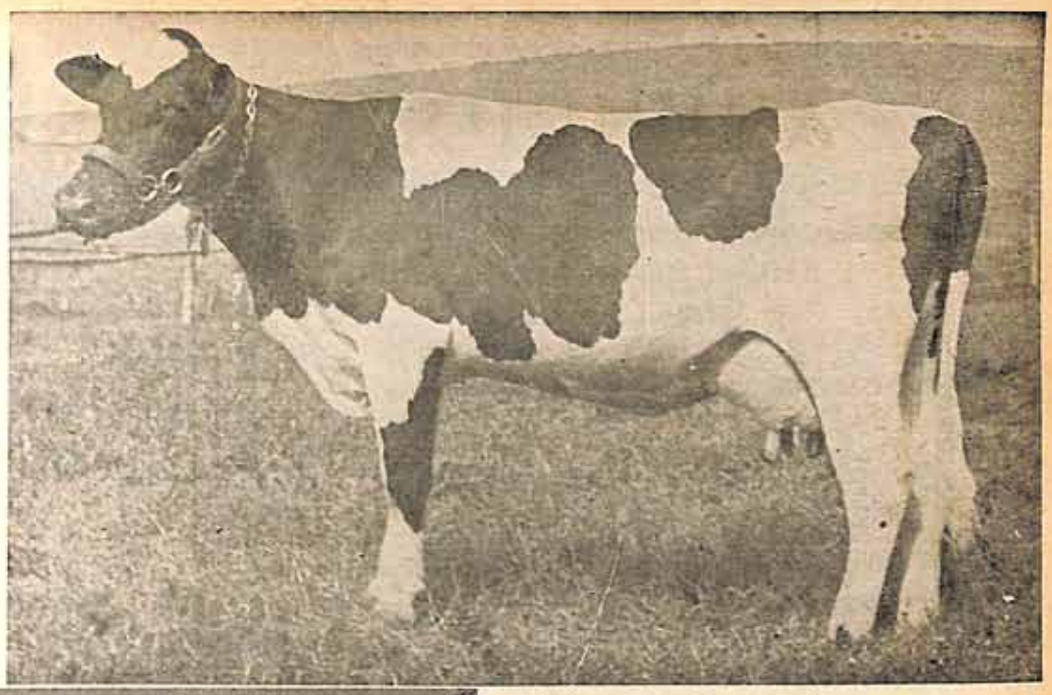
Diretor-Presidente: Dr. Alfredo Egydio de Souza Aranha

Séde Social: Rua São Bento, 483 - 5.º and. - Telefone 33-6161 - R. 15

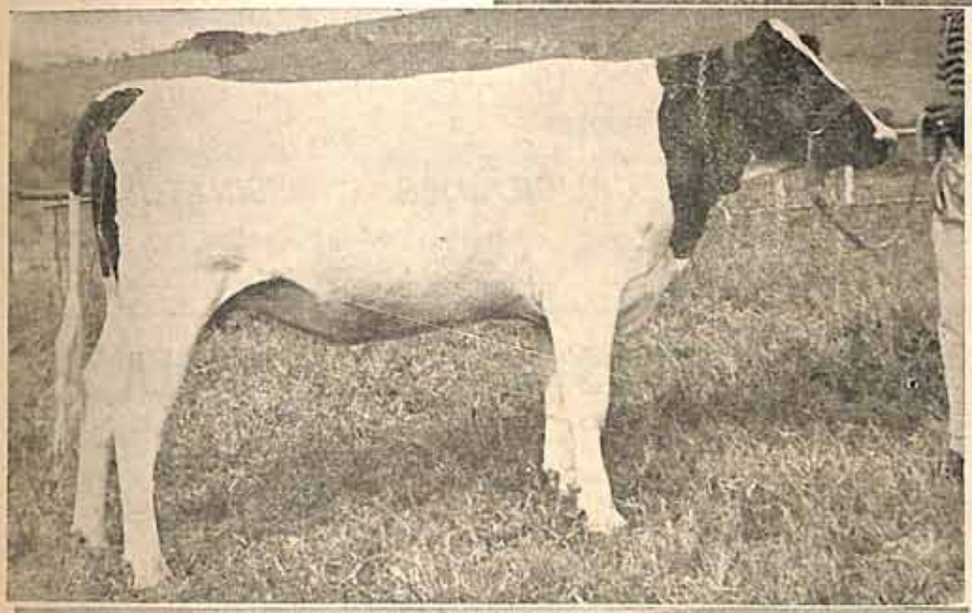
Séde Agrícola: São João da Boa Vista - Caixa Postal, 78 - Telefone, 75 - Est. de São Paulo

RESULTADO DO TORNEIO

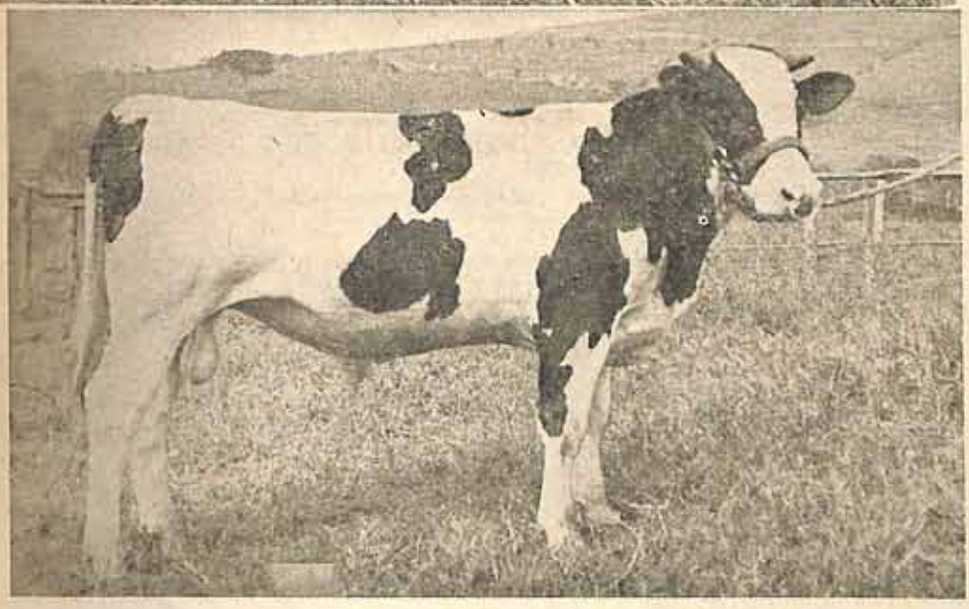
MARTONA'S RAG APPLE CRUZADER — Holandesa preta e branca, pura de origem, com 7 anos, conquistou o 2.º lugar no Concurso Leiteiro realizado em Caxambú, com a média diária de 41,680 quilos de leite e 2,97% de gordura.



↑ CASMAC TRISTAN ALICE — *Res. Campeã Senior.*



← SERTÃO ESTÔNIA — *Campeã Júnior*



← SERTÃO FALCÃO MODEL CARNATION — *Grande Campeão e Campeão Júnior em sua categoria.*

OS PRÊMIOS CONQUISTADOS PELA FAZENDA PARAÍSO EM 1960, NOS VÁRIOS CERTAMES A QUE COMPARECEU, CONFIRMARAM A FAMA DO SEU PLANTEL

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

VINHOS

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 43 MM.

Cada centímetro por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr$ 200,00 por centímetro e por publicação

Otima oportunidade para os senhores fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas
Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634 São Paulo

VINHOS "VELHO JUNQUEIRA"

Branco sêco tipo "Liebfraumich"
Branco suave tipo "Porca de Mursa"
Velho Junqueira
Rosado suave
Niagara
Tinto

Fabricados na região de CALDAS, com uvas de castas Européias. — Chácaras em Caldas e Divinolândia
Pedidos para **VINICOLA JUNQUEIRA S/A.** em Poços de Caldas — Caixa Postal n.º 66

Vendedores autorizados :
S. PAULO — João Cardilo - R. Barão do Bananal, 896 - Fone 52-4325
SANTOS — José Fernandes Claro - R. Cunha Moreira, 174 - Fone 2-5108
CAMPINAS — Benedito Amarante - R. José Alencar 399 - Fone 6763
BELO HORIZONTE — Soc. Filadelfia Ltda. - Ed. DANTES - Fone 20619

RIO DE JANEIRO

Revista dos Criadores

PUBLICIDADES E ASSINATURAS

Av. Rio Branco, 143 - 4.º - s/4 — Tel. 42-0063 — C/ o sr. SEBASTIÃO DE ARAÚJO

S/A. FAZENDA PARAISO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA

Sede Agrícola: SÃO JOÃO DA BOA VISTA — Est. de São Paulo — Caixa Postal, 78 — Tel. 75
Sede Social: Rua São Bento, 483/50 — Tel. 33-6161 — SÃO PAULO

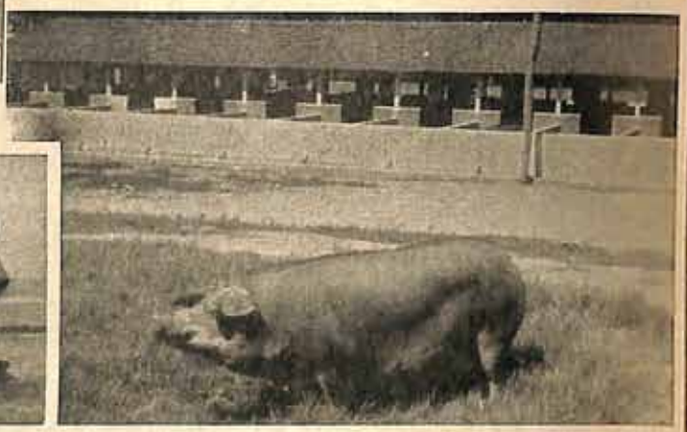
Grande criação e seleção de porcos das raças

DUROC JERSEY E HAMPSHIRE

Nossos reprodutores são puros de origem.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Fazemos despacho para qualquer parte do País.



Vista da Granja onde se encontram mais de mil porcos das duas raças.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

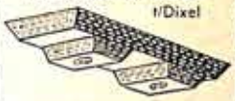
CORREIAS

MERCÚRIO a única CORREIA realmente ~~sem~~ fim!

Rio

Cordbelt RETÍFICA c/ Dumore-alta rotação

MOINHOS de TRIGO t/Dixel

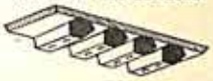


VARIADOR Trapezoidal Dentes superiores

SERRARIAS Pesado, Extra Pesado (x)

TRANSPORTADORA com revestimento de borracha

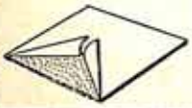
VARIADOR Trapezoidal com tacos de borracha



FIAÇÃO Massaroqueira

VARIADOR Trapezoidal Dentes inferiores prensados

Extra-leve (sem cords)



TECELAGEM Leve, Médio, Extra-Médio Tear e Retorcedeira

FUNDIÇÃO

CORREIAS MERCÚRIO S/A
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FLEXÍVEIS - INTEIRIÇAS
INDILATÁVEIS - CORREIAS em "V"
UM TIPO PARA CADA MÁQUINA

CORREIAS MERCÚRIO S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO
VENDAS: SÃO PAULO
AV. SENADOR QUEIROZ N.o 533
TELEFONES: 34-8393 - 32-6316

FÁBRICA: JUNDIAÍ EST. de S. PAULO

QUESTIONÁRIO PARA ENCOMENDAS DE CORREIAS SEM FIM "MERCÚRIO"

Quantidade	TIPO	Comprimento interno (metros)	Largura (polegadas)	Tipo da máquina	Esticadores sim/não	MOTOR H.P.	Rotação P.M. P. MOTORA	Polia MOTORA Diâmetro	Polia Máquina Diâmetro
	NOME:						ENDEREÇO:		

REVISTA GADO HOLANDÊS

ASSINE-A POR APENAS CR$ 100,00 ANUAIS

Dirija-se à **Editôra dos Criadores**

RUA JAGUARIBE, 634 —— SÃO PAULO - S.P.

TORNOS

TORNOS SÓ **NARDINI**

TEARES SÓ **NARDINI**

MAQUINARIA AGRICOLA

Arados - Semeadeiras - Cultivadores - Adubadeiras
Sulcadores - Todos os implementos para a lavoura

MOTORES ESTACIONÁRIOS

Mantemos estoque permanente de peças para motores:
VIKING ● BRIGGS STRATTON ● CLINTON ● C.L.
CONORD ● DEUTZ ● SMITH ● JAP, etc.

Indústria de Máquinas Agrícolas Nardini S/A.

AMERICANA
LINHA PAULISTA - EST. S. PAULO
RUA 30 DE JULHO, 329
CAIXA POSTAL N. 38
TELEFONE N. 1053
—— Inscrição, 171 ——

NARDINI
Marca Registrada

TÔRNOS MECÂNICOS
MÁQUINAS AGRÍCOLAS, TEARES AUTOMÁTICOS E SEMI-AUTOMÁTICOS

SÃO PAULO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 429
TELEFONES: 33-1422 e 33-4841
DEPÓSITO
RUA AUGUSTO SEVERO N. 58
End. Teleg.: "NARDINI"
—— Inscrição, 261.405 ——

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

PRODUTOS À VENDA NA A.P.C.B.

Verifique em páginas dêste exemplar o grande número de utilidades para a fazenda, que poderão ser adquiridas na A.P.C.B.

Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

COALHO FRISIA

EM LIQUIDO E EM PÓ - 1.ª fábrica de coalho no Brasil
Único premiado com 10 medalhas de ouro
Fabricado por **KINGMA & CIA. LTDA.** - Mantiqueira E.F.C.B. - Minas
À VENDA EM TODA PARTE - Peçam amostras gratis aos representantes ou diretamente aos fabricantes.
CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA - Vendemos ótimos animais puros de pedigris, puros por cruza, etc.
Representantes:
CAIXA POSTAL, 342 - Rio de Janeiro
CAIXA POSTAL, 26 - Santos Dumont - E.F.C.B. - Minas
CAIXA POSTAL, 3191 - São Paulo
CAIXA POSTAL, 397 - Porto Alegre - Rio Grande do Sul

REVISTA GADO HOLANDÊS

Por apenas Cr$ 100,00 anuais, V. terá essa publicação especializada em assuntos leiteiros.

Faça o seu pedido de assinatura, dirigindo-se à

REVISTA GADO HOLANDÊS

Rua Jaguaribe, 634 — S. PAULO - S.P.

EDIÇÃO
DO
LEITE
AGUARDEM
PARA
BREVE

"REVISTA DOS CRIADORES"

IMUNIZANTES

CARBOLINEUM

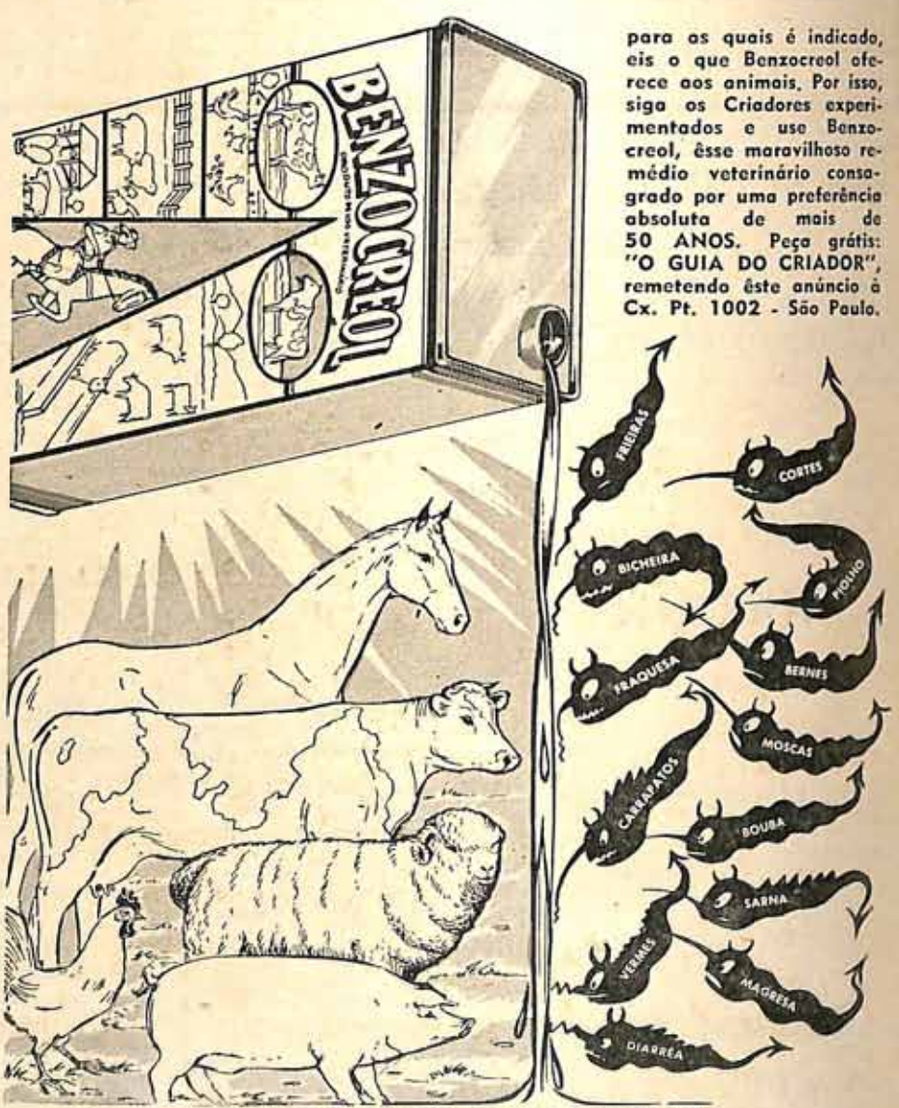
Protege e imuniza tôda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistência.

OTTO BAUMGART - Ind. e Com. S.A.

Rua Carlos de Souza Nazareth, 53
Caixa Postal, 3492 — São Paulo

MEDICAMENTOS

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para os quais é indicado, eis o que Benzocreol oferece aos animais. Por isso, siga os Criadores experimentados e use Benzocreol, êsse maravilhoso remédio veterinário consagrado por uma preferência absoluta de mais de 50 ANOS. Peça grátis: "O GUIA DO CRIADOR", remetendo êste anúncio à Cx. Pt. 1002 - São Paulo.

BENZOCREOL

CICATRIZANTE - GERMICIDA - FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES DE ANIMAIS

JULHO

ESTADO DE SÃO PAULO

1 — Início das Provas de Ganho de Pêso em Araçatuba e Bauru.
3 — Início das Provas (primeiras) dos Torneios Leiteiros, nas regiões zootécnicas de Araraquara, Tatuí, Rio Claro, Piraçununga, São José do Rio Pardo, Bragança Paulista e Franca.
6 — Início da Prova de Ganho de Pêso, em Franca.
8 a 11 — IV Exposição de Criação do Gado Indiano, na Fazenda Experimental de Andradina.
10 — Leilão de reprodutores Animais e Produtos Derivados, em Andradina.

ESTADO DE MINAS GERAIS

2 a 9 — XXV Exposição de Leopoldina.
16 a 20 — I Exposição de Itajubá.
23 a 30 — VI Exposição de Ponte Nova.
28 a 31 — II Exposição de Unaí.

AGÔSTO

ESTADO DE SÃO PAULO

5 a 13 — III Exposição de Médios e Pequenos Animais, no Parque "Dr. Fernando Costa", em São Paulo.
30 a 2 — VI Exposição de Animais e Produtos Derivados do Vale do Paraíba, em Cruzeiro.

ESTADO DE MINAS GERAIS

6 a 10 — IV Exposição de Pouso Alegre.
21 a 27 — IV Exposição de São João Del'Rey.
27 a 31 — I Exposição de Varginha.

SETEMBRO

ESTADO DE MINAS GERAIS

3 a 7 — III Exposição Estadual de Avicultura — Belo Horizonte.
II Concurso Estadual de Postura — Belo Horizonte.
3 a 7 — III Exposição de Araxá.
3 a 7 — XVIII Exposição de
10 a 17 — XIII Exposição de Caxambú.
I Exposição Estadual de Gado Leiteiro — Caxambu.
19 a 24 — I Exposição de Oliveira.
24 a 30 — II Exposição de Araguari.

OUTUBRO

ESTADO DE SÃO PAULO

1 — Início da segunda prova dos Torneios Leiteiros, nas regiões zootécnicas de Araraquara, Tatuí, Rio Claro, Piraçununga, São José do Rio Pardo, Bragança Paulista e Franca.
2 a 11 — Curso de Ovinocultura para alunos de Escolas Agro-Técnicas, capatazes e criadores, no Pôsto Experimental de Criação de Ovinos, em Itapetininga.
21 a 23 — V Exposição de Animais e Produtos Derivados da Zona Bragantina, em Bragança Paulista.

ESTADO DE MINAS GERAIS

1 a 18 — XXII Exposição de Juiz de Fóra.
14 a 19 — VIII Exposição de Alfenas.

NOVEMBRO

ESTADO DE SÃO PAULO

4 — Concentração de Criadores e leilão de reprodutores na Coudelaria Paulista, em Colina.
18 a 20 — VI Exposição de Animais e Produtos Derivados, em São José do Rio Prêto.

VOCÊ

já pode dirigir-se à

Editôra dos Criadores

adquirindo o seu exemplar do

ANUÁRIO DOS CRIADORES de 1961

Rua Jaguaribe, 634 —— São Paulo - S.P.

ENCERADOS

ESTRAGOU SEU ENCERADO?

DISQUE 36-1356

e resolva o seu problema Possuimos oficinas especializadas e máquinas adequadas para consêrtos de encerados Retiramos e entregamos à domicílio Nossos enderêços são: **Rua Carlos Garcia, 79** (esquina Av Mercúrio, 363) e **Rua Visconde de Parnaíba, 2261.** Confeccionamos capotas para caminhões e encerados de tôdas as medidas

– *Use para conservar os seus encerados o impermeabilizante* SIA-LON

Com SIA-LON o encerado fica bom.

Revendedor : ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Redação: Rua Jaguaribe, 634 - S. Paulo - Brasil
Tels.: 51-9234 e 52-6686
Endereço telegráfico: Criadores

CORRESPONDENTES

Campinas - S.P.
José Valdez Corrêa
Rua Tiradentes, 457

Piracicaba - S.P.
Octavio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro - GB.
Sebastião de Araujo
Av. Rio Branco, 143 - 4.º sala 4 — Tel. 42-0063
Estados Unidos
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York 36, N.Y. - U.S.A.
Lourenço Marques - África O. Portuguesa
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.
Rua Consiglieri Pedroso, 20

ALIMENTOS

REFINAZIL

O AMIGO DA CRIAÇÃO
FARELO COM 24,75% DE
PROTEINA
À BASE DAS BOAS
RAÇÕES BALANCEADAS

REMÉDIOS

FABRICAÇÃO DA
IRMÃOS VENTURACCI S/A. Ind. Com.
FÁBRICA E ESCRITÓRIO
RUA FAUSTOLO, 898 • SÃO PAULO • TEL. 62-0750
Á VENDA TAMBÉM NA
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA JAGUARIBE, 634

RAÇÕES

E' GARANTIA DE BONS LUCROS
USAR PRODUTOS GARANTIDOS

Farelo e torta — para rações, amendoim, gergelim, soja — com elevada porcentagem de proteínas.
Enxôfre — Molhável ou em canudos.
Formicida — sulfureto de carbono - garrafão Vª
Remédios veterinários — Benzocreol.

Produtos garantidos por 50 anos de esmerada fabricação.

INDÚSTRIAS J. B. DUARTE S/A

Fone: 13-1185 — Caixa Postal, 1002 — São Paulo

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Já está à venda a edição de 1961 do "ANUÁRIO DOS CRIADORES". V. não deve ficar alheio a essa publicação.

Escreva-nos pedindo seu exemplar, cujo preço é de apenas Cr$ 250,00

ANUÁRIO DOS CRIADORES
RUA JAGUARIBE, 634 ——— SÃO PAULO - S.P.

EDIÇÃO DA AVICULTURA

No próximo número a "REVISTA DOS CRIADORES" fará circular a sua edição especial dedicada à avicultura, sob a orientação do médico-veterinário Dr. Henrique F. Raimo.

AGUARDEM, Pois.

– o mais recente lançamento da Pfizer

TM-25
combate as sequelas da aftosa

TM-25 é o primeiro suplemento antibiótico superconcentrado elaborado especialmente para ser misturado ao sal. Reduz ao mínimo a gravidade dos surtos de aftosa e diminui consideràvelmente o aparecimento de frieiras, endocardites, abcessos, supurações e demais sequelas.

- TM-25 promove a engorda dos animais.
- TM-25 potencia a atividade de "Stimplants".
- TM-25 elimina os refugos devidos às infecções subclínicas bacterianas.
- TM-25 promove a everminação dos animais (vermes intestinais).
- TM-25 supre a carência de alguns micro-elementos minerais.
- TM-25 reduz as perdas de pêso devidas a transporte, mudanças bruscas de temperatura, vacinações, castrações etc.
- TM-25 previne as sequelas da aftosa, reduzindo muito a gravidade da infecção.
- TM-25 dá maior resistência aos animais.
- TM-25 reduz as diarrèias normais da época da brotação, mantendo o pêso.
- TM-25 melhora a eficiência alimentar, dando ganhos de pêso extras da ordem de 34%.
- TM-25 melhora o aspecto da pelagem, reduzindo o problema de carrapatos e bernes.
- TM-25 promove a rápida recuperação das boiadas ao chegar às invernadas.

TM-25

Pfizer

Grant - sp

PFIZER CORPORATION DO BRASIL • DEPTO. AGRO-PECUÁRIO

SÃO PAULO — RUA DR. CÂNDIDO ESPINHEIRA, 143 — CAIXA POSTAL 5291 — TELEFONE: 51-9101

VALORIZE O MILHO E A MANDIOCA!

misturados ao

CONCENTRADO SUÍNOS

o milho
a mandioca e
a batata doce

transformam-se em

RAÇÕES COMPLETAS

RICAS em

Proteinas
Minerais
Vitaminas

Porcas amamentando

Concentrado Suinos	20 kg.
Fubá	79 kg.
Supervita Suinos	1 kg.
RAÇÃO COMPLETA	100 kg.

Leitões atè 25 Kg.

Concentrado Suinos	25 kg.
Fubá	74 kg.
Supervita Suinos	1 kg.
RAÇÃO COMPLETA	100 kg.

Porcos de 50 a 100 kg.

Concentrado Suinos	15 kg.
Fubá	85 kg.
RAÇÃO COMPLETA	100 kg.

Solicite... relação com... de fórmu...

SOCIL PRO-PECUARIA S. A.

Rua Campos Vergueiro, 85 (Anastácio)